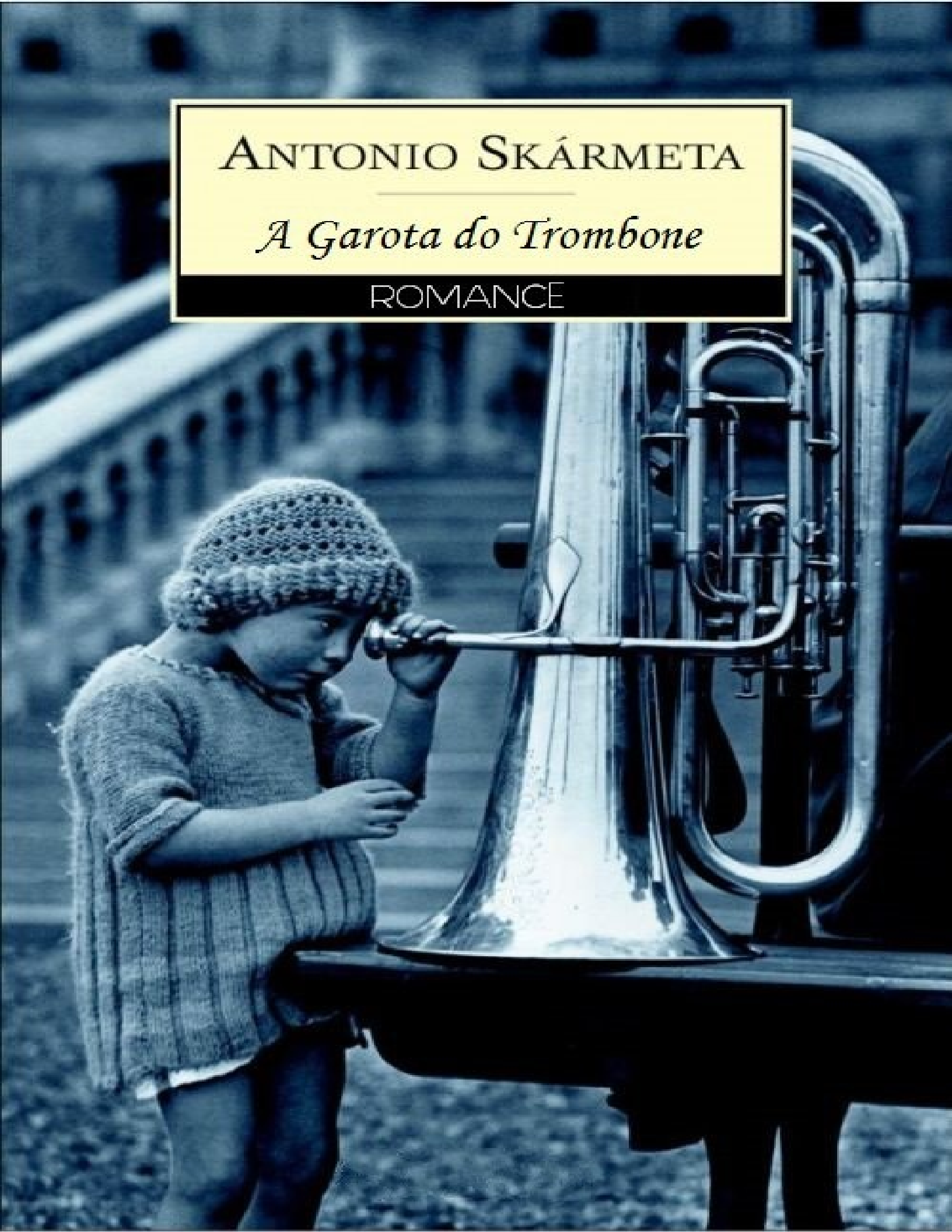


ANTONIO SKÁRMETA

A Garota do Trombone

ROMANCE





DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

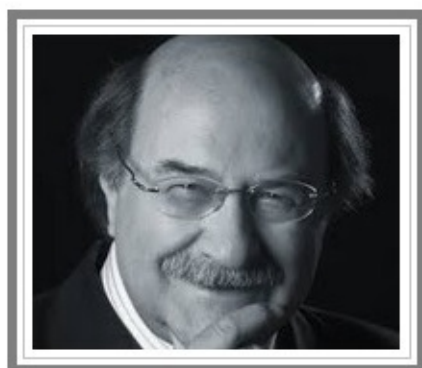
Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

ANTONIO SKÁRMETA



A Garota do Trombone

Título original chileno
LA CHICA DEL TROMBÓN

2001

Tradução de ERIC NEPOMUCENO

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2003

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Skármeta, Antonio, 1940

S638g A garota do trombone / Antonio Skármeta.

tradução de Eric Nepomuceno. —Rio de Janeiro:

Record. 2003.

Tradução de: La chica del trombón

ISBN 85-01-06363-0

I. Romance chileno. I. Nepomuceno, Eric. 1948-.

II. Título.

CDD - 868.9933 -0879 CDU- 821.134.2(83)-3

© Antonio Skármeta 2001

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte,
através de quaisquer meios.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A

Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-2000

que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-06363-0

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Caixa Postal 23.052

Rio de Janeiro, RJ - 20922-970

EDITORA AFILIADA

Sinopse

Um trombonista vindo da Europa desembarca no porto chileno de Antofagasta com uma encomenda estranha. Leva com ele uma menina de dois anos que deve entregar ao imigrante malício Esteban Coppeta, a quem garante que se trata de sua neta. Apesar da ascendência duvidosa da menina, Esteban a leva para viver com ele. A garota cresce na casa do avô, sempre procurando esclarecer os pontos obscuros de seu passado e de sua identidade.

Ao saber que sua provável avó é Alia Emar, uma noiva estuprada por tropas inimigas em sua noite de núpcias na distante ilha de Gema, no mar Adriático, a pequena assume a fantasia, a identidade e o nome de Alia, reivindicando-os com sua própria vida. Se o parentesco entre Esteban e a garota do trombone é incerto, a relação que se estabelece entre eles através do amor, da ironia e da dor cria laços de sangue mais fortes que os naturais.

Como outros imigrantes malícios no Chile, Alia Emar compartilha o mesmo amor pelo cinema e pelas heroínas românticas, e também sua obsessão por Nova York, onde sonha encontrar, um dia, seu tio-avô Reino Coppeta, provável fabricante do monstro cinematográfico King Kong.

A busca de Alia transcorre num país em mudança, de profundos conflitos sociais que culminariam na eleição para a presidência de Salvador Allende, personagem importante na vida da jovem que almeja, como grande parte dos chilenos, uma sociedade mais justa, onde o socialismo e o cinema americano pudessem conviver em harmonia.

A garota do trombone é um livro profundo, cheio de amor à vida, que equilibra dor e ternura.

Uma história contada com alegria, espontaneidade, humor e todo o encanto da prosa de Antonio Skármeta, autor que seduziu leitores de todo o mundo com romances como *O carteiro e o poeta* e *As bodas do poeta*.

Sobre o autor

Antonio Skármeta nasceu em Antofagasta, no Chile. Estudou filosofia e literatura em seu país e em Nova York. Viveu muito tempo na Europa e nos Estados Unidos, onde trabalhou como roteirista, professor e diretor de cinema. Seus livros de contos e romances foram publicados em mais de 20 línguas, e com eles ganhou prêmios importantes, como o Boccaccio Europa, o Altazor, no Chile, e o Grinzane Cavour, na Itália. Em 2000 foi nomeado embaixador chileno na Alemanha.

e deram a ela o meu nome para que selvagem, coma fruta, quebre o capim onde repouse, e olhe o mundo com tal familiaridade como se o tivesse criado, e com graça...

GABRIELA MISTRAL

Recado de Nascimento para o Chile, em Tala.

Prólogo

Em dezembro de 1944 estava eu dividindo um silêncio com o imigrante malício Esteban Coppeta, sentados os dois num banco do armazém da rua Prat esquina com a Esmeralda, quando um clarão fulminante que vinha lá de baixo nos fez pular ao mesmo tempo, colocar as mãos como viseiras nas sobancelhas e esquadrihar a infinita luz que parecia um patinete de ouro ou uma antena de diamantes.

A magnífica fosforescência cegava tudo ao seu redor e não permitia identificar as pessoas que a rodeavam. Só quando elas estavam a meio quarteirão percebi que se tratava de um homem jovem e corpulento, acompanhado por uma criança de dois anos, vestida apenas com uma jardineira sem mangas vermelho muito apropriado para o calor brutal. A menina trazia nas mãos uma chupeta triturada pelos seus dentinhos, e o rapaz um trombone que me impressionou por causa do tamanho. Um tiro de canhão de luz.

A dupla parou à nossa frente. O homem tirou de suas calças de veludo, decoradas aqui e acolá por manchas que pareciam ser bastante antigas, um papel manuseado, e com ele secou o suor da testa, leu o que estava escrito, olhou fixo para os olhos de Esteban Coppeta, como se estivesse examinando neles a sua impressão digital, colocou de novo o papel no bolso e exclamou em malício:

— Glenn Miller morreu.

— E quem é Glenn Miller? — perguntei, enquanto a menina puxava a ponta da minha camisa.

— Glenn Miller? Ora, o maior músico do século. In the mood, Brown Jug, Moonlight Serenade, Pennsylvania 6.500... Não sabem quem é?

O homem acariciou o trombone, como se estivesse consolando o instrumento, e depois olhou com tristeza para a menina.

— Não entendo nada de música contemporânea — falei, conciliador. — Fiquei enalhado em Mozart e Beethoven.

Esteban acendeu um cigarro.

— Às vezes, nas noites de Ano-Novo, os compatriotas dançam turumbas. Você conhece A Turumba da Fruta?

O trombonista ajustou o bocal nos lábios e, sem arrancar uma só nota, afastou-o e molhou os lábios com a língua.

— A turumba da morte — disse ele com um sorriso amargo. — Os nazistas entraram em nossa pátria até o fígado.

— Mas há resistência! — exclamou Esteban com uma ênfase que eu não conhecia.

— Há resistência! — disse o homem, acrescentando um pouco de desespero em seu gesto.

Tornou a umedecer a língua e agachou-se para secar com o dorso da mão o suor da menina.

— Aqui no armazém eles vendem alguma bebida?

— Cerveja quente a um peso, gelada a um e vinte. A menina pode tomar um Bilz ou um Bidú.

— Não tenho dinheiro daqui para essa despesa — confessou o homem.
— Mas estamos com sede.

— Tudo bem — disse Coppeta. — Eu convidado.

— Não aceito caridade.

— Não é caridade, homem. É sede.

— Costumo pagar com meu trabalho.

— Tudo bem — disse Coppeta de novo. — Pago dois pesos se você tirar alguma música disso aí.

— Está certo.

Então aconteceu uma coisa que naquele momento me fez rir, e que depois, com os anos, me fez chorar, e que agora me causa as duas coisas ao mesmo tempo, enquanto tenho este livro nas mãos. O homem esticou a vara de seu trombone até o limite, e de um salto que eu diria angelical a menina pendurou-se no instrumento e, balançando feito uma trapezista mandou, com um gesto, que o homem comesse a tocar.

— Em homenagem a Glenn Miller, falecido em um desastre de aviação enquanto animava as tropas aliadas em sua luta contra os nazistas na Europa.

Apesar de minha ignorância em relação a tudo que se refere à música contemporânea, imediatamente reconheci a melodia, auxiliado talvez pelos enfeites de papelão com que são celebrados no deserto os dias 25 de dezembro.

Era White Christmas, e a criança que se pendurava profissionalmente naqueles bronzes era Alia Emar Coppeta, a autora de A garota do trombone.

ROQUE PAVLOVIC

1

Quando você não tem pai nem mãe, a primeira coisa que todo mundo pergunta é como se chama o seu pai e qual é o nome da sua mãe.

E se você não sabe os nomes e papai se chama simplesmente papai e mamãe só se chama mamãe, chamam você de coitadinha e dizem que você é tão linda com esses olhinhos azuis e tudo.

Nos filmes todas as meninas têm olhos azuis e falam inglês. Em Antofagasta, a não ser meu avô Esteban, todos tinham pele escura, olhos cor de café e eram muito baixos.

Quando vovô jogava basquete, enfiava a bola na cesta sem precisar saltar.

Nos desfiles do dia 21 de maio ele me fazia subir em seus ombros e minha cabeça ficava acima da de todo mundo e eu podia ver em cima de um caminhão uma réplica de papelão do Esmeralda, o grande barco chileno de guerra que tinha sido afundado pelos peruanos na guerra do século passado, quando nosso capitão Arturo Prat gritou 'abordar', saltou sozinho no encouraçado inimigo e os peruanos o deixaram crivado de balas, e no Chile todos disseram que ele era um herói. Eu sempre fui apaixonada por Arturo Prat .

Depois, as pessoas querem saber de onde você veio.

Conforme estivesse a guerra, na loja de meus pais Gema ficava uma hora num país, outra hora em outro. Então vovô me disse que respondesse que eu era da Europa. Por isso tinha cabelos louros, era mais comprida e forte que as meninas do curso primário e não sabia falar direito nenhum idioma porque, afinal, na Europa fala-se tantos...

No curso de admissão me puseram um uniforme de saia azul, como de marinheira, e uma boina grená que me caía até as sobrancelhas. No começo fui boa em castelhano e em inglês, porque entendia tudo melhor quando escrevia do que quando lia. Mas depois ganhei a medalha em matemática.

Meu avô dormia a sesta ao lado da caixa registradora numa poltrona de palha, e eu atendia as senhoras que vinham comprar um oitavo de azeite, cem gramas de açúcar, um quarto de pão, meio quilo de feijão, duas fatias de mortadela.

Eu tinha aprendido a multiplicar no balcão do armazém antes de encontrar as tabuadas na contracapa dos cadernos.

Como era diferente das outras meninas, minha maior aspiração era ser igual a elas. Em primeiro lugar, queria que minha pele escurecesse. Ficava estendida ao sol sobre uma toalha, ao lado do galinheiro, e depois de uma hora minha pele continuava igual e eu parecia um ovo frito. Vovô me punha mertiolate, e eu acalmava o incêndio apoiando as faces nos sacos de gelo que envolviam as cervejas.

Nas festas de aniversário as mães distribuía os papéis nas brincadeiras infantis e para mim sempre reservavam o de Branca de Neve ou o de Chapeuzinho Vermelho, porque diziam que eu parecia com a dos filmes. E na primeira vez em que me levaram ao cinema gostei muito mais dos cavalos e das malvadas que das heroínas. As bruxas, por exemplo. Eram a minha especialidade. Aprendi a dizer Abra Cadabra e estava convencida de que se pusessem uma vassoura ao meu alcance, eu voaria nela até a Europa. Fabriquei um narigão ganchudo de papelão, que amarrei atrás da nuca com um elástico, e apavorei os meninos falando num idioma que os fazia chorar.

Depois, meu segundo desejo era ter pai e mãe de verdade.

Ou pelo menos saber o nome deles. Eu nem me importava tanto de eles não virem me ver no Chile, se tinham outras coisas para fazer em Costa de Malícia. Pelo que ouvi a professora de desenho dizer à freira da aula de religião, eu era uma "orfãzinha" e por isso não tinha pai nem mãe. No começo fiquei confusa porque pensei que as órfãs fossem pessoas que apareciam no mundo sem ser paridas por alguém.

A madre Matilde ouviu minha teoria depois de meses de dúvidas, e me disse que essa façanha só foi conseguida por Nosso Senhor Jesus Cristo, que havia sido concebido sem pecado. Então, para mim o mundo estava ficando cada vez mais complicado, porque todo mundo me dizia que pecado era uma coisa muito ruim.

Um dia eu estava sentada no balcão do armazém e um bebadinho limpou com a língua meus joelhos sujos e me disse que eu era tão linda que queria ter um pecado comigo.

Mas eu não queria aquele bêbado como pai. Já Nosso Senhor Jesus Cristo me parecia ser um homem interessante.

Eu o pintava de azul e punha em cima um manto vermelho, e à sua volta voavam uns anjinhos gorduchos e farinhentos.

Em cada cômodo da minha casa havia um quadro de Nosso Senhor e fui me acostumando a achar que ele era meu pai.

Vovô me disse que dentro da minha cachola eu podia imaginar o que bem entendesse, mas que não soltasse a língua de jeito nenhum, pois poderiam me levar para a casa dos malucos.

Nosso Senhor Jesus Cristo, disse o vovô, por motivos que algum padre vai explicar algum dia, não teve filhos, embora tenha tido pai. Quem era o pai de Nosso Senhor Jesus Cristo? Isso é muito confuso, me explicou vovô, porque no caso de Nosso Senhor, ele mesmo e seu próprio pai são a mesma pessoa.

Entendeu? Não entendi nunca. Mas se Jesus não tinha filhos, com certeza teria gostado de ter uma menininha, e durante muitos anos quando as freiras me ensinavam o Pai Nosso, eu falava como se fosse com alguém da família.

Jamais contei a ninguém, porque vai ver podia ser pecado.

Nas festas de aniversários, as mães e os pais vinham buscar os filhos, e eu ficava sozinha com a dona da casa ouvindo a novela de terror no rádio. Esteban só aparecia depois que o sol tivesse desaparecido no mar. Durante o crepúsculo caminhava ao longo da praia impecavelmente vestido com um chapéu que usava para se abanar de tanto em tanto. Fumava três ou quatro cigarros e voltava para casa olhando para trás como se alguém o seguisse. Ele me buscava na festa quando os donos já tinham estendido a toalha na mesa do jantar. Vovô mordiscava algumas azeitonas, bebia um copo de vinho branco e deixava que as crianças dos anfitriões brincassem com seu relógio de bolso. Por causa daquele relógio, os vizinhos sempre pensaram que vovô era rico e que eu herdaria uma fortuna.

Em certas noites de lua cheia ele saía à rua, e numa cadeira de palha fumava girando o cigarro entre os dedos como se quisesse suavizar o tabaco. Eu vinha para o seu lado e ele me passava um braço pelos ombros e me dizia "meu pequeno amor". Às vezes me apertava forte contra o peito e pedia que eu me concentrasse em nossos corações. Queria saber se batiam no mesmo ritmo.

Uma pergunta que ele me fez ao mesmo tempo que olhava a brasa do cigarro me deixou alerta sobre algo incerto: — Como é o seu nome de verdade?

— Magdalena.

— Esse nome quem deu foi o trombonista. Mas, antes disso, você não se lembra de outro nome?

— Não, vovô.

— O da sua mãe, talvez?

— Não sei.

— E como é que você sabe que sua avó se chama Alia Emar?

— Não sei, vovô.

— Você não lembra nada de nada?

— Gostaria de lembrar. Havia uma guerra. E depois uma viagem comprida, de barco.

Aos seus pés se acumulavam as baganas de cigarro e vovô as moía com

o sapato.

— Sou seu avô?

— Claro que é.

— E como é que você sabe? Eu tinha sete anos. Acho que ergui levemente os ombros.

2

Na segunda-feira ele não abriu o armazém, e em vez de me pedir que vestisse o uniforme estendeu-me um pacote azul com um laço amarelo que terminava num enfeite em forma de rosa. Estava de bom humor, mais alto que nunca, e em cima da camiseta sem mangas dava para ver os cabelos alourados entre cachos grisalhos. Fui até o banheiro e vi como ele besuntava a cara com creme de barbear que tirou de uma cumbuca de madeira e começou a fazer a barba com uma lâmina Gillete Azul. Eu colecionava os papeizinhos em que vinham embrulhadas.

De repente ele pareceu assombrar-se de si mesmo diante do espelho e retrocedeu agachando-se ao meu lado. Com um dedo apontava a própria imagem.

— Você está reparando alguma coisa estranha na minha cara?

— A espuma.

— Isso é claro. Mas olhe mais de perto.

Grudei o nariz no espelho e com a cabeça fiz que não.

— Você não está percebendo. Tudo em mim envelhece, menos os olhos. Tenho o mesmo olhar de quando eu tinha vinte anos.

— Isso foi há um século, vovô.

— As pessoas dizem que eu devia me casar. O que você acha?

— Sou contra.

— Por que, Nena?

— Essa é a porcaria de se chamar Magdalena. Todo mundo só chama a gente de Nena ou Neninha, que é a mesma coisa de ser chamada de neném. Detesto quando deformam os nomes das pessoas. Francisco, o bombeiro, só é chamado de Chico, e todo mundo só chama o salva-vidas Fernando de Nando. Detesto. Para se casar você precisaria ter uma noiva.

— Claro.

— E eu sou a sua noiva.

Esteban terminou de fazer a barba e deu umas palmadinhas de perfume nas bochechas.

— Que eu me lembre, nunca pedi a sua mão em casamento...

— Nem tem como, Tebi. Se eu não tenho pai nem mãe, ia pedir a quem?

O frasco de perfume caiu na pia e de repente debaixo da espuma surgiu um fiozinho de sangue.

O olhar de Esteban escureceu como se alguém tivesse fechado uma

cortina sobre eles.

— Como é que você me chamou?

— Vovô.

— Como foi que você me chamou?

— Eu?

— Você não me chamou de Tebi?

— Ah, foi só de vingança, porque você me chamou de...

Vovô se agachou ao meu lado, na verdade quase ficou de joelhos, como na igreja, e apertou meu rosto.

— Ouça bem, Magdalena. Só três pessoas, na minha longa vida, me chamaram de Tebi. Meu pai, meu irmão Reino e sua avó Alia Emar. Jamais, aqui no Chile, alguém me conheceu por esse apelido.

Recordo o momento em cada detalhe, pois me deu um medo terrível quando as mãos de vovô começaram a tremer em minhas faces e seus olhos se inundaram de lágrimas, que ficaram suspensas em suas pálpebras, sem cair.

— Estou com medo, vovô.

— Não seja boba. Você não precisa ter medo de nada. Sou seu avô e sou seu noivo!

— Mas você está velho e vai morrer. E eu vou ficar sozinha.

— Eu não vou morrer, meu amor. Sou totalmente imortal.

— O médico diz que você fuma muito.

— Vou parar de fumar.

— Diz que os seus pulmões são de dar medo.

— Não, menininha. Tive sombras nos pulmões. Mas o sol já apareceu. Além do mais, quem tem motivos para viver não morre.

— Não é verdade, vovô. Nos filmes muita gente que está cheia de vontade de viver morre ou é morta. Que nem meu pai.

— Ninguém matou seu pai.

— Então, por que ele não está aqui comigo?

— É preciso saber esperar. De repente ele desce de um barco e vem. Com você aconteceu exatamente assim.

— E onde está o trombonista, vovô?

— Ah, isso é fácil saber. Existem quatro pontos cardeais. Norte, leste, sul e oeste. Ele está num desses quatro.

Acabamos de nos vestir e meu avô, com a roupa dos crepúsculos, me levou pela rua Maipú, e passamos na frente do colégio e vi como minhas colegas, enjauladas na aula de matemática, me olharam da janela do segundo andar.

Descemos até o centro da cidade, compramos um maço de cigarros e um

Crush na loja dos Restovic, estudamos os relógios na vitrine da loja dos Zalaquett, cumprimentamos o chofer de caminhão na frente do botequim de Antônio Soko, e o doutor Rendic me deu de presente uma caneta tinteiro dessas que os médicos usam para escrever suas receitas.

No porto, fomos até a alfândega, e Rolando Comprido passou ao meu avô uns papéis cheios de carimbos, dizendo para ele assinar, pois estava tudo em ordem, não precisava nem ler. Vovô tirou o talão de cheques. Eu me estiquei inteira e vi, na altura do meu nariz, como ele colocava no cheque uma quantia que a gente só via no cinema.

— Vou lá buscar, Esteban — disse Rolando, afastando-se para os fundos do armazém.

Vovô começou a assoviar. Tirou o chapéu Stetson, colocou-o contra o peito, e fez um gesto indicando que seu coração estava aos pulos. Ao olhar as horas no relógio que tirou do bolso, franziu o cenho com ar grave.

— O que ele foi buscar, vovô? Pigarreou. Ao baixar os olhos, descobriu um pouco de poeira em cima do sapato esquerdo e limpou-a, esfregando o sapato no tecido das calças.

— Ah, nada importante.

— Quero saber. Deve ser alguma coisa muito importante para que você tenha me deixado matar aula, e para que tenha saído de chapéu pela manhã...

Passou os dedos ajeitando o bigode e derramou seu olhar na minha testa.

— Pelo jeito, vou ter de contar...

— O que ele foi buscar? — Uma noiva.

Senti que minha cara pegava fogo, como se eu tivesse engolido o sol de um goie só. A fúria era tão grande que nem deixava espaço para as lágrimas. Lá das sombras vinha vindo alegremente Rolando, fazendo gestos e arrastando uma motocicleta vermelha com a outra mão. No ombro trazia um trapo de flanela, que estendeu para Esteban assim que chegou ao seu lado.

— Está novinha em folha, mas na viagem ficou impregnada de pó.

— Você acha que está funcionando? Atrás da mesa comprida havia um garrafão enorme de gasolina. Os dois puseram o líquido no tanque e meu avô sentou-se no selim de couro, acionou a chave e com uma única pedalada o espaço encheu-se de uma poderosa nuvem de fumaça.

— Que marca? — gritei no meio daquele estrondo.

— Uma Indian, Nena.

— Nunca mais me chame de Nena, senão nunca vou contar a você como é que fiquei sabendo que seu apelido era Tebi.

3

No armazém do Exército compramos os capacetes de dois desertores. De acordo com o militar responsável pelo armazém, ninguém tinha ido atrás dos desertores, porque no Chile os rapazes que pretendiam ser recrutas formavam filas aos montões.

— Imagine só — disse o sargento. — Um exército sempre vencedor, jamais vencido. Felizes dos recrutas... Bom nome, grande uniforme, rancho com carne de vaca todos os dias... Domingos de folga, e ganham até uma moeda para que engraxem as botas na praça Colón. As moças ficam loucas por eles, porque aqui no exército eles aprendem a ser homens, a ser chilenos e a ser bons pais. Já esses desertores idiotas devem estar zanzando pelo deserto, com os urubus dando volta em cima das suas cabeças, prontos para bicar suas tripas daqui a uns dias. Sem água nem charque, sem pátria nem futuro. Aqui estão os capacetes, vinte pesos cada.

O capacete de Esteban era verde musgo, com uma armação que se acomodava sobre os cabelos e impedia o contato da cabeça com o metal. Parecia Tyrone Power em A patrulha invencível.

O meu era um modelo velho, quase cor de cinza, e apesar de estar amarrado com tiras de couro debaixo do meu queixo, dançava sobre a minha testa, e conforme o movimento caía sobre a minha orelha esquerda ou sobre a minha orelha direita. Em casa, Esteban forrou minha cabeça com uma toalha, feito muçulmana, e depois coroou aquilo tudo com o capacete.

O inspetor municipal rasgou na nossa cara a multa que tinha dado por estarmos andando de moto sem capacete, e embora os nossos não fossem chiques como os que eram vendidos em Santiago, ele os considerou bons e higiênicos.

Vovô deu risada enquanto acelerávamos na direção da Portada, nos afastando da cidade.

— É fantástico — disse ele. — Já cometemos a primeira infração antes mesmo de termos completado a primeira ação... Este é um país extremamente legalista. O papel vale mais que o ser humano.

Nos armazéns vendiam dois tipos de refrigerantes: um claro, e outro escuro. Bilz e Bidú. "A Loura e a Morena", dizia a propaganda. Nos sentamos em cima de uns rochedos contemplando a beleza natural da Portada, uma enorme pedra que as marés tinham ido minando ao longo de milênios até deixá-la com a forma de um arco gigantesco. A própria praia tinha uma forte ressaca e

havia um cartaz anunciando que o banho de mar estava proibido.

— Esse é o nosso "Arco do Triunfo" — disse vovô, esfregando o bigode com entusiasmo. — Como diz Pavlovic, os países que não têm história devem pelo menos ter natureza. Estou aqui há quase quarenta anos e não acontece nada de nada...

— Foram inaugurados dois cinemas.

— O problema desses filmes é que em vez de aumentar a realidade, diminuem. Neste fim de semana vai passar King Kong. Meu filme predileto.

— Como é que você sabe, se nunca viu?

— É fácil. Tem uma cena em cima do Empire State Building. O gorila sobe com uma loura na antena do edifício, e no fim é atacado por helicópteros. Li tudo isso na revista *Ecran*.

— Quero ver esse filme, vovô.

— É proibido para menores de treze anos.

— Mas o bilheteiro me conhece.

— Então, você não vai querer que ele seja multado por deixar você entrar. Além disso é um filme de terror. Acho melhor você ficar em casa.

Esvaziei a garrafa de um gole só e joguei-a longe, espatifando-a nas pedras.

— Menina!

— Estou furiosa com toda essa história de não poder ver nem saber um monte de coisas. Vou fazer oito anos e todo mundo me trata como se eu fosse um bebê. Como se eu fosse de vidro. Pois fique sabendo que sou tão forte que posso até sair sozinha na sua motocicleta.

Esteban tirou um dos muitos maços de cigarros que levava nos bolsos das calças e do paletó, como se tivesse medo de ficar de repente sem cigarros no meio do deserto. Acendeu um, tragou fundo, com prazer. Depois cuspiu um fiapinho de fumo que caiu em seu joelho.

— As pessoas são boas, menina. Ninguém quer fazer mal a você.

— As pessoas têm pena de mim.

— Quase todos vivem com seus pais e com suas mães.

Eles veem você sozinha e começam a pensar.

— E o que é que dizem?

— Isso. Que eu devia me casar.

— E por que você não casou? Pensativo, passou a mão no queixo e depois a mão desceu até a garganta e ficou brincando de enrolar uns pelinhos do peito entre os dedos.

— Espero alguém.

— Alia E mar?

— Talvez.

— Sempre que a gente chega a esse ponto você fica em silêncio, vovô.

— É que eu sei tão pouco que nem acredito. E prefiro esquecer o que não acredito.

— Alguém vai me contar algum dia o que aconteceu com ela.

Rompeu o ritmo das palavras, que pareciam pedras saindo de sua boca, com uma grande gargalhada.

— Quando eu morrer, você vai ter de continuar vivendo com muita alegria. Senão, as pessoas vão pensar que fui um fracassado.

— Ninguém, com uma moto linda feita a sua, pode ser um fracassado.

— Essa era uma das duas coisas que a vida inteira eu quis ter. Correr contra o tempo, agora que o tempo corre contra mim.

— O que isso quer dizer?

— Que preciso amar você muito, cuidar para que você cresça saudável e bela, e percorrer com a moto todas as paisagens da costa até conhecer as ondas uma por uma, e saber onde estão as melhores pedras com caranguejos.

— Caranguejos? Tirou de uma bolsa de couro um ferro comprido, que culminava numa ponta de flecha, uma faquinha pequena mas com uma lâmina terrivelmente afiada, e um saco de estopa, desses que vinham cheios de feijão ou de arroz para o armazém.

— Vem comigo — disse ele, conduzindo-me pela mão pelas rochas que levavam até a praia.

Parou sobre um recife, e depois de agachar e espiar pelos seus labirintos pareceu convencido e mandou que eu olhasse bem.

— Preste atenção, porque vou ensinar a você o que é ser livre. Ou, pelo menos, ensinar o que eu entendo por liberdade.

Quer dizer, nunca se vender a alguém por estar sentindo fome.

Apalpou a parede interior da rocha, sobre a qual a água saltava violenta, retirando-se em seguida, mansa e rapidamente.

Havia excrescências cobertas de um poderoso musgo.

Esteban introduziu o punhal nelas, e um jorro saltou na direção do seu rosto.

— Quando isso acontecer com você, não se assuste: é o suco da liberdade.

Cavou exatamente naquele ponto e tirou uma espécie de molusco, que destapou, abrindo-o em dois pedaços. No fundo, havia uma substância amarela. Colocou-a dentro da bolsa e desceu alguns metros até passar por uma renda esculpida, que partia a pedra. Espetou aquela massa amarelada na ponta do arpão, e como quem detecta se há metal nas fendas estreitas de uma mina, foi

passeando o arpão entre os orifícios e pequenas cavernas do recife. De repente surgiu um caranguejo que avançou na isca, agarrando-a com suas garras, e Esteban aproveitou este momento para enfiar o arpão e arrebentar sua carapaça. Depois o espetou num gancho mais volumoso que o arpão, e com o animal pedalando percorreu as sombras das pedras, até que uma forma enorme e viscosa ergueu-se e envolveu o caranguejo, como se o engolisse. Foi então que vovô puxou o gancho e arrancou o polvo inteiro de seu esconderijo. Com todas as suas forças estatelou-o várias vezes sobre o canto afiado do recife, até que o bicho soltou a tinta de seus tentáculos e se esparramou inteiro. Esteban tinha terminado a caçada em menos de cinco minutos. Pôs o polvo na bolsa e acendeu o centésimo cigarro do dia.

— O caminho da liberdade — me disse, expulsando a fumaça na direção das nuvens do céu — é esse.

Ouriço, caranguejo e octopus. Frigideira, azeite, pimentão moído, uma batata. Em outras palavras: um polvo à galega.

4

Meu avô sai de manhã bem cedo com umas placas negras debaixo do braço e uma mulher vem abrir o armazém e fica todos os dias até a hora do almoço. É jovem, mas carece de entusiasmo em relação a si própria. Não compra roupas no centro e prefere um avental aos vestidos da moda oferecidos nas vitrines. Quase não usa maquiagem e não tira o colete cinza até os clientes virem comprar pequenas porções na hora da merenda. Fala malícia com os amigos e conhecidos de Esteban com um tom severo, como se os estivesse repreendendo, e comigo só conversa em espanhol.

Sua voz então se suaviza e toma meus longos cabelos louros em suas mãos e leva um tempão preparando trabalhosas tranças que depois junta lá no alto, coroando minha cabeça.

De tarde vai ao cinema com vovô ver filmes para adultos, e depois dão uma volta pela praça Colón, e em seguida vão tomar um refrigerante no Clube Social Malícia da rua Matta. Quando voltam de noite, Esteban põe discos no fonógrafo e ela fica tecendo outro colete cinza, só que desta vez para mim.

Na sala do piano, e sem que eu tenha percebido quando, os livros foram postos em caixas de papelão e todos os objetos foram guardados no baú. Dizem que estamos indo para Santiago. Em cima da prateleira, de onde a Virgem já desapareceu, ficou apenas meu globo terrestre. Sobre a sua esfera traço o percurso dos barcos, e cavouco em minha imaginação tentando recordar meus primeiros meses em Costa da Malícia, um detalhe qualquer da viagem de navio pelo Mediterrâneo, o Atlântico e o Pacífico.

Uma caixinha escondida no meio das cordas do piano chama a minha atenção. Espero pelo momento em que coincida com a ausência de vovô e a movimentação dela no armazém.

Preciso de toda a agudeza de minhas unhas para desatar as fitas negras e entorno o conteúdo sobre o tapete. Há cinco ou seis fotos, nas quais reconheço Esteban ao lado de pessoas estranhas, e uma coleção de recortes de jornais tão velhos e gastos que perdem pedacinhos conforme eu os movimento.

Não entendo nada do que eles dizem, mas tomo nota das assinaturas no pé das reportagens. Roque Pavlovic e Andrés Gómez Stark. Em meu caderno de matemática escrevo os nomes que entendo naquele hieróglifo: Esteban Coppeta, Reino Coppeta, Jerônimo Franck, Rolando Comprido, Alamiro Torrentes, Gabriela Mistral, José Coppeta, José East e Alia Emar. Um dos artigos traz uma foto do campanário de uma igreja. Chama-se "Cetri Sonni". De noite, ela pôs

seus lençóis no quarto de visitas e uma maleta aberta de couro marrom desbotado exhibe algumas peças íntimas e três blusas brancas com filigranas de fios verdes e vermelhos na gola.

Ela vai ficar.

Ela se chama Jovana e eu pego então minha pasta de escola, o globo terrestre, o punhal de ouriço, o arpão do caranguejo, o gancho de polvos, o caderno de matemática, algumas calcinhas de algodão, meias brancas de lã, meus sapatos verdes e o tênis de ginástica, a saia cinza e o pulôver azul, meu único par de jeans, e vou ao porto embarcar clandestina.

Da mesma forma que nunca mais soube de Alia Emar, agora Esteban vai ter de apagar a Magdalena de sua vida.

"Você tem um nome comprido demais para quem é tão pequena", foi a primeira coisa que me disse.

Antes de ir embora dou uma olhada na sala de jantar.

Meu avô fuma como sempre, ouvindo seu disco favorito. Um homem com voz aguda canta: "Me conta quem és, me diga aonde vais, alegre mascarazinha que ao passar grita comigo." Na outra ponta da mesa, um senhor baixinho, com os óculos baixados até a ponta do nariz, estuda contra a luz da lâmpada as placas negras que Esteban está acumulando há meses em sua escrivaninha.

Ouçó o que falam eles.

— Digamos que venda a casa e o armazém por cem mil.

Se puser o dinheiro no banco a dez por cento, daria uns mil pesos por mês. Não é uma fortuna, mas também não é para morrer de fome.

— A moto, eu não vendo.

— Não venda. Mas é bom saber que você também tem artrite.

— E o que isso quer dizer? — Que nem seus joelhos, nem seus punhos, são os de um rapazola.

— Levei quarenta anos para comprar a Indian.

— Desfrute enquanto der. Mas vá para Santiago. Lá vão poder cuidar de você.

— E Jovana? — Eu, no seu lugar, a levaria junto. É sua compatriota, e além do mais Magdalena precisa de uma mãe.

— E o que está insinuando? — Que se ela aceitar, devem se casar.

— Não posso me casar, doutor.

— Continua esperando por Alia Emar?

— Desesperadamente.

— Sabe o que andam dizendo por aí?

— Que morreu. São ignorantes, não sabem nada. Inventam isso para ver

se eu tiro Alia Emar da cabeça.

— Dizem coisas piores. Dizem que a morte, para ela, seria um alívio.

— E o que mais?

— Dizem que anda desvairada como um fantasma, de ilha em ilha pelo Adriático afora. Dizem que... Acho melhor não ficar contando essas coisas.

— Conta, homem. Com essas radiografias, você já me feriu de morte. Faça o favor de dar agora o tiro de misericórdia.

— Pelo contrário. Quero aliviá-lo deste peso. O desenlace da sua doença pode ser atrasado se o senhor estiver de bom ânimo. Se fizer coisas que lhe deem alegria.

— A motocicleta me deixa feliz, mas agora o senhor diz que a sombra do pulmão continua se expandindo.

— Dentro de certos limites.

— E o que lhe disseram de Alia Emar?

— É terrível. Eu não entendo tão bem malício, e talvez tenha mal interpretado os seus compatriotas. Talvez estivessem dizendo outra coisa.

A agulha tinha chegado ao final do disco e Esteban levantou o pesado braço de metal e pousou-o na forquilha apropriada.

— Estou escutando, doutor.

— É melhor esquecê-la. Sua mente já não se coordena mais. Dizem que anda de uma aldeia a outra, com um balde e um trapo, e que se ajoelha no mercado e lava o sangue de onde a violaram. Em todas as aldeias. Lava seu sangue em todas as aldeias, Esteban.

— Fiz tudo errado. Devia ter voltado no mesmo navio que me trouxe para Antofagasta.

— Era a época da guerra. A gente não controla as cordas do destino. O senhor tem outras responsabilidades agora: Magdalena, Jovana, seus pulmões. Por piedade, pare de fumar.

— Seria perder minha única alegria.

— Venda tudo, Esteban. Mil pesos de juro por mês não é pouco.

— E o tratamento?

— Bem, é claro que aí irão embora alguns recursos.

Tirei da despensa uma laranja e uma maçã.

Meus mantimentos para a travessia.

Em meu caderno de matemática eu tinha anotado os nomes de todos os botes que ancoravam no porto. Os pescadores dormiam sestadas depois do almoço, já que de acordo com o tipo de peixe que estivesse dando eles saíam com suas redes para o alto-mar ao amanhecer ou ao entardecer. Escapavam do meio-dia de Antofagasta, hora em que até os peixes se escondiam do sol.

Seus filhos ficavam a bordo e agitando os remos ofereciam aos ociosos um passeio para dar uma olhada de perto nos grandes transatlânticos italianos que davam uma trégua aos turistas antes de zarpar rumo a Callao, no Peru. Os europeus se salpicavam nas praias dos Banhos Municipais com uns maiôs tão minúsculos que mostravam os matagais de pelos ao redor de seus sexos e os meninos da praia das Almejas tiravam fotografias que depois vendiam na saída do colégio, dizendo que eram indecências suecas.

Os domingos eram os melhores dias e em cada bote havia um menino chamando a gente para subir e ver de perto o Giuseppe Verdi ou o Donatello. Na minha lista havia dez fichas que eu pensava usar quando escrevesse uma composição sobre o mar e o campo, um tema favorito da professora de espanhol, que tinha emigrado de um bosque chuvoso do sul e havia se enrugado até os ossos na secura do deserto.

Os botes se chamavam: Pirata Manco, Caveira Careca, Garfo de Nicolas, Perna de Pau, Sandokan o Aventureiro, Lobo dos Sete Mares, Ciclone do Pacífico, Terror dos Próprios Brasileiros, mas o único que estava lá naquela terça-feira de minha fuga era o Canário Tubarão, sob o comando de um garoto de onze anos que mastigava um chiclete abrindo tão descomunalmente a boca que um transatlântico poderia passar no meio de suas amídalas.

— Quanto você me cobra para me levar até o navio?

Olhou de má vontade minha figura branquela e disse com desprezo:

— Está muito longe.

— Não, está onde os navios jogam âncora.

— Não tem nenhum outro bote para levar você?

— Vamos, diga logo quanto você quer.

— Seriam uns dez.

— Pago três.

— Seriam cinco.

— Pago quatro.

— Então, acho que já estou levando.

Tirei os sapatos, peguei-os e avancei até o bote, pus a mochila na popa, e pronto. Dei um salto para evitar que as ondas molhassem a minha saia e subi agarrando-me no braço do menino. Ele começou a remar, e só parou de massacrar o chiclete quando apontou o queixo indicando que eu olhasse para baixo e disse: — Você molhou as calcinhas.

Apertei os joelhos, queimando de vergonha. O menino começou a rir e fez explodir a bola de chiclete que estava na sua boca.

Quando chegamos ao lado do navio, pedi que ele aproximasse o Canário Tubarão da escada.

— O que você está querendo fazer?

— Ir para a Europa.

— Está delirando!

— Maluco é você, de ficar aqui.

Subi de um salto na plataforma, estendi os quatro pesos e mostrei a língua para ele.

— Não vou levar você de volta, gringa desaforada.

Subi os degraus da escada com a mesma tranquilidade dos condenados à forca. Conforme avançava com a mochila nos ombros achava mais e mais enorme a figura do homem com jeito de almirante que esperava a minha chegada lá no alto. A saliva se coagulou na minha boca e entre os olhos e o nariz sentia as lágrimas se acumulando.

Lá no alto, tentei passar de fininho por um lado da perna do gigante imaculado, mas ele me deteve esmagando minhas tranças com sua mão enorme. Disse alguma coisa que não entendi, apontando um dedo feroz em seu livrão de anotações. Encolhi os ombros e fui em frente.

— Chilena?

Neguei com a cabeça. O homenzarrão olhou para os morros da cidade com um gesto amplo.

— Antofagasto?

Neguei com a cabeça e fiz bico.

— Mamãe? Papai?

Se existisse alguma coisa na vida parecida com papai e mamãe, aquela seria a hora em que não me deixariam na mão. Precisava urgentemente que me mandassem alguma inspiração, seja lá onde estivessem. Pela primeira vez entendi o que a freira professora de religião nos dizia sobre orar com fé. Um sentimento simultâneo de debilidade e de fortaleza encheu meus pulmões de ar, e uma força que só consigo descrever como sendo divina me levou a levantar o braço, estender o dedo indicador com a autoridade de um juiz, e apontar no interior do barco um casal de gringos que estudavam com os binóculos os

morros do porto.

O marinheiro, atordoado pela minha convicção, levantou a mãozona que me sujeitava na plataforma e agitando-a abriu caminho, dizendo: — Allez, allez.

Decidi me afastar o mais rápido possível daquele ponto, levei a mochila para a proa, sentei-me em cima dela para olhar a lancha a motor que trazia de volta os passageiros que tinham ido de excursão até a praia. O Antônio Vivaldi não demoraria em levantar âncoras e eu teria de buscar um lugar para me esconder até chegar a qualquer ponto do planeta onde o traidor do meu avô não aparecesse. Das aulas de geografia sabia que rumo ao norte os navios fundeavam em Guaiaquil, Panamá e San Francisco. Talvez eu descesse lá no alto, só porque uma vez li a história de um fantástico terremoto que havia derrubado a cidade. Além disso, sabia que em Oakland tinha morado Robert Louis Stevenson, o autor de A ilha do tesouro.

Com que me alimentaria? Dentro do barco não poderia caçar caranguejos. Teria que fazer a laranja e a maçã durarem um mês.

Com disciplina.

Um gomo por noite. Uma mordida por dia.

E a sede? Pois quando chegássemos ao Equador haveria uma tempestade tropical. Beberia água caída do próprio céu.

Os anjos me abençoariam. Mijariam uma fina chuva de prata em minhas gengivas e eu saberia agradecer papai e mamãe pela sua bondade.

Quanto a Esteban Coppeta, ele que tivesse uma certeza: eu jamais o perdoaria.

6

A vingança contra Tebi foi tenaz e minuciosa.

Já que tinha conseguido me tirar dos espaços infinitos do mar e de suas possibilidades, eu agora me sentia no direito de esfregar em seu nariz que estava de volta a uma ratoeira.

Antofagasta prestava-se muito bem para essa estratégia, pois os ratos eram tão gordos e repelentes que até os gatos fugiam deles.

O porão do armazém tinha uma fileira de ratoeiras. Se por acaso alguém pusesse a mão numa delas, a única solução era levar o pobre infeliz para que amputassem o seu dedo.

Cada vez que eu achava um periquito preso em alguma ratoeira, o agarrava pelo rabo e ia escondê-lo entre os lençóis de meu avô.

"É assim que estou me sentindo", foi a minha mensagem dos primeiros dias.

Meu avô e Jovana tinham me roubado o meu mar e a minha Europa. Não me restava outra saída a não ser transformar-me numa aluna aplicada e levar velas todos os domingos para a Virgem.

A série "É assim que estou me sentindo" teve outros momentos brilhantes.

Perto do galinheiro agarrava com as mãos umas varejeiras de cabeça esverdeada e patas ruidosas, as atordoava sacudindo a mão fechada, e depois as unia com uma linha de costurar. Se uma delas tentasse voar com alguma direção, os puxões das outras a impediam, e tudo acabava transformado num repelente espetáculo de zumbidos e choques contra a janela do meu avô bem na hora em que ele se deitava para dormir a sesta.

Outra especialidade foi o insetário. Fisgava uma borboleta com alfinetes e a metia num elegante pedaço de veludo negro; este tipo de apresentação que os noivos fazem quando dão às suas amadas o anel de noivado. A beleza multicolorida do bichinho contrastava com a solenidade do envoltório.

O luto engolia a vida. Ou seja, "é assim que estou me sentindo".

Eu tinha sido agarrada e alguém cortara minhas asas.

Não soube como nem quando, mas vovô de repente apareceu no transatlântico e exibindo um paletó branco de almirante veio furioso até o último canto do refeitório onde eu estava provando dois tipos de ovos que o maître inglês tinha me oferecido: sunny side up e sunny side down. Os gringos são tremendos poetas: se faziam esses jogos de palavras com um par de ovos fritos,

o que não diriam quando falassem de coisas sublimes? Eu só sabia uma frase de amor, que aprendi naquelas horas no barco: I love you madly, ficava repetindo para mim um garoto ruivo de oito anos quando parava de ler revistinhas do Pato Donald e do Mickey Mouse.

Os dedos de meu avô se crisparam em minha cabeleira loura e me levantaram da cadeira bem no momento em que eu tinha diante de meus olhos os ovos fritos mais líricos do século. Não é improvável que uma hora depois, quando ele me soltou atirando-me feito lixo em cima do colchão, alguns fios de meu cabelo tenham ficado grudados em suas mãos. O capitão que o acompanhava cuspiu insultos em italiano a todos os empregados, apontando-me com um dedo feroz e os marinheiros baixavam a cabeça e concordavam em silêncio.

— O senhor Coppeta vai botar um processo em cima de nós, por sequestro e rapto de uma menor de idade! E o que os senhores fazem, seus idiotas? Em vez de vigiar dormem a sesta, ou ficam em seus camarotes vendo revistas de mulher pelada! — Não é essa a minha intenção, capitano — disse vovô, sem soltar a minha cabeça. — Não quero processar ninguém.

O almirante ignorou-o e parou diante do oficial que cuidava da plataforma onde a escada terminava.

— Nos meus tempos, um erro desses era motivo para a gente pendurar o culpado no mastro principal. Depois ele era enrolado num lençol amarrado com cordas, e era jogado no mar para ser comido pelos peixes. O senhor gostaria que acontecesse isso, Martini? Com o senhor? — De jeito nenhum, almirante.

— E como vai reparar o dano que fizemos a este compatriota? Parla italiano?—perguntou, virando-se para o meu avô.

— Dez por cento.

— Dez por cento italiano! E quem dos senhores, seus sem-vergonhas, fala pelo menos cinco por cento de inglês, de francês, de alemão? Eu me pergunto quantos dos senhores, seus sicilianos e seus genoveses, falam um por cento de italiano] Pois vejam aqui este compatriota de mil pátrias e cem oceanos! O que ele pensará de nós? O homem vive feliz na cosmopolita Antofagasta, e sem aviso prévio chegam uns italianos foragidos, descendentes de Nero e de Brutus, põem em chamas a bela urbe e cravam o punhal da traição no coração do ancião! — Ah, não — interrompeu vovô.—Não me fizeram nada disso.

— Fizeram sim senhor! — e o almirante fez com que ele se calasse. — Eu deveria ordenar a esses bonecos que se ajoelhassem aos seus pés para pedir perdão.

— Não, almirante. Estou feliz por ter recuperado a minha neta.

— Não sou sua neta! — gritei.

A pele do marujo ficou da cor do seu uniforme.

— Madonna! Non capito niente piú! Então é o senhor, Esteban Coppeta, quem está querendo raptar a menina? Meu avô apertou minha nuca até quase me fazer vomitar as amídalas. Achei que era a melhor hora para ficar calada. Que tanto importava eu — aquele trastezinho abandonado —, se mais da metade dos malícios dizia que eu não era sua neta e que o trombonista simplesmente tinha inventado um conto do vigário? Com a guerra terminada, eu já não corria perigo de morte da Europa, e o maître tinha me dito que durante a travessia me faria provar umas vinte maneiras de preparar um ovo.

— A menina está assustada com seu próprio atrevimento.

Tenho papéis que comprovam o nosso vínculo.

— Pois eu gostaria de ver esses papéis.

— Eu me chamo Esteban Coppeta — disse meu avô metendo a mão no bolso de trás das calças. — Sou malício de nascimento e chileno naturalizado.

Tirou um punhado de documentos amarfanhados e os colocou nas mãos do almirante.

— O que é isso? — Carteira de identidade, licença de residência, licença comercial.

— Mas que asco! Esses papéis devem ter sido mijados por algum cão. Por favor, pegue tudo isso de volta e leve a menina embora.

Meu avô recebeu o amontoado de papéis e rapidamente meteu-os no bolso de novo. Os marinheiros baixaram um bote salva-vidas a motor para levar-nos de volta ao cais, e os turistas apareceram inquietos para serem testemunhas das manobras.

Na certa estavam a ponto de sentir-se os heróis do Titânio.

Anos mais tarde, em Santiago, meu avô Esteban me esperou na saída da matinê do cine Alcázar, na praça Brasil, com um canudinho recheado de doce de leite. Tinha vestido seu terno negro com filetes cinza e usava o chapéu cor de pérola. Os botões do colete estavam rigorosamente abotoados, e um largo nó na gravata vermelha arrematava seu queixo barbeado com esmero.

Abandonar de repente o cinema às cinco da tarde me provocou cegueira. Costumava ficar um tempinho no saguão da entrada, as retinas ainda repletas das imagens de Tyrone Power e Charles Laughton, Mitzy Gaynor ou Gene Kelly, Cyd Charisse e Fred Astaire, e só então sair.

O retorno ao que por comodidade chamávamos de mundo real era um castigo a um crime não cometido, uma sentença a um tédio que eu mitigava na hora da merenda, molhando uma broa no chocolate com leite.

Se naquele tempo eu fosse milionária, teria comprado a penumbra do cine Alcázar só para mim. As matinês, as vesperais e as sessões da noite não diminuiriam a minha avidez por milhares de filmes: As noites da Arábia, A patrulha do deserto, Gengis Khan, Os tártaros, A bela e a fera, Pinóquio, com seu nariz impertinente e mentiroso.

Meu avô ereto debaixo daquele cipreste mais alto que a marquise do cinema era para mim uma transição ao mundo da casa, os pratos na pia, a roupa dependurada no quintal, as lições de matemática sempre interrompidas pelo tédio.

Vovô não era tão irreal quanto os piratas ou os gângsteres da tela, mas tinha um quê de ausência que o fazia próximo a eles. Algo em seu modo de calar e andar, de apanhar os palitos dos pirulitos na rua, de cheirar um charuto e não acendê-lo nunca, dava a ele uma aura estranha. Seus olhos violentamente azuis estavam voltados para o seu interior. Eu não sabia na direção do quê, mas aquele avô que tinha me dado de presente o infortúnio dos malícios não era meu como os professores da escola ou o homem do armazém, mas meu de uma loucura minha, para a qual não existiam palavras. Meu desde que soube selar comigo uma aliança de sangue, não importa o que estivesse galopando em nossas veias.

Não se tratava apenas do sotaque, esses erros que corriam como bolas sobre as pistas de bocha nas tardes de sábado, mas de alguma coisa que crescia com sua respiração.

O velho não sabia exalar: suspirava.

O mundo real do qual eu o excluía, como se ele fosse uma peça anfíbia

entre o celuloide dos filmes e a bruma de Santiago, não podia competir com a tela, e nem mesmo com a revista Ecran, onde apareciam fotografias marrons das minhas estrelas. Esperava de joelhos, a cada semana, a chegada do novo número da revista, sentindo os joelhos gelados debaixo da saia escocesa, antes de correr para o colégio.

Em minha agenda escolar tinha marcado nas terças-feiras, logo acima de "espanhol", a palavra Ecran. Contra essa palavra, de nada adiantavam as tabuadas de multiplicar estampadas no verso de cada capa do caderno, nem as composições sobre flores recém-nascidas na primavera, nem os poemas sobre os heróis e mártires da pátria ou louvando o cavalheirismo de Miguel Grau, o almirante peruano que tinha matado o herói chileno Arturo Prat a bordo do encouraçado Huáscar.

Ele era o meu sonho. O único que eu colocava no santoral, ao lado do meu avô. Prat era meu ídolo favorito. Eu bem que gostaria de ser sua viúva. O valente capitão tinha saltado de sua humilde fragata solitária ao lado do barco inimigo na enseada de Iquique, gritando abordar! e batendo-se feito um D'Artagnan diante de dezenas de peruanos armados com sabres afiadíssimos e sanguinários e bacamartes de bocarras fumegantes.

Uma vez por mês eu sonhava que o almirante do barco rival, Miguel Grau, me trazia, num féretro envolto com a bandeira chilena, os restos mortais de meu esposo. Eu recebia tudo com dignidade. Nenhuma lágrima surgia em meus olhos, minha mão gelada tocava a dele numa despedida diplomática e só depois que o almirante tivesse abandonado a minha casa eu regaria as flores do ataúde com lágrimas inconsoláveis.

O presidente da República vinha me entregar uma medalha e uma pensão de viuvez. Eu agradecia, digna.

Mas me negava a olhar nos olhos daquele político que me estudava com algo mais que pesar. Eu não era a pátria frívola. Eu sentia o peso da dor. Saber não esquecer nada, com memória minuciosa e sábia.

O que tinham a ver minhas imagens e aspirações com o mundo onde era preciso engraxar e fazer brilhar os sapatos escolares, lavar com uma escova a sujeira dos joelhos, escovar os dentes com pasta Kolynos, engolir hóstias na missa dos domingos, quando eu sentia mesmo era vontade de devorar um pastel, e não aquela farinha inconsistente? Enquanto rezava o creio-em-deus-pai não tinha cabeça para outra coisa a não ser descobrir como arranjar dinheiro para a matinê daquela tarde no cine Brasil, a um quarteirão do Alcázar, e onde passava um filme com Mickey Rooney.

No domingo anterior, Máximo Jeria tinha se oferecido para pagar a minha entrada, desde que eu deixasse ele tocar minhas tetas. Incapaz de enganá-

lo, perguntei apenas: "Que tetas?" Tinha treze anos, era péssima em gramática, mas ninguém lia mais rápido que eu. Minha universidade fora os letreiros dos filmes norte-americanos.

No começo não percebi esse talento, mas quando observei que meus acompanhantes no cinema me davam cotoveladas perguntando "O que ele disse?", decidi cobrar. Foi assim que começou meu talento para os negócios.

Não tinha nada no traseiro ou debaixo da blusa, mas ninguém no universo lia mais depressa do que eu. Alguém me passava uma página e eu tirava uma fotografia mental.

De acordo com o diretor do colégio, era um fenômeno.

"Mas um fenômeno inútil, senhor Esteban. É melhor conseguir aulas particulares de matemática para ela." Vovô, porém, nem piscava. "Trate de passar tirando nota cinco", sugeria. Eu gostava da corrente que caía sobre seu abdômen, e o colocava mentalmente num papel britânico, um nobre traficante de armas, um despachante de alfândega no porto de Liverpool. Os olhos azuis vinham a calhar perfeitamente nesses castings.

A corrente de prata desembocava num bolso do colete no qual mandava um robusto relógio de aço inoxidável, cujos ponteiros laboriosos não se detinham jamais, pois nunca esquecia de dar corda quando ia dormir. As ágeis flechas giravam sobre uma imagem em branco e negro do Empire State Building.

"O edifício mais alto do mundo", dizia com solenidade profissional. A rotina de repetir essa mesma frase nunca diminuiu seu frescor. Cada uma das centenas de vezes em que ele disse a mesma coisa, o Empire State Building tornava a ser pela primeira vez o edifício mais alto do mundo.

De vez em quando eu era invadida pela absurda sensação de que vovô vivia só para mim, para dar corda no relógio e repetir esta frase. Ao terminar a sentença ele ia embora num silêncio tão inescrutável que seus interlocutores ficavam presos em seu mutismo, esperando uma revelação que não chegou jamais.

Pelo menos até este domingo.

Eu não tinha como saber que meu avô Esteban iria morrer poucas semanas mais tarde. Entre outras coisas, porque ele era um homem condenadamente incompleto. Faltava-lhe algo, e isso o tornava impreciso e ausente. A morte não lhe convinha, de jeito nenhum. Tive a sensação de que deixaria algo pendente.

Nem havia chegado aos setenta, mas tinha fumado a produção nacional de tabaco inteirinha, e duplicou a dose quando o médico ofereceu-lhe o bisturi e ele não aceitou.

Naquela época a morte era, para mim, um acontecimento cinematográfico, uma coisa tremendamente digna e desoladora, que só acontecia nos reinos da tela grande: a moça pálida que se desvanece à luz do candeeiro diante da expressão impotente do médico rural, o gângster com o peito destruído pelos detetives aos quais ele não concede o gostinho de vê-lo sofrer e por isso dissimula a dor erguendo, cínico, uma beiradinha de lábios, o cowboy atravessado pela flecha de um pele-vermelha naquele deserto sem clemência, o voo ritual do abutre sobre o explorador exausto no Saara.

Jamais vovô tinha ido até o cinema para me buscar, e esse fato insólito deveria ter me servido de advertência sobre o seu futuro.

Quando saí do cinema, e ao ver que eu lacrimejava diante da luz brutal que carbonizava as imagens que ainda queria conservar em minhas retinas, meu avô tirou seu chapéu de feltro cor de pérola, ao redor do qual resplandecia uma fita de cetim negro, e colocou-o folgado e bailarino sobre minha cabeleira loura, e assim um talho de sombra me deixou a salvo.

Depois pegou minha mão, decidido, e me levou até um dos bancos do centro da praça, à sombra de uma paineira generosa.

— Pegue um canudinho desses, você adora doce de leite — ordenou como prólogo de algo que depois não disse.

Rompi a massa crocante do doce e fui liquidando o conteúdo, pouco a pouco, com a mesma precisão do silêncio de meu avô. Quando acabei, ele sacudiu minha saia com sua mão branquíssima, coroada por um punho de algodão engomado e um par de abotoaduras de opala negra.

Os pássaros baixaram em seguida para bicar as migalhas, e nesse momento ele soltou a fivela da corrente que enganchava em seu relógio.

Então apertou-a entre os dedos, e vi a veia maior do dorso saltar entre as manchas marrons de sua pele. Fez o relógio vibrar em sua mão, igual a um

jogador que sacudisse os dados, e finalmente ofereceu-o para mim, enquanto olhava o desfile de formigas na grama.

— Vou morrer e não quero que aconteça nenhuma disputa com Jovana sobre quem vai ficar com o relógio. A partir deste exato instante, ele é seu. Precisamente quando são — e olhou as horas com displicência — cinco da tarde e sete minutos.

Não sei se naquela altura da minha vida os ponteiros daquela máquina infalível me impressionavam tanto como impressionavam o velho, nem se o desenho do Empire State Building que percorriam com inesgotável tenacidade me diziam naquele minuto alguma coisa sobre o meu futuro.

Às vezes havia marcado com os pés o ritmo do ponteiro dos segundos, montada sobre seus joelhos enquanto ele lia as informações financeiras no El Mercúrio. Em outras ocasiões o levantava com esforço quando ele o colocava em cima da mesa, enquanto tomava aquele café espremido a máquina que comprava nas manhãs de sábado em Gath & Chávez, uma loja com cheiro de bacalhau norueguês seco.

Naquele dia gostei de sentir que o relógio esfriava meus dedos com seu metal gelado, e que podia segurá-lo sem que minha mão afundasse.

"Cresci", pensei, "mas nunca ficarei velha como meu avô.

Terei, no máximo, a idade de Katherine Hepburn em Uma aventura na África." Em todo caso, nunca beijaria os lábios de alguém como Charlie Allnut. Humphrey Bogart não era meu tipo.

A alegria de ser dona do relógio não foi tão intensa como meu avô pensava, ou como eu alguma vez havia imaginado.

Em primeiro lugar, porque sempre tive a sensação de que o avô era meu, e de que, junto com ele, todas as suas coisas me pertenciam.

Uma segunda reflexão paralisava qualquer euforia: se o velho ia morrer, introduziria em minha existência mais incertezas do que eu poderia suportar. Levaria para a tumba um silêncio obstinado sobre as minhas origens. A única coisa que eu sabia é que quando a guerra começou e inflamou a Europa inteira e os nazistas chegaram a Gema, eu tinha um babador com meu nome: Alia Emar.

Mas eu não me chamava Alia Emar. Minha avó, sim, se chamava Alia Emar. Na guerra acontecem tantas coisas que as pessoas perdem a vida e os nomes. Além disso, os emigrantes de Gema são pessoas muito imaginativas e exageram as poucas coisas que acontecem com elas porque na verdade nunca acontece nada, a não ser quando alguém as mata. E nesses casos, ninguém vive para contar como foi.

Aos onze anos eu sabia as mesmas coisas que repetiria aos trinta, ou seja, que quando as tropas nazistas invadiram Gema o padre Pregel decidiu que

nossa família não poderia ser pulverizada de novo, e sem consultar meu pai, que já se havia deixado recrutar com entusiasmo pela resistência para lutar contra os alemães, nem minha mãe, que tinha ido atrás dele para a frente de batalha com um cantil e um tapete persa, me colocou numa cesta com o seguinte endereço: "Esteban Coppeta, Santiago, Chile." No dorso do cartão havia acrescentado: "É com você mesmo, babaca." O berço no qual dizem que me transportou um trombonista através dos oceanos estava acolchoado com um cobertorzinho rosado, sobre o qual alguém havia bordado umas margaridas brancas. Esteban pregou-o na parede diante da cabeceira de sua cama, como se fosse o quadro de algum artista famoso. Sem pestanejar, me assumiu como sua neta, embora até hoje eu não possa assegurar que ele não tenha tido lá suas dúvidas.

Alguns malícios dizem que ele se emocionou e que me beijou na bunda e nas faces ao me receber, e outros dizem que ele ficou de mau humor e olhou com desconfiança o jeito com que Pavlovic me dava a mamadeira com leite de cabra. Quando aprendi a falar, ouvi que alguns, franzindo os lábios, me chamavam de A Austríaca.

— Por que me chamam disso, vovô? — São uns ignorantes.

Os malícios queriam que Esteban se casasse, — Casamento é coisa séria.

— Com esses tremendos olhos o senhor se nega a olhar as mocinhas, senhor Tebi? O senhor vai sentir que suas pernas estão falhando no inverno, e além disso vai precisar de cuidados quando o mal de Parkinson chegar... Eu insisto em dizer que sua netinha vai precisar de uma avó.

— As coisas estão do jeito que estão. Não vale a pena bulir com elas.

Perguntei a ele, enquanto jogávamos lenha e papel de jornal na lareira, por que minha avó nunca tinha vindo para se juntar a ele.

— De vergonha—respondeu.

Na época, não entendi. E nem assimilei todo o horror daquele domingo com o qual decidi começar minha história. O anúncio da sua ausência havia congelado meus ossos, mas entre os imigrantes o costume é dissimular. Olhar de viés.

Vovô Tebi sempre tinha estado em minha vida, nas reprimendas por causa das minhas notas baixas ou no auxílio às minhas incompetências em geografia e matemática.

Jovana servia o café da manhã com torradas e manteiga, e lá estava ele olhando fixo o raio de sol sobre os talheres. Era inverno e chovia, e lá chegava ele curvado para proteger um canudinho de amêndoas quentes enfiado em um sobretudo azul que se estendia até quase os saltos de seus mocassins, enquanto um torvelinho de folhas secas circundava a sua cintura.

E quando chegava a hora da aula de geografia, ninguém melhor do que eu para acertar os estreitos do mar do Norte quase que sem olhar no mapa. Ele me fazia repetir com prazer o Kattegat, o Sharkerrak, a Westküste de Jütland.

De vez em quando, no espanto de meus pesadelos frequentes ("Que menininha tão nervosa!", dizia a doutora sujeitando com violência minha mandíbula para examinar minha amidalite purulenta), me emprestava sua mão morna e ossuda, sussurrando para mim: "Está tudo bem. Fique tranquila, está tudo bem. Vovô está aqui. Foi só um sonho ruim. Só um sonho ruim." Mas naquele domingo meu avô estava ali na praça, sério e silencioso, e eu não queria ouvi-lo justamente para que seus presságios não tomassem corpo. Quando a morte chegasse, eu saberia o que fazer. Improvisaria alguma coisa. Mas naquele instante eu tinha treze anos e estava medularmente viva, e meu estar viva no planeta consistia, em primeiro lugar, em estar viva com meu avô.

No outro extremo da praça, onde os sapos coaxavam e as abelhas zumbiam, minha turma tinha se reunido para lamber os pikichukis, robustos copos de sorvete sustentados por casquinhas crocantes, bem ao dente, compradas na confeitaria Gino. Estariam agora comentando os incidentes do filme que tínhamos acabado de ver, e o leite com corantes do sorvete jorraria em suas camisas e nas blusas brancas domingueiras, ou melariam suas coxas gorduchas.

Agora, os meninos e meninas do bairro iriam decidir qual cena do filme representaríamos debaixo das árvores. Quem ficaria com o papel da heroína, e em que parte do corpo o galã aplicaria o beijo do happy end. Alguém assumiria, na minha ausência, o papel de vítima num suplício chinês de Fu Man Chú, e

outro seria um Super Homem salvador, talvez Martin Echaurren, que era míope até o fim e usava os mesmos óculos de Clark Kent, e qualquer uma teria que fazer o papel da Mulher Aranha e arrastar-se em oito patas pela grama, e outros teriam que pintar em seus próprios rostos o olho zarolho dos piratas.

O contundente Marcos Jeria e suas bochechas bochechudas, dignas de um soprador de fagote, me chamavam com o dedo indicador transformado num grande gancho, enquanto meu avô continuava calado de modo tão intenso que me atordoava no suspense de alguma revelação que parecia estar chegando mas não saía nunca.

Compreendi desesperadamente a transcendência daquela austeridade toda: ele tinha vindo me buscar no cinema para anunciar oficialmente que ia morrer, e para confirmar, acabava de me dar de presente seu relógio Empire State Building, que poderia perfeitamente ser descrito como sendo seu segundo coração.

— Vovô, eles estão me esperando — sussurrei tímida.

— Estou vendo.

Pôs o polegar no bolso do colete.

— Por favor.

— Sabe por que guardei durante tanto tempo este relógio, e jamais comprei um desses modernos, de pulseira? — Acho que para ver melhor as horas — comentei de forma trivial.

— As horas não têm a menor importância. A gente sempre chega tarde ao que realmente tem importância. Guardei esse relógio só por causa do Empire State Building.

— O edifício mais alto do mundo — acrescentei, sem alegria.

— O que vou dizer para você agora eu nunca disse a ninguém. Faz muitas décadas, dois irmãos zarparam de Gênova...

Dei um salto, fiquei de pé na frente dele, amarrei vigorosamente o rabo-de-cavalo com um elástico.

— Vovô, eu sei que o senhor vai morrer, mas meus amigos estão me esperando.

— Você vai ficar sem saber. Nunca mais vou contar nada.

Não acredito nesses recados dos espíritos ou do além. De mim, nem uma única palavra. Nem pense numa cena igual a que o pai fez com Hamlet. Quanto você tirou em inglês? — Dez, como sempre. Sou a melhor da classe. "A europeia." Dez em francês, dez em inglês.

— Você nunca se perguntou por que escolhi um colégio inglês? — Vovô, o tal segredo você já me contou umas cem vezes: é que se tivesse ficado em Nova York com seu irmão agora estaria milionário, em vez de estar adubando

com o próprio cocô os campos chilenos. Mas seu irmão se afogou.

— Reino conseguia nadar de uma ilha a outra em Costa de Malícia sem precisar fazer nenhuma pausa. Você por acaso sabe quanto demora, hoje em dia, um barco a motor para fazer esse mesmo trajeto? — E como é que eu vou saber! — Duas horas.

— Muito bem. E daí? — E daí que se eu tivesse saltado ao mar estaria milionário, e não deixaria para você a porcaria de um relógio como única herança.

Toquei sua mão fria, apesar de a praça estar fervendo com um sol de praia. Havia curvado o pescoço sobre o ombro direito, e uma trabalhosa lágrima deslizou pela sua face até saltar sobre a manga do terno negro. Acariciei seu queixo com ternura, coloquei de volta sobre sua cabeça de ave desplumada o elegante chapéu Stetson e beijei com unção sua testa.

— Vá para Nova York, minha pequena. Aqui não acontece nada nunca.

— Está bem, vovô.

— Todas as bússolas apontam para os Estados Unidos.

— E para o Empire State Building.

Levantei-me limpando a ponta do sapato cheio de terra sobre a perna direita e por um instante fiquei metida naquele silêncio sem brisas nem sons. Graças a algum conjuro de algum mistério os pássaros haviam se calado, nenhum cão latia, nem os trolleybus bufavam ao frear no sinal de trânsito. O relógio da igreja, atrasado como sempre, deu as quatro badaladas.

— A vida, meu amorzinho, é outra coisa, não é esta...

Naquele momento eu não sabia, mas hoje sim posso entender. Esteban procurou, com um trejeito nos lábios e o olhar turvo, um jeito eufemístico de dizer "merda".

Com um gesto, estimulei-o a prosseguir.

— ... esta sinopse de um filme que nunca vai passar em cinema algum.

Era uma idade na qual eu não conhecia a palavra "metáfora" nem a palavra "intuição". Um tempo em que nem imaginava que algum dia fosse escrever livros. Mas apesar disso senti que aquela metáfora caía feito uma luva, e tive a intuição de que o conselho do meu avô era uma profecia.

Esteban agonizou toda a tarde de sábado, com mais estertores e gemidos dos que corresponderiam ao seu caráter discreto. A morte o apanhou e deu-lhe voltas, tombou-o do jeito que quis. De vez em quando o médico saía do quarto para tomar café e ficava na sala de jantar folheando o álbum de retratos da família.

Aquela coleção tinha sido trazida pelo trombonista, como uma espécie de sossega-leão, quando chegou à casa de Antofagasta, vindo lá do porto com o instrumento, uma canastra em cujo interior havia uma muda de roupa, e mais as fotos de Alia Emar e Esteban Coppeta.

O velório estava sortido de amigos que meu avô tinha feito e desfeito de sua vida sem que percebêssemos: comerciantes malícios, jogadores de pôquer, alfaiates, um gerente da companhia de telefone. Tinham vindo da parte alta de Santiago, dos confins de Los Leones, com seus filhos e netos, entre eles meninos e meninas da minha idade, enfiados em camisas branquíssimas, gravatas cinza ou negras, os cabelos impecavelmente penteados, as tranças atadas com rigor militar.

Eram muito diferentes entre eles, mas todos arriscavam espiar as sombras do nosso casarão numa espécie de cite, uma vila, uma rua sem saída. Os ricos já tinham fugido para a cordilheira e nós, pobres, tínhamos ficado na parte plana da cidade desenhando sonhos em guardanapos de papel e cortando rabos de Lagartixa na praça.

Mortos de tédio, os meninos ricos sopravam dentro das garrafas de Coca-Cola com seus canudinhos de palha produzindo um borbulhar estúpido, enquanto o rádio do vizinho transmitia uma partida de futebol que estava sendo disputada no estádio Santa Laura. Os meninos tinham sido proibidos de brincar do que quer que fosse, mas um garoto bochechudo e pálido fazia uma bola rodar debaixo da mesa fúnebre, e, colocando as mãos em concha sobre a boca, simulava o som de dez mil pessoas aclamando um gol. Seus pais apareciam para ralar com ele, e me feriam com um sorriso terno antes de tornar aos seus cochichos no dormitório de mamãe, às vezes passando o dorso de seus dedos pelo meu rosto.

Quando o médico concluiu que atentava contra a ética profissional ao deixar meu avô tão sozinho e abandonado com suas queixas, tornou a entrar no quarto esgrimindo uma seringa com morfina. Eu peguei o álbum e olhei as imagens de um tempo no qual havíamos sido tão diferentes.

Tirar retrato era, então, uma cerimônia especial. Nos meus, eu tentava mostrar-me mais como uma menina rude do que como uma menininha loura. Punha as mãos na cintura, de forma viril, levantava uma sobrancelha com sinais de desprezo, não sorria quando os outros mostravam cem dentes por pose, e mais do que olhar a câmara tentava fazer com que a lente me perseguisse, pois da mesma forma que meu avô com seus olhos azuis, meus olhos castanhos estavam buscando alguma coisa lá dentro, e não no passarinho de cartolina esgrimido pelo fotógrafo.

Eram imagens solenes, embora em algumas faltassem os pés, em outras as cadeiras, e em alguns casos os olhos, a fronte, a cabeleira. Os adornos tinham sido colocados para não mostrar pobreza, a pose fingia uma classe da qual carecíamos, a atitude era altiva e solene, e os penteados das mulheres e dos senhores eram mantidos incólumes, à força de muita brilhantina barata.

Mergulhei nos daguerreótipos finais, aqueles que continham fulgores de intranscendência na vida de Esteban antes que ele abandonasse a Europa. Só num deles Esteban estava ao lado de Alia Emar, e era um instantâneo que os pegara de surpresa, onde os olhos de ambos pareciam assustados por alguma coisa que havia atrás ou além da câmara.

Todo mundo havia me contado pedaços daquela espécie de idílio, e não era possível cavoucar naquele papel sépia sem completar a direção de seus olhares com o destino que agora conhecíamos, embora fosse uma torpe distorção de um instante talvez feliz. A cortante despedida que arrojou Alia Emar ao nada e à lenda, e atirou Esteban a um deserto de centavos e esperanças inúteis.

Ao redor do casal, a casa de pedra do bisavô entre barris e vinhedos. Em outro retrato ela está de frente e ele, de costas, observa no cais dois vapores com bandeiras indecifráveis. Minha favorita era uma com o time inteiro de basquete, onde ele olha com humor para o alto, muito mais para o alto do que seria necessário, para o rosto de Rolando Comprido, que mostra a bola com a autoridade de alguém que é capaz de encestar o suficiente para levar a Copa do Mundo.

E depois vinha aquela com minha bisavó coroadada por um coque rígido, aferrada tenaz ao braço de seu esposo, um homem com as pernas arqueadas e a gravata surpreendentemente torta.

E por último, solta dentro do álbum, uma imagem em cujo reverso alguém havia escrito com tinta muito diluída "família completa"; todos de frente para a câmara, com caras de poucos amigos, e ao lado uma perna de vitela sendo assada na grelha. Vi meu avô, meu bisavô, minha bisavó e um cachorro tão formal como todos eles, quase pondo o focinho de perfil para a câmara. Mas em nenhuma parte, nem mesmo mutilado de cabeça ou de esqueleto, aparecia meu

tio avô Reino Coppeta.

A morte andava dando mordidas pela casa inteira, e um estremecimento me disse que aquele retrato era muito estranho.

Por que o avô teria escrito no reverso "família completa", e em vez de seu irmão mais velho havia colocado um cachorro cujo apelido era Birger? Teria Reino se ausentado por causa de algumas de suas proezas de natação? Estaria prescrito por não querer a sopa de legumes? Por ter-se negado a abanar o carvão da grelha, fazendo vento? Tudo era plausível, mas por que a expressão "família completa" escrita com letra especialmente pomposa e quase vingativa? Decidi não deixar meu avô partir sem perguntar isso, e avancei com a fotografia até o quarto de onde ele mesmo havia me expulsado meia hora antes. No umbral do dormitório encontrei Jovana, que em vez de impedir a minha enteada mandou todo mundo sair e fez um gesto indicando que eu seguisse em frente.

— Seu avô quer falar com você — disse ela.

— É que ele não é meu avô, verdade? É isso que ele quer me dizer? — É seu avô sim, Magdalena. Todo o resto é apenas um detalhe absolutamente prescindível. Não importa o que ele disser, você deve ficar calada e acatar tudo.

— Não vou fazer nada disso.

— Se você incomodar seu avô antes de seu último suspiro vou rapar sua cabeleira e proibir você de ir ao cinema.

— Você está falando isso porque tem medo.

Nos abraçamos no umbral e ela começou a chorar numa repentina intimidade com queixumes de incompreensão e cólera.

Avancei até o leito de meu avô e pus minha mão em seu coração para ver se ainda batia.

— Estou vivo — disse ele com voz estrangulada.

Apoiei meus lábios em seu peito nu e deixei-os ali, soprando a minha força.

— Você queria falar comigo, vovô? — Você queria falar comigo.

Pensei na foto que continuava na minha mão e deixei-a cair sem comentário algum.

— Você, primeiro.

— Não dá mais tempo.

Pôs a mão em minha nuca e, fechando os olhos, disse em segredo: — Quatro badaladas.

— Está bem, vovô.

— Nova York. Reino Coppeta.

— Quem é ele? — O que está faltando no retrato.

— Está bem.

— Você precisa de alguma coisa? Alguma coisa que eu possa fazer? — Não morra, vovô.

— Continuar vivo não depende de mim. Nunca tente fazer coisas que não dependam de você.

— Eu sou diferente. Não vou poder obedecer a essa ordem...

— Sou seu avô, não sou? Antes que sua boca ficasse abruptamente aberta num trejeito, eu gritei com tamanha força que primeiro apareceu mamãe e atrás dela todos os parentes improvisados. O médico abriu caminho, e num piscar de olhos constatou a morte. Não quis ouvi-lo dizendo "descanse em paz" ou qualquer besteira semelhante.

Corri até o banheiro, passei a tranca, levantei a tampa da privada de repente e desandei a fazer litros e litros de xixi sem nem tentar controlar meus uivos.

O enterro foi no dia seguinte. Antes que os funcionários da funerária carregassem o ataúde para o enorme carro negro que o levaria ao cemitério, mamãe ergueu a tampa, olhando para mim como quem pergunta se eu queria me despedir do velho. A única janela do quarto estava com a cortina aberta e o contraste entre aquele oceano de luz domingueira e a palidez de vovô me fez tremer.

Os raios de sol não dissipavam o cheiro acre da morte que já tinha se impregnado no papel de parede do quarto e até mesmo na tela do cesto que tinha sido meu berço.

Jovana queria que eu lhe desse um beijo curto e enérgico, mas diante daquelas pálpebras acentuadas pelas sobrancelhas espessas, que teriam combinado melhor com um homem rude, senti uma vertigem de compaixão, e apertei meu rosto contra o dele. Ela quis me afastar mas rejeitei-a com um tapa, e então não teve outra saída a não ser oferecer "um cafezinho" aos rapagões das pompas fúnebres.

Uma espécie de suspiro profundo me acalmava e me proibia de chorar. Na época, eu não conhecia as palavras para descrever exatamente esse suspiro. Mas agora sei dizer que o que eu sentia dentro de mim era o grande nada: a presença de uma distância que fere todas as coisas quando falta o sentido e o fundamento.

Partimos da casa da vila, na cite, como se dizia na Santiago daqueles tempos, debaixo de um sol africano que patinava pelos antigos trajes de luto daqueles conhecidos que tinham vindo ao enterro com seus netos sacrificando o descanso do domingo. Os raios de luz atravessavam o breve véu negro que cobria o rosto de minha mãe do chapéu aos olhos, e levantavam uma poeirinha que a fazia lacrimejar.

A carruagem fúnebre era puxada por dois cavalos cor de azeviche, galhardos, apropriados para aquele ofício, e atrás vinha o táxi onde viajávamos Jovana e eu. Assim, sozinhas, evitávamos as conversas sobre o morto, sussurradas a vovô pelos poucos fiéis com a rotina de longos enterros que os haviam ensinado a mover, como beatas, os lábios franzidos.

Com expressão amarga, nos seguiam de automóvel aqueles que eu chamava de cordilheirenses: os faustosos do bairro alto que eram donos de lojas ou banqueiros.

E então, a meio quarteirão de casa, ao cruzar a esquina da rua Cathedral

com a praça Brasil, vi em cima da marquise do cine Alcázar o maior cartaz de propaganda do mundo: um carbonífero gorila segurava entre suas garras uma loura minúscula que dava chutes tentando soltar-se, enquanto uma multidão urbana com os olhos saltados de terror fugia do epicentro deixando a bela totalmente à mercê do monstro.

Num segundo, meu coração deu uma cambalhota: o gorila segurava-se com a garra livre na torre do Empire State Building.

Pus a cabeça para fora da janela do automóvel e com uma potente proeza da minha atenção retive todas as linhas que derramavam sangue sobre o fundo amarelo ao redor da fera: "Fay Wray, Rob Armstrong e Bruce Cabot.

Uma produção de David O. Selznick." E acima da cabeçona peluda rugiam ainda três palavras que me fizeram mergulhar no dicionário naquela mesma noite: Breathtaking, Staggering, Powerful.

— Vão passar King Kong! — gritei a Jovana, totalmente fora de mim.

— E daí?

— Até que enfim vou poder ver esse filme. Antes eu era pequena demais para poder entrar.

— Não seja idiota. É preciso ser masoquista para pagar só para sentir medo.

Em vez de responder a ela, tirei de minha bolsinha o soberbo e volumoso relógio de prata Empire State Building e anunciei, formal e precisa: — São onze e cinco.

— Ninguém perguntou as horas.

— A matinê começa às duas.

Jovana torceu violentamente o pescoço na minha direção, e erguendo a renda do véu que cobria suas pálpebras começou a me congelar com os olhos.

— A senhorita não está pensando em ir ver filme de macaco no dia em que seu avô está sendo enterrado, não é?

Ergui o rosto e enfrentei sua carranca autoritária: — Meu avô daria voltas no túmulo se soubesse que não fui ver o filme do gorila em cima do Empire State Building.

— O maior edifício do mundo — caçoou ela, ajeitando o chapeuzinho de feltro.

Nada nem ninguém iria me impedir de ir ver King Kong naquela mesma tarde no cine Alcázar.

Ia rezar para o gorila pela eternidade da alma de meu avô.

Se todos aqueles carolas queriam meu silêncio fúnebre e ridiculamente contrito, que viessem então os guardas e os bombeiros para me arrancar do cinema. Que atravessassem com os fachos de luz de suas lanternas a pegajosa

escuridão erótica no meio das poltronas, procurando a criminosa.

Eu organizaria minha quadrilha de meninos barulhentos chutando a parte de trás das poltronas para impedir que os guardas se infiltrassem pelas fileiras cobertas de saias e calças curtas.

Nas últimas fileiras, os sabujos da lei receberiam as queixas dos galãs engomadinhos do ginásio, que por um momento desviariam suas línguas dos pescoços das namoradas e os expulsariam do cinema com as mãos pegajosas de todos os fluxos que tiravam do meio das coxas das moças quando as cutucavam com um dedo por baixo das saias escocesas.

Se Jovana não me desse o dinheiro para a matinê, eu pediria emprestado ao Fagote Jeha, pagando depois o preço que fosse. Roubaria moedas do cofrinho da paróquia, destinadas a reconstruir a igreja queimada em Maipú, lavaria automóveis na saída do hipódromo, rasgaria o colchão de viúvo de meu avô para tirar aquela moeda de ouro que através dos lençóis holandeses consegui apalpar um dia debaixo de seus ossos, trocaria os candelabros de prata com o italiano Gino por um par de pikichukis e entradas suficientes para uma orgia de cinema que durasse o mês inteiro, fugiria da escola, me disfarçaria de homem e navegaria em um barco rumo à Europa, dormiria num hotel parisiense boêmio e faria as gestões necessárias para que meu novo avô fosse Maurice Chevalier.

Se na vida a morte era medíocre, nas telas do cinema era muito mais bela.

No cinema os homens rasgavam fundo a doce terra com pás e picaretas, transpiravam grossas gotas de suor verdadeiro, os empregados das funerárias situavam-se em um semicírculo como num coro solene, o padre, sempre um parente do finado, orava com gesto hierático e o responsório final incluía alguma citação poética que tentava dar sentido à dor de todos os presentes e também à nossa, dos espectadores.

Os parentes vestiam um luto espesso e impecável, e a viúva jogava com dignidade, superando em última instância as vertigens de um desmaio, a flor simples sobre o féretro, antes que caísse a terra final sobre sua madeira lustrada.

No Cemitério Geral de Santiago, porém, os detalhes tinham o selo cinzento da realidade: o caixão era opaco, de madeira barata, os presentes vestiam-se de maneira desalinhada, e aqueles que tinham posto uma gravata negra e brilhante foram murchando com o calor. Os homens folheavam folhetos com os prognósticos das corridas de cavalo ou mergulhavam nos detalhes dos jogos daquela tarde no estádio Santa Laura. As tias cochichavam sobre seus projetos de veraneio, minhas primas metiam os dedos no nariz ou ficavam enrolando os cabelos nos dedos, com monotonia abobalhada, não havia padre, ninguém estava cavando a terra, e os empregados da funerária vieram com manchas de vinho tinto decorando suas lapelas. O caixão desapareceu num galinheiro de cimento, e as flores se derramaram sobre um vizinho cadáver de 1923, com o nome exato de Laura Berrios Gutiérrez.

O que estavam fazendo com Esteban Coppeta era um engodo sem medidas. Por mais que ele tivesse vivido à beira da pobreza e que não tenha tido coragem de saltar com Reino sobre as águas peçonhentas do Atlântico, e embora a fúria dos ventos o tivesse empurrado contra sua vontade para estas paragens distraídas, o velho tinha exercido os detritos de sua vida com dignidade.

Nunca houve nem uma única mácula nos colarinhos de suas camisas domingueiras, alvas e engomadas, o laço da gravata de bolinhas foi sempre largo e de milionário, o lenço de embaixador no bolso superior do paletó, o sorriso sempre leve, e a música de seu rádio Philco era de Bach, Schubert ou Schumann. Jamais Schönberg.

Seus livros eram encadernados em couro, e nunca descobri em nenhum deles uma página dobrada para que a leitura fosse retomada de onde havia

parado. Sempre teve dinheiro para me comprar um sorvete no cinema, embora muitas vezes tenha pedido fiado um maço de cigarros Ópera ao balconista. Vovô era pobre mas não era medíocre. E esse bando de corvos queixosos que nos acompanhavam no enterro me pareceu um caldo de moscas varejeiras zumbindo com suas cabeças sem antenas e suas patas pegajosas sobre o féretro de um rei secreto.

Tive que suprimir a realidade da minha cabeça, filtrando- a com o relato que vovô tinha feito mil vezes de King Kong. Naquele exato instante, o gorila deveria estar escapando das latas de celuloide que o enredavam na saleta de projeção e com passos brutais teria de avançar até o cemitério, demolindo com sapatadas a Casa da Moeda e o Hotel Carrera, fazendo a estação Mapocho virar mingau e a estação La Vega virar espaguete. Eu implorava que ele chegasse asmático até aquela estéril coleção de túmulos, levantasse com duas unhas o grupo hipócrita de chorosos e o desfizesse entre os dedos como se fossem asas de borboleta.

Depois agarraria minhas primas pretensiosas, com suas calcinhas rosadas e seus cachinhos de Betty Grable, e trituraria suas altaneiras colunas vertebrais deixando-as tronchas feito ratazanas corcundas e sonâmbulas.

Só King Kong seria capaz de derreter com uma só lambida os pirulitos de anilina sabor morango que aquelas sirigaitas lambiam, rindo de meus sapatos colegiais, porque Jovana entendia que o domingo não era apenas um dia da semana, mas um ato de graça, para o qual deveríamos nos vestir e celebrar.

Vem correndo, macaquinho, pedia meu coração. Sobre com seu hálito selvático as cinzas dos cadáveres velhos, cubra de névoa este sol horroroso que ri da morte às gargalhadas, cuspa fogo e derreta os defuntos frescos junto com os cervos e os condores da cordilheira, misture os corcéis azeviche com essas horríveis estátuas de mármore suburbano e vulgar, faz com que as coroas fúnebres explodam na direção do céu junto com as pipas dos meninos.

Enquanto o ataúde de meu avô entrava sem graça nem fanfarras num buraco de cimento horizontal, meu coração pedia aos gritos um pouquinho de classe, um humilde pedacinho de graça, uma porcaria e modesta e inesquecível trégua de plena graça.

"Ave Maria", disse o padre que chegou correndo no último minuto e apertou as próprias mãos indicando que era esse o fim do ritual. Não houve fanfarras, nem mesmo um parente filosófico que cuspiisse depreciativo sobre aquele Nada tão perfeito.

Fantástico esse enrosco de Nadas que você acabou fazendo com a sua viagem ao Chile, vovô. Jurei que, com ou sem gorila, eu seria a partir daquele momento alguém absolutamente inclaudicável.

Onde não houvesse vida eu iria imaginá-la com tamanha vontade que em algum momento acabaria virando realidade.

Ainda que depois essa mesma realidade me moesse, me fizesse virar mingau e me devolvesse ao barro e ao estéreo originais. Já que me negavam o mundo, eu sairia para buscá-lo.

Eu finalmente tinha aprendido a lição, vovô: era preciso saltar ao mar com Reino Coppeta.

De volta para casa, Jovana improvisou sanduíches de mortadela e fatiou tomates.

Abriu duas garrafas de coca-cola, e começamos a comer em silêncio. Depois do almoço o tempo prolongou-se enquanto ela limpava migalhas de pão da toalha, e quando a toalha ficou impecável ela continuou espantando pedacinhos imaginários de pão. Pôs um cigarro nos lábios e teve um trabalho danado para conseguir encontrar uma caixa de fósforos.

O relógio da parede deu as horas: uma e quinze, marcada por um gong seco.

O do Empire State Building marcava 1 e 16. Era uma máquina com outro coração e novas urgências.

Naquela hora, os amigos do bairro estariam sendo besuntados de brilhantina pelas suas mãos, que com severos golpes de pente e talentos tácteis estariam transformando cabelos desgrenhados em topetes sólidos.

Minhas amigas, por sua vez, estariam fazendo a mesma coisa que eu: abandonavam a casa absolutamente virginais, como se fossem à missa matutina, mas ao chegar à praça nos sentávamos debaixo da palmeira e pintávamos os lábios para que ficassem fatalíssimos, iguaizinhos aos de Ava Gardner, e estudávamos a maquiagem nos minúsculos espelhos dos estojinhos de madrepérola onde guardávamos o pó de arroz e que tínhamos roubado de nossas respectivas avós.

Depois, recebíamos em nossas bocas pecadoras os beijos dos garotos que tinham nos apalpado nas poltronas do cinema. Às vezes oscilávamos entre os dois vizinhos, e em certas ocasiões fugíamos da fileira e da poltrona, dependendo de onde Fagote Jeria estivesse sentado, pois ele era tão gorducho quanto assanhado.

Todo mundo estaria em brasa, celebrando a véspera de *King Kong*, e só eu no mundo inteiro e em seus arredores tinha de suportar o fardo do luto, fustigada por uma angústia que se fazia mais e mais briosa conforme avançavam os ponteiros de todos os relógios da casa. Quando Jovana aproximou sua cadeira e pôs minha cabeça em seu ombro, para assestar-me um longo e desolado beijo em minha testa, entendi que era o momento do ataque:

— Jovana — e produzi uma ternura de órfã que supus imbatível —, preciso da minha semana para ir ao cinema, pode ser?

— Hoje não, meu bem. Temos que fazer um gesto pelo vovô.

— Não entendo por que esse gesto tem de ser justamente não ir ao cinema.

— É sempre assim. A gente não sai para se divertir quando morre alguém amado. Os dias da Semana Santa, por exemplo. Você viu como as rádios só tocam música clássica? É preciso aprender desde pequenina a sentir o peso da morte.

Afastei minha cabeça e fui me jogar na cama, afundando o rosto no travesseiro e dando pontapés no colchão até sentir câimbra na perna. Após alguns minutos eternos ela veio até onde eu estava esfregando as mãos no avental, um gesto que fazia sempre que ficava transcendente.

— Acho que você já é uma menina grande, uma juvenzinha com responsabilidades. Você precisa de espaço para as suas coisas, seus brinquedos, suas amigas. Um lugar onde possa ler tranquila e fazer suas tarefas em paz. Um espaço que seja seu e de mais ninguém. Enfim, decidi dar para você o quarto que era do avô. Pode tirar de lá tudo que quiser, e ficar com tudo que quiser.

— Já sei. O que você está querendo é ficar sozinha com o nosso quarto para poder trazer algum fulano.

Jovana esfregou as mãos para se acalmar, mas não conseguiu se impedir de me dar uma bofetada.

— Quero a motocicleta — falei enquanto acariciava a face.

— Faz dez anos que ninguém usa essa moto. Seu avô a abandonou num canto desde que começou a sofrer com a artrose.

— Seja como for, eu quero a moto.

— Nem funciona. E mesmo que funcionasse, eu jamais deixaria você aprender a andar de moto.

— Vou usar o capacete.

— Essa moto está mais enferrujada que a memória do seu avô! Ele não se lembrava de mais nada!

— Pois eu sei de coisas que você nem imagina.

— Você é muito arrogante, isso sim. O que ele poderia ter dito que eu não saiba?

— Ele me contou a história do Torpedo Sánchez.

— Ele jamais contou essa história a quem quer que fosse.

— Nem para você?

— Nem para mim.

— Quer ouvir?

— Para mim, não faz diferença — e Jovana fez cara de choro.

É que para ela fazia, e muito.

Fui até o manequim masculino, um bonecão desengonçado que meu avô manteve como enfeite durante anos, ao lado de meu cesto-berço. O boneco vestia um roupão de seda vermelha, tinha os punhos adiantados, como em posição de defesa, e no meio de um círculo branco em suas costas lia-se "Torpedo Sánchez".

Uma vez, fazia quase dois anos, perguntei a ele pela origem daquele monumento, e a reação foi um mau humor que durou uma semana, o que me levou a não tornar a insistir no assunto.

Algumas noites, quando eu sonhava com Tyrone Power depois do cinema, dava um beijo com abundante batom na boca impávida do manequim. Mas entre o domingo da anunciação e a noite de sua morte, Tebi recuperou diálogos suspensos. Molhando a broa com manteiga no café com leite, e produzindo aqueles pequenos círculos de gordura que tanto o encantavam, ele me falou enquanto eu repassava o texto para o ditado de espanhol. — E sobre aquilo que você me perguntou sobre o Torpedo Sánchez — disparou sem nenhum prólogo —, dizem que eu tenho olhos azuis muito especiais.

— Todo mundo diz, vovô.

— As meninas queriam ficar comigo só por causa do meu olhar. Mas eu não sabia o que falar com elas.

— Por que não? — Eu escrevia noite afora em um caderno, mas de dia as palavras sumiam de mim.

— Você nunca pensou num encontro noturno? — As meninas davam risada do meu jeito de falar. Por causa do maldito erre malício, entende? Os erres de vovô, na verdade, pareciam patinação no gelo. Vinham suaves do fundo do céu da boca e se arrastavam entre as vogais intermináveis. Devia mesmo ser bem difícil se apaixonarrrrrporrrr alguém com aqueles erres tão terrrrivelmente horrrrorrosos.

— E o que tem o erre a ver com o Torpedo Sánchez?

— É que a praça Colón de Antofagasta era um covil de provocadores. Conforme eles me viam daquele jeito, magro e mudo, me pegavam para judas de suas babaquices.

Quando eu me aproximava de alguma menina, jogavam cascas de amendoim na minha cara, e uma vez enfiaram um copinho de sorvete pelo colarinho, na parte de trás da minha camisa.

— Seu irmão Reino teria acabado com eles.

— Garanto a você: é cem por cento certo que meu irmão Reino matava todos eles. — E o que tem o copinho de sorvete a ver com o Torpedo Sánchez? — Na rua Uribe, perto do Liceu de Rapazes, havia um pequeno ginásio, administrado por Mario Sánchez, um boxeador profissional que tinha sido campeão da América no século passado. Era chamado de Torpedo por dois motivos: o vigor da sua esquerda demolidora nos dias de glória, e pela velocidade com que mergulhava no vinho quando os anos o baixaram do pedestal.

"Eu me matriculei, era o único aluno de seu ringue, e depois de três dias ele me prometeu fama imensa e fulgor nos quadriláteros. Claro que eu não queria virar profissional.

Tudo que pretendia era arrebentar um dente, nem que fosse um só, daqueles marginais da praça.

— Esteban — Torpedo me disse —, a fama não pode encontrar você desprevenido e esfarrapado. Vou fazer uma homenagem a você, fazendo o favor de vender-lhe meu roupão de campeão.

Vi que Jovana olhava com desconfiança para aquele roupão desbotado pelos anos e pelo mistério que o havia convertido num trapo indecifrável.

— Todas as noites ele foi meu sparring no ringue, me fez ficar horas dando socos num saco de areia até meus ossos quebradiços tomarem o volume do cimento, e para afinar minha cintura me fazia passar noites e noites dando uppercuts num saco de couro. Depois, me ensinou a me proteger desviando o rosto, como se um rival invisível tentasse me acertar. "Depois de um mês no ginásio, fui jogar miolinho de pão ao pavão real da praça, e me expus intencionalmente aos olhos dos marginaizinhos e das meninas. Um gigante soltou-se do grupo, veio até onde eu estava, agarrou-me pelos fundilhos e me atirou de cabeça ao lado da ave. Depois de erguer os dois braços como aqueles gladiadores vitoriosos, ainda deu chutes no chão, espalhando poeira na minha cara.

"Eu me levantei, tranquilo, me recompus, profissional, tal como Sánchez tinha me ensinado. Soprei o pó do paletó, levantei as calças até o ponto exato na cintura, e fui devagar até o grandalhão, olhando-o nos olhos. Ele sorria irônico, e debaixo de seu lábio superior brilhava um dente de ouro. Torpedo tinha me ensinado: Num rival alto, solte porrada no fígado. Mas nada amistoso: porrada para moer o fígado logo de cara, e depois a gente conversa. E eu, então, soltei a porrada.' Nada amistosa.

— Nada amistosa.

Jovana interveio tapando a minha boca. Estava furiosa porque vovô não tinha contado essa história para ela.

— De acordo com meu avô — consegui me soltar —, antes que a ambulância chegasse o grandalhão ficou um minuto "cl clinicamente morto".

Aquela expressão me fascinava, e durante anos usei e abusei dela para aborrecer meu avô, quando ele se concentrava nas radionovelas e não prestava atenção nas minhas perguntas.

"Você está clinicamente morto", eu gritava antes de escapulir para baixo da cama, para evitar que ele me puxasse as orelhas. Não havia nada que irritasse mais Esteban do que aquele minuto fatal (cuspia as sílabas de fatal como se fossem balas), porque significou para ele uma noite passada na cadeia, uma assustadora denúncia ao promotor por "quase homicídio" e um requerimento à justiça malícia de Gema, para ver se não havia registros de antecedentes penais cometidos por ele.

Porém, após as massagens cardíacas, os asquerosos exercícios respiratórios boca a boca sobre o resto de seus lábios fanfarrões, e as inalações profundas de amoníacos vivificantes que cumpriram com suas tarefas samaritanas no hospital, o gigante, agradecido a uma virgem que levava como escapulário sobre o peito cabeludo, decidiu converter-se ao bem e andou à procura do malício nocauteador, contra quem não só retirou todas as queixas que teriam levado a um processo que culminaria com sua expulsão do Chile, rumo a Costa de Malícia, em plena guerra mundial, como também decidiu oferecer-lhe, por uma módica tarifa mensal, proteção para seus passeios dominicais.

Vovô aceitou todas essas ofertas com humildade, e matematicamente convencido de que os serviços profissionais do nocauteador nocauteado custavam um terço do que as lições que recebia de Torpedo Sánchez, abandonou o ginásio e deixou que a admiração sobre sua façanha se multiplicasse miticamente em seus passeios dominicais.

Tanto fez que certa noite tardia uma certa morena infinita, de boca larga, olhos instáveis e coxas calcinantes (textual do jornalista Pavlovic) soube puxar conversa com ele.

Fez-se convidar por Esteban para a sessão noturna do cinema, e na saída Esteban proclamou uma "amizade" entre eles mas sem compromisso de parte a parte, já que ele esperava uma noiva que algum dia chegaria vinda de sua pátria, e a morena aceitou o convênio (também textual da Pavlovic) porque ela tinha "muito, mas muito amor para dar", aludindo à Letra de um bolero que estava furiosamente na moda.

— Ficou com ciúmes, Jovana?

- Menos a moto — disse Jovana, levantando-se.

— Pode ficar com tudo que quiser.

Vamos vender o resto, porque não sei do que viveremos.

— Está bem — disse olhando apavorada o caminhar do relógio —, quero a cama, os lençóis de seda, o cofre de corsário com todas as chaves, o manequim de Torpedo Sánchez e a moto.

— Pode trazer suas coisas para o quarto dele na hora que quiser.

— Depois da matinê.

— Não haverá matinê este domingo.

— Apesar do último desejo de vovô?

— Como é?

— Quando você me pediu que fosse vê-lo antes que o levassem para o caixão, ele sussurrou em meu ouvido: "Meu último desejo é que você vá ao cinema ver King Kong." Jovana apanhou um cinturão de fivela grossa que tinha sido de meu avô e apertou-o, insinuante.

— Quando você chegou perto dele, ele já estava morto.

— Clinicamente morto — corrigi autoritária.

— Por que ele iria dedicar seu último suspiro para recomendar o filme do gorila?

— Pois é justamente isso que tenho que descobrir! Levantei um dedo compulsivo. De alguma forma especial, sentia que toda a curiosidade pelo gorila era algo que ele tinha contado só para mim, e ao ser por mim mantido em segredo, começava a desestabilizá-la. Ela teve o destino de precisar conviver durante anos com um mistério, e naquele momento revelava-se que eu era a única a ter a chave desse mistério após a morte do velho.

— Calculo que não será pelo gorila, e sim pelo Empire State Building.

— O edifício mais alto do mundo — falei.

Tirou uma carteirinha arredondada que sempre levava dentro da bolsa ou no avental, o porta-moedas, e tirou o valor da entrada.

— Tudo bem. Mas enquanto estiver vendo o filme, não se esqueça que você está de luto.

— De acordo.

— Se tiver alguma cena engraçada, não dê risada.

— Não se preocupe com isso. O filme é de medo.

— Está bem.

No relógio de Nova York eram 13h50. No da parede, 13h51.

Depois de comprar canudinhos e amendoins e pintar os lábios debaixo da paineira, fiz minha entrada no cine Alcázar, às 14 horas, bem no instante em que apagavam as luzes. Considerando-se que para sair da minha cama até a bilheteria do cinema, depois de atravessar a praça Brasil inteirinha, fazer fila e me maquiar eu normalmente levava quinze minutos, o recorde que bati naquele dia pode ser considerado um milagre atribuível ao meu avô.

O relógio da praça, sempre fora de hora, deu quatro badaladas coincidindo com o rugido do leão da Metro.

As cinco da tarde, apagando o batom dos lábios e colocando de novo o sedoso lenço de luto no pescoço, as gengivas lambuzadas e exaustas de caramelos e sorvete de baunilha, com os olhos cheios d'água por causa do cortante sol em diagonal e pela fúria habitual de emergir da selva e de Nova York naquela inofensiva praça provinciana, sentei-me com minhas amigas para decidir os papéis que cada uma de nós representaria.

Claro que me interessava muito mais o papel do gorila que o de Fay Wray, mas não via jeito de convencer os meninos de que aquele papel fosse dado a uma mulher.

Seja como for, a partir daquela sessão começou a crescer em mim uma obsessão maliciamente inoculada por Tebi.

No final da lista de créditos do filme, houve um que me atraiu com essa ferocidade que até hoje tenho pelas palavras.

Como *trick assistant unit 2* aparecia em letras brancas o nome de Ray Coppeta. Daí a concluir que aquele tal de Ray Coppeta fosse o Reino Coppeta herói fugitivo da pátria malícia afogado no porto de Nova York e irmão fatal de vovô não requeria mais do que um pestanejar e uma vida de cumplicidade e subentendidos com Esteban.

Certa vez, o longevo Rolando Comprido, ao liquidar uma garrafa de stibowitz, tinha me dito que meu avô não queria falar de Reino porque ele era um criminoso.

— Era um criminoso?— perguntei.

Rolando bateu o fundo da garrafa e sacudiu os ombros com um sorriso, pedindo desculpas pelo fim da história e da bebida.

Minha relação com os Coppeta era (não encontro outra maneira menos contraditória de situá-la) tangencialmente essencial, mas na longa lista de sobrenomes que povoam o mundo, lá em Costa de Malícia não escolheram nenhum para mim.

Sempre fui chamada de Magdalena! ponto.

Sem sobrenome.

Meu pai, guerrilheiro clandestino e talvez finado, minha mãe nas trincheiras para preparar nhoques.

Não podia ser Coppeta, porque os cronistas de Gema em Antofagasta, que não escreviam a história em papiros mas a cuspiam oralmente aos pedaços entre os jogos de pôquer dos sábados no Club Malício, afirmavam com veemência que Esteban não havia tocado em Alia Emar nem mesmo com a

pétala de uma dama.

— Vovô?

— O que é uma pétala e o que é uma dama?— replicou Tebi.

— É uma metáfora, vovô.

— Obrigado. Não sou poeta.

O que importava naquele domingo, porém, era representar nossa versão de *King Kong* na praça Brasil. Não era uma brincadeira pueril, chata e amadorística. Não: todos nós tínhamos mais ou menos doze anos, e éramos condenada- mente fiéis às nossas fantasias. As coincidências eram maiores que as discrepâncias e nisso incluíamos até mesmo o Fagote Jeria.

Ele, quando chegava o momento de representar o papel que tinha recebido, seduzia, pagava, atiçava os rivais olho a olho, emitia gases fedorentíssimos, qualquer coisa, para se impor.

Naquele dia a excitação era tamanha, e tamanho o meu luto, que todos me perdoaram por ter subido na paineira e, emitindo eu mesma o som dos aviões e do trânsito da metrópole, fazendo o papel do gorila antes que os papéis fossem democraticamente distribuídos.

As meninas apalpavam os próprios peitos comprovando até que ponto as tetas tinham crescido naquela semana.

Eu mesma tinha dado minha contribuição: ao redor de meus mamilos levantava-se uma protuberância que o sorveteiro Gino tinha definido como "promissora".

A divisão dos papéis devia ser proporcional. Ninguém era prejudicado com menos de cinco minutos de protagonismo, nem que fosse o papel de varredor do Empire State Building. Dependia de cada prejudicado, por nomeação ou por sorteio, preencher sua insignificância com fantasia, pois esse acabaria sendo o assunto da semana inteira. Uma poeta chilena acabava de escrever: "Todas seríamos rainhas." Nós todos seríamos artistas de cinema.

A realidade era um tédio perfeito. E eu contava apenas com minha força de vontade para alcançar o estrelato.

Meus seios eram umas uvinhas franciscanas em comparação com os pêssegos primaveris das outras meninas.

Mas ninguém mais do que eu sabia em inglês dois terços das canções de Diana Shore, de Peggy Lee, de Perry Como, e a totalidade de *Because of You* de Tonny Bennett. Para minha desgraça, éramos pobres. A RCA tinha lançado o toca-discos automático de 45 rpm, e o hit do ano era O príncipe estudante, onde Mario Lanza cantava Be My Love, e Jovana não tinha nem uma mísera moeda em sua carteira.

Be my love, 'cause nobody else can end this yearning.

Aos treze anos, eu era queimada pela certeza de que jamais teria um amor e que ninguém acalmaria meus padecimentos.

E menos ainda agora, com meu avô debaixo de sete palmos de terra. Meu ministro de Relações Exteriores tinha morrido.

Naquele dia, na praça Brasil, a ferocidade nos ditava que todas as nossas imitações do gorila das telas deviam culminar com um clímax apocalíptico. Todos deviam morrer, menos o casal central da história, e isso só por causa da porcaria do beijo final! O final feliz era exigência unânime das meninas. Eu aprovava aquele método, mas com certo asco, na esperança de algum dia acumular experiência suficiente para beijar Tyrone Power quando ine apertasse a cintura e atraísse até sua boca a minguada massa das minhas ameixas.

Os massacres e as tragédias naturais que imitávamos no cinema, do tipo inundações, terremotos, incêndios, maremotos e ciclones, produziam um efeito catártico em nossas almas, mas um dano irreparável nas blusas e calças, suplício das mãos, e fraturas, pneumonias e hematomas que eram o martírio de nossos médicos. No Chile não havia dinheiro para pagar os doutores, mas todos tínhamos algum "tio" do sindicato que vinha com sua maletinha e suas injeções grátis, e inclusive traziam uns biscoitinhos para acompanhar a xícara magra de chá que oferecíamos.

A encenação era tão bem acabada que tínhamos até mesmo um especialista, Marcos Jena, para tudo que fosse música incidental e efeitos especiais: galopes de cavalos, trombetas nas cargas dos rangers contra os peles-vermelhas, vento arrasador sobre as dunas onde languidesciam múmias ocultas e missionários da Legião Estrangeira, bólidos bombardeiros rompendo a velocidade da luz para pulverizar os nazistas em Hamburgo.

Determinávamos com rigor onde a ação acontecia, quem era cowboy e quem era índio, quem era sheriff quem era o forasteiro mal-encarado, quem era balconista de bar e quem era a rameira, quem seria o pianista Sam em Casablanca e quem seria Bogart, quem seria explorador e quem seria canibal. Para mim, os detalhes eram indiferentes, a não ser quando a encenação se passava em Nova York. Então, era eu quem tinha o privilégio de determinar que no assalto à joalheria Jeria fosse o detetive, os irmãos Silvermann fossem os ladrões, Pedro Pablo Palácios o professor do colégio, e claro, inevitavelmente, que Carmen Luisa Espinoza fosse Betty Simpson.

Betty Simpson era a heroína de todos os nossos filmes e aquela que no fim devia dar o beijo nos triunfadores. Para a cena culminante era preciso pôr camada dupla de batom carmesim, e mover a língua com ritmo erótico de um canto a outro da boca.

Os papéis eram sorteados na base do fósforo quebrado.

Quem tirasse de uma mão fechada o palito mais comprido corria para enfeitar-se atrás da paineira, e o galã agraciado ocultava-se com ela alguns minutos atrás do tronco, lambendo-a a piacere.

Todas as meninas do bairro, menos eu, ansiavam pelo papel de Miss Simpson, e dentro de suas bolsinhas e até mesmo da mochila escolar levavam um cilindro de Revlon extraído dos guardados de suas mães. Aos domingos, pendurávamos esse cilindro numa correntinha logo em cima de nossos seios angulares. O batom, em vez da cruz católica, chegou a ser o símbolo das meninas da nossa quadrilha, quase tão eloquentes como os estilingues que os garotos levavam nos bolsos de trás de suas calças. O ritual dos fósforos caiu em descrédito quando consegui um par de vezes o estrelato, e Ana Maria Leppe, a princesa dos aparelhos de dentes, em três ocasiões consecutivas.

Em compensação, a sorte quase nunca favorecia Carmen Luisa Espinoza, que parecia desenhada para a capa da Playboy. seus lábios se avolumavam com a dilatação calorosa que subia de suas coxas, seus olhos desmaiavam e giravam em êxtase quando a boca dos homens vinha de língua desembainhada para beijá-la, e enquanto introduziam saliva entre seus dentes relampejantes ela própria tocava seus peitos frutais e pétreos.

O duo Espinoza-Simpson enlouquecia os garotos.

Então, a escolha via palito de fósforo foi descartada, e optou-se pelas votações democráticas de maioria simples.

Que eram sempre quatro ou cinco a um em favor de Miss Praça Brasil, Carmen Luisa Espinoza-Betty Simpson. O voto contra era apenas um passo tático que não vulnerava a homogeneidade do grupo, mas apesar disso era um gesto de delicadeza incomparável com o desenfreio sexual que os garotos costumam exibir quando são perfeitamente virgens.

A democracia se consolava com aquele voto dissidente, e as aspirantes a Betty Simpson se esmeravam no batom, nos perfumes e decotes para ganhar um voto a mais no domingo seguinte.

Os outros nomes variavam conforme a inspiração ou a fantasia de cada

um. Embora alguns ganhassem prestígio mais rápido que outros, não tardou muito para que se formasse um repertório de vidas duplas que incluía James Smith, Tony Wilson, Robert Jones e Alan Gold. E eu, justo naquela semana, no exato dia do enterro de meu avô, decidi inaugurar para mim um nome ao qual jurei em meu coração permanecer fiel pelo resto da vida, me dessem o papel que fosse, mendiga ou milionária, rainha ou escrava, astronauta ou mineira, ratazana ou serpente, lavadeira ou puta.

— Qual? — bramou o Gordo Jeria.

Ergui a voz e o rosto, e disse: — Alia Emar Coppeta.

Meu avô tinha morrido e ninguém mais poderia envolvê-lo num possível adultério caso realmente tivesse feito amor com uma moça que tinha esse nome lá na distante ilha de Gema, minha suposta avó violada pelo exército inimigo. E se eu o caluniava exibindo-me como evidência de sua relação ilegal, a capa de terra que o cobria amorteceria o golpe.

E foi naquele exato instante que da escuridão mais profunda que a sombra da paineira ouviu-se de repente a voz rouca de Pedro Pablo Palácios, que desde aquele momento senti que era a outra metade daquele animal sujo e indivisível que seríamos. Era como se tivesse sido mandado diretamente do paraíso por meu avô.

Não que o estivesse vendo pela primeira vez. Mas é que nunca, até aquele momento, percebi que os cachos de seus cabelos castanhos eram tão alvoroçados, que as sobrancelhas ásperas dessem a ele aquele ar adulto, e que seu blusão de couro negro tivesse algo de brutal e delinquente.

— Se podemos escolher um nome para sempre, eu também quero usar um que me dá uma vontade sem fim...

— E qual é? — perguntei, usufruindo a autoridade que a transparência de ter escolhido um nome com o qual minha vida se enchia de sentido tinha me dado. Jamais sentira tamanha excitação. Pela primeira vez quis ser Betty Simpson, para que aquele delinquente do Pedro Pablo Palácios metesse a língua na minha boca.

— É mais curto que o seu, Alia Emar Coppeta, mas muito mais popular.

— E como é que você quer ser chamado?

— Vou ser sincero, companheiros. A partir de hoje, quero que vocês me chamem de New York.

Os garotos e as garotas se entreolharam atônitos, menos eu. PPP, ou seja, Pedro Pablo Palácios, já tinha me chamado pelo meu novo nome e meu coração havia se inchado como um pássaro disposto a levantar voo. Em meu ventre, senti a potência daquele batismo. Se naquele instante ele tivesse me chamado de Bem-te-vi, eu teria começado a levitar, e se fosse Elefanta teria arrancado a paineira

com a tromba. Fez-se um silêncio incomum naquelas idades nossas, e que foi crescendo conforme Betty Simpson perdia força em seu papel e até o rouge de seu rosto se apagava.

— Não é só que um dia vou morar em Nova York — disse Pedro Paulo Palácios passeando a munheca pela boca, como uma rajada de metralhadora —, mas é que eu mesmo serei New York.

Jeria foi o primeiro em impor o bom senso. No Chile, o bom senso é tão comum como a merda.

— Não é possível — determinou.

— Por quê?

— Porque é o nome de uma cidade. Seria como se eu decidisse me chamar de Hong Kong.

— Para mim, dá na mesma — cortou o Grande Silvermann.

— O nome, para mim, não tem nada a ver com a pessoa. Se Jeria se chamasse Hong Kong continuaria sendo gordo, babaca e chato.

Carmen Luisa Espinoza tirou o chiclete da boca, amassou-o entre o polegar e o indicador com sua saliva calcinante, e deu voz a uma coisa que tremia em sua garganta: — Cuidado com essa brincadeira, garotada. Eu sou muito mais Betty Simpson que Carmen Luisa Espinoza.

Com Betty acontece um montão de coisas. Tem diamantes do tamanho do Ritz, estolas de vison, nada numa piscina iluminada por refletores de mil cores, seu namorado a leva para passear em Malibu Beach num conversível vermelho, só tira nota dez em canto e em física, e todos a respeitam por causa de seu bom coração. Em compensação, com Carmen Luisa Espinoza só acontece uma única coisa: ir todos os dias a um colégio chatíssimo vestindo esse uniforme azul asqueroso! Fez uma bolotinha com o chiclete, refrescou-a na água da mangueira, meteu-a na boca, e ao mascá-la sacudiu os ombros: — Se você quiser se chamar New York, tudo bem.

Todos se entreolharam compungidos e inseguros. Aos doze anos, não há nada mais horrorosamente sério que uma brincadeira.

O Pequeno Silvermann mordeu e cortou uma unha, e depois de cuspi-la disse:

— A metade dos nossos filmes é em Nova York. Imaginem ter um New York em Nova York. Fica esquisito.

— Pior ainda se for um filme de gangster — apressou-se o Grande Silvermann. — Imaginou? "Onde está New York?" "Em Chicago." Não dá.

Olhei-os com desprezo enquanto me imaginava roubando no Registro Civil um formulário de carteira de identidade, fazendo-me fotografar na praça e fabricando um documento com meu novo nome. Eu entendia Pedro Pablo

Palácios de maneira tão clara e luminosa que cheguei a achar estranho que não fôssemos uma única pessoa.

Não era amor. Era simplesmente a mais simples e total compreensão. Era como se meu avô, lá de sua tumba, quisesse me dizer "Já que você não tem mais avô, faça de você mesma o seu avô, e se você não tem pai, seja seu próprio pai. As raízes, meu amor, não estão atrás de você, e sim na sua frente".

— Prefiro mudar de amigos a mudar de nome — disse, altivo, PPP.

— Eu também — gritei, erguendo o queixo.

— Olha aqui, não banque a interessante não, porque a gente enfia no rabo o nome que você escolher! — Não se for o nome de Alia Emar Coppeta!

— Essa história de New York é o que está sacaneando a gente — disse o Pequeno Silvermann botando lenha na fogueira.

— É assim tão... tão... snob!

Naquele tempo a palavra snob tinha ficado famosa porque havia um sorvete de casquinha, feito de chocolate e nozes, que simulava um smoking, com gravata-borboleta, e custava o dobro no preço e no sabor que as anilinas que chupávamos na base de três por dia.

O grupo foi deliberar perto da fonte, onde os peixes tinham sido extirpados pelos mendigos e agora só havia umas rãs e uns sapinhos pululantes. Pedro Pablo Palácios e eu nos estendemos na grama, à espera do veredicto. Pusemos uns talinhos de capim entre os dentes e eu levantei um pouco a minha saia, fazendo com que a brisa refrescasse minhas coxas. Ele pôs um par de impressionantes óculos escuros.

Estendeu-me a mão, que segurei. Após alguns minutos vimos que ela se aproximava.

— Venho como representante do grupo.

— Como Carmen Luisa Espinoza ou como Betty Simpson?

— Como Betty Simpson — proclamou, solene.

— O que vocês decidiram?

Passou de ida e de volta o polegar sobre o lábio inferior e em seguida esticou-o, soltando-o de repente com um blop inquietante. Com Carmen Luisa eu não teria dividido nem mesmo um sanduíche de mortadela no primeiro recreio da manhã, aquele em que sentia tanta fome que chegava a morder o lápis, mas com Betty Simpson eu estava disposta a roubar bancos, fazer sapateado em Las Vegas, ir ao espaço sideral raptada por discos voadores, cravar uma adaga no pâncreas de Kirk Douglas...

— Você primeiro — e mudou o peso de uma perna a outra. — É problema seu querer ser chamada de Capeta ou Copeta, porque essa Coppeta é uma ilustre desconhecida.

— Por enquanto — morde as palavras. — O que realmente importa para nós é que você continue inventando nossos roteiros.

Essa parte criativa que me encomendavam em nossos passatempos de representar filmes era apenas um exercício de boa memória. Sem mim, o grupo bem que conseguiria construir cenas com tiros, torpedos, punhaladas, alaridos, fanfarras e violinos, mas não teria aqueles diálogos que eu retinha e retocava. No momento de atuar, aqueles pobres coitados acabariam se dissolvendo numa trilha sonora vulgar.

Por exemplo: na semana anterior tínhamos deglutido um filme de gângsteres em que a mocinha dizia ao pistoleiro na estrada: "Quando estamos indo a lugar nenhum todos os caminhos nos levam a esse lugar." Essa frase me enlouqueceu muito mais do que o previsível massacre final. Disse a frase ao Grande Silvermann, no papel de Robert Mitchum, e permaneci indiferente aos tiros e aos redemoinhos de terra que eles levantavam aos pontapés para reforçar a tremenda dramaticidade da cena.

O próprio Silvermann soprou os dedos que seguravam o revólver imaginário, fez uma trégua em seu êxtase, guardou a arma no coldre e concluiu: "Beautifu!" O recado de Betty Simpson era claro: o grupo reconhecia que as palavras valiam tanto quanto as balas, e que era eu, Cappeta ou Coppeta, quem as lia, recordava ou inventava.

— Seu caso é mais difícil — disse, dirigindo-se a Palácios.

— Mas, como prova de nossa boa vontade, trago uma nova proposta de nome.

PPP ergueu uma sobrancelha.

— E essa proposta seria...

— Um compromisso, é claro — esclareceu Betty Simpson.

— Qual?

— Bem, se você quiser, pode se chamar York New.

Ela avaliou com duas longas piscadelas o impacto de seu texto e depois fez com que uma pausa solene crescesse. E só então, com um sentido de ritmo e de timing abracadabrante, fulminou:

— Mister York New.

Palácios levantou-se atirando o talinho de capim na grama e esfregou o queixo como se raspasse uma barba espinhuda de bucaneiro.

— De hoje em diante meu nome será York New — proclamou.

— E vou quebrar as fuças de quem me chamar como me chamava antes. Podem ir dizer isso aos meus pais.

Após o retorno dos Silvermann executamos nossa versão de King Kong com Alia Emar Coppeta no papel do gorila e Betty Simpson no de Fay Wray. O beijo final, conforme combinação prévia, ocorreu entre York New e Betty Simpson. Lá pelas sete da noite, quando já nos dispersávamos o recém-batizado nova-iorquino me reteve pelo braço e quis que eu o acompanhasse para tomar chocolate com leite e comer croissants.

Fizemos um rodeio tão longo planejando nossa iminente viagem aos Estados Unidos que quando chegamos na casa dele o jantar já estava servido. Os pais do meu amigo puseram outro prato na mesa, e nos limitamos, todos, a dar relaxadas colheradas. De vez em quando o pai e a mãe de York se olhavam de viés, e voltavam suspirando para suas respectivas sopas. Eu cobri os fios de macarrão com queijo parmesão e me comportei, exceto por essa barbaridade e, como uma senhorita de boa família.

O senhor Lorenzo foi o primeiro a terminar o caldo, e então, quase que por acaso, simulou que encontrava um papel no bolso da camisa, tirou-o, leu com o cenho franzido o que estava escrito, e ficou olhando o papel por muito mais tempo do que seria necessário para ler a curta mensagem.

Em seguida estendeu o papel para a mulher, e enquanto ela lia seu Lorenzo atacou a salada com gestos pulcros, e um formigueiro quente me subia pelas pernas e meu coração batia feito bumbo. York New estava completamente branco, quase que transparente de tanta ansiedade. Já não comia, apenas picava os lábios com as pontas dos dentes do garfo.

O pai pigarreou, como se estivesse se preparando para falar, mas alguma coisa fez com que mudasse de ideia e em vez de falar começou a derramar água, sem a menor pressa, primeiro em seu copo, e depois no da mulher. Quando ela foi até a cozinha buscar a panela de lentilhas, o pai limpou os lábios com a parte de cima do guardanapo e disse: — E que tal o filme, York New? Peguei um pãozinho da cesta, parti em duas metades, mordi uma delas com afinco, inflei os pulmões aspirando todo o ar daquela sala, apliquei um de meus pés nos sapatos de York New, para impedir que ele saísse levitando, e ouvi-o dizer com uma voz mais clara que a habitual: — Excelente, papai! Na segunda-feira fui à escola com a gravata de luto e o relógio do meu avô. Seus ponteiros divertidos aliviaram a monotonia da aula de história. Levei além disso um sanduíche de abacate com presunto e um recorte do jornal El Mercurio, com a foto de Fay Wray piscando o olho para a câmara. No recreio preendi com um clipe um recado

anônimo na página do professor de espanhol, um socialista com fiapos de tabaco nos bigodes, que anunciava, até mesmo no meio das leituras de Gonzalo deBerceo, que uma revolução viria para o Chile e iria dependurar os burguesinhos nos postes das ruas. Os burguesinhos, claro, éramos nós.

O texto do meu bilhete anônimo era conciso: "A aluna Magdalena muda oficialmente de nome a partir de hoje.

Favor chamá-la de Alia Emar Coppeta." Anunciei o conteúdo do recado aos meus íntimos, e na hora da chamada nos olhamos com tensão. O Grande Silvermann me espiava com ar debochado lá da outra ponta da sala. Só de pressentir sua alegria caso ocorresse um fracasso, enchi meu coração de vontade para que ninguém torcesse o meu destino, para que jamais pessoa alguma escamoteasse a minha identidade.

O professor fazia a chamada pelos sobrenomes, saltava implacavelmente do A para o B, e dali foi para o C de Coppeta e nada de me chamar, e quando chegou no F soletrou com indiferença Magdalena e sentindo a passagem de suas pupilas debochadas que me afundavam na vergonha, em vez de dizer "presente" não respondi nada.

O professor, sem erguer os olhos, apanhou um lápis vermelho e anotou "ausente" ao lado do meu nome.

Naquele momento pressenti a boca babenta do Grande Silvermann saboreando a minha derrota, a ironia indolente que perfurava seus olhos míopes, e mais tarde a língua agitada divulgando na praça, como sobremesa do crepúsculo, minha humilhação. Mantive a vista no pedaço de céu cobalto que era emoldurado pelas folhas cor de esmeralda da palmeira centenária do pátio. Na saída, York New me esperava, com um sanduíche de queijo e presunto, que partiu no meio. Saímos mastigando sem ânimo algum durante alguns quarteirões.

— Alguém me contou que você se deu mal — disse ele de repente.

— Péssimo. E o pior é que marcaram "ausente" e mandaram chamar meus responsáveis. E além disso me custou uma advertência por escrever recados para o professor num documento público.

— O Sepúlveda?

— O professor Sepúlveda.

— Pois ele também me cagou. Falei com ele pessoalmente para pedir que mudasse meu nome. Ele me perguntou por quê. Quando expliquei, começou a limpar as mãos no paletó como se estivesse com nojo. Disse que eu era um "amarelo", um "porco burguês", um "alienado".

— Não disse também snob?

— Claro. Disse que eu era um réptil snob...

— Quer dizer, fodeu você.

— E na hora da chamada parou e me disse, mordendo os dentes: "Pedro Pablo Palácios."

— E você respondeu "presente"?

— E que outra coisa podia fazer? Mandam buscar meus pais de novo, o diretor me suspende. Você comprou a Ecran?

— Está aqui, na minha bolsa.

— Vamos ler lá em casa.

Quando entrei no quarto de York New, fiquei fascinada.

Os pais do meu amigo eram muito mais astutos que o professor Sepúlveda. Tinham decidido desviar as obsessões do filho, transformando-as em motivações pedagógicas. Da livraria Lope de Vega haviam transportado dois grossos volumes, A fundação de Manhattan e O Harlem e o jazz com fotos de clubes noturnos e muitos retratos de Louis Armstrong. Havia também um pôster do Empire State Building, sem gorila, e com o edifício roçando a lua.

York New escancarou os braços envolvendo o mundo e suas vizinhanças, e depois me indicou que abrisse a bolsa e tirasse a revista.

— Você percebe a enorme diferença que existe entre a educação familiar e a da escola?

— Claro. É por isso que o presidente Ibáñez vai cair.

— Esse tal de Sepúlveda é um velho de merda.

— Concordo.

— E quem é a moça da capa?

— Betty Grable.

Enquanto ele folheava a revista eu fixei os olhos no pôster e juntei minhas mãos numa oração. Sussurrei a mim mesma uma tarefa. Fechei os olhos e deixei que as ordens se impregnassem na minha mente: Nova York seria meu norte, minha bússola, meu futuro, minha coroação.

Dois acontecimentos se somaram para aumentar minhas aflições e acender minha raiva. Jovana compareceu ao encontro convocado pelo professor Sepúlveda para discutir a extravagância de sua filha e a epidemia de mudanças de nomes para sobrenomes heroicos ou geográficos que atingira o colégio inteiro. Quando Jovana esclareceu que sua menininha estava sofrendo o trauma da morte de meu avô e só queria homenagear através de uma transmissão de sobrenome o amado finado, o rude rosto do maestro sentiu um infarto de sentimentalismo e desandou a chorar, desconsolado feito uma viúva, na frente dela.

Depois de beber meia jarra d'água e oferecer-lhe cigarros, o professor tranquilizou-se e colocando as mãos nos joelhos de mamãe olhou-a profundamente e disse que tudo não passava de um mal-entendido, que ele jamais tinha sequer sonhado em me prejudicar e que apenas havia se irritado a tal extremo porque sua filhinha usurpava descaradamente o sobrenome Coppeta, que como a senhora sabe é um prestigioso nome que faz parte da enciclopédia dos mártires políticos da Europa.

O velho Coppeta, por exemplo, minha cara senhora, tinha sido descabeçado em certa emboscada no barco Carontes pelos imperialistas austro-húngaros, e seu destino foi muito comparável ao do irlandês Michael Collins, o que nos ensina — a nós, socialistas, acrescentou acendendo um Particular Ambré — que nunca se deve negociar em território inimigo. Qualquer encontro é uma cilada. Basta ver o que aconteceu com Sandino. Aliás, a senhora se interessa por política, dona Jovana? Para minha perdição, minha tutora respondeu "e muito".

A partir daquele momento passou a cultivar um olhar intenso quando alguém lhe falava do presidente Gabriel González Videla e de sua perseguição aos comunistas, da fuga a cavalo pela cordilheira dos Andes do grande poeta Pablo Neruda, do general Ibáñez e de seu movimento A Vassoura, com o qual tinha jurado varrer toda a corrupção existente na pátria. Não ouvi dela, naqueles dias, uma única palavra favorável às pedradas com que os manifestantes quebravam os vidros dos ônibus, nos protestos contra o aumento nas passagens, mas num fim de semana, quando não lhe pagaram o salário de costureira numa loja da passagem Matte, uniu-se aos manifestantes e um guarda causou-lhe um talho na cabeça, graças à contundente ação de um cassetete.

Ali mesmo terminou a prática política de minha mãe, mas não a teórica, como veríamos a continuação. Ponto culminante do conciliábulo com o

professor foi que eu podia usar o sobrenome Goppeta até a exaustão enquanto durasse o luto, desde que (textual de Sepúlveda) me mostrasse digna dele: ou seja, não menos do que dez em história, e por motivo algum uma nota abaixo dessa em matemática e castelhano. Com o inglês eu não precisava me preocupar, disse ele com repugnância a Jovana, e esperava que de forma alguma eu tirasse menos do que seis em comportamento.

O professor Sepúlveda nem pensava num cursinho de puxa-saquismo do sistema. Sabia bramar com um tremendo vibrato as palavras "consciência" e "identidade". Os vocábulos "justiça" e "igualdade" o deixavam vesgo de êxtase, e com o nome Lênin ele se acendia como uma alvorada socialista. Nos doutrinava: "Ser vanguardista não é sair correndo para a frente, e sim ter o talento de fazer os outros correrem adiante." Minha carteira escolar ficou glorificada pelo epíteto Coppeta, e minha tutora teve de confessar, com lágrimas nas faces, que tinha recebido um golpe vitamínico. Pela primeira vez no Chile, com uma guerra mundial às costas, onde as pessoas se destripavam por coisas que não entendiam, uma pessoa, um "verdadeiro cavalheiro", soube fazê-la sentir que ela era alguém neste mundo, que o velho Coppeta nos outorgava uma súbita grandeza, uma riqueza tão importante como se tivesse tirado a sorte grande na loteria.

Mas quando uma semana mais tarde o professor Daniel Sepúlveda surgiu na sala de visitas lá de casa fumando Particulares Ambré e provido de duas entradas para *O encouraçado Potemkin*, decidi que devia acelerar as providências e fugir para Nova York.

Tinha visto várias vezes, com York New, filmes de passageiros clandestinos em navios, inclusive um horroroso que contava a história de um pobre contrabandista panamenho que se escondia com a ajuda de um suboficial no porão para uma travessia de meses até Marselha, entre ratazanas e ferramentas.

O marinheiro que era seu protetor tinha um Lnfarto, morria, era atirado pela borda ao som de salvas de fuzis, e durante as semanas de navegação ninguém soube do panamenho, que a gente via agonizar sem ar, sem um pedaço de pão e sem uma gota d'água.

A última imagem do filme era um clássico do terror. A lanterna de um marinheiro parecido com Gerard Phillippe projetava sua luz sobre o fundo do porão, e descobria esparramado pelo chão o impecável esqueleto do panamenho, todos seus ossinhos sem pele, carne ou nervos. Estava prontinho para ser levado e dependurado na Escola de Medicina para as aulas de anatomia. A esta experiência — digamos impessoal — unia-se minha carnalíssima fuga frustrada, quando menina, no tal transatlântico italiano.

— O problema — raciocinou York New — é que os navios zarpam de Valparaíso, e primeiro a gente teria de chegar lá.

Uma ira galopante deu um nó em minha garganta.

— Escute aqui, mister York New. Você quer chegar a Nova York e começa a se mijar de medo por causa de uma viagensinha até o porto mais próximo?

— Não é só isso. É que mamãe e papai se preocupariam.

Minha mãe anda meio adoentada ultimamente.

Não quis acreditar no que estava ouvindo. No lapso de três semanas, meu camarada de sonhos tinha se transformado num filhinho de papai e de mamãe. Olhei para ele com a soberba de uma loba.

— Aqui nossos caminhos se separam, Pedro Pablo Palácios.

— Não é preciso reagir desse jeito. Vamos esperar que as aulas terminem. Vamos tentar nas férias.

— Vou sozinha.

— Qual é a pressa? — Quero partir rumo ao coração podre do imperialismo antes que o professor Sepúlveda doutrine Jovana.

Naquela noite fiquei afastada do grupo enquanto minha tutora via um festival de marinheiros russos disparando contra o povo. Palácios tinha uma ponta de razão.

Era preciso conseguir algum dinheiro. Assim seria possível encontrar o que comer e onde dormir quando chegasse em Manhattan. Antes de triunfar, é claro.

Vamos ver, vamos ver, disse para mim mesma, o que é triunfar? Em primeiro lugar, me mandar de Santiago. Meu avô tinha se consumido, transformado numa doçura, sem deixar o menor rastro na história, só porque não tinha pulado n'água. Em compensação, seu irmão Ray Coppeta havia criado um gorila pavoroso, e com certeza tinha um milhão de dólares no banco. Meu coração reiterou sua cambalhota.

Ray Coppeta não podia ser outro além de Reino Coppeta. O second assistant of special tricks Ray Coppeta era, com certeza, meu tio-avô em pessoa.

Ou seja, pensei, bastaria chegar em Hollywood com minha falsa credencial e fazer a mesma coisa que o trombonista tinha feito com Esteban dez anos antes: bater na porta e dizer: "Aqui está a sua neta." — Knock at his door and say: here is your niece — traduzi em voz alta.

Embora a sessão de Potemkin fosse às oito, até meia-noite Jovana ainda não tinha voltado para tomar conta de sua tutelada. O quarto de vovô era, para mim, como um casaco grande demais, e a insônia foi encorajada pelas minhas especulações. Se quisesse chegar nos Estados Unidos não bastava decorar letras de canções, textos de filmes e tirar um dez na lição *The principal parts of the human body are the trunk, the head and the limbs*. Era preciso uma estratégia mais congruente, pois a não ser que eu me enfrentasse a tiros com os rangers na fronteira do Novo México, jamais pisaria no Texas sendo menor de idade e sem um passaporte válido.

Tudo aconselhava que durante algum tempo eu tornasse a ser Magdalena e quando a idade permitisse — dezoito, disse o advogado Llanos Mancilla — conseguir um contrato de trabalho com, digamos, meu tio Ray Coppeta. *The sooner the better*. Lição sobre os comparativos do livro *Lefs TalkEnglish*. Ali, na própria escrivadinha de vovô, com sua gorda caneta untada na tinta do frasco de vidro, escrevi o possível endereço de meu tio-avô, num cartão-postal do morro San Cristóbal com ciclistas pedalando rumo à Virgem: Mister Ray Coppeta Estúdios Hollywood Califórnia Estados Unidos Como não guardo cópia desse documento, não posso conferir se meu inglês era correto, mas recordo com nitidez minhas ênfases e urgências.

Escrevi: Querido vovô: o senhor irá surpreender-se ao receber do Chile este cartão-postal. Sou sua sobrinha neta Alia Emar Coppeta, neta de Alia Emar e de seu irmão Tebi. Ele morreu, e Deus o tem em seu reino. Meus sentidos pêsames.

Quero ir para os Estados Unidos, *the sooner the better*.

Neste ponto, achei estimulante citar alguns parágrafos de Olho de Águia, um programa de rádio, contra os comunistas, que era emitido antes do almoço, com o apoio do serviço informativo da embaixada norte-americana, e que começava com uma frase mágica: "No topo de uma alta montanha habita um homem de ciência que vigia. Todos aqueles que queiram dominar o mundo livre, recordem que nada escapa ao Olho de Águia." Minha pressa se deve a um fato concreto: minha tutora caiu nas garras de um comuna que tenta dominar o mundo livre. Fala pestes de Perry Como e de Nat King Cole, odeia *The Four Lads* e diz que Tony Bennett é maricas. Cedo ou tarde este fulano haverá de me matar porque gosto dos filmes de Gene Kelly e de Frank O'Connor, de James Dean e de Anthony Perkins.

Diz que Clark Gable é da Ku Klux Klan.

Quero ir morar com o senhor e ser atriz de Hollywood.

Falo inglês, mas não tenho boa estampa. Falta alguma coisa aqui no peito, e mais ainda no traseiro. Dizem, porém, que tenho um sorriso contagiante. Mas uso muito pouco meu sorriso porque sou muito infeliz. Preciso que o senhor mande me buscar. Daqui a pouco faço catorze anos, mas aqui a gente só é maior de idade aos dezoito. E quando isso acontecer, já terei peito e bunda.

Em nome de seu irmão Tebi, que adorava o senhor, rogo que me assista neste momento de angústia.

Com muito carinho e admiração ALIA EMAR COPPETA, Companhia 2020, Santiago do Chile.

PS.: Vi King Kong. Wow! Oculte a carta debaixo de um grande mata-borrão de cartolina, após ter secado a tinta, e fixe o olhar no relógio quando ouvi a badalada da uma.

Jovana não chegava, e um precoce orgulho de órfã fez com que eu me esquecesse dela. Abri o cofre do meu avô. Estava cheio de objetos com etiquetas amarelas amarradas por um fio, onde ele sugeria o preço aproximado de venda de cada coisa. Havia, naquela barafunda, uma lamparina de óleo, uma bomba para pneu de bicicleta, um jogo de facas de prata, duas xícaras de louça tcheca com seus respectivos pires, uma balança para pesar metais nobres, duas camisas sem uso, de colarinho alto, embrulhadas em papel de seda, um rádio Philco de olho eletrônico verde, um seguro de vida caducado por falta de pagamento, uma foto de um grupo em cujo centro ele aparecia ao lado do jogador de futebol Misael Escutti, uma caixa de bronze fechada com um pequeno cadeado e um cartãozinho de identificação onde estava escrito "Otto", e vários cadernos escritos em malícia: em sua maioria eram poemas, manuseados por dedos nem sempre pulcros.

O resto era um guarda-chuva, sapatos que nunca foram estreados e uma adaga de ouro com um preço apetitoso: vinte e cinco mil pesos. Provavelmente a balança tinha sido comprada só para pesar a adaga. Tinha uma lâmina afiada, e naquele momento pensei que seria uma verdadeira maravilha romântica, e cinematográfica, cortar com ouro as veias no caso do tio Ray ignorar minha carta. Seja como for, a coisa mais querida e profunda foi um envelope azul, grande como um pacote de velas, que continha o título de propriedade de sua moto marca Indian.

Concluí que aqueles bens diligentemente esfregados, limpos de pó, valeriam bastante no antiquado. Tirei os mais valiosos e, embrulhando-os em papel de jornal e depois em cartolina, coloquei-os debaixo de uma falsa tábua do chão, que em algumas ocasiões eu tinha visto meu avô manipular.

Ao abrir a tal tábua, vi um envelope de pergaminho, muito pequeno. Pus o novo butim lá embaixo, e tirei o velho.

Eram duas da manhã e Jovana ainda sem voltar. Os documentos da moto foram dar debaixo do meu travesseiro, e abri o pergaminho tomando cuidado para que ele não se desfizesse entre as minhas unhas.

Nada de valor: nem um cheque, nem dinheiro. Nem joias. Apenas papéis. A saber: o artigo de um jornal malício onde estava sublinhado em várias ocasiões o sobrenome Coppeta, uma carta em espanhol ao embaixador de Costa de Malícia no Chile, escrita e datada em Viena, e na qual se juntavam dois papéis manuscritos e assinados por uma senhora chamada Gabriela Mistral. Vovô tinha anotado lá no alto, em um espanhol grosso e sem faltas de ortografia, privado, e na medida em que eu me tranquilizava com a ideia de que sua privacidade não tinha mais vigência após a morte, separei o papel.

A última folha continha um poema cujo título em malício era Cetri Suoni. Ao lado, Tebi tinha escrito a tradução, Quatro badaladas, e um lembrete com pontos de exclamação: "Pensar!!!"

Agora, urgente mesmo, era a moto. Jovana podia muito bem ficar com o Sepúlveda; eu ficaria com a Indian.

Se Jovana quisesse impedir que eu ficasse com a Indian, eu a impediria de sair com Sepúlveda.

A segunda prioridade daquele weekend era conseguir dinheiro para o domingo. A onda de terror continuava, agora com um remake de um filme antigo, cujo título era M, e que tratava justamente de um assassino de crianças. Igualzinho ao Sepúlveda.

As letras vermelhas e aterrorizantes já balançavam na marquise do Alcázar ameaçando entrar no leito das meninas indefesas e abandonadas nas noites pelas mãos tresloucadas que iam aos bordéis com comunistas de dentes tão sanguinários como os de David Wayne.

Na revista Ecran, era anunciado como um remake do filme de Fritz Lang feito por Joseph Losey. A propaganda teria sido capaz de trincar os dentes de Tebi: a ordem era "rugir de terror e chorar de raiva": "seu filho pode ser a próxima vítima".

E já que ao ver King Kong Betty Simpson tinha mijado nas calcinhas, para M o bilheteiro nos recomendava que levássemos uma muda extra em nossas bolsas. O artigo da Ecran, escrito por Gabriel Mejías, contava que em Nova York a urina fluía dos cinemas da rua 42 até o rio Hudson, e que os bombeiros de Manhattan passavam noite afora entre os anúncios luminosos jorrando suas mangueiras em hectolitros de urina, para dissipar o cheiro de amoníaco.

O bilheteiro, que sempre observava com libidinoso interesse nossos remakes na praça Brasil depois das sessões de cinema, oferecia-se para comprar nossas calcinhas molhadas ou para trocá-las por entradas para a vespéral da quarta-feira, quando iam passar um filme do Francisquito, o burro falante, com Donald O'Connor.

Dormi cercada por um decálogo de terrores: a possibilidade de que Tebi ficasse zangado por eu ter mexido em seus papéis e que seu fantasma surgisse na minha frente para pôr as coisas em ordem; o pânico de que o assassino Wayne antecipasse sua chegada às telas e já estivesse perambulando pela cite; o susto de que Sepúlveda entrasse enquanto eu dormia, me desse clorofórmio e me mandasse num avião soviético para semear a terra proletária num campo de concentração do Gulag, com a aprovação de Jovana; o calafrio de que o bilheteiro, cheirando as emanções entre as minhas coxas, se metesse pela janela

para arrancar meu pijama arrebitando o elástico entre os seus dentes. Acordei na manhã de sábado com cheiro de café e de cigarro. Jovana estava na cozinha de roupão, a vista grudada na parede, como se ela fosse uma tela de cinema onde pudesse projetar as imagens que tinha em sua mente. Sorriu ao me ver, e despediu com força uma coluna de fumaça de seus cigarros Ópera, de papel açúcarado.

— Você dormiu com a luz acesa.

Pus café e leite na xícara, e depois espalhei montanhas de doce de leite numa fatia de pão, que fui comendo enquanto ela esticava os lábios e agarrava a parte inferior da boca, como se estivesse num atoladeiro.

— Vou tirar a motocicleta do depósito — falei mastigando o sanduíche.

— E o que você vai fazer com ela? — Primeiro uma coisa, depois outra.

— Como? — Vou levar a moto até a praça, e junto com meus amigos vou esfregá-la com polidor Brazzo. Vamos deixá-la impecável.

— E depois? — Vamos encher os pneus. E depois, vamos levar a moto até um posto de gasolina. E no posto, vou pedir que passem um arame com feltro e parafina por tudo que é tubo, para desentupir o que estiver entupido, e vou pedir que me emprestem uma bateria, e depois vamos botar um litro de gasolina e enfim saber se ela liga ou não.

— E daí? — Daí, irei até Valparaíso de moto.

— Para dirigir uma motocicleta é preciso ter dezoito anos, e saber dirigir-la, é claro. — Tem muita gente que diz que pareço mais velha do que sou, — Você pode passar por uma menina de catorze anos, mas de dezoito... Você não tem nada de uma moça de dezoito,.

— Tenho um pouco de pelos...

— Mas você não vai andar por aí levantando a saia para os guardas! Mamãe acendeu outro cigarro. Desde que conheceu Sepúlveda, passou a gostar de fazer anéis de fumaça. Sonhava com Gerard Philippe, com a Revolução Francesa e com guilhotinar algum dia a cabeça dos porcos capitalistas chilenos.

— Tem duas pessoas interessadas em me ensinar a dirigir a moto. E que me levariam para fora de Santiago, por caminhos onde passam poucos automóveis.

— E quem são essas pessoas? — O rapaz do posto de gasolina e o vendedor de entradas do cinema.

— Vou falar com os dois.

— Se a senhora se meter nos meus assuntos, vou-me embora desta casa.

— E para onde? — Para Nova York.

Furiosa, apagou o cigarro recém-aceso moendo-o sobre o cinzeiro.

— Será que vocês, os Coppeta, têm uma loucura hereditária? Com a

morte de seu avô, pensei que o delírio de Nova York desaparecesse da família!

— Quero ir visitar Reino Coppeta. Ele triunfou em Hollywood, e vai tomar conta de mim.

— Alita...

— Não me chame de "Alita", que eu me sinto uma minhoca na boca de uma franga!

— Alia Emar Coppeta: seu avô Tebi estava tantã. Seu irmão Reino morreu afogado quando se atirou na água em Nova York.

— Como é que você sabe?

— Foi comido pelos peixes e os polvos arrancaram até o fígado dele com seus tentáculos.

— "Os polvos imperialistas", mamãe?

— Sepúlveda é um bom homem. Alguém que se preocupa com os pobres deste país. É amigo do doutor Allende.

— E quem é esse doutor Allende?

— Um idealista como o Sepúlveda. No ano que vem, haverá eleições. Em quem vão votar os pais dos seus amigos?

— Sei lá, mas com toda certeza vão votar contra esse fulano que você está mencionando.

— É preciso organizar o pessoal aqui do bairro. Amanhã, depois da missa, Sepúlveda vai falar na praça. Vão organizar uma tremenda marcha contra a fome!

Fiquei vermelha de raiva. Se no colégio o professor já era insuportável, vê-lo agora metido em minha própria casa e pontificando na praça Brasil, o grande palco das nossas representações, só fazia com que eu acelerasse meus planos.

Para Nova York, e de motocicleta!

Com a ajuda do Grande Silvermann e de Carmen Luisa Espinoza, esfreguei a Indian durante toda a tarde de sábado, até deixá-la transformada numa pequena joia. O mofo desapareceu, o espelho retrovisor recuperou seu brilho, e quando levamos a moto para a praça um grupo de adultos reuniu-se para examiná-la, e o bombeiro da esquina ofereceu-se para aperfeiçoar a sua beleza. Chegou com montanhas de jornais velhos e uma pistola, com a qual aplicaria uma nova pintura. Oferecia o amarelo e o chumbo. Uma motocicleta escandalosa seria fantástico, pensei, mas o tom cinza metálico daria a ela um gostinho das motos usadas pela polícia de Nova York.

Enquanto ele trabalhava, o homem que vendia gasolina trouxe as rodas bem infladas, e durante um longo tempo nos sentamos nelas vendo como a Indian crescia na frente dos nossos olhos, como se fosse um diamante que irradiasse uma luz irresistível.

No meio da plateia, o mecânico Vulcano Vargas se manteve impassível. Ele havia deixado seu filho Martin brincando sozinho com os sapinhos do lago, até que chegou o momento em que o brinquedo tinha de comprovar a sua existência.

Meu pessoal e os adultos, Vulcano inclusive, fomos até a bomba de gasolina. Colocaram a bateria na moto, e puseram gasolina. Houve conexão de cabos, uma buzina, e diante de uma expectativa não inferior à dos seriados no cinema, Richard, que trabalhava no posto como frentista, propiciou-lhe o primeiro pontapé no pedal.

A fera reagiu com um gemido sufocado. Após esperar um momento, o homem aplicou um segundo pontapé, que fez explodir um canhão de fumaça, e então a moto rugiu, insolente e altiva. Até Fagote Jeria, que tentava compensar a flacidez de suas feições com uma postura insensível, tipo Robert Mitchum, derramou algumas lágrimas.

Nunca antes um grupo de meninos e meninas da nossa idade tinha tocado numa moto, e menos ainda uma Indian como aquela, que já não existia no mercado. O resto de suas companheiras de geração tinha apodrecido e enferrujado nas oficinas, e aquela surgia como um anjo do passado, igual a uma figura de ficção científica, graças à artrose de meu avô, que teve o feliz hábito de não se desprender de nada do pouco que tinha.

Tebi havia passeado nela por Antofagasta durante meses, como um fantasma. Numa cidade onde a única riqueza visível era o sol, ele deu um jeito

de andar sempre resfriado e pálido. Acolhido por malícios prósperos, foi cobrador de bonde e distribuidor de cubos de gelo para esfriar as cervejas nas lojas do centro. Assim, depois de carregar as barras de gelo envolvidas em sacos de estopa, ia trabalhar como auxiliar de churrasqueira no restaurante El Crespo, onde nas noites de domingo apareciam os ganhadores das corridas de cavalo.

Depois foi mensageiro do primeiro malício que levantou postes para a rede telefônica. O magnata, que vivia numa proeminente esquina, a de Matta com Prat, permitiu-se dar uma trombada, após um lauto almoço, contra um dos três outros automóveis de sua propriedade, quando pretendia estacionar na frente da sua mansão. O veículo espatifou-se depois contra o poste, que por sua vez desabou sobre a marquise da casa, que ficou destróçada. Quando a polícia chegou para repreendê-lo e registrar a ocorrência, o velho magnata entrou casa adentro, resmungando: "Mas ocorrência? Que ocorrência? Meus carros, meu poste, minha casa!" Diante do glorioso estrondo da Indian, que Tebi havia comprado graças às economias de seus vários ofícios, vi Vulcano Vargas aproximar-se de mim, agarrando a mão do pequeno Martin, e esboçando um sorriso que delatou uma certa carência de dentes.

— Pode botar preço nela.

O frentista Richard desligou o motor, pôs a chave na palma da minha mão e ficou olhando para mim com ar grave.

Por um instante, cheguei a pensar que talvez estivesse ali a passagem para Nova York e para o início da glória.

O instrumento para reivindicar Tebi diante dos olhos de Deus e do mundo.

Meu avô não tinha deixado outra herança além de cartas em malício, fotos desbotadas, e uma tristeza por Alia Emar que os anos poderiam mas não conseguiram pulverizar. A não ser a moto Indian. Duvidei que tivesse sido preguiçoso a ponto de pôr um anúncio classificado na edição dominical do El Mercurio, com o popular título "Vendo Moto".

Ou melhor, a moto — conforme ele disse até que deixou de falar da motocicleta, incapaz de entender a lógica do idioma espanhol, que permitia que um substantivo que terminasse em "o" tivesse um artigo feminino — era parte de uma herança que eu não apenas deveria administrar, mas também decifrar.

— Não está à venda — disse feroz, seguida por uma ovação de meus rapazes.

Vulcano alisou as populosas sobrancelhas indígenas, e abriu uma vez mais seu sorriso leve.

— Veja bem, belezura, posso fazer uma boa oferta por ela.

— Não estou interessada.

— E o que é que você vai fazer com esse verdadeiro tanque de guerra? Não sabe nem dirigir moto...

Num gesto de rotunda virilidade, Richard ergueu-me pela cintura, me depositou em cima do assento de couro negro, e baixando o queixo disse com desprezo para Vulcano: — Pode deixar, que disso cuido eu.

Subiu na frente, deu meia-volta para me dizer que o abraçasse enquanto sujeitasse com força minhas pernas sobre a carroceria, e que não tirasse de jeito nenhum os pés do estribo metálico. Fez a moto funcionar com um estrondo maior que o necessário, e minha alma acompanhou aquele salto com que a moto arrancou do posto de gasolina rumo à avenida Brasil. Tremendo, me apertei contra as costas do motorista e meus dedos tocaram seu coração ao envolvê-lo.

Era um perfeito entardecer de primavera, e depois de atravessar a Alameda, Richard dirigiu-se rumo ao sul, procurando as avenidas maiores para provar a velocidade da máquina. Fomos até a avenida Blanco Encalada numa velocidade compatível com o ritmo do trânsito. Quando chegamos perto da Hípica, o frentista apertou o acelerador, e ao receber a violência do vento na minha cara e contemplar meu cabelo disparando em todas as direções, jurei que se algum dia me perguntassem o que eu queria, diria com os olhos úmidos: "Isto." Depois nos metemos por alguns caminhos de terra, dentro do parque Cousifio. Ele comprou dois sucos de mamão gelado num ambulante, e fomos tomá-los debaixo de uma árvore gigantesca. Ele apoiou a moto contra o tronco, e depois apoiou também o ombro, bebendo o suco devagar pelo canudinho e olhando pensativo para o sol poente.

Eu também fiquei chupando o canudinho, e pus o copo gelado sobre minhas faces coloridas de excitação.

— Obrigada, Richard — disse a ele.

— Não, menina. Eu é que agradeço a você por não vender a moto.

— Parece a felicidade.

— Espere só até você sentar na frente e dirigir essa beleza.

— Mas para isso preciso esperar até os dezoito.

— Isso é o tipo da besteira que os mais velhos ficam dizendo. Precisamos correr depressa, senão a morte nos apanha. Veja só o seu avô. Comprou a moto quando não podia mais usá-la. Tudo tem de ser agora.

— Jovana me mata.

— Ela não precisa ficar sabendo.

— De que jeito?

— Vamos combinar um jeito, eu ensino você.

— Quando? Pôs a palma da mão em meu rosto e deixou-a ir de uma face a outra. Seu corpo inteiro cheirava a combustível. Pensei que se alguém

aproximasse um fósforo, ele explodiria em chamas. Na sombra parecia mais moreno, sua boca parecia mais larga, e seus dentes destacavam-se entre os lábios com outro brilho.

— Algum homem já beijou você?

— No cinema.

— Quem?

— Os meninos da praça.

— Com os lábios fechados?

— Claro! Envolheu minha cintura com um braço e me atraiu para o corpo. Apoiei a cabeça no tronco da árvore e vi, atenta, quando ele colocou um dedo entre os meus lábios.

— Abre.

Obedeci e fiquei com os olhos bem abertos ao sentir que ele apertava as minhas cadeiras me fazendo empinar para chegar à sua altura enquanto sua língua avançava sobre a minha, que depois ele guardava em sua boca. Ficamos um tempinho assim, até que ele se afastou secando com o dedo a saliva que molhava os cantos de meus lábios, e depois levou o dedo até as minhas pálpebras, para fechá-las com aquela umidade. E então senti sua boca em uma orelha.

— Vou ensinar você aos poucos. Num mês vai saber dirigir.

— Está bem, Richard.

— Existem muitas coisas boas que você e eu podemos fazer juntos. Mas vou esperar você crescer um pouco mais.

Gostou do beijo?

— Hum — murmurei envergonhada.

— Achou bom mesmo?

Não pude responder. Minha cara inteira estava sendo esbofeteada por um fogo. Engoli saliva, e me contive para não me molhar entre as coxas, detectando cada sopro de sua respiração entre meu lóbulo e meu pescoço. Pelo caminho de terra, entre a sombra grave das árvores no fio do anoitecer, passaram dois guardas a cavalo.

— Quando você crescer, quero ser o primeiro, entendeu?

— Entendi.

— Antes que o seu namorado, entendeu?

— Com certeza.

Tirou o apoio da Indian do chão. Usou sua manga como lenço, esfregando o retrovisor para desembaçar, girou a chave e aplicou no pedal o pontapé exato.

— Sobe.

Agarrei-o por trás, pela cintura, e pus a cabeça contra seu macacão de trabalho. Subi as mãos até detê-las sobre o seu coração. Agora íamos muito devagar, como se o dia tivesse tido seu final e aquele passeio de volta para casa fosse o epílogo de um sonho.

Cerca de um mês mais tarde, ocorreu uma coisa inesperada.

Acho que com a rotina das semanas a gente vai acumulando energias imperceptíveis, até que, de repente, a má constelação dos astros, a má interpretação de um gesto ou de uma frase, ou até mesmo por causa das ânsias de precipitar o futuro, sei lá, só sei que a gente não consegue acreditar, quando está a ponto de cumprir catorze anos, que a vida seja isso e nada mais: uma luta para que o destino mostre um resplendor, algum sinal de felicidade, uma ventania que levante a quebradiça folharada do outono na praça.

Enquanto isso tudo dá voltas na cabeça da gente, os infortúnios se acumulam, e as feras ocultas na obscena escuridão saem à luz e mostram seus dentes ávidos.

O que importa de verdade, porém, é que o dia tinha começado ótimo. Nas duas primeiras horas houve aulas de inglês, e o professor, inspirado por um filme no qual um professor conseguia maravilhas de seus alunos delinquentes fazendo com que ouvissem música, trouxe o seu toca-discos de 45 rpm e colocou alguns dos hits dos quais mais gostava.

A maioria era de músicas sincopadas e buliçosas, pois os adultos sempre acham que nós, jovens, só temos ruído na cabeça, e que metendo mais barulho ainda nos farão felizes. Mas no verdadeiro fundo de mim, eu assumia como meus somente os temas românticos, e quanto mais violinos e saxofones desgarrados, mais crescia a minha emoção.

Quando quem cantava era mulher eu era capaz de entender em todos os matizes as razões de seu sofrimento, e se o solista fosse homem era eu quem poderia consolá-lo, caso o destino o pusesse nas minhas mãos. Seu tema favorito era Cry, de Johnny Ray, de quem se dizia que era surdo.

Caso aquela infâmia fosse verdade, então seria preciso acrescentar que era surdo como Beethoven.

"Geme com tal intensidade que as cordas vocais se impregnam de um gemido levemente fora de tom, que humaniza e acende de verdade a letra." Tocaram essa mesma música três vezes, e eu consegui meu dez reproduzindo com perfeita fonética e regular gramática a letra inteira. Até hoje, nesta tensa solidão, recordo a estrofe: "Se tua amada/ mandar uma carta/ de adeus/ não é segredo: você irá se sentir melhor/ se chorar." Vovô havia dito adeus e ultimamente eu caía em bruscos abatimentos, pois não havia chorado o suficiente. Estava na fatalidade da família que não conhecêssemos nossos pais, e

em nossa loucura que escolhêssemos aquilo que eles não tiveram, roubando-lhes os seus nomes. Eu não soubera ser Magdalena, e por razão alguma pretendia fracassar sendo Alia Emar.

Agora, eu ia dizer adeus, e Jovana cozinhar só para ela, tomaria o café fumando um cigarro, lixaria as unhas até o tédio, e talvez uma vez por mês Sepúlveda a levasse ao cinema para assistir filmes de conteúdo social.

Certa manhã, com os olhos vermelhos e as mãos crispadas, Sepúlveda nos recomendou que fôssemos ao teatro assistir *As vinhas da ira*, para ver se descobríamos que no mundo existia uma coisa mais bela do que empoar as faces ou chutar uma bola no meio de duas pedras: a greve. *Remember sunshine can be found, behind a cloudy sky, só let your head go down and go on and cry.*

Na pausa do meio-dia, justo quando eu estava voltando sozinha para preparar a sopa do almoço, Sepúlveda me interceptou com rosto amargo e voz rouca: — Quero falar com você.

— O senhor e eu não temos nada para conversar. Se não fosse por causa deste colégio e por causa de mamãe, eu nem olharia para o senhor.

— Pois também não sinto a menor simpatia por você.

Mas desta vez, você passou das medidas.

— O que eu fiz, professor?

Na esquina havia um restaurante onde o menu do dia era escrito num quadro-negro: "Carne ensopada." — Vamos almoçar que eu conto.

Sentei-me ao lado da janela e minhas companheiras de classe pararam para nos olhar, como se estivéssemos numa cena projetada na tela do cinema. Sepúlveda tirou um cigarro, cuspiu um fiapo de tabaco e manteve o cigarro na boca, sem acender.

Depois limpou as mãos nas lapelas e colocou em cima da mesa um cartão-postal, que reconheci com horror. Era o que enviei para Ray Coppeta, Hollywood, Estados Unidos, estampado com vários carimbos e um selo cor de vinho e vociferante, que dizia: return to the sender. Devolva-se ao remetente.

— Quem deu licença para abrir o envelope?

— O seu psiquiatra.

— Que psiquiatra?

— O que você terá! Você não pode andar por aí feito uma bobalhona, com a cabeça cheia das bobagens que vê no cinema, e sair caluniando as pessoas.

— Eu por acaso disse alguma mentira?

— Você me pinta como se eu fosse o bicho-papão de alguma história infantil. Um monstro devorador de criancinhas.

— Os comunistas comem criancinhas.

— Pois quem comeu os seus miolos foi essa propaganda burguesa e esse seu arrivismo pró-ianque!

— Pelo menos não tenho a cachola cheia de arame farpado.

Minha cabeça não é um campo de concentração.

— Escute aqui, animal! Que menina cretina! Se não fosse pelos comunistas, lá em Costa de Malícia, neste exato momento, todo mundo estaria num campo de concentração! Você não tem pai porque ele deu a vida lutando com a resistência contra os nazistas! Pelo menos a lembrança dos heróis da sua família deveria ter dado alguma dignidade a você!

— E o senhor, que fica se metendo com Jovana, tem por acaso algum respeito pela memória do meu avô?

— Entre mim e ela existe nada além de uma bela amizade.

— Conheço esse texto, é do filme Casablanca. Mas também sei perfeitamente que o senhor andou botando sei lá que ideias na cachola dela.

— Pois essas ideias são justamente o futuro do Chile.

Liberdade, oportunidade para todos, igualdade.

— E quem não for igual ao senhor será enforcado nos postes.,.

— De onde será que você inventa tanta merda? A garçonete trouxe as nossas sopas. Sepúlveda agarrou uma pimenta amarela e cortou-a como se fosse o meu fígado.

Depois, encestou os pedacinhos no caldo, como se fossem bolas de basquete. Começou a misturar tudo com fúria.

Parecia que tinha comido a pimenta antes mesmo de prová-la.

Estava vermelho-sinal-de-trânsito. Deu rápidas colheradas e se deteve alguns segundos para beber o seu copo de vinho tinto.

— Qual é o seu filme favorito? — disparou de repente.

— M.

— E você sabe de quem é?

— Joseph Losey.

— E você diz isso com toda a calma do mundo...

— Queria que eu fizesse o quê? Por acaso não é de Losey?

— Ora, essa que estão passando agora é. Só que muitos anos antes houve a primeira versão, dirigida por Fritz Lang. Um clássico.

— Não sei o que é um clássico.

— Uma obra de arte que não sofre nada com o passar do tempo. E você por acaso sabe onde está Joseph Losey?

— Não entendo por que deveria saber isso... — e tomei uma colherada de sopa.

— Porque em Hollywood, o seu paraíso de liberdade, existe um Comitê

de Atividades Antiamericanas que está perseguindo todos os grandes artistas por sua simpatia com o comunismo.

— E o que fizeram com Losey?

— Preciso fugir para a Europa. E vai ver o seu avô Ray Coppeta precisou se esconder, para que não o metessem na cadeia.

Olhou com ódio a carta marcando com um dedo fulminante o seguinte parágrafo: — "Diz que Tony Bennett é maricas." Quando foi que eu disse essa infâmia? Baixei os olhos até quase roçar o nariz na batata e no pedaço de abóbora que ferviam na sopa.

— Dia desses você chamou um ator de maricas.

— Falei isso de Ronald Reagan, porque ele foi maricas ao delatar os próprios colegas ao Comitê de Atividades Antiamericanas.

— Um desses dedos-duros de ouro?

— Ora, discuta as coisas como mulher, e não feito uma menininha boba e manhosa. Além do mais, Tony Bennett é o meu cantor favorito.

— Duvido, professor. Aliás, para o senhor, qualquer um que cante em inglês vira logo um *alinado*.

— Alienado, cretina, alienado! Sabe o que é isso? Pois aprenda: é alguém que não reconhece ou renega a sua própria identidade cultural, a história da sua pátria, suas lutas pela independência, o folclore, o artesanato...

Num gesto nada espontâneo, cuspi de volta no prato a colherada que me queimava a boca. Em meu grupo de amigas odiávamos meticulosamente o folclore e o artesanato.

Fingíamos vomitar diante das toalhas de mesa bordadas com a flor do copihue, inevitáveis no Chile. As canções que falavam em galos vermelhos que saltavam a cerca e ficavam presos no arame farpado produziam em nós o mesmo efeito de um purgante. O homem do realejo com aquele garotinho que dançava sapateando o ritmo nacional nos fazia fugir da praça até a confeitaria do Gino, para taparmos os ouvidos com taças e mais taças com montanhas de sorvete.

— Professor, posso perguntar por que o senhor me trouxe para almoçar?

— Para deixar bem claro que jamais disse que Tony Bennett é veado. E que além disso não tenho nada contra os maricas, pois eles também terão seu lugar na vanguarda da revolução. Você já ouviu *Old man river* cantada pelo Paul Robson?

— Paul Robson.

— Um cantor negro. Barítono.

— Ianque?

— Ianque, negro e comunista. E qual música de Tony Bennett você conhece?

— *From rags to riches*. E o senhor?

Because ofegou. — Não acredito.

Então Sepúlveda arrancou num golpe só o guardanapo que usava no peito como um babador e, esfregando-o na boca, pigarreou e começou a cantar com um vozeirão afinado num volume tão forte que tive medo que o espelho do restaurante explodisse em mil faíscas.

Ele não quis esperar pela reação do público, que tinha ficado com a colher no meio do caminho sem tempo de fechar a boca. Num zás meteu a mão no bolso da calça e deixou um par de notas em cima da mesa. Com o guardanapo limpou um resto de suor que o esforço lírico havia salpicado em sua testa e, sem olhar para mim, foi-se embora.

Em vez de voltar para casa resolvi ficar um tempinho parada debaixo de uma paineira, até que Pedro Pablo Palácios, ex-York New, chegou como quem não quer nada e me perguntou pela moto. Respondi que ia ter aulas de direção, e ele, com humildade, me confessou que a rotina havia retornado ao seu lar. A mãe dele andava meio mal de saúde, e o seu Lorenzo ficava em casa o tempo inteiro, cuidando dela.

Confirmou o que eu já sabia: que não contasse com ele para minha brigada de emigrantes. Ele se chamava simplesmente Pedro Pablo Palácios. York New era um ursinho de pelúcia com o qual tinha brincado na infância. Respondi que Pedro Pablo Palácios era um nome sonoro, marcial e carinhoso, e que uma tradição familiar não podia ser substituída por uma bobagem hollywoodiana. Usei a seu favor o mesmo vocabulário com que Sepúlveda tinha acabado de me torturar. Além do mais, Nova York estava cheia de gângster, puta e drogado. A deserção de PPP veio aumentar a sensação de incerteza que tinha arrebatado meu dia depois de eu ter experimentado a pequena glória na aula de inglês. Ninguém era transparentemente alguém. O professor Sepúlveda não era previsível, e York New podia virar fumaça diante do menor tropeço.

Fomos até o quarto dele e ouvimos muitas vezes Presley cantando *Love me tender*, até que escureceu e de repente senti frio, abracei minhas próprias pernas, e Palácios veio para o meu lado e passou um braço por meus ombros, e me disse que achava que eu era muito linda, e que sentia ciúmes quando eu me deixava beijar pelos garotos na escuridão da matinê, e perguntou se quem sabe eu não gostaria que fôssemos assim que nem namorados, ou seja, que ele não permitiria que nenhum outro metesse a mão no meio das minhas coxas, nem sujasse meus lábios de saliva.

Perguntou se podia me beijar, e eu cruzei as duas mãos sobre a minha boca. Um homem não pedia licença. Deixava que o corpo falasse antes das palavras.

Fui para casa tremendo de frustração e solidão. A puberdade era um cárcere perfeito, e todos os seus aliados são apenas guardiões sem ética que vendem seus nomes por debilidades, ilusões por medos, raivas por compromissos.

Antes de entrar no meu quarto, sem nenhum ânimo para jantar, fiquei um tempinho no quintal ao lado da motocicleta, acariciando seus pneus, e trouxe à memória o vento dispersando meus cabelos no domingo durante o passeio no

parque. Depois de um tempo tive um mal-estar e em seguida sofri uma sacudida forte como se fosse febre, e então entrei pela porta da cozinha na casa escura, A respiração agitada de minha mãe me deteve. Avancei até o quarto e vi sobre o criado-mudo um cartaz enorme, que empapelava a parede: "Salvador Allende, presidente".

Eu apagaria o ano seguinte inteirinho destas páginas e da minha memória, se não fosse por um fato que me tirou de ação e me fez refletir.

As radiografias revelaram lesões nos meus pulmões. Jovana cuspiu de lado, de mau humor, e disse que aquela peste era a única herança que Esteban havia deixado para mim. A palavra tuberculose foi mencionada uma vez com horror, e ao longo de meses falou-se de pneumonia ou pleurisia ou pneumonite, simples dribles com os quais se suavizava a verdade.

Eu, como o velho Coppeta, não podia deixar por menos, e apostava na certeza de que era um câncer.

Fiquei isolada num quarto de hospital, tendo como única companhia uma árvore frondosa, que vi desnudar-se no outono. O pessoal da minha classe fez uma vaquinha para comprar um aquecedor a parafina para mim. No inverno eu não oferecia mais o risco de contagiar alguém, mas ameaçava deixar todo mundo exausto com meus relatórios literários: tinha lido tantos, mas tantos livros, de Pearl Buck a Enrique Araya, de A cidadela, de Cronin a Corpos e almas, de Max van dei Mersh, de Tortilha Fiat, de Steínbeck, a O menino que enlouqueceu de amor, de Eduardo Barrios, que comecei a gostar da vida de outra maneira.

A avalanche de fragilidade que havia caído em cima de meu corpo tirou-me energia e o temor de uma recaída apagou das minhas urgências a viagem a Nova York. Preferia a morte na praça Brasil, onde eu conhecia cada detalhe dos buracos onde se escondiam as lagartixas e as poças dos sapos, à neve purulenta de Manhattan, que descobre centenas de cadáveres de mendigos depois dos degelos primaveris.

Quando me trouxeram de volta para casa, com a prescrição de guardar repouso durante alguns meses, vi o bairro cheio de alto-falantes dependurados nos postes. Naquela noite haveria um comício a favor do "candidato do povo" e Jovana tinha um caderno quadriculado, desses das aulas de matemática, no qual tinha registrado os nomes de quem havia aderido à campanha. Passou a noite inteira do comício anotando com lápis vermelho os nomes dos clientes fiéis.

Depois do comício, que acompanhei da cama, através dos alto-falantes com chiados, Sepúlveda e Jovana trouxeram o doutor Allende ao meu quarto. Ele apertou minha mão entre as suas, e com um cigarro apagado nos lábios, erguendo os óculos sobre as sobrancelhas, olhou à contraluz minhas radiografias mais recentes. Depois deixou o queixo cair sobre seu pescoço robusto, assentindo com entusiasmo. A menina estava curada. Era questão de dias, até eu poder voltar a conquistar galãs nas largas alamedas de Santiago. A primeira vez

que me deixaram sair até a praça, mamãe cobriu meus ombros com um xale de anciã. Eu estava lá na praça, sentada em paz, quando o bilheteiro do cinema depositou em cima das minhas coxas duas entradas numeradas para a sessão especial do domingo. Iam passar Cantando na chuva. Ele me disse que eu estava pálida mas bonita. Que podia trazer companhia, ou então ele mesmo ia sentar-se ao meu lado na última fila. Um pouquinho só.

Jeria estava fazendo o curso para juiz de futebol. Tinha deixado de participar nas dramatizações depois das matinês, pois aquilo não passava de bobagem de criança. A carreira de juiz de futebol tinha muito futuro: todo mundo queria fazer gol, mas pouca gente conhecia as regras. Era melhor saber alguma coisa concreta e triunfar graças a essa precisão, que ser colecionador de moscas ou camundongos nos laboratórios, como os irmãos Silvermann. Muitos gols tinham sido anulados por impedimento no último campeonato.

Instrumentistas de fagote, havia poucos; mas a verdade é que também só existia um par de orquestras sérias no país, o que significava pouquíssima demanda.

Betty Simpson expulsou o coro do bairro, pois queria ter comigo uma conversa de mulher para mulher. Seu rosto parecia cada vez mais com o de uma estrela do cinema. Se ontem levava em cima de mim um ano de vantagem, agora parecia muito maior do que os quinze anos que tinha. Era como se todos os beijos que haviam transitado por sua boca tivessem feito dela uma mulher mais carnal. As tetas explodiam debaixo da blusa do uniforme do colégio, e um enxame de sombras desabava sobre suas pestanas quando ela deixava as pálpebras caírem numa cadência adulta. Ela também tinha abandonado os "filminhos ao vivo" da turma, pois agora estava metida em real stuff. Um professor da escola noturna de teatro a havia descoberto na praça, e depois mandou um convite para ela assistir as suas aulas.

De seu magistério já haviam saído algumas atrizes que triunfavam no Teatro Experimental, e ela acompanhou alguns exercícios dos estudantes. Os jovens tinham que imaginar que fazia muito frio, até ficarem gélidos, e depois sentir uma tristeza profundíssima, até chorar, e depois ser um muro e não expressar nada.

Quando os alunos foram embora, o professor Detour convidou-a para subir no palco, e diminuindo a luz de um zenital disse a ela que ia ensiná-la a beijar como beijam os verdadeiros atores de cinema.

Começou pegando o rosto de Betty entre as mãos, fechou os olhos, e cobriu as bocas de ambos com as mãos. Depois torceu o pescoço em êxtase, e "sem tocar meus lábios fez um leve estalinho com sua língua e retirou-se olhando profundamente para mim". Esse era o beijo cinematográfico típico,

usado nos filmes artificiosos, sem verdadeiro conteúdo humano e sem realismo passional. Os artistas fingiam beijar-se mas na verdade achavam seu par asqueroso.

Mas havia outro estilo, Betty Simpson, que podia transformar aquela Betty Simpson em um ser de carne e osso como você; numa Carmen Luisa Espinosa de estrelas deslumbrantes, nada de gomalina e maquiagem, fora com as máscaras do pudor, a vergonha de expressar a verdade dos pensamentos e a carnalidade da paixão. Se ela quisesse de verdade ser uma atriz, tinha que ser primeiro uma mulher de verdade. Como as divas da vanguarda europeia, que não aceitavam disfarces, que punham os lábios úmidos e lubrificados debaixo da luz dos refletores. Que usufruíam com zelo profissional o estímulo que recebiam de seu partenaire, para que aqueles lábios se abrissem agonizantes, pletóricos de desejo, rendidos diante do amor.

Porque é disso que se trata, Betty Simpson-Carmen Luisa Espinoza, do maldito delicioso amor, que pede para ser mordido na sua boca, a fruta suculenta que quer explodir, esses eflúvios que estão em seus lábios porque por todos os lugares você já é você, verdadeiramente você, no ardor das suas faces, no líquido que empapa suas calcinhas e goteja pelas coxas, no suor que brota nos seus peitos de Madonna.

Tudo em você, Betty, foi feito para o cinema. Seus filmes culminarão num ósculo glorioso, e eu vou ensinar tudo a você com zelo profissional, com paixão docente, com uma sinceridade que extrapola a comédia dos amadores. Agora, minha rainha, minha mocinha preciosa, você vai abrir um pouquitito só a boca, e vai deixar que minha língua mergulhe na sua saliva como um naufrago desesperado que se agarra à sua pele, da mesma forma que esta serpente quer afundar na sua garganta. Não, não, você não faz nada, não faça nada, deixe que eu tocarei os pontos de reflexo das grandes atrizes, até você reagir com sua verdade interna, com comoção comunicativa, e então, quando você sentir que é minha, escrava da minha língua, de minhas mãos, de meu coração alvoroçado, ponha os dedos na minha nuca, e peça mais com o corpo, o seu, não, não, sua boca não dirá nada, não deixe que se infiltre entre nós a ignomínia das palavras.

Uma atriz é gesto, é sangue, é corpo, é infinita generosidade, é elevação e êxtase. Jamais palavras, vocábulos enganadores, tolos truques de covardes. Antes que suas palavras, deixe que fale seu beijo, sua saliva preciosa. O que você acha disso, Alia Emar Goppeta?

O que eu achava disso, Alia Emar Coppeta? Voltei para casa com tamanha perturbação que minha mãe achou que eu estava sendo vítima de uma recaída. Deus do céu, eu ainda não estava preparada para a rua. O ar poluído de Santiago é criminoso, os políticos não fazem coisa alguma. Agora, quem sabe quanto tempo eu teria de ficar de cama, ou será que não devia até mesmo voltar para a clínica? Perderia outro ano na escola. Sepúlveda tinha se separado da mulher: uma sanguessuga que o secava inteirinho. Ela recebia o salário dele no fim do mês, e mal e mal deixava um troco para o coitado comprar cigarros. Por uma questão de decência, o coitado tinha ido morar numa pensão. Você doente, e para completar, todo o trabalho político que fazemos não está sendo suficiente. A candidatura de Alessandri deixou todo mundo enlouquecido. País de carneirinhos.

Pede que o filho do leão volte, para comer de uma vez por todas os cordeiros. Seres desprezíveis, carentes de consciência. Mas as pesquisas são boas. No povo, Allende está bem. Meu Deus, trinta e oito graus. Eu não devia ter deixado você sair. Vê se dorme um pouco.

Dormir um pouco? Como seria Detour? Boca larga, pômulos delgados, a barba por fazer, e a eterna tristeza dos grandes amantes. Tinha deixado Betty Simpson inchada de sexualidade. A coitada parecia explodir dentro do uniforme da escola. Estava cheia de exuberâncias, mas também de anotações em vermelho no boletim.

No dia seguinte tomei um chuveiro dos bons, e pedi a Jovana que me levasse até a escola. Não tinha mais nem sombra de febre, mas padecia de uma decisão ardente. Na aula de inglês estavam ensinando um poema de Poe: "O corvo".

Eu teria gostado de morrer no hospital e que alguém escrevesse para mim uns versos como aqueles. Never more.

Leonora Emar Coppeta.

Às seis da tarde fui com a Indian até o posto de gasolina.

Vesti uma blusa transparente, sem sutiã, e marquei a boca com um batom violento. Era a hora de saída de Richard, o cabelo radiante de brilhantina, a camisa com manchas de água depois do chuveiro, o cigarro apagado, a decidida caminhada até a parada do ônibus elétrico.

Quando passei para ele a chave da motocicleta, apertou-a um pouco na mão fechada, e depois jogou-a para o alto, apanhando-a com a precisão de um

saltimbanco.

— Quero cumprir minha promessa — disse a ele.

— Que promessa, Alia Emar? — A de que você ia ser o primeiro. Antes do meu namorado. Acendeu o cigarro, protegendo o fogo da brisa. Ficou um tempão agitando o fósforo apagado e só depois soltou uma nuvem de fumaça, olhando-me dos sapatos de meio salto que eu tinha roubado de Jovana, até meus cabelos manhosamente alvoroçados, igualzinho aos que eu havia visto nas fotos das atrizes francesas. Estavam passando no Rex Uma puta respeitável. Só para maiores.

— Quer dizer que você já anda de namorado, mocinha? Ser chamada de mocinha me encheu de vergonha e de fúria. Será que ele não percebia minhas pequenas e duras tetas acusadoras debaixo do tecido transparente? — Um francês.

— U-lá-lá.

— Um médico francês. Conheci no hospital.

— E como é que ele se chama?

— Detour. Doutor Detour.

Bateu uma brisa suave, quase cúmplice da luz que esmaecia.

Aspirou o cigarro e mantendo a fumaça na boca repassou com a mão o lombo da Indian.

— Grande máquina — exalou. — Persistente e corredora.

— Graças a você.

— Então sobe, mocinha.

Ele subiu primeiro, deu um golpe no pedal, e o motor afogou da mesma forma que tinha afogado um ano antes.

Naquela época eu tinha doze, e agora ia fazer catorze, dentro de um mês.

Conduziu a moto sem pressa e quase sem rumo. Ficava pensativo diante dos sinais fechados, e quando acendia a luz verde não partia imediatamente. Havia alguma coisa que o prendia em cada esquina. No começo, achei que ia me levar para o Parque Cousino, para concluir no mesmo cenário o que tinha iniciado com tanta eloquência meses atrás. A hora era propícia, e o clima, apesar de fresco, não estava frio.

Mas daquela vez não quis entrar no bosque: dirigiu a Indian até a parte ampla e levemente curva do passeio, onde disputavam corridas e onde realizavam os desfiles militares.

A pista parecia larga e polida, e Richard acelerou a moto em ponto morto, desfrutando de seu rugido. Depois desceu e erguendo meus poucos quilos no universo, colocou-me na frente e disse: — Agora, você dirige.

Durante algumas semanas, antes da doença, tinha me dado algumas

aulas, que assumi com mais entusiasmo que habilidade. Sabia manter a máquina equilibrada e, enquanto não precisasse mudar de marcha, sabia fazer a moto avançar de forma fluida. Só na hora de combinar a embreagem com as marchas a moto corcoveava, e era difícil conseguir estabilizá-la de novo.

— Faz tempo que não dirijo.

Ele subiu no banco de trás, suspirando, impacientemente.

— Ponto morto, primeira, segunda e terceira.

— Devagar ou depressa?

— Menina, você morre de vontade de correr.

— E se a gente acabar se matando? Durante o diálogo eu acelerava e desacelerava como um touro levantando poeira na arena antes de atacar.

— Aí, a gente sai no jornal.

— Não vamos morrer anônimos!

— Nada do que você faz, Alia Emar, vai ficar anônimo.

Rodeou minhas costas com os braços e pôs suas mãos quentes sobre meus seios. Apertou-os suavemente e pude sentir em seu toque experiente a mesma delícia que confessou lambendo o lóbulo da minha orelha.

— Você virou a menina mais gostosa da praça Brasil!

— Mais que Carmen Luisa Espinoza?

— Comparada com você, Carmen Luisa Espinoza é uma pequena aldeia.

Você é uma cidade.

— Uma cidade com arranha-céu e tudo, como Nova York.

— Exato. Uma cidade dessas que a gente só vê no cinema.

Uma cidade que não é para o meu bico, mocinha.

— Quando eu terminar o colégio, vou para Nova York.

— Com o tal Detour?

— Pode ser.

— O que ele fala para você?

— Coisas.

— E você fica excitada com o que ele diz?

— Sei lá.

— Mas o que é que ele diz?

— Coisas em francês.

— Quais?

— Chérie.

— E o que mais?

Lembrei de uma canção de Nat King Cole, com o selo avermelhado da Capitol, — Darling, je vous aime beaucoup.

Richard cobriu meus olhos e roçou sua face no meu rosto.

Senti sua voz rouca.

— Quando eu destapar os seus olhos, mocinha, você engata uma marcha e acelera até esta máquina levantar voo.

— Haja o que houver?

— O que mais pode haver na minha vida depois disso aqui, Alia Emar? Um pobre molambo qualquer como eu, voando com uma princesa? Existe uma coisa numa moto que só quem dirigiu uma pela primeira vez, a toda e sem capacete, pode entender. O mundo inteiro é outra coisa. É como deveria ser. Se eu falar de frenesi, me refiro a uma palpitação que faz a gente levitar e que não tem nada a ver com o clarinete de Artie Shaw tocando tranquilamente o tema que tem esse mesmo nome.

Se escrever que o vento desarma a sua cabeleira transformando cada pelinho numa antena que capta vibrações secretas na atmosfera, não descrevo até o fim essa emoção. Se descrever a harmonia dos pulsos sincronizando marchas e embreagem, comparando-a com a interpretação de uma fuga por um grande mestre do piano, ainda assim me faltará inspiração e brilho.

Meia hora depois, minha vontade ainda não tinha acabado, mas a gasolina sim.

Após a última explosão, peguei a máquina pelo guidão, e com Richard rodeando os meus ombros, caminhei longa- mente e em silêncio até o posto de gasolina, onde seu colega colocou mais um par de litros.

Depois, Richard retomou seu assento de condutor e com a mesma distração e cautela de antes me levou até a porta da minha casa. Alguma coisa me disse que eu deveria suprimir a palavra obrigada, que estava prontinha em minha boca. Era uma noite em que tudo parecia impreciso para mim. Havia algo mais exato que a linguagem, mas naquela hora, aquilo era, em mim, silêncio. Mesmo que eu cantasse a Nona de Beethoven para aquele rapaz do posto de gasolina, sabia que iria machucá-lo.

Então, fiquei calada. Ele prestou homenagem ao silêncio fumando um cigarro até o fim. Depois de esmagar o que restara do cigarro, sem olhar para mim e sem se despedir, começou a caminhar até o ponto de ônibus.

Certo fim de ano caloroso foi mais devastador para algumas pessoas do que o outono costuma ser para as árvores. Os pais de Pedro Pablo Palácios foram à ruína, primeiro com a fábrica de condimentos, depois com uma distribuidora de paus de baunilha para a rosca doce de Natal, e em fevereiro proclamaram sua própria quebra quando o pai entusiasmou-se com certas anilinas marca Albânico que tingiam as roupas muito bem, mas ao custo de encolhê-las ao tamanho de blusinhas de bebê. Seu Lorenzo foi tapando um buraco e abrindo outro, e quando os amigos deixaram de lhe emprestar dinheiro, desandou — não de má-fé, mas de puro aperto — a passar cheques sem fundo, o que acabou fazendo com que se visse na necessidade de escafeder-se da justiça sem deixar endereço ou pistas.

Quando os sabujos souberam que o filho de seu Lorenzo estudava na minha escola, ficaram plantados na esquina, dentro de um automóvel, com o propósito de perseguir Pedro Pablo na saída e assim descobrir onde era o esconderijo do pai. O garoto pressentiu o perigo e o último contato com alguém da escola foi comigo, e por telefone. Era muito o que tinha a dizer, mas preferiu ser breve. Na casinha onde os jardineiros da praça Brasil guardavam suas ferramentas, eu encontraria dois embrulhos para mim. Um era a coleção de revistas Ecran amarradas com barbante de cânhamo; o outro continha um tocadiscos 45 rpm, debaixo de uma folha manuscrita sem o menor erro de ortografia:

Alia Emar: eu bem gostaria de ter visto você pessoalmente e me despedir. Minha família sucumbiu a um desastre comercial, e de um dia para outro ficamos tão pobres como James Stewart em A felicidade não se compra.

Só que nenhum anjo virá nos salvar. Por enquanto, estamos indo para alguma província do sul ou do norte, onde papai irá se esconder de seus credores. Como passamos dias sem ter nem para o leite e nem para o pão, duvido muito que eu possa voltar a comprar, como fazia na casa Rolec, um disco todos os sábados, mas ao mesmo tempo sei que não faltará a você o troco necessário para comprar os novos compactos de Sam Cook que acabam de chegar. Lamento muito ter desiludido você com a questão de Nova York, e agora que tenho tudo para me tornar um fugitivo, vou ficar com meus velhos, pois eles morreriam se, além de pobres, também ficassem órfãos. Seja como for, sinto que devo dar uma explicação a respeito da minha conduta, e sinto isso simplesmente porque me sai da alma.

Quando sepultei York New, não foi para trair você, nem foi por

covardia. Naquela mesma semana ficamos sabendo que mamãe tem um câncer, e que suas possibilidades de sobreviver são nulas, e que os inúteis gastos da quimioterapia nos levariam à ruína. Papai perdeu sua poupança e agora procura trabalho de linotipista, depois de ter sido empresário desde que eu me lembre por gente.

Estranha é a vida, Alia Emar: eu sempre quis ser um garoto despenteado, com a cara suja e cheirando a tabaco barato, um desses tipos por quem as mulheres se apaixonam na primeira olhada, e no final das contas sou apenas um bom filho, um filhinho de papai, incapaz de quebrar um ovo. Eu queria ser mau que nem o Sidney Poitier em Sementes de violência, e rasgar as calças do professor de física a navalhadas. Em vez disso, serei o consolo do seu Lorenzo, e acompanharei minha mãe até que não tenha sobrado mais nem uma única lágrima para derramar sobre suas faces. Levo comigo uma foto sua, Alia, que ficará em meu criado-mudo, e quando você tiver virado estrela de cinema verei seu rosto novamente em algum dos cinejornais perdidos nas províncias, e contarei a todo mundo que fomos amigos e que um dia sonhamos partir para Nova York como passageiros clandestinos de um navio de carga.

PEDRO PABLO PALÁCIOS

Tentei telefonar para ele, mas o telefone estava cortado por falta de pagamento. Queria agradecer e talvez dizer mais alguma coisa que me viria à cabeça enquanto estivéssemos conversando, mas não deu, e tive que engolir aquelas palavras imprecisas.

Quem também não voltou para o colégio foi o fagotista Jeria. Tinha emagrecido durante o verão, e um maestro da Filarmônica que era cego contratou-o como guia e guardião, a troco de aulas particulares. Deveria, porém, dedicar-se à música em regime de rigoroso tempo integral. O que o maestro oferecia em técnica e gosto tinha de ser pago com seus olhos. Após um ano de aulas, estaria em condições de fazer substituições na orquestra, e poderia até mesmo tocar durante a temporada de extensão cultural de verão, enquanto o maestro iria aos Estados Unidos para submeter-se a uma delicadíssima operação nas retinas, que quase tinha dado certo com um escritor argentino chamado Borges.

Veio até a escola durante a aula de desenho, o professor Perales convidou-o a tocar alguma coisa, escolheu um rondo de Mozart, e todos aplaudimos furiosamente. Jeria, porém, nos pediu silêncio, e segurou uma lágrima quando nos disse que a música era só a espuma da onda. Que o resto era a vida. Que trocaria feliz seu destino de guia de cegos por um único dia com a

gente, apesar de não passar de um miserável superdotado apenas para o que fosse o dó-ré-mi-fá-sol.

Os Silvermann permaneceram na escola. O mais velho tinha agora espinhas maiores que estrelas, e o mais novo trabalhava numa loja de cartões-postais antigos, com garotas do charleston e cavalheiros de bigodes esticados que espionavam entre o abismo de seus seios ou afiavam um sabre para sovar com ele umas nádegas espremidas em ligas negras.

O mais velho passava o recreio inteiro imitando o domínio de bola dos jogadores profissionais, sem que suas proezas conseguissem arrancar um único aplauso de seus espectadores desanimados. Betty Simpson simplesmente não apareceu, desde o primeiro dia, e depois de duas semanas o professor Sepúlveda saltou seu nome na hora da chamada. No meio de abril, porém, surgiu de um conversível estacionado com a capota levantada na frente do colégio. No momento em que saíamos em tropel para ir ao encontro de nossos pretendentes, que nos esperavam na esquina, ela desceu daquele espetáculo aerodinâmico e pôs à nossa frente uma sacola de lona carregada de chocolitos, uns picolés nos quais o creme grudado no palito estava coberto por uma capa de cacau crocante. Disse que tirássemos mais de um, "para os galãs, meninas", e pôs a perna em posição ofensiva, de maneira que todos pudessem ver suas meias de renda e o tecido do tailleur contendo, no melhor gosto do cinema francês, a bunda mais perfeita de Santiago.

— Que tal estou? — perguntou enquanto seu acompanhante examinava os prognósticos do jóquei nas páginas de El Mercurio, marcando com cruzinhas alguns nomes.

— Como um lugar-comum — respondeu Sepúlveda, despojando seu chocolito do papel que o embrulhava.

Querida Alia Emar, queridíssima ex-Magdalena:

Agora que seu avô morreu e minha consciência pesada não me deixa dormir, reprovando-me pelo fato de não ter assistido ao funeral em Santiago, decidi, à guisa de modesto desagravo, mandar a você algumas páginas de minhas memórias que relatam um momento muito significativo da sua vida, cujos bastidores talvez você desconheça. Esteban foi um profissional do silêncio, e duvido que contasse a você, ainda que no mais estrito sigilo, o que relato a seguir.

Receba, pois, as páginas tais como as escrevi no momento apropriado, com os flagelos da ironia e a retórica algo homérica que sempre fustigou a minha prosa. Para o seu consolo, quero dizer que estas memórias possivelmente permaneçam inéditas. Será um ato de autenticidade muito congruente com a falta de sentido que meu ceticismo dedica à vida.

Que estas palavras não lhe sejam frustrantes. Sei que a senhorita está escrevendo uma espécie de romance (inconfidência de Jovana), e de verdade me alegraria saber que persistiu nessa meta. Existe em sua vida, senhorita, alguma coisa acesa que não pode ser comparada com a rotina de meu coração mofado.

Com carinho, sempre,

ROQUE PAVLOVIC

Você já reparou que existem na vida pessoas que carecem de acentos? Nenhum de nós jamais esperaria delas algo insólito. Carregam seus destinos escritos no olhar, e não na palma da mão. São o tipo de gente que arruinaria as ciganas leitoras de destino. Tão previsíveis como as fases da lua, cem por cento constantes, assim que detectam alguma coisa que as espante preferem crer que estão sendo vítimas de um engodo.

Um desses sóis opacos é meu compadre malício Esteban Coppeta. Além de sua regularidade, dá-se o fato de que o conheço a hectares de anos, e inclusive fui cúmplice de seu único ato extracurricular: publiquei em meu jornal dalmatino um horrendo poema dedicado com mais desacerto que articulação à mulher que ele amava. Não creio que aqueles versinhos tenham influído na decisão de sua musa de casar com outro, mas em algo devem ter contribuído.

Apesar de ser duas décadas mais velho, à medida que foram passando os lustros em Antofagasta fui sentindo-o mais e mais coetâneo. Sua neta

Magdalena, de fato, nos tratava como se fôssemos compadres da mesma idade. Do ponto de vista de uma criança, qualquer homem que tenha passado dos cinquenta é um ancião, e tanto lhes faz um de cinquenta e cinco e outro de setenta e oito. Além do mais, o cultivo da pena de amor unido à esperança quimérica faz envelhecer mais rápido que a bebida, e Esteban Coppeta sempre foi um profissional de ambos os esportes.

Certas ênfases nacionalistas em meus artigos de Costa de Malícia influíram na conduta de alguns jovens heroicos e me pesa, ainda que sem ressentimento, haver embelezado com minha pobre pluma algo que na realidade era bastante sujo.

Temo que algumas de minhas diatribes e arengas, ou crônicas parciais, para falar minimamente, o tenham desorientado, provocando-lhe algum dano e estupor, que sua mansidão não ousou recriminar. Por tal motivo, volta e meia passo pela sua casa. Sou uma espécie de pai pusilânime desentusiasmado com seu filho, e que de quando em vez o visita para comprovar que tudo continua indo mal. O padre Pregel dizia, na ilha de Gema, que Esteban Coppeta era um cordeiro.

De seu irmão Reino, o lobo, supõe-se que continue devorando ovelhas por Nova York.

Desde que nos enterramos em vida em Antofagasta, nunca mais esse homem tinha vindo ao meu lar. Simplesmente por preguiça, ou por não ter o costume. Ele é o tipo de pessoa que para adquirir um hábito tem que ter a energia de começar algo diferente, e seus preciosos olhos azuis não sabem outra coisa além de escrutar o horizonte do qual deve materializar-se seu amor da juventude, Alia Emar. E ponho minhas mãos no tronco do verdugo: tenho certeza de que quando cerra esses lampejos de pupilas cobalto, seus sonhos se enchem com a imagem dela. Nas partidas de basquete do Clube Desportivo Sokol, não obstante sua corpulência, reagia quase fraternal diante dos empurrões mal-intencionados dos rivais que, sem êxito, pretendiam tomar dos malícios o troféu anual, ou seja, os vermelhos do liceu e os marginais do Rencort. Estes últimos tinham sua quadra perto do cemitério, *locus amoenus* no qual algum dia enterraram um árbitro que lhes foi desfavorável numa final.

Resumindo, Esteban Coppeta era uma criatura de Deus, um pardal ferido, ao qual a morte servia todos os dias uma fatia cortada muito, mas muito fininha. De maneira que quando o vi entrar feito um vendaval em minha casa após bater na porta com porradas de pedreiro, o coração saltou com angústia no peito meu. Mais do que despenteado, estava descabelado. Sua voz melodiosa adotou um timbre gutural.

— Minha menina sumiu, senhor Pavlovic. Viram-na baixar ao mar, e não

regressou.

— Calma, homem. Calma. Crianças são como cães. Sabem sempre retornar ao lar.

— Ela saiu carregando uma velha mala, e foi vista entrando num barco! O senhor é um homem influente, faça alguma coisa!

— Não bufe tanto, Esteban. Vai acabar arrebatando o coração!

— O coração está bastante bom, doutor Roque.

Disquei o número da polícia. Não tinham encontrado nenhuma menina perdida. Tampouco tinham pessoal suficiente naquele domingo para patrulhar a cidade. Chamei um táxi e indiquei ao motorista que nos levasse ao porto. Bastou saltar no cais e ver a contundência do transatlântico com sua tripulação em plena manobra de levantar âncoras para que Esteban já tirasse o paletó, a camisa e os sapatos, indicando o navio com um dedo imperioso.

— Lá está a menina! — gritou.

— Como é que você sabe?

— Sei lá! Só sei que sei!

Discreto, fidalgo, não esqueceu nem naquele instante de emergência o sentido do pudor. Manteve as calças postas, e numa façanha digna de atleta de saltos ornamentais, atirou-se ao mar e começou a dar braçadas com gestos titânicos vencendo as volumosas ondas revoltas pelo vento.

Juntei as mãos; roguei em voz baixa que não acontecesse nada, que o velho corpo de meu compatriota malício não sucumbisse diante da força daquele oceano impiedoso.

Alarmado, fui testemunha dos marinheiros elevando mecanicamente a âncora e fiz sinais com meu lenço, advertindo os tripulantes para que interrompessem seu labor. Queria mostrar-lhes o homem que nadava desesperadamente na sua direção. Ironicamente, os turistas a bordo sacaram seus lenços e despediram-se cordialmente de mim, como se eu fosse um nativo a desejar-lhes boa viagem.

— Homem ao mar! — gritei, sabendo que meu alarme se dissolvia entre as correntes rodantes da âncora, os guinchos das gaivotas, a banda militar rumo ao quiosque da praça Colón, que tocava uma marcha prussiana. Não quis me esforçar ainda mais naquele exercício inútil, diante do vazio dominical, sem botes nem enseada, nem pescadores amadores desanimados pelo mar turbulento que lhes arrebatava as linhas, e concentrei-me apenas e tão-somente em Esteban, que parecia acelerar o próprio ritmo na medida em que se aproximava do transatlântico como se descarregasse uma marretada a cada metro conquistado, a cabeça insubmergível, suas pernas transformadas num redemoinho de energia, seu corpo inteiro feito um projétil dirigido a afundar o

navio.

De angústia haviam brotado músculos; seus anos todos naufragaram no meio das algas, e uma louca juventude de sal e de sol vibrava em seus nervos. Vi-o transformado num tridente com seu arpão disposto a atravessar o navio colossal como se fosse um molusco monstruoso. Nem a espuma do mar cuspidá pelos deuses hostis dos naufrágios podia fazer o que quer que fosse contra aquele homem de recifes e ciclones. Seu ritmo parecia o compasso de uma sinfonia que arrastasse consigo todos os instrumentos, sobretudo o címbalo de suas braçadas, a carga explosiva de seus dentes apertados.

Os pulmões, declarados caducos pelos médicos locais, eram agora insuflados por algum anjo delirante.

Ai, Esteban Coppeta! Não a perca, não deixe que esse pequeno amor se desfaça como a espuma sobre o musgo! Que seu fôlego seja suficiente para alcançar o gélido metal desse navio que não ouve a fera que ruge e clama em seu coração! Que exista um tratado secreto de compensações, no qual o seu holocausto consiga um paraíso mínimo, e as turbulências da sua alma sejam aquietadas pelo acaso bondoso! Mil vezes vi você ao longo dos anos, e nunca minha arrogância imaginou que nas entretelas da sua mansidão houvesse um animal profundo, capaz de sentir até o suicídio! Que Deus e o oceano ritual das asas encrespadas levem-no a um porto seguro! Você merece toda a pele do céu azul!

Faltando algumas semanas para as eleições, Allende veio jantar em nossa casa. Era uma reunião política organizada por Sepúlveda. Jovana preparou um ensopado de aves, e o candidato descobriu o roupão de lutador de boxe de Torpedo Sánchez, e vestiu-o.

Disse que Torpedo era um homem mítico do esporte chileno e quis saber que relação existiu entre ele e meu avô Tebi. contei tudo que sabia, e Jovana tornou a ouvir a mesma história, com a mesma desconfiança de sempre.

Allende riu quando soube da façanha de meu avô na praça Colón de Antofagasta, e anunciou que ele também tinha uma história com o boxeador Pedro Dinamite Silva que nos poria a knock out. Tinha conhecido Dinamite pouco antes, em Calama, atendendo à expressa petição dos companheiros do Comitê Regional do Partido Socialista, que haviam sugerido que, diante da popularidade daquele esportista que era justamente chamado de sucessor de Torpedo Sánchez, pedisse pessoalmente ao pugilista o apoio à sua candidatura. Acontece que o doutor Allende tinha lá suas dúvidas.

Claro que cada votinho, viesse de onde viesse, cairia bem e seria bem-vindo. O único problema é que Silva, depois de ganhar o título latino-americano diante de um rival em Guaiaquil, e graças a um demolidor knock out, tinha abusado nas comemorações, e não houve noite em que ele deixasse de pedir uma mesa coberta de cervejas para dividi-la com seus admiradores, com seu sparring, ou apenas para amenizar seu monólogo.

Fazia meses, disse o doutor, que não havia quem subisse ao ringue para medir forças com Dinamite, cujo apelido honrava, e muito, seu punch. Um uppercut dele seria capaz de deixar o rival com o queixo esfacelado, e um traumatismo encefalocraniano de difícil cura, pronunciou Allende com autoridade profissional.

Depois dessas palavras, Allende ficou me estudando, e com certeza notou que eu nem piscava, tamanha a fascinação que sua maneira de contar, tão cálida e oposta ao rigor de Sepúlveda, provocava em mim.

— Estou pensando, filhota, que seria um potente argumento se a senhorita e eu aparecêssemos juntos amanhã, em Calama, para pedir o apoio político de Dinamite, levando conosco nada menos que o roupão de Torpedo Sánchez.

Um rubor me incendiou primeiro os dedos dos pés e depois desandou a espalhar-se por meu peito até explodir, cor de rubi, nas minhas faces. O doutor

Salvador Allende estava pedindo a mim, Alia Emar Coppeta, uma minúscula e anônima colegial, que fizesse campanha para ele nas zonas do deserto, precisamente onde haviam desembarcado no começo do século a melancolia e a desesperança de meu avô, feito o fantasma de uma tragédia cujo puzzle eu ainda não conseguia entender.

Claro que eu teria de me desfazer daquele troféu que valia mais do que cem cofres atotados de tesouros de bucaneiros.

Mas era um gesto pelo Chile, uma luz que se acenderia na tumba de vovô após décadas de navegar entre as sombras da memória e a futilidade das esperanças. Agora, poucos anos depois de sua morte, meu avô tinha a possibilidade de entrar em ação, de meter-se no futuro. Quer dizer que Richard e Carmen Luisa Espinoza me achavam um verme manhoso, avarenta e autoritária. Homessa!, como diziam as revistas em quadrinhos de antigamente.

— Com o maior prazer, doutor! — exclamei sem necessidade de ensaiar um sorriso que me brotou das entranhas.

Depois olhei de viés para Sepúlveda. — O único problema é que amanhã tenho aula de matemática.

— Você está dispensada — resmungou Sepúlveda.

No bar Campo Lindo, o doutor Allende agradeceu ao pugilista e ao sparring pela generosidade e pela sua fé nas ideias do socialismo democrático, e acompanhou Silva durante um tempinho, apesar de o lutador não sair do monótono tema da falta de rivais.

"Sou um urso sem mel", repetia enquanto esvaziava garrafas de cerveja sem dar tempo nem para que perdessem o gelo. Naquele exato momento percebi que, durante a cantilena do lutador, numa mesa dos fundos, um longuíssimo magricela, com mãos de pianista, acariciava a própria fronte, bebendo de vez em quando água mineral Panimávida.

Quando o sparring de Silva derramou-se embriagado em cima das garrafas vazias, o magricela aproximou-se do pugilista e, solícito, foi acender o seu cigarro. Após a primeira tragada, o homem respeitou o silêncio do esportista, e manteve-se em pé até que o atleta profissional fez um gesto indicando que se sentasse. É uma honra estar com dois campeões — disse o homem magro. — Um do boxe, e outro da política. O atual campeão das meio-médios e o futuro presidente do Chile.

— Primeiro, tenho que ganhar as eleições — sorriu Allende. — Em que distrito o senhor vota?

— Em Antofagasta.

— Apresento-lhe minha partidária, Alia Emar Coppeta.

O homem magro fez um gesto como se erguesse o chapéu que não usava.

— Prazer, senhorita.

— Você gosta de boxe, magro? — balbuciou Silva, semiconsciente.

— Muito.

— E você luta?

— Um pouco.

Você não tem lá nenhum físico, não é mesmo? Faz falta.

— Nem pegada. Mas sou rápido.

— Rápido em quê?

— Na arrancada.

Dinamite sorriu, mostrando a língua no vão dos dentes dianteiros, onde lhe faltava um, e ofereceu um copo ao seu interlocutor.

O magro apontou com o queixo o sparring dormindo em cima das garrafas, e manteve-se erguido ao lado do banco sem encosto.

Acho que você anda precisando de outro assistente, campeão.

— Mais do que assistente, de um rival.

— Pois eu gostaria de colaborar com o senhor na função que for, mestre.

— Sparring, eu já tenho. — O lutador apontou o assistente derramado sobre as garrafas. — Como é que você se chama?

— Oliver. E só bebo Panimávida.

— Água mineral? Está na cara que a vida não deu nenhuma dor de presente para você, magro...

— Minha mãe morreu quando eu tinha três anos. Cresci feito no abandono.

— Sinto muito, rapaz.

— Faz tempo. Meu pai foi assassinado no massacre da Escola de Santa Maria de Iquique.

Allende pôs a mão em seu ombro.

— Antigamente, eu queria ser jogador de basquete. Por causa da estatura, sabe? Mas no Chile não existe basquete profissional. Aqui não existem os Globe Trotters.

O magro atirou uma bola imaginária numa cesta de fantasia.

Ficamos todos grudados no silêncio, até Oliver tirar do bolso da calça um gorro de lã e colocá-lo na cabeça.

— Então, como é que a gente fica? — Fica em quê? — disse Dinamite.

— Se o senhor já tem sparring, eu viro rival.

— Você quer lutar comigo?

— O prêmio que estão oferecendo é alto, e estou precisando de dinheiro.

— Para quê?

— Para ir para o sul. Aqui só existe uma árvore. Cresce com a urina dos cães. Não existe água nem para regar.

— "Navegar, navegar, tanto faz para onde for, Cruzeiro do Sul, Cruzeiro do Sul, está onde está você, onde está você?" — cantarolou Silva. — Coitado de você., ... Oliver.

— Coitado de você, Oliver. Sou um profissional imbatível.

— E que bebe demais.

— Por causa da solidão. Não tenho nem rivais nem namoradas...

— Mas tem ideais políticos. Dizem por aí que o senhor deu todo o seu dinheiro para a campanha do doutor Allende.

— Guardei um restinho para as cervejas. Tome uma.

— Não, obrigado.

Oliver ergueu o corpo do assistente e sentou-o dignamente apoiado na mesa.

— Daqui a quanto tempo seria o combate? — sorriu Dinamite, irônico.

— Digamos algumas semanas.

— Que dia?

— Dia primeiro. Gosto do começo do mês.

— Vou matar você, magro. Gostei de você, mas vou demolir a sua mandíbula.

— Só que antes de chegar lá, mestre, a bebida derruba o senhor...

— Eu devia arrebentar sua fuça agora mesmo, por causa dessa arrogância.

— Não é arrogância. É ciência.

— Explica isso.

— Daqui até o dia primeiro, vou trabalhar no punching bali e vou bater muita perna no ginásio. De noite, verei o senhor se embebedando e fumando até perder o fôlego. Cinquenta por cento da sua derrota será obra e graça do senhor mesmo.

— Você é um bicho esquisito, Oliver. Um papagaio parlapatão e jactancioso. Vou moer o seu bico e arrancar todas as suas plumas, uma a uma.

— Vamos ver, campeão. Vamos ver.

Pela segunda vez, prestou atenção ao candidato. Longo feito um suspiro, tirou do bolso um papel quadriculado. Anotou a data: primeiro de julho. Sorveu sua água mineral fez um gargarejo satisfeito e estendeu um cigarro a Allende.

— Aposte em mim, doutor.

Em Calama tudo caminha muito devagar, exceto os escândalos.

A partir do minúsculo bar, não demorou a circular o desafio, até chegar à redação do jornal de Antofagasta, onde o diretor Pavlovic decidiu assumir a tarefa de redigir um artigo para demolir Allende. Converteu a doação do pugilista numa relação simbólica. O doutor manager de Dinamite era o candidato dos revolucionários termocéfalos e surgia como favorito nas pesquisas diante do sóbrio Jorge Alessandri, que foi descrito como um homem responsável, tecnocrata, de olhos 'azulzinhos' e grande bebedor de água mineral Socos, um produto da região.

"Allende", acrescentou Pavlovic, "gosta de uísque tanto quanto Dinamite gosta de cerveja." E não tardou em arrematar o artigo com aquela segunda leitura insidiosa que a direita chilena sabe fazer maravilhosamente bem. O combate do século era, no fundo, um épico político: a luta dos sóbrios contra os ébrios. De um lado, os sanguinários adeptos de Baco, ou seja, o pugilista Silva e o combustível Allende, que misturam a Bíblia, o Corão, Lênin e a dinamite arteira; de outro, os harmônicos bailarinos de fontes termais, como Jorge Alessandri e Roque Pavlovic, monarcas da sobriedade, em cujos pátios nadavam cisnes de pescoço negro, e inspiradores de minuciosos calígrafos fabricantes de planos quinquenais dos engenheiros conservadores que fariam o Chile crescer sem perturbações, num ritmo de dez por cento.

Conforme passavam as noites, Oliver, que era apenas esquelético, punha-se além disso simbólico graças às linhas diabólicas que cada manhã eram engendradas pelo jornalista malício, como se fosse uma espécie de contribuição nortista para a guerra fria.

Cada púgil se ateve a uma estratégia anunciada: Oliver, trote diário entre Calama e Chuquicamata, punching bali, pernas após a sesta, dieta de maçãs mandada por um tio do sul, o hit parade de Raul Matas na Radio Minería às seis da tarde, e depois uma volta pelo bar, em cuja mesa solitária dos fundos degustava sua Panimávida, além de desfrutar da bebedeira de Dinamite Silva, e finalmente o retiro espiritual, às nove da noite.

Nosso "pupilo" (pois ao deixá-lo circular com o roupão de meu avô eu me havia apropriado dele): almoço de pernil de leitão com mostarda e vinho tinto, sessão da tarde no cine Principal, durante a retrospectiva de Libertad Lamarque, leitura e releitura do álbum com recortes de sua carreira invicta, visita ao bar com o seu sparring, metro quadrado de cervejas e um cigarro atrás do

outro, olhando debochadamente para o distante Oliver.

Em Santiago, nós, os partidários de Allende que torcíamos por Dinamite, nos reuníamos ao redor de um rádio de pilhas do Pequeno Silvermann e escutávamos as reportagens sensacionalistas do futuro combate do século. No Chile, tudo que acontece é sempre o mais importante do século: uma eleição, um filme, um automóvel, um terremoto. Enquanto isso, Allende não parava de visitar fábricas e hospitais, as minas de carvão em Lota e as de cobre em Sewel, as fazendas de gado de Punta Arenas e os vinhedos da região Central, a Universidade de Concepción e o Morro de Arica. No meio dessa confusão toda, conseguiu tempo para estabelecer uma polêmica com Pavlovic. "Mais do que um jornalista que toma água mineral, o senhor é um serviçal da direita." O diretor do jornal sentiu-se no sétimo céu quando o candidato escolheu-o como alvo de suas grosserias, e estimulado pela súbita notoriedade adquirida, pediu um encontro com Allende em Santiago, para falar objetivamente "das nossas divergências esportivas, políticas e éticas". Sepúlveda aconselhou Allende a não cair na armadilha. Era um tremendo candidato, um leão, e o malício malicioso faria com que escorregasse em tudo que era casca de banana.

Quando o doutor Allende fica aborrecido, seus óculos quadrados parecem aumentar de tamanho, e seu peito de pombo se incha, soberbo.

— Companheiro Sepúlveda, estamos nos aproximando do coração da discussão política. Jerico foi tomada pelos seus ocupantes graças às voltas que deram ao redor da cidade. Na noite anterior à da luta, o insidioso chegou de Antofagasta com sua caderneta de anotações e um charuto de equilibrada cinza, e sentou-se na frente de Allende colocando o chapéu de feltro cinzento em cima da mesa. Tirou da maleta de couro verde uma garrafa de White Horse, serviu uma dose para todos os presentes, exceto eu, mas oferecendo um brinde em minha homenagem: "Uma filha dileta do mar Adriático, uma patrícia de sangue rebelde, a neta de um amigo muito querido." — Prazer em conhecê-lo, doutor Allende — disse Pavlovic, depois de estalar a língua.

— O mesmo digo eu.

— Andei castigando o senhor com força no meu jornal.

Não achei que o senhor fosse aceitar me receber.

— Sempre é útil conversar com um inimigo inteligente.

— É especialmente maliciosa a associação que faço dia a dia entre as bebedeiras de cerveja de Dinamite Silva e sua inclinação pelo escocês, doutor Allende.

— Mais do que maliciosa, eu diria que é malévola. Gosto de tomar uma dose uma vez ao dia, da mesma forma que o senhor gosta de fumar um bom charuto.

— E não vai se servir de um golinho? — A esta hora, não. E na sua frente, de jeito nenhum.

Tenho medo que amanhã seu artigo descreva a meia polegada de bebida que derramou neste copinho como se fosse um barril.

— Faltam semanas para que o senhor seja presidente da República do Chile.

— Primeiro, tenho que ganhar as eleições.

— A direita está dividida. Estão entregando o país para o senhor numa bandeja, doutor.

— O senhor, mais do que gostar, sente verdadeiro entusiasmo por Alessandri.

— Pois o senhor vai derrotar Alessandri.

— Como é que o senhor sabe?

— Sou um jornalista moderno. Trabalho com equipes de pesquisadores. Faço tabulações, calculo porcentagens.

— Que interessante. A nível regional?

— Nacional, doutor. Nacional. Meu sonho sempre foi trabalhar num grande jornal. E veja só aonde vim parar... Um país pequeno, onde primeiro derrubam um militar e depois o elegem democraticamente para tornar a derrubá-lo com estas eleições.

— Quer dizer que o senhor não gostou do governo do general Ibáñez.

— Estabilizou preços e salários. Mas os preços subiram e os salários foram congelados. Isso é o que o general chama de "sacrifícios compartilhados".

— Pelo menos, anulou a lei de Defesa da Democracia.

Neruda pôde voltar para o Chile, e os comunistas entraram na legitimidade e podem votar.

— No senhor.

— Em mim.

— Vão obrigá-lo a dependurar os porcos burgueses nos postes.

— Senhor Pavlovic, até agora considere o senhor uma pluma sofisticada. Não podia imaginar que o senhor viesse com esse tipo de terrorismo lambão. — São os anos na Europa, doutor. Sou um erudito em selvageria. Quem não enforca o inimigo é por ele enforcado.

— O senhor sabe muito bem que eu aspiro ao socialismo pela via democrática.

— Brindo a essa utopia, doutor.

Bebeu o uísque, e quase como numa coreografia passou em seguida o punho da camisa pelo bigode. Fez os cubos de gelo tilintarem no copo.

— Lá em Antofagasta, só se consegue gelo no Círculo Espanhol.

— Temo que não me deixariam entrar, senhor Pavlovic.

— Os países que não têm a cultura do gelo são terríveis, não são, doutor?

— Nesse ponto, concordo com o senhor. Durante o meu governo, visitarei nossa base na Antártida.

— Quarenta mil.

— Desculpe, mas... como?

— O senhor vai ganhar por quarenta mil votos.

E neste ponto interrompeu seu relatório, e olhou, fixo e altaneiro, para o doutor. Penteou o bigode com os dedos, esperando reações. — Mas isso é uma miséria!

— É o que as minhas estatísticas indicam. O senhor jamais conseguirá a presidência deste país por uma margem superior a essa. Terá de pactuar para governar. Ou seja, doutor, vão molhar a sua dinamite. Sem que isso seja alguma alusão ao pugilista bolchevique... — e riu.

— Bem, seja como for, será um triunfo.

— A menos que a direita, incapaz de se unir, desuna a esquerda.

— Impossível.

— Ora, basta que tirem um dedal de terra da sua horta, doutor, para que Alessandri salve este país.

— O quê, por exemplo?

— Doutor Allende, estou achando o senhor encantador.

Mas não vou revelar minha estratégia a um inimigo político.

— O senhor deseja a minha derrota?

— Do fundo da minha alma, e por dois motivos.

— Vamos ver esses motivos.

— Primeiro, sou conservador. Segundo, porque lhe desejo vida longa, doutor.

— Pois não tema. Nem por mim, nem pelo senhor. Para poder governar com uma vantagem tão precária, efetivamente deverei negociar com a oposição. Não haverá burgueses dependurados nos postes, professor Pavlovic, mesmo porque não teria sobrado ninguém no Chile. Haverá um governo de unidade nacional.

— O senhor vai nacionalizar o cobre?

— Claro que vou.

— Bem, isso já é suficiente para que eu o considere um defunto, doutor.

Serviu-se de outro gole de White Horse, e subitamente, com um sorriso, acariciou meu cabelo.

— Mas o senhor sabe que o cobre é nosso. Será uma medida que

entusiasmará todos os chilenos, seja qual for a sua simpatia política.

— E o que pretende fazer com os gringos, doutor?

— Vou indenizá-los e mandá-los de volta para casa.

— Yankee go home?

— Soa meio panfletário, mas enfim, é isso mesmo.

— O melhor que pode acontecer com o senhor é não ganhar as eleições, doutor.

— Pois bem. E o que o trouxe a Santiago, senhor Pavlovic?

— Esta conversa. Só isso. Aconteça o que acontecer, aconteça com o senhor o que for, quero conservar a honra de ter apertado sua mão pessoalmente. Não me falta olfato para detectar onde estão cozinhando a História, doutor.

Pôs novamente algumas gotas nos dois copos, e desta vez Allende ergueu o dele.

— Lamento danificar o seu White Horse, senhor Pavlovic, mas já que não há nada que eu possa fazer para evitar suas infâmias, pelo menos darei a elas um verniz de realismo.

— De realismo socialista. Saúde, candidato.

Allende calou-se abruptamente, e com o cenho enrugado bebeu um gole.

— O senhor é um homem simpático e, ao mesmo tempo, um pássaro de péssimo agouro.

Escutei-o sentindo calafrios.

— Quem ganhará o combate? — atalhei eu, enquanto ele apagava o charuto dentro da caixa de fósforos.

— Isso não tem nada a ver com a entrevista política que foi convocada para hoje — sorriu o jornalista.

— Cavalheiro — respondi —, não tenho o menor interesse na reunião política. Mas investi o roupão de meu avô para contar a história, e tenho o direito de saber quem vai ganhar a luta.

— Você está mais interessada nisso do que nos quarenta mil votos que decidirão as eleições?

Olhei para o "tio" Salvador.

— Estou mais interessada nos votos, senhor.

O candidato passou a mão pela própria nuca como se todo o peso do mundo tivesse sido depositado ali, e disse com voz rouca:

— Tem razão, senhor Pavlovic. A direita inventou um candidato de esquerda para roubar a minha vantagem.

— Foi o que eu disse. Está vendo como não existe nada melhor do que ter bons inimigos, minha jovem?

— E quem é esse homem? — respondi, ficando em pé e disposta a

estrangulá-lo naquela mesma noite.

— Um padrezinho de esquerda—sorriu Allende.—Um padre de uma cidadezinha chamada Catapilco. Estou derrotado por antecipação. Lá se vão meus quarenta mil votinhos.

Ergui-me do tapete e senti que meus dentes ferozes enchiam a minha cara.

— Quarenta mil e um, doutor Allende! Eu nem penso em votar no senhor!

"Derrotado por antecipação", gritei, enquanto saía correndo para o banheiro, com as faces ardendo, sentindo falta do roupão do meu avô para enxugar as minhas lágrimas.

Alô, Alia Emar.

Antes de mais nada, não se assuste. Mando esta carta de uma cidade suficientemente grande para que ninguém possa seguir meus passos e pôr as mãos em meu pai.

É muito interessante ser um delinquente sem ter feito mal a ninguém. Quer dizer, por enquanto. Não descarto que em algum momento me transforme num tipo rude, do jeito que sempre quis ser. Devo reconhecer, porém, que para chegar a ser um delinquente durão de verdade, talvez seja preciso algo mais do que fumar aos doze anos...

Vivo numa cidadezinha no deserto, tão pequena que de noite você olha para o céu e vê todas as estrelas e nota o ruído do universo movendo-se pelo infinito. Mas não fique alegre tão depressa, pois o céu é a única distração num raio de milhas e milhas. Aqui não tem cinema, nem estádio, nem colégio. Os meninos daqui começam a estudar no curso preparatório e depois precisam ir de ônibus até Vicuña, para o colegial. A coisa mais interessante da cidadezinha é a biblioteca. A prefeitura encheu uma sala da escola com livros de muitos lugares do mundo. Há antiguidades escritas no melhor estilo 'sabereis vós', e 'juro a vossa mercê', mas também novidades do ano, ou melhor, dos últimos anos.

Li há pouco tempo Filho de ladrão, de Manuel Rojas, e apesar de tudo que dá errado com o herói Aniceto, gostaria de atravessara cordilheira com ele, conhecer Buenos Aires, meter-me numa greve em Valparaíso e jogar pedra nos milicos. Antigamente, os milicos atacavam com cavalos e sabres, mas agora têm um carro lança-água em jatos potentíssimos para reprimir o povaréu, e os brucutus onde levam os presos. E gás lacrimogêneo, claro.

O mundo é injusto e belo.

Moro num lugar desértico animado por um rio que vai jorrando sua seiva nas margens, e tudo que é tipo de videira se ergue de noite, como se isso aqui fosse uma selva. Amo esta pequena água que salta entre as pedras, e às vezes desço do ônibus rural e acompanho os garimpeiros que vão procurar ouro na correnteza.

O rio é um retrato de algo alegre que me estimula nesta solidão de anos, onde muitas vezes só temos pão e charque para comer.

De vez em quando chegam até a montanha alguns garotos de Santiago, que se estendem em sacos de dormir, bebem vinho, tocam violão e passam a noite olhando as estrelas.

Eu as conheço de cor, e gostaria de explicá-las a eles. Mas alguma coisa me impede de chegar perto. Algumas vezes sentei por perto, mas só os cachorros vieram me cheirar.

Tomo água do cantil, ouvindo de longe o que eles cantam. Há uma onda de música parecida com poesia, que não é inglês, que não tem nada a ver com os ritmos chilenos, como as cuecas e as tonadas. Os jovens dizem que são canções de Violeta Parra. Eles compram leite diretamente no armazém.

Que não é pasteurizado, vem direto da vaca que o armazeneiro tem no curral dos fundos. Às vezes, esse leite é tão fresco que ainda está morno. Uma vez por mês vem um caminhão que traz forragem para os animais e água potável para os depósitos que ficam no teto do armazém e das casas.

Pertinho daqui fica a casa onde nasceu a poeta Gabriela Mistral. Depois que ela ganhou o Prêmio Nobel, muita gente passou a conhecer alguns de seus poemas. É como se ela fosse uma antiga estrangeira escrevendo. Usa rimas e amarra tudo de forma bem quadrada. Seja como for, é uma tremenda poeta. Eu gosto destes versos: Agora, Cristo, cerre minhas pálpebras, ponha geada em minha boca, pois todas as horas sobram, e todas as palavras foram ditas.

Bem, é que mamãe morreu, e o que aconteceu depois é que fiquei muito tempo sem dizer nada.

Então, é como se a gente passasse a limpo poemas dos outros.

Desci com o caixão até Vicuna, porque papai tem pavor de ser pego pelos detetives que o perseguem. Diz que cheques devolvidos demoram anos até prescrever, e a ideia de ser encerrado numa prisão é apavorante demais para ele.

Passa o tempo inteiro repetindo que é um homem honrado, mas que deu azar. Que se mamãe não tivesse adoecido ele seria hoje exportador de vinho, igual aos grandes agricultores daqui da região.

Diz que se for pego, serei com certeza absoluta um perdido, sem eira nem beira, pois ele se enforcaria numa viga da cadeia.

O namorado de Gabriela Mistral suicidou-se e por isso ela escreve coisas tão tristes. Ela é devorada pela morte, das canelas às pestanas. Eu ando assim também. Não sei se sinto mais pena do que raiva. "Não está certo tudo dar tão errado", gritou para mim o bêbado da idade.

Hey, baby! Gabriela Mistral mora em Nova York! Se você for visitá-la, será tratada como uma rainha, aposto. Soube disso pelo senhor Senoret, que conhece dona Gabriela e tudo. Ele veio passar férias no Chile, e diz que vai fazer carreira em Hollywood. Tinha um par de binóculos e ficou um tempão olhando os detalhes das pedras das montanhas. Disse para mim: Aqui, uma

montanha negra se contorce para sempre, até alcançar outra montanha. Claro que sim, respondi, aqui é como se a paisagem dançasse.

O senhor Senoret mostrou-me um recorte do *The New York Times* com um retrato dele, debaixo do qual alguém escreveu que ele era como uma espécie de Rodolfo Valentino quando jovem. Papai diz que esse tal Valentino fez o papel de sheik árabe e que as mulheres desmaiavam no cinema, de tão bonito que ele era. Eu não tenho a menor ideia de nada disso. Deve ser dos tempos em que se amarrava cachorro com linguça, como diziam lá em casa. Perguntei a ele se tinha ouvido falar, nos estúdios, de Ray Coppeta, e ele disse que o nome não era estranho. Emprestou-me a revista enquanto tirava umas fotografias para levar para dona Gabriela, e então li o resto do artigo. Leio inglês como uma bala: direto. O artigo dizia que o senhor Senoret é "diferente", ou seja, não tem nada a ver com Marlon Brando nem com Elvis Presley nem com os sujeitos que ficam mascando chewing gum e deixam as menininhas loucas.

De acordo com esse jornal, eu devo ser uma dessas menininhas adolescentes, porque adoro Brando, principalmente em *O selvagem*, numa moto grande feito uma locomotiva.

Ele me deixou o endereço, que passo a você, por via das dúvidas (numa dessas você vai para os Estados Unidos querendo triunfar no cinema...) Senhor Senoret C/o Diana Barrymore Hudson Street 14 Greenwich Village New York, NY

Na próxima vez que eu escrever, espero poder dar um endereço. Preciso muito falar com você, pois estou perplexo.

Você teve sempre uma forma de se soltar que me entusiasmava, e lamento não ter sido suficientemente interessante, ou decidido, para que você prestasse atenção em mim.

Falei de você com o senhor Senoret, e ele disse que achava bom nós dois não termos ido para Nova York, porque a estas alturas estaríamos vendendo pizza na rua 42. Ele me disse também que "a solução está aqui". E apontou os morros completamente nus do vale do Elqui. Senti vontade de chorar, feito James Dean abraçada ao pai em *Vidas amargas*, porque eu não sei com que grude posso colar uma coisa na outra.

A poetisa que escreveu *Los sonetos de La muerte* vive em Nova York morrendo de vontade de estar aqui, e eu vivo aqui morrendo de vontade de estar em Nova York.

Vou me despedindo via Presley: *I want you, I need you, I love you with all my heart.*

PEDRO PABLO PALÁCIOS, sem endereço conhecido.

Quando Jovana recebeu o primeiro salário na chapelaria Otto, da travessa Matte, me levou até o Bahamondes para comer um completo. Trata-se de uma salsicha numa bisnaga, coberta por uma verdadeira horta de chucrute, tomates, pimentão, abacate cortado e um creme especial, tipo maionese, "que não contém corantes".

O pessoal dos escritórios fazia seu almoço com um daqueles torpedos, à base de mordidas que iam até os dentes do siso. Conseguiam devorar um inteirinho em cinco mordidas, embora boa parte de sua frondosa decoração acabasse derramada nas lapelas dos paletós.

Uma vez por semana, Sepúlveda trazia para casa uma sacola de ráfia que incluía uma gravata ou uma camisa carimbadas pelo completo do Portal Fernández Concha. Embora eu adorasse aquele sanduíche, não tinha boca para derrotar um inteiro. Primeiro lambia a guarnição de molhos e verduras, e só quando tinha rebaixado tudo até um volume suficiente para que o cachorro-quente enfim aparecesse, imiscuía meus pequenos dentes naquele problemão. Destaco o completo daquele dia, entre todos os fogosos meios-dias primaveris que antecederam a eleição presidencial, menos pelo júbilo gastronômico que pela coincidência de dois fatos de diferente magnitude que marcaram meu destino. Foi como se a vida inteira se orientasse para que meu voluntarioso gesto de me fazer chamar Alia Emar Coppeta fosse enchendo-se de uma substância irresistível.

A intuição de que algo iria ocorrer nas horas seguintes fez-se mais urgente na sapataria onde Jovana me levou para comprar botinas Joyce modelo King Cole, de camurça cor de areia. Na verdade, eu preferia o tipo Cut Up em couro vermelho, por causa da lingueta Sioux que vinha junto, mas Mr. Cole havia colonizado meus sonhos e meus bailes de sábado com Too Young e A Blossom Fell Era a eterna discussão com minha tutora, que se declarava socialista mas preferia que a matassem se tivesse de casar com um negro. Eu, em compensação, desde *A cabana do pai Tomás* e dos poemas de Langston Hughes e Nicolas Guillén que Sepúlveda tinha me dado de presente, e depois da ida a Caupolicán com meu avô para a partida de exibição dos Harlem Globe Trotters (onde entregaram o troféu de melhor trajetória no basquete ao compadre de Tebi, Rolando Comprido) e da canção Kalú, de Dalva de Oliveira, que dancei com um estudante cor de azeviche na "Noite Tropical" organizada pela embaixada do Brasil na praça do mesmo nome, pois eu, depois de tudo isso, era totalmente pró-

jazz, partidária dos casamentos mistos e autodesignada cidadã honorária do Harlem. Enquanto experimentava os sapatos deixando que o infeliz vendedor apalpassem minhas pernas à vontade, comecei a pensar intensamente em Alia Emar, ou talvez a maneira mais precisa de me expressar seria dizer que minha avó Alia Emar é que pensou em mim.

Mamãe tratava de limpar, com saliva, certas cicatrizes e certas marcas de óleo do meu joelho, consequência dos abusos com a Indian, quando digeri com repentina lucidez aquilo que anos antes tinha sido rebeldia e capricho.

Dar um nome a mim mesma era uma forma de ser alguém.

Dar um nome era dar uma identidade de presente a uma coisa ou a uma pessoa. Provavelmente eu não era Coppeta, porque até mesmo o último dos malícios saberia que na longínqua ilha de Gema, em Costa de Malícia, meu avô só tinha tocado a noiva de "todos", como a chamavam em suas noites mais harpias, com o olhar.

Franck não era o marido legítimo de Alia Emar: de acordo com as histórias escritas que circulavam no Chile num idioma hieroglífico do qual a única coisa que eu entendia era o nome do jornalista Pavlovic, aquele meu eventual avô havia explodido os próprios miolos num bote diante de Gema, sem que a noite nupcial tivesse sido consumada.

Minha mãe, pois, tinha nascido como produto de uma promíscua jornada na qual os soldados invasores deram a nota mais abominável de sua bestialidade: a violação. Era compreensível durante décadas que ninguém tenha tocado na questão do meu sobrenome.

Ainda assim, restava meu pai. Mas este tal senhor, segundo o Vermutungen de um alemão estabelecido em Antofagasta, tinha partido com rancor e entusiasmo para enfrentar num grupo partidário a invasão nazista, deixando um frutífero esperma no ventre da minha mãe. De acordo com as especulações, este herói anônimo consumiu-se em sua tríplice coragem de vingar o ultraje à sua sogra, salvar a humanidade da barbárie e omitir-se como pai de uma criatura ad portas.

O pragmático critério dos malícios optou por não me dar o sobrenome de meu pai, eventualmente já finado, e bordar em meu babador apenas o nome Magdalena, jogada essa que, aliás, deixava espaço suficiente para que Esteban Coppeta caísse no conto da carochinha de que eu era sua neta.

Também me deixei sufocar por certa ambígua recriminação a meu pai. Será que o babaca precisaria mesmo ter sido tão heroico, estando eu em plena gestação dentro do útero da mamãe? E depois de ter me parido, será que ela estava tão maluquinha de amor pelo semental que foi atrás dele montanhas guerrilheiras acima, sem nem ao menos ter trocado minhas fraldas? De volta

para casa, permiti que minha tutora e mãe postiça rodeasse meus ombros e brincasse, carinhosa, com meu cabelo, que cobria minhas orelhas. Os King Cole não eram tão macios como a voz do meu ídolo, mas não apertavam meus pés tão condenadamente como aqueles outros sapatos que tinham porque tinham de servir, já que "não há dinheiro para sapatos novos".

Quando descemos do bonde vimos tamanho tumulto na entrada de casa que mamãe acelerou o passo, dizendo que podia ser um incêndio. Não era fogo, mas até que ela não estava tão errada assim.

Ao lado do meio-fio havia um descomunal automóvel azul, de reflexos insolentes, que parecia recém-fugido das telas de um cinema. Era implacavelmente novo, irresistivelmente conversível, furiosamente cromado, e dos alto-falantes do rádio propagava-se ao universo No me platiqués mas, cantada por Lucho Gatica e os Peregrinos.

Nunca mais tornei a ver semelhante festival de mandíbulas caídas: as de Vulcano Vargas, as de Máximo Jeria, as duas mandíbulas satanizadas pela acne dos irmãozinhos Silvermann, a de Paço Gregório, a de Gino Sorveteiro, a do corvo da bilheteria do cine Alcázar, e por último a de Richard, que ao me ver confessou com desprezo que tinha se aproximado do automóvel por "razões puramente profissionais".

Atrás do volante havia um homenzarrão com boné de motorista, terno cinza e gravata, mascando com a deselegância de um gângster. Olhou para mim olhando para ele, tirou o chiclete da boca, amassou-o entre os dedos e, depois de engolir saliva, disse: — Senhorita Alia Emar Coppeta? Naquele momento, tudo que eu queria ter era um par de óculos escuros. O cromado do automóvel multiplicava por cem o sol das duas da tarde, e os vizinhos continuavam agrupando-se, protegendo os olhos, com as mãos nas sobrelanceiras, daquele fulgor. Agora, todos dirigiam seus olhares para mim. Só atinei a pigarrear, coisa que o motorista traduziu como uma concordância minha.

— Meu patrão está à sua espera, lá dentro. Entramos em casa passando pela multidão, e no degrau que dava ao vestíbulo Sepúlveda estava fumando seus cigarros com piteira. Aos seus pés havia se formado um pequeno charco de guimbas. Ao ver-nos, apontou com o queixo para dentro da casa, e tornou a aspirar a fumaça interrompida, desligando-se de tudo que pudesse ocorrer.

O senhor que nos aguardava levantou-se do sofá coberto de crepom florido, e pensei que fosse roçar a lâmpada que caía desguarnecida, sem luminária que a disfarçasse. Se tivesse sido à noite, o constrangimento de ver aquele homem de cabelos grisalhos, de nariz aristocrático, de testa bronzeada, de olhos marrons que pestanejavam com curiosidade infantil, ao lado da lâmpada infetada de insetos chamuscados, teria me afogado em vergonha.

Vestia um paletó azul com botões prateados que cruzavam o peito, e por baixo da camisa rosa pálido derramava-se um lenço de finíssimo tecido cinza. Não havia um pelo em sua face barbeada com obsessão, e um aroma estrangeiro acentuava levemente a auréola que o envolvia.

Inclinou seu espigado esqueleto com cerimonial quase japonês, e ao erguer-se me ofereceu a mão.

— Senhorita Alia Emar Coppeta? Temendo ser suspeita de algum crime num inesperado enredo policial, olhei primeiro para mamãe, e ao perceber um brilho de cautela também em suas pupilas, disse a única coisa certa que poderia dizer.

— Esse é o meu nome. — Esta é a senhora sua mãe? — Não, é a minha tutora e procuradora e responsável.

Tornou a inclinar-se para roçar com seus pulcros bigodes grisalhos um dedo que Jovana havia estendido para ele.

Abriu em seguida uma pasta, de onde tirou algumas páginas que depositou em cima da mesa, tomando alguma distância e coçando simpaticamente a nuca.

— O motivo da minha visita é este aqui — disse ele apontando os tais papéis. — Se a senhorita Coppeta fizesse a gentileza de ler em voz alta, eu poderia executar de uma vez a tarefa que me trouxe ao Chile.

Peguei a folha com aquele temor cerimonioso que a elegância do ancião em questão impunha. Parecia um juiz, desses que aparecem nos filmes com toga, martelinho de madeira, e depois sentenciam qualquer um à cadeira elétrica.

Era um texto escrito em espanhol, traduzido por Marta Roscic, com o título A noite dupla.

Conforme fui lendo, a palidez de Jovana se acentuou e minha voz se fez mais lenta, temendo que todas as histórias de guerra, fugas e crimes que caíam pouco a pouco, feito migalhas, nas reuniões dos malícios, passassem a ter, a partir da visita daquele cavalheiro tão distinto, uma fatalidade judicial.

Era uma reportagem, e narrava um episódio ocorrido na ilha de Gema nos bastidores da noite, enquanto ocorria uma sessão de cinema, parte das festividades programadas por ocasião do casamento de minha 'avó' Alia Emar. As páginas descreviam a emboscada que um grupo de malícios armava na praia contra um batalhão de jovens austríacos, e concluía com o relato de como meu 'tio-avô' Reino Coppeta havia ultimado o último dos invasores, degolando-o.

O artigo assinado pelo meu conhecido Roque Pavlovic, correspondente, tinha um tom pomposo e inflamatório, muito diferente ao bom tom matter of fact que tratavam de nos inculcar nas aulas de redação do colégio inglês.

Porém, no meio de tanta levedura, distinguia-se uma substanciosa massa:

Reino Goppeta, o irmão de meu avô, de quem Tebi fizera menção poucas vezes porque "embora fôssemos filhos da mesma santa mãe, era um verdadeiro filho da puta", havia cometido um crime atroz, por mais patrióticas que fossem as suas motivações.

No último mês, Sepúlveda tinha mostrado, com orgulho, arquivos das caçadas espetaculares do serviço de inteligência de Israel que perseguiam, na Argentina, no Brasil e no Paraguai, nazistas fabricantes do Holocausto. A imprensa daquele mesmo ano havia informado, dia a dia, o julgamento de extradição contra um nazista chamado Rauf, detido no Chile.

Aquele cavalheiro, concluí, lívida, não podia ser outra coisa além de um delegado austríaco destinado a prender degoladores como Reino Coppeta, de acordo com a generosa descrição que Pavlovic havia feito de meu tio-avô.

Terminei de ler e pus com malograda indiferença reportagem em cima da mesa. Graças a essa manobra, derramei o cinzeiro de Sepúlveda, atropetado de pontas de cigarro, e derrubei também uma ameixa madura, que explodiu no chão.

— Reino Coppeta — proclamei — mora nos Estados Unidos, e ignoro seu paradeiro. Se quiser prendê-lo recomendo que procure por lá, são apenas quatrocentos milhões de habitantes.

O ancião cruzou todos os dedos na altura da lapela, e escondendo um sorriso travesso beijou ruidosamente os nós dos indicadores.

— Ah, sim, claro — disse, suave. — Tenho excelentes contatos nos Estados Unidos. Procurei-o durante anos, mas não apareceu, nem vivo, nem morto. E no entanto, graças a esta reportagem de Gómez Stark — e mostrou a pontinha de uma folha de papel que aparecia no bolso de seu paletó — fiquei sabendo que o doutor Reino e seu avô, Esteban Coppeta, viajaram num barco que vinha para o Chile.

— Reino Coppeta pulou do barco em New York e se afogou — disse Jovana, interrompendo bruscamente. — Não vale a pena continuar procurando. Foi comido pelos peixes.

— E meu avô morreu faz anos, e odiava seu irmão Reino.

Justamente por causa do que esse jornal diz que ele fez.

O homem olhou as horas estendendo ligeiramente o pulso, e permitindo assim que surgisse um relógio cravejado de quilates. Havia naquele relógio ouro e rubis em quantidade suficiente para distrair uma princesa.

— Distintas damas. A esta hora, costumo tomar uma xícara de chá sem açúcar. Dado o longo trajeto que percorri até aqui, e a tradicional hospitalidade dos chilenos, seriam tão amáveis a ponto de obsequiar-me uma xícara, antes que eu confesse o real motivo desta minha visita? Jovana foi até a cozinha e antes de correr a cortina de lona que a separava do living olhou duro para mim, impondo

uma discrição feroz. O ancião acariciou uma sobrancelha e tornou a sorrir. Eu fiquei séria. Às vezes, os malvados também são encantadores.

— Soube da morte de Tebi na ocasião certa. Mas não pude vir antes, por causa dos meus malditos compromissos de negócios.

— Como é que o senhor sabe que ele era chamado de Tebi? Examinando o vinco das próprias calças, fez um trejeito que queria omitir muitas coisas.

— Tebi. Duas sílabas. Que para mim são iguais a amém.

Estendeu a reportagem sobre a mesa e pôs seu dedo sobre um ponto que parecia ter sido tocado infinitas vezes. Do bolsinho externo do paletó, sobre a lapela, tirou um estojo de couro e começou a colocar, bem na frente do nariz, quase na ponta, um par de óculos redondos arrematados por um arco de prata. Leu, sem grande ênfase: — "Brandindo apenas seu libertário coração e um punhal de afiada lâmina, fez sua entrada na cabine do timoneiro, em cujas sombras, encurralado pela covardia de não haver caído junto à sua tropa nas areias, um soldado sofria convulsões, preso de vergonhosas lágrimas. Ao ver a aparição de Reino Coppeta, o vil sujeito atirou-se aos seus pés, e pediu clemência invocando Deus e sua mãe viúva. Aquelas lágrimas de homem, antes de amolecer o coração do filho de José, o inflamaram de vergonha alheia, e sem vacilação fatiou com tamanho entusiasmo a jugular do austríaco, que por pouco a cabeça não se soltou do corpo." Deteve a leitura, tirou os óculos com gestos parcimoniosos, colocou-os no estojo, apertou o botãozinho do fecho e guardou-os no bolsinho superior externo do paletó. — Se a tradução deste artigo para o espanhol for correta, então o defunto sou eu.

Seu cartão de visitas coube exato dentro de minha mão trêmula. Li em voz alta: — "Wolf Michael Pretzlik. Investimentos".

— Imagino que em sua curta idade...

— ... catorze...

— ... a senhorita não terá alcance suficiente para entender a dimensão desse parágrafo na vida de seu avô e de seu tio-avô.

— Para falar a verdade, senhor Pretzlik, não.

— Seu avô Esteban estava junto de Reino, quando ele quis me matar.

— Meu avô seria incapaz de matar uma mosca!

— Concordo, senhorita Coppeta. Concordo. Tanto é assim, que quem chorou, "preso de convulsivas lágrimas", foi seu avô, implorando a Reino que não me degolasse. Numa explosão de impaciência, Reino atirou Tebi por cima da borda, e veio empunhando o punhal na minha direção. Mas em vez de "fatiar com entusiasmo a minha jugular", cortou com um só golpe a corda da âncora, e deixou que meu navio vagasse a esmo, sem tocar um só fio de meu cabelo. Depois se atirou ao mar e nadou até a praia. Era um grande atleta. Duvido muito

das versões que dão Reino Coppeta por afogado no Atlântico.

Jovana veio com uma xícara de chá fumegante, depositou-a na frente do senhor Pretzlik, e colocou-se na beiradinha de uma poltrona, olhando compulsivamente para mim, como se com aquela intensidade pudesse decifrar o que tinha acontecido entre mim e o forasteiro. Foi ele mesmo quem, com modestos sussurros, colocou minha mãe a par de tudo.

— Como a senhora compreenderá, devo ao avô desta senhorita nada menos que minha própria vida.

— E ao tio Ray.

— É verdade. Devo minha vida aos dois. E os dois devem a mim provavelmente a desgraça que arruinou suas existências. Reino Coppeta mente ao jornalista Pavlovic para salvar a honra da sua família. Mas com isso certamente perdeu a fraternidade de seu irmão, a quem ele havia jurado que não me mataria.

O silêncio que se impôs entre nós era de outro planeta.

Custava crer que aquela fosse a minha casa, que tivéssemos acabado de ouvir aquelas palavras, que não houvesse uma única gota de vento para ventilar aquela pausa infinita.

Quando ficava desconcertada, Jovana desandava a coçar os próprios joelhos. E foi exatamente isso que ela fez. O visitante sorveu um pouco de chá, e depois acrescentou algumas colheradas de açúcar.

— O que está achando do chá chileno, doutor?

O velho buscou com um longo pestanejar o adjetivo apropriado, e finalmente expeliu-o, satisfeito: — Original.

— Imagino que lá na sua pátria o senhor tome chá inglês.

— Isso mesmo.

— E este aqui não é tão bom como o inglês.

— Tão bom, não — disse o senhor Pretzlik com os olhos cheios de lágrimas. Eu mesmo senti a poderosa corrente que começava a se estabelecer entre a alma daquele homem e a minha. Ele dirigiu os olhos na direção dos meus, através da fumacinha rápida que subia da xícara, e vi suas largas narinas contendo o pranto.

— Chá inglês, do bom, aqui só é vendido na Gath & Chávez — Jovana insistiu. — Se eu tivesse sabido antes que o senhor viria...

A voz do ancião manteve o diálogo, mas as sílabas se afogavam em sua garganta.

— Não se preocupe. O... açúcar... melhora o... chá... consideravelmente...

E o senhor Pretzlik desandou a chorar com todas as forças da sua alma.

Suas mãos trêmulas tentavam dizer que não, que não estava acontecendo nada, que não estávamos vendo o que víamos. Eu saltei em seu colo e molhando-me com suas lágrimas beijei sua face, afundei meus dedos em seus cabelos grisalhos, apertei-o contra o meu coração dizendo não chore não, senhor Pretzlik. Quando limpei suas lágrimas, esfregando meus cabelos em seus pômulos, percebi que não conseguia distinguir seu pranto do meu, e ficamos abraçados beijando nossas frentes e faces, sem pausa.

Passaram-se alguns minutos antes que nossos corpos se acalmassem. Afrouxei lentamente a pressão sobre suas costas, e ele utilizou esse espaço para secar o rosto com o dorso das mãos. E só então pude olhar para Jovana, e notei-a ausente, coçando os joelhos mecanicamente, possuída pela peste.

— Desculpem, desculpem — disse o homem já com a voz recobrada. — Nada aconteceu do jeito que eu tinha previsto. Eu queria trazer a este belo lar um pouquinho de alegria, e em vez de animar o coração desta donzela—essa foi a palavra exata, que guardei na memória — acabei abalando-a com meus ataques de velho sentimental — sorveu precipitadamente a sua xícara, e limpou com o dedo um pequenino ranho do nariz. — O chá está excelente, senhora. É uma infusão muito original — desfez-se do conteúdo bebendo até o final, e estalou a língua de maneira histriônica, e até lambeu os lábios com gesto felino.

Levou-nos até a porta, inclinou-se cumprimentando muito discretamente Sepúlveda, e quando chegou na frente do automóvel azul tirou da pasta uns documentos embrulhados em papiro, e do bolso um jogo de chaves, que tilintaram alegremente ao serem erguidas. O chofer desligou o rádio, desceu do automóvel e ficou em pé ao lado do senhor Pretzlik, numa atitude quase marcial. O ancião estendeu-me as chaves e os papéis, e disse sem ênfase, quase com ternura: — Um presente para a senhorita, gospodina.

Antes que eu pudesse reagir, os dois deram meia-volta encaminhando-se até a esquina, e ao vir que vinha o bonde que ia para o centro correram, e quando chegaram ao sinal conseguiram subir.

Na opinião de Sepúlveda, manter o carro na família era ostensivo, arrivista, presunçoso, vaidoso, exibido, delirante, desproporcional, infamante para a vizinhança, humilhante para os companheiros de partido, irracional para uma menina de catorze anos, ofensivo para os meninos que brincavam com diabolôs e rãs na praça, suspeito para o imposto de renda e tentador para os ladrões.

Sua proposta era vendê-lo sem mais delongas e destinar o dinheiro para reformar a casa, para os cofres do partido e para aperfeiçoar minha educação inglesa. Se sobrasse alguma coisa, poderiam até me comprar uma passagem para Nova York quando eu terminasse o colégio, ou seja, dali a uns dois séculos.

Naquela altura, estava mais do que claro que meu professor tinha se instalado na cama da minha tutora, e que sua contribuição econômica na casa mal e mal dava para melhorar o molho do espaguete ou aumentar a taxa de fumaça que ele e Jovana produziam, ignorando alegremente o câncer no pulmão que tinha dado fim em meu avô. Minha vingança contra aquele regime se baseava em várias estratégias.

Primeira e principal: o Chevrolet de Luxo era inegociável, invendível, intocável. O automóvel era um altar erguido à memória de meu avô, o símbolo da fraternidade universal entre os homens, o triunfo da ternura sobre o abominável princípio de obediência devida que os soldados cruéis esgrimiam para ocultar sua violência e seu sadismo.

Aos dezoito anos em ponto eu subiria naquele carro e o dirigiria até a universidade com a pose e a eficiência de uma adolescente de Malibu Beach. Talvez eu mesma dirigisse aquela joia pela América Latina afora, até estacioná-la em Manhattan. Desta forma ficariam satisfeitos meu avô, meu tio-avô e o próprio senhor Pretzlik.

Enquanto esperava pelo momento, porém, instalei um comércio que ocupava algumas de minhas horas depois das aulas, e que aos sábados e domingos eu assumia como se fosse, e de verdade era, um full time job. Éramos três sócios na empresa: Richard, o rapaz do posto de gasolina, que propiciou um espaço no estacionamento para aquela pequena joia; Timóteo Simón Bernstein, o fotógrafo lambe-lambe da praça; e eu, Alia Emar Coppeta, que vendia entrada a namorados, anciãos, visitantes que vinham do interior, colegiais, garotos que queriam impressionar os amigos e funcionários de baixo nível que queriam humilhar os chefes.

Depois de terem pago o pedágio, recibo na mão, os clientes entravam no Chevrolet e Simón aplicava-lhes seu clic certo, bem na hora em que eles pareciam flutuar de tanta felicidade. A renda foi tão suculenta que me permitiu comprar coleções completas de Sam Cook, Frankie Avalon, Brenda Lee, The Four Aces, The Four Lads, Frankie Laine e Tony Bennett.

Sepúlveda classificou a ação como bandidagem capita lista. Fui acusada de ter um instinto perverso para arrancar mais-valia de objetos destinados a outro uso. De conceber alianças espúrias com sócios aproveitadores, e de fomentar na juventude do bairro o sonho de lucros desvairados, quando essa mesma juventude deveria estar sendo sensibilizada para as lutas sociais que ocorreriam no Chile.

Na segunda semana o êxito comercial multiplicou os lucros por cinco, quando Richard, vestido igualzinho ao chofer do senhor Pretzlik, passou a oferecer tours em volta da praça aos garotos que saíam das matinês e aos namoradinhos que faziam hora comendo um sorvete de casquinha antes de entrar na sessão da noite. O clímax daquela ação turística se dava quando meu toca-discos RCA extraía, com sua agulha novinha em folha, as notas dos hits semanais, graças a um fio elétrico que Richard tinha conseguido conectar na bateria do veículo.

Ter em casa o professor de matemática rendia alguns benefícios, já que era impossível evitar que corrigisse rigorosamente os exercícios que ele mesmo passava como dever de casa. Mas eu tratava sempre de tirar as notas mais altas em inglês, confirmando-lhe desta forma que enquanto ele estivesse construindo o paraíso socialista no Chile, eu estaria triunfando como cantora de rock and roll em Nova York. Ele que ficasse com seu Salvador Allende, pois eu ficaria com o meu Elvis Presley. A terceira das minhas medidas que deixavam Sepúlveda fora de si era fazer com que supusesse que eu levava uma vida promíscua entre os homens que me rodeavam. Vi como ele se torturava com o rumor que corria nos recreios: de noite, eu me estendia no banco de trás do Chevrolet e permitia, a troco de alguns tostões, que os garotos da universidade lambessem meu sexo.

Quando Jovana aparecia para tomar sua invariável dose cotidiana de cabelinho-de-anjo com caldo de carne, eu surgia voluntariamente desalinhada, como se tivesse sido espremida pelas depravações mais loucas. Na verdade, porém, sexo era, para mim, um continente remoto. Podia sonhar ou imaginar todo tipo de ação, mas o partenaire de todas aquelas proezas não estava à vista.

A notícia estendeu-se do colégio à praça, e da praça ao posto de gasolina. Richard estava me dando aulas de direção num Ford caindo aos pedaços, já que ninguém tinha dinheiro para pagar o seguro do Chevrolet novinho, caso ele fosse espatifado contra algum poste. A Indian, superada pelo automóvel, foi vendida

para cobrir gastos de infraestrutura da empresa fotográfica e turística.

Certa noite de passeios pela avenida Canning, entre a rua San Pablo e a Alameda, ele estacionou o automóvel na rua Agustinas, debaixo de um poste apagado, e limpando alguma coisa do nariz me perguntou por Detour. Na verdade, a aparição do senhor Pretzlik tinha pulverizado em minha memória as muitas invenções que eu volta e meia fazia e, cheia de surpresa, me ouvi dizer:

— Terminamos.

— Mas ele não ia casar com você?

— Pois é, mas acabou não querendo esperar tanto tempo.

— Sei.

— Além disso...

— Estou ouvindo.

— Falava de um jeito esquisito. Com os erres de meu avô. Quer dizer, eu gostaria de me casar com alguém que não parecesse da minha família...

— Você está se achando a tal, Alia Emar.

— Por que você diz isso?

— Porque você passa o tempo sonhando mentiras. Nem parece que vive aqui. Está sempre com a cabeça em outro lugar.

— E o que tem de errado nisso?

— Que nós somos pessoas reais. E não personagens de filme.

— Você parece o Sepúlveda falando...

— Qualquer um que conheça você não dirá outra coisa.

— Afinal, o que você está querendo? Richard abriu e fechou várias vezes a janela de sua porta, acionando a pequena manivela.

— Você devia vender o carro.

— Agora?

— O quanto antes.

— Mas se estamos ganhando um dinheirão!

— Não gosto disso, menina. Não posso ser o sujeito da bomba de gasolina e ao mesmo tempo dirigir esse carro. Me faz mal. Na cabeça, entende? É como se eu fosse um servente de todo mundo.

— Por que você não diz de uma vez o que está querendo?

Olhou para mim um instante, mas a fúria o deixava travado.

— Estão falando na praça que de noite você entra no Chevrolet com uns sujeitos.

— E daí?

— Eu preservei você como se fosse uma joia rara.

— Eu sou uma pessoa, e não um diamante.

Richard pegou minha mão e levou-a até a braguilha. O calor de seu

membro impregnou meus dedos.

— Eu não gosto que brinquem comigo, Magdalena.

Afastei-me dele e liguei o rádio do carro. *Big Girls Don't Cry*. Depois tirei as chaves do contato e guardei-as no jeans. Desci do carro e disse: — Você está despedido, Richard.

Há momentos na vida em que tudo anda mais depressa que a gente, e enquanto escrevo sinto que estou muito à frente das minhas palavras.

São punhaladas que Santiago costuma desfechar na gente, e sem aviso prévio. Certa noite de chuva em pleno inverno o ar se aquece, as luzes dos sinais de trânsito ficam mareadas no asfalto escorregadio, e do telhado da casa colonial as gotas caem com ritmo.

Você não sabe como nem de onde, mas de repente está com dezesseis anos. Sente-se perfeitamente bela e miserável.

Nenhuma heroína de romance sofreu tanto como você. As atrizes de cinema, exceto algumas italianas e francesas, parecem bonequinhas de luxo. Existe alguma coisa imensa que está faltando na sua vida, e a ausência da sua avó é mais forte que uma presença. Pelas noites, rezo o Pai Nosso com fé mas sem saber se creio no que digo. Pelas manhãs vou ao colégio com olheiras de insônia e joelhos gelados que parecem coroas fúnebres sobre minhas meias azuis. Chove malditamente, e Santiago se transforma num barro inteiro de tristeza e livros velhos que folheio sem ler.

É sábado de manhã. São as férias de inverno e nos deram, no colégio, as notas do primeiro semestre. Só em inglês ("os ianques amoleceram o seu miolo, Alita", diz o inadiável Sepúlveda) tirei dez.

Sei de cor alguns poemas que logo descobriria que combinam com meus sentimentos. Robert Frost, William Carlos Williams, Emily Dickinson, Denise Levertov. Em prosa, leio Kerouak, *Visions of Gerard* ou *On The Road*. Começo a amar mais os livros que os filmes, mas eles também me dão emoções fortes e eu naufrago em desbotados lugares-comuns.

Muitas vezes fico alegre, poucas vezes fico feliz. É como se eu não tivesse centro. Forte como um tronco, mas sem raízes.

Tomo café com leite de manhã, escolho um filme para a matinê, e deduzo que depois irei me congelar na praça.

Minha viagem foi excessivamente adiada. No fim do ano farei a prova final no colégio, e, se passar, imporei a minha maioridade diante de Jovana. Nem sei ao certo por que permiti que ela seja a juíza das etapas da minha vida. Tenho a ânsia imprecisa que não alcança uma meta. É um sonho sem forma e não quero nem posso defini-lo, mas tampouco tolero que me recriminem quando ando alheia, cheia de melancolia.

Faz meses que alguma coisa se prepara dentro de mim, mas não quero

me deter em sua forma e em seus perfis. É uma massa intangível. Pensar nisso é uma violência para mim. Não consigo.

Todas as canções em espanhol que detesto falam nisso.

Os textos rimados que cantam a isso são por mim devorados, repetidos e cuspidos com ironia. As mulheres que sucumbiram a isso são bobas: perderam o rumo como se fossem um satélite carente de planeta.

As coisas vão depressa demais na nossa frente e justo nesta sexta-feira os meninos da minha classe preparam uma festa com empanadas e números de teatro, nos quais parodiam as bruxas de Macbeth que o professor Minard nos ensinou: os trovões são os alaridos do gordo Gómez, os relâmpagos são piscadelas da lanterna do pequeno Silvermann, a adaga ensanguentada da Lady passa de mão em mão.

Tomo uma cuba-libre e vou até o quarto dos tímidos, Eles me cumprimentam com indiferença. Os meninos mais brilhantes da classe não participam mais nos sketches que são verdadeiras paródias. Visitam as salas de aula da universidade, para saber o que espera por eles em direito ou medicina.

Uma vez por semana assisto às assembleias do comitê regional do Partido Socialista, preparando-me para as eleições que virão em 1964. O "tio" Allende inoculou em mim o vírus da política, mas duvido que alguém esquisito como eu possa insuflar energia ao povo para que se organize e mude este país de merda. Nos locais do partido bebe-se chá fervido, e tira-se pão caseiro do forno. É difícil tirar esse pão, que fica sempre queimado demais. Depois a gente precisa tirar com a unha as partes carbonizadas. A pobreza das pessoas dói em mim.

Levo no bolso da blusa um papel quadriculado com um número de telefone anotado. É o número de alguém para quem eu gostaria de Ligar. Devo estar pirada. Enferma da cachola. Não sei o nome nem o sobrenome, mas conheço a fúria dos seus olhos, a mecha de cabelo castanho que se derrama como um vendaval sobre a frente, os ombros jogados para a frente protegendo-se de um soco invisível, as desarrumadas sobrancelhas dos desesperados. E coroando tudo isso, um sorriso contagioso que só eu sou capaz de provocar, cheio de dentes inquietos.

Nestes entreveros da minha fantasia, meu professor de francês me chama no começo do último semestre do colegial para que eu faça uma prova de compreensão de *Les lettres de mon moulin*, de Alphonse Daudet. Adoro o texto, e não me incomodo de levantar para esse compromisso com Arenas às sete da manhã apesar do frio que racha a cidade e mostra os muros descascados das ruas onde moro e agonizo. Pior: o encontro acontecerá em outro colégio, onde meu professor Arenas é, nada mais nada menos, o diretor. Um colégio de Santiago, famoso por abrigar alunos barras-pesadas, uns sujeitos de canivete na mão,

explodidos de cerveja, maconheiros profissionais, jogadores de sinuca, apreciadores de putas e cabeleireiras, além de rapazes de boa família que perderam o eixo após a separação de seus pais. Entro toda tensa, como se estivesse visitando um condenado à morte em sua cela.

O professor faz com que eu me instale numa poltrona de couro rachado, vê minhas pernas azuladas e me oferece uma xícara de chá espantosamente chileno mas agradavelmente quente e amargo.

Leio o capítulo praticamente sem errar, e o professor Arenas move a cabeça seguindo um ritmo secreto: talvez seja o mesmo francês que ouviu sussurrado por alguma amante em sua juventude. Ele se sacrifica por nós. É como um dos professores bonzinhos de Coração, de Edmundo de Amicis.

— Muito bem, minha filha, diz ele. Vou lhe dar um dez, para que sua média no semestre seja nove. O que você vai estudar na universidade?

— Francês, professor Arenas — respondo, oportunista e agradecida, e naquele momento um inspetor faz com que um aluno entre, na base dos pontapés.

Olho para ele, e é um incêndio naquela penumbra. A camisa aberta, a gravata azul torta como se estivesse vindo de um jogo de futebol no recreio, um cigarro flácido e apagado entre os dentes, alto e curvado, felino e sombrio, um meio sorriso desesperado nos lábios, e eu na frente dele, mergulhada na escuridão daquela poltrona fofa, onde ele não consegue me ver. Eu ali, bem naquele momento. Eu ali bem naquele momento com o papel que tiro do bolso e aperto.

Eu ali, com um verso de Ernesto Cardenal na ponta da língua: "Atenda você o telefone." Mordo os dedos para não gritar seu nome. Era Pedro Pablo Palácios.

Atrás dele, ofuscado pela hostilidade do escritório e pelos retratos de três ex-presidentes da Pátria, chega seu pai. É o mesmo seu Lorenzo de sempre, mas depois de ter sido arrasado por uma tempestade siberiana. É um cão humilde golpeado pela chuva. O velho com sua capa de chuva esgarçada, e o capote do filho, com manchas do tamanho de faróis.

Eles não percebem a minha presença e o diretor esqueceu de mim. Permaneço na penumbra e ele avança até a família e deixa um rastro de palidez atrás de seus passos. Torno a me afundar na poltrona e engulo o chá insuportável como se fosse um néctar. Aquela xícara é a única coisa à qual posso me agarrar no meio desta vertigem deliciosa. Tirei média nove, estou com o livro de Daudet em cima dos joelhos e com Pedro Pablo Palácios na minha frente, que hoje parece a encarnação do retrato do menino do telefone que desenhei a lápis mil e uma vezes. Há em cada detalhe de sua atitude uma intenção de tango, algo muito

viril e adulto. Um desespero assumido. Uma expressão de animal traiçoeiro. Um grupo de garotas canta uma canção de Neil Sedaka diante do portão de grades do colégio de homens que o porteiro se nega a abrir: Happy birthday, sweet sixteen.

Hoje, porém, não compartilho desse cha-lá-lá adolescente e em falsete. "Chove lá fora e eu te amo tanto", cantava Sepúlveda, distraído, quando me levou, dois anos atrás, a Gath & Chávez para comprar em março o uniforme da escola.

O uniforme das primeiras tetas, como foi batizado por Jovana. Pois hoje, finalmente esses gêmeos deixavam na minha blusa de algodão a tão esperada marca bicuda de seus mamilos.

Acontece que é dia 21 de janeiro. Como sempre, Santiago no verão é uma churrasqueira meticulosa. Não perdoa nem a pele, nem as tripas.

Estou chegando da noite mais longa da minha vida, embora não tenha sido a mais estranha. Nos meus olhos há uma revoada de gaivotas, embora talvez sejam apenas camundongos.

A redação do *The New York Times* me pediu este artigo. A única coisa que coincide com minha glória é o meu assombro. O jornal dos meus sonhos junta-se com o dia do meu aniversário, e o Negro Torquera, Marcos Planet, Tato Mundt e outros bebedores de amplo espectro e muita resistência decidem ir comemorar comigo no II Bosco na noite do dia 20, quando faltavam 45 minutos e doze litros para o dia 21.

Devo confessar que meu nome é Stark, mas sou condenadamente fraco. E mais fraco ainda fico quando tenho nas mãos um adiantamento do *The New York Times* no bolso e o angustiante anzol fatídico diz que a segunda parte será paga assim que eu mandar a reportagem por telex. Na mesa, onde meus dólares naufragam tão líquidos como o vinho, aproximaram-se dois malícios grandalhões, de quem comprei tomates na Itália certo dia. Um é um ex-jogador de basquete, de espinhaço curvo e sorriso embigodado pelo tabaco, e o outro um pequeno ás do pôquer cuja presença não é mais permitida em nenhum clube social ou biboca clandestina.

Todos ótimos para cantar em inglês "Happy birthday to you, Andresito" e afirmar o estômago entre litros de branco e jarras de tinto com alguns canapés de patas de siri e de coelho no escabeche, que ferem meu bolso até o momento em que não sei mais nem quem é minha mãe. Os namorados que fazem hora antes de ir a um motel aquecem os motores nas mesas vizinhas, e de vez em quando se dão uns beijos- mordidas que parecem sinopses de filmes.

Às vezes, as coincidências também são infelizes. Acontece que amanhã ocorrerá o funeral da poeta Gabriela Mistral, uma dama que conheci na pré-história, quando ela, como cônsul do Chile na Itália, improvisava vistos e passaportes, e que teve agora a indelicadeza de morrer há alguns dias em Nova York, onde todos sucumbem no inverno e em cujas ruas os blues mais tristes parecem hinos de Beethoven comparados com a melancolia de uma neve obsessiva, capaz de sepultar vinte vezes a União Soviética.

Aliás, a notícia agitou os corações dos funcionários do palácio, que decidiram trazer o cadáver da poeta para Santiago, devidamente envolvido na

bandeira chilena, e tirar outra vez dividendos políticos do Prêmio Nobel de Literatura que ela ganhou há uns dez anos. Naquela ocasião, a senhorita Mistral viu-se inculcada por um espírito patriótico, e voltou triunfante ao Chile para receber buquês de copíhues adornados com louvações sem fim, conjuntura essa que foi aproveitada por seus rivais líricos para atirar-lhe injúrias e insídias que a mandaram por correio expresso de volta ao exterior.

Agora, pois, o redator cultural do The New York Times, um tal de Calchie, decide dar continuidade à notícia que começa no dia 10, quando a sombria lírica morre no hospital de Hampstead, pedindo-me que no dia 21 de janeiro assista ao enterro da divina, como é chamada pelos retóricos impudicos, que aqui brotam que nem cogumelos, "A única problema", como continuam dizendo os malícios que aperfeiçoaram seu espanhol em cursos noturnos, é que eu já não sou o mesmo que escreveu há décadas uma empolgada reportagem sobre a cônsul, nem por idade, nem por convicção. Os anos me tornaram bebedor e preguiçoso, e minhas colunas em jornais infames não tiveram grande notoriedade, a não ser uma reportagem sobre a geografia erótica de Pablo Neruda, que escrevi depois que um colega encarregado do tema se enrolou num romance e o diretor do pasquim o botou na rua e me contratou pela metade de seu salário, com a justificativa de que ainda confundo palavras do tipo "osso" e "ovo". Hoje em dia até que sei fazer a diferença, e perfeitamente bem, mas reconheço que isso começou depois que escrevi uma reportagem sobre a primeira-dama, Dona Graciela, na qual a descrevi como alguém que naquele dia estivesse padecendo de profunda dor nos ovos. Seja como for, saio esta manhã do II Bosco, o vinho tinto acidado em minhas veias pelo tabaco e por uma miséria de tira-gosto, e mediante este fio de lucidez me dirijo um passo sim, outro não, até a Biblioteca Nacional, onde ocorrerá parte do velório. Duas quadras antes daquele ponto, um verdadeiro maremoto de escolares com aventais brancos engomados, todos eles agitando bandeiras chilenas de papel enquanto esperam a chegada do féretro debaixo dos suaves cascudos das professoras, que da insigne poeta conhecem apenas "pezinhos de meninos, azulados de frio, como os vês e não os cobres, meu Deus?", e que hoje celebram a finada como uma santa mãe terna e universal, "de tal forma que foi a fera que se regozijou na morte de seu amado bramando que meteria seus restos na terra ensolarada e que se afastaria cantando suas vergonhas formosas porque a essa fundura recôndita a mão de nenhuma outra desceria para disputar seu punhado de ossos!".

Mas os chilenos têm um peculiar sentido da política cultural, que permite com que oficializem tudo que é rebeldia.

Assim sendo, a divina poeta que morreu em Nova York é levada ao

místico Vale de Elqui, para ser enterrada onde não ouça os falatórios locais, e aceito que a pintem como a mater dolorosa que carrega os pesares de tantos infantes do Planeta. Mas que não cubram com o suave pardal a melena da leoa! A lírica desta dama veio misturada com o vitupério. É tida como a deusa da vida e já vi alguns quadros alusivos onde a fazem trotar tipo gazela ou valquíria pelas cordilheiras nevadas deste país, gotejando alegria. Todos querem ignorar que em sua obra a palavra "morte" é a convidada de honra e que em seus poemas se estendem ossos funerários com o carnavalismo de um cemitério.

Este país devora, mói e demole tudo. Hoje, um certo poeta anda arrancando as meias da poesia e desnudando-a junto aos anjos do Parque Florestal. Nem uma modesta metáfora alegra seus guizos. Ausculta a sublime poesia universal como um urologista ausculta uma próstata. Em vez de desfalecentes e pálidas, suas heroínas são víboras com sólidas contas bancárias. Nada de estranho que um dia deem o Prêmio Nacional a ele, como tampouco me surpreenderia que a grande finada, hoje embalada em seu ataúde por um mar de aventais brancos, amanhã seja efígie de moeda e troco para as notas de cem.

Aqui os poetas que não morrem, se matam.

Uma vez iniciei certas estatísticas macabras e depois prometi a mim mesmo não ser idiota e desfrutar da vida do jeito que Deus mandou. Isso significa, no meu caso: amor pago às perdas, e vinho submisso com mais assiduidade do que seria prudente.

Quero acrescentar que de vez em quando me chega a encomenda de algum texto pago com salário de príncipe e com a inveja aberta do meio jornalístico local, repórteres que competem entre si, do batizado ao funeral. Os maravilhosos coleguinhas da imprensa e da literatura lutam para não morrer antes do outro, e evitar assim ser alvo de brindes insinceros no II Bosco.

Confessadas estas misérias de bebedor solitário, tolerarão meus leitores uma palavra que soa como sendo de boa estirpe, mas que nasce do fundo de meu coração magoado: eu amo esta morta. Realmente estimo esta mulher que hoje vai de rua em rua no mutismo de seu caixão, enquanto todos salpicam seu ataúde com pétalas e uma lágrima sentimentalóide.

Mas eu a amo porque ela escreveu: "Não oprimas minhas mãos: chegará o duradouro tempo de repousar com muito pó e sombra nos entretecidos dedos." De Santiago do Chile para o The New York Times, por Andrés Gómez Stark.

P.S.: Compreendo que esta não é uma nota usual, e eximo o jornal de publicá-la. Peço apenas que, tendo em vista a circunstância de que o adiantamento foi-se embora, consumido em celebrações espúrias, não me seja exigida a sua devolução. Tal gentileza seria apreciada como sendo vosso presente de aniversário.

Retomo. Acalmado o pulso, tranquilizada a insensata aceleração de meu coração.

Fustigo a prosa para que a emoção não engula a memória.

Não quero que nada transborde, porque significaria que há momentos que não dependem de mim, que são superiores a mim. Hoje, não sei se a existência inteira é um assédio expectante a esses relâmpagos.

Vamos repetir. No exato momento em que tinha garantido minha média nove em francês a porta se abre, e ao dar meia-volta para identificar os invasores a palidez do Couchon Arenas se acentua até tornar-se cor de cera. Derretendo-se feito gelatina, o diretor avança até Palácios e sobre seu pai, conseguindo que a cólera o empine alguns centímetros sobre a sua baixa estatura. Seus passos duros e pesadões eram iguaizinhos aos de um milico. Daudet e Les lettres de mon moulin se tornaram uma lembrança de folhas inverniais pisoteadas por um cão.

Depois de dar bom dia ao pai, atacou Pedro Pablo com um dedo impugnador. — Seu filho, cavalheiro, não é nenhum bobo. Tirou dez em inglês. Se fosse o estúpido que finge ser, também nesse ramo teria notas ruins. A questão é motivá-lo para que estude história, física.

— Francês — cuspiu o jovem.

— Oui! — gritou Arenas. — A língua da liberdade.

— Da fraternidade e da igualdade — bocejou o jovem, sem tirar os olhos de cima do professor.

Minhas coxas se aqueceram levemente. A distância que ia das sombras que me ocultavam nas molas frouxas da poltrona até a catarata de luzes que coroavam sua cabeça tinha se dissolvido. Eu estava ao lado de Pedro Pablo e nenhum fenômeno físico podia explicar aquela proximidade.

— Sua única motivação é Nova York — desculpou-se o seu Lorenzo. — Se tivesse dinheiro, já teria partido. Mas estamos cada vez mais pobres. Os preços sobem e os salários descem. O general Ibáñez prometeu.,.

Tomou calidamente o braço do diretor obrigando-o a olhá-lo nos olhos. Tinha duas esmeraldas na cara, verdes, mas desbotadas pelo desânimo. Os olhos do filho eram marrons, mas inflamados por uma chama.

— Se o senhor expulsar meu filhinho, nós dois ficaremos à deriva. Ele é meu único filho e minha única esperança.

A mãe dele morreu recentemente. A vida inteira nós fomos...

— Pobres — disse Palácios. — Simples e absolutamente pobres.

O diretor bateu na escrivaninha com o livro de Daudet e não conseguiu ocultar a irritação que aquela dupla vulnerável e sua própria debilidade provocavam nele. Sobre sua cabeça estava pendurado o retrato a óleo do diretor anterior e com certeza se irritava ao pensar que ele teria expulsado sem mais delongas aquele mocetão arrogante.

— Muito bem — disse o diretor. — Como é que você está indo nas aulas de literatura? Palácios acariciou a parte superior dos lábios como se apalpassem o início de um frondoso bigode que não existia.

— Shakespeare — respondeu. — Sei de cor a oração fúnebre de Marco Antônio diante do cadáver de César.

— E para que serve isso? — disse o diretor Arenas abrindo piedosamente os braços.

— Bem: considerando que o homem é mortal, professor, não faz nenhum mal conhecer um discurso fúnebre.

"Friends, romans, countrymen" — começou.

— Cala a boca, please.

— Júlio César, professor. Sempre convém ter alguém que, no momento propício, o mate.

— Muito bem — repetiu Arenas. — Este é o seu último ano neste colégio, e vou deixar você ficar. Mas se tornarem a botar você para fora da aula de matemática, vou expulsá-lo pessoalmente desta escola, e a pontapés.

O pai apertou sua mão, agradecido, mas Pedro Pablo começou a perceber que havia um corpo na poltrona. Era impossível, para mim, saber se a penumbra permitia que eu fosse identificada. E mais: se ele realmente me visse, me reconheceria? Apesar da distância e da bruma que havia entre nós, seu hálito umedecia meus lábios. Sorriu.

— Do que você está rindo, idiota? — resfolegou, com o rosto azedo, o diretor.

— I'm laughing on the outside, crying in the inside — respondeu Pedro Pablo, citando *The Four Aces*. Rindo por fora, chorando por dentro, professor Arenas. A campainha do recreio aliviou a cena, quando de maneira sincronizada entrou a secretária, trazendo um sanduíche com grossas camadas de manteiga, presunto e abacate, que transbordavam, gulosas, as duas metades do pão caseiro.

— Quantas canções você conhece em inglês? — tentou exhibir-se, inoportuno, seu Lorenzo.

— Inteiras, umas duzentas. Aos pedaços, quase mil.

— E em francês?

— Uma só: O desertor, de Boris Vian.

— Essa canção é obscena—murmurou o diretor, pegando o sanduíche

com duas mãos frouxas e pálidas. — Se todos os jovens desertassem, a pátria ficaria sem soldados. E sem soldados, não haveria ordem, e o inimigo faria com a gente o que bem entendesse. Nos escravizaria.

Procedeu a aplicar uma implacável mordida no sanduíche, e enquanto o amassava na boca sujeitou o rapaz e o pai, anunciando com um gesto que ainda havia uma questão pendente.

— Cavalheiro — disse assim que engoliu o primeiro bocado —, seu filhinho é um lixo ambulante. Faça uma lavagem cerebral nele. Que em vez de canções idiotas aprenda fórmulas químicas, as leis da física, os grandes acontecimentos históricos, as equações algébricas. E acima de tudo, educação moral e cívica! O Chile precisa de homens que façam a pátria crescer e não de, com todo respeito, babacas adoradores do rock and roll. Os senhores viram o filme Sementes de violência? Pois este jovem está precisando de uma lavagem cerebral.

— Brain wash — traduziu Pedro Pablo.

— Ele precisa adquirir o perfil de um homem inteligente.

Porque de bobalhões roqueiros feito ele, com uma cançãozinha dependurada no focinho, este mundo está cheio.

— You get them a dime a dozen — disse o jovem, com seus dentes explosivos e seus olhos de gato que salta sobre a presa.

O diretor estava a ponto de descarregar a segunda mordida contra o pão, mas alguma coisa o deteve, e olhou para o teto com uma atitude mística.

— Porque este filhinho — e desafiou o pai com o queixo — quer ser o quê nesta vida? Seu Lorenzo antecipou-se para dizer alguma coisa do tipo "Só Deus sabe", quando seu filho deu um salto até ficar cara a cara com o diretor e arrebatou-lhe o sanduíche das mãos. Eu me levantei, mas agora não lembro mais se para ir embora ou se para rezar. Era um dia sufocante de inverno.

— Eu quero ser ator! — gritou, apertando o sanduíche com força e conseguindo que o abacate amassado e a maionese jorrassem pelo punho de seu uniforme.

O pai puxou-o pelos cabelos e quis levá-lo embora.

— O avô zero, eu zero, meu filho zero — disse, esboçando um sorriso servil. — Não, velho — e Palácios deu meia-volta. — Comigo, você vai levar uma surpresa. Eu vou romper essa corrente de irrelevâncias. Estou farto dessa atitude submissa de moribundo, de enfermo terminal, que o senhor tem desde que mamãe morreu. E vou conseguir o que quero, e não vai ser aqui, nesta cidade de gente resfriada e de ternos cinzentos, de ônibus fedorentos e caindo aos pedaços, de garotinhas assanhadas mas virgens, de ruas quebradas e de mendigos, de colégios com salas murchas e diretores balofos e glutões, de

babacões impostados e orgulhosos da grana que têm e sem um grama de cérebro, de sapatos furados e pombas raquíticas, dessa cordilheira que antes de se elevar aos céus com todos os seus deuses furibundos nos separa do mundo, nos sepulta, nos isola, nos aprisiona em nossas veias, nos estrangula com essas gravatas, e com a merda que patina em cima de suas cabeças calvas. Um dia vão matar todos nós, os jovens, e ninguém vai perceber, senhor Arenas — gritou com as orelhas vermelhas e com lágrimas na boca. — A única coisa que quero fazer na vida é abandonar este colégio de merda com os retratos desses velhos ocos e idiotas, com suas estúpidas fórmulas de química, com as leis imbecis da física que não servem para porra nenhuma porque o universo se rege por um caos secreto que nenhum físico descobriu, com meus colegas que se penteiam com brilhantina e cortam o cabelo toda semana no mesmo cabeleireiro que seus paizinhos, e lambem os sapatos dos inspetores para não serem denunciados por estarem fumando maconha nos banheiros. A única coisa que quero na vida, senhor diretor, ilustríssimo professor de francês, merdíssimo Couchon Arenas, é ser livre! Quando se calou — quando você, Pedro Pablo Palácios, calou-se — o seu arfar ficou dando voltas pela sala como um cachorro enlouquecido. Os vidros tinham ficado empapados, o sanduíche do diretor derreteu-se no tapete, os velhos estavam cinzentos, e suas bocas tinham se franzido até parecer a rigidez de um defunto. Seu pai ajeitava o nó da gravata, como se este gesto formal pudesse anular o discurso do filho.

O diretor olhou os restos de sua merenda.

— Acabou? — Acabei, senhor.

Então, e sem dar tempo de você proteger-se, ele agarrou-o pelo paletó, fez você girar com um vigor que sua maciez não deixava adivinhar, empurrou-o até a porta e fez você sair da sala dando um chute na sua bunda.

— Você está fora, filho da puta! Não quero ver você nem por perto do colégio, porque se vejo você por aqui ponho a polícia Militar no seu rabo!

Seu pai também foi até a porta, e no umbral, insensato, quis amolecer o coração do senhor Arenas com um pedido:

— É meu filho único, senhor — disse ele. — Um órfão.

Duas lágrimas descomunais brotaram de suas magníficas esmeraldas.

Eu, com olhos como aqueles, estaria nas capas de todas as revistas.

O diretor abanou o sufoco usando o livrinho de Daudet.

— Agradeça por ter um, meu senhor. Se o outro fosse tão imbecil como esse aí, seus cabelos já estariam infestados de fios brancos. Levou-o até a porta pegando-o pelo cotovelo e sussurrou, sombrio: — Au revoir.

Depois levou o telefone até o ouvido, e de repente pareceu se esquecer do que queria fazer. Desligou, apertou o interruptor apagando as luzes. O sinal

para a primeira aula.

Então veio até a mesinha dos fundos, onde sua xícara de chá tinha gelado, e viu, surpreendido, que eu continuava ali, com minha mochila escolar nos joelhos.

— Onde estávamos? — perguntou.

— Compreensão da leitura, nota dez — respondi. — Média em francês, nota nove.

Anotou o número em seu caderno. Eu me levantei de supetão, e antes que pudesse estabilizar meu corpo, desmaiei em cima dele.

No sábado de manhã eu tinha na minha frente o telefone negro e sedutor e o papelzinho com o número de Pedro Pablo Palácios, que substituíra a ficção dos meses passados.

Estava a ponto de desligar quando ele me disse, com voz de sono mas no tom que eu queria sentir mais perto do meu ouvido: "Sabia que você ia ligar." Naquela noite, sonhei que ele tinha empapado minha nuca com a sua língua.

Convidou-me para tomar um lanche em sua casa, e eu pedi que fôssemos juntos ao Club de Jazz. Naquela noite, quem ia tocar era o trombonista que me trouxe da Europa ao Chile quando eu tinha dois anos e depois de me embalar no regaço do vovô Esteban tinha embarcado com uma banda tropical para Caracas. A imprensa anunciava seu regresso "triunfal" ao Chile.

Segundo a entrevista que ele deu a El Mercurio, só havia pisado no país uma única vez, para entregar uma encomenda.

Segundo os velhos malícios, eu me dependurava em seu trombone que nem uma trapezista. Mas os conterrâneos, na hora de inventar um passado interessante, contam qualquer lorota.

A única coisa segura daquela história inteira é que tinham chegado dois convites na minha casa para ajam session, junto com um bilhete assinado por Pachuco Yaksic, dizendo: "Filhota, você deve ter ficado muito *gostoza*. Venha com uma amiguinha que a gente vai botá pra quebrá." Às quatro da tarde escutei na rádio Minería o programa de Pancho Cárcamo, Olha o meu balanço, com a mais completa antologia de twists italianos e norte-americanos, e vesti a outra blusa, a que era de seda, a que não era a do uniforme do colégio, e que meus seios enchiam o suficiente para que o botão saltasse cada vez que eu suspirava. Suspirar. Verbo que comecei a conjugar pela primeira vez desde que reencontrara York New na sala do diretor.

Sua casa ficava lá pelas quebradas de Irarrazával. Uma rua que combinava perfeitamente com as feiuras do outono.

Casas que não tinham sido pintadas desde os primeiros dias da criação, e tetos condecorados com goteiras. Umidade, e dois ou três gatos mortos de fome.

Nem mesmo o complicado e infinito cachecol tricotado por Jovana acalmava meus calafrios. Curvada pela chuva, toquei a campainha, as meias destilando, os sapatos de salto alto cuspidos de barro e uma vontade furiosa de estreitar a minha pele contra seu corpo morno. O prolongamento desse subentendido que tinha me levado até ali. Por que a casa de seu pai? Porque

supus que o velho saísse aos sábados à tarde. E talvez ele não tivesse dinheiro para me levar a um café no centro. Talvez tivesse algum dinheiro guardado para aquele sábado à noite.

Sem me beijar, fez com que eu entrasse. Nem mesmo um beijinho na bochecha. Seria para dizer que quando houvesse um beijo entre nós não seria uma coisa puramente cordial? Ou será que agora que eu tinha me submetido a pedir um encontro ele já não tinha nenhum interesse em mim? A mesa tinha sido posta para três. Um bule de chá, uma cestinha onde um guardanapo bordado com florzinhas abrigava os pãezinhos para mantê-los quentinhos. Dois pratos, com os canapés de sempre, com o pão de forma cortado na forma de triângulos: uns de patê cobertos de pasta de azeitona preta, e outros com abacate amassado coroados por uma poeira de gema de ovos cozidos. Em cima da mesa, um relógio com aspecto de ter pertencido a uma estação de trem abandonada, murcho às quatro em ponto.

Palácios não ofereceu-me uma cadeira. Ficou ao meu lado, olhando o que eu olhava como se visse as coisas de sua casa pela primeira vez. Saltou até o relógio para desfechar uma porrada, e o pêndulo desandou a andar com o estrondo de uma lata velha. Depois, e muito sério, passou a mão pelos cabelos, jogando-os para trás com um gesto de melancolia. Tinha algo muito grave, e ao mesmo tempo enormemente sexual. Era como se o desespero daquelas paredes o tivesse atado com uma força contida, e tive a intuição enlouquecida de que eu poderia desatá-la.

Embora não acontecesse nada, apesar de não acontecer nenhuma amaldiçoada ação ou uma mísera sugestão que valesse a pena, aquela calma estava preta de eletricidade. — E seu pai? — falei.

— Vai chegar daqui a uns dez minutos. É linotipista no jornal, e trabalha nos fins de semana. Está sempre com o nariz vermelho e escorrendo. Sempre gostou de você quando você era pequena, mas se de repente agora antipatizar com você, vai ficar falando da guerra civil espanhola até você explodir.

— Os espanhóis são assim. Allende é amigo de vários espanhóis.

— Meu pai é mais republicano que espanhol. Se ele disser a você que foi amigo de Garcia Lorca e de Neruda, deixe-o falar. Todos os espanhóis do Chile são filósofos e amigos de Garcia Lorca e de Neruda. Ele sabe de memória uns versinhos que fizeram para Ruben Darío. Você conhece alguma coisa de Darío?

— "Margarida, está lindo o mar, e o vento..."

— Esse verso, todo mundo conhece. Eu dei a volta nele.

— Como?

— "Margarida, você está um mar de lindeza."

Sorriu só quando eu sorri, e então tirei o cachecol, e ele me ajudou a

desenrolá-lo, e nisso roçou meu rosto.

— Você está gelada. A um passo da pneumonia.

— Quando você foi embora, passei um tempão no hospital. Os pulmões.

— Pois agora você precisa se cuidar.

Quase perguntei a ele por que agora, mas fiquei quieta, sufocada pela antecipação de uma vergonha que banharia a minha pele se essa palavra tivesse o significado que eu adivinhava ou presumia. Porque agora minha vida teria sentido.

Minha vida não seria algo para fugir, e sim para dividir. Eu me sentia a última das românticas. Não queria ser uma senhorita. Tirei os sapatos e as meias soquete e perguntei se ele tinha meias de jogador de futebol.

— Gosto da "U" — disse ele, referindo-se ao Universidad de Chile, quando me trouxe umas meionas azuis decoradas com o rosto de uma coruja.

— Eu também gosto.

— Adoro o Braulio Musso.

— E eu adoro o Leonel Sánchez.

— Quando cobra um escanteio.

— E o Álvarez?

— Hável.

— É verdade que você sabe Júlio César de cor? *Come to bury Caesar not to praise him, etcétera...*

— Gosto mais de uma parte que vem antes do texto de Marlon Brando...

— De Marco Antônio.

— Depois de Marlon Brando, nunca haverá outro Marco Antônio.

— Você é a primeira pessoa que conheço que sabe de cor textos em inglês.

— É por causa do cinema. As canções dos musicais e as peças de teatro. Eu bem que gostaria de dirigir um filme.

— Pois eu tenho um tio-avô que mora em Hollywood.

— Não brinca.

— Trabalhou em King Kong.

— Era o gorila? — Não era o ator que fez o papel de gorila. Era o homem que construiu o boneco do gorila. — Não acredito. Quem fez o boneco foi um tal mister Obbie.

— Escrevemos cartas um para o outro e tudo. Às vezes, eu sonho em inglês. Você acha que eu sou uma alienada? — Quem disse? — Sepúlveda. Ele diz que me faltam raízes latino-americanas.

— Para quê? — Ele diz que é preciso sentir o chamado da terra. Que é preciso rebelar-se contra o imperialismo.

— Não vejo por que a gente não pode se rebelar só porque sabe falar inglês. Aqui, neste país, tem coisa feia vindo pela frente.

— Pois eu ainda nem tenho direito de votar. Em 64, sim, vou votar no Allende. Fiz campanha com ele e não pude votar nele porque não tinha 18 anos. Mas tenho até carteira de motorista!

— Você ainda tem o carro?

— Claro que tenho.

— O Chevrolet de Luxo? Ouvi falar dele. Juro que adoraria ver esse carro.

Pedro Pablo acariciou a guarda de uma cadeira, e depois de um certo tempo me disse muito sério: — Se algum dia eu pedir a você que se case comigo, juro que não será por causa do seu carro.

Fiz com que abaixasse os braços e ergui seu queixo para estudar a sombra que caía de suas pálpebras. Desabotoei sua camisa e apoiei minha mão em seu coração. Senti seu corpo com as pontas de meus dedos, como se vislumbraresse a geografia de um país para onde você sabe que vai viajar. Havia algo religioso e solene em sua pele, uma tensão que o aproximava, com apetite, do mundo. Deixou-se fazer, sem surpresa nem rejeição. Depois coleí o ouvido em seu peito e, fechando os olhos, quis saber o que se debatia lá dentro, no núcleo daquela força que se irradiava quase com fúria.

Por que, porém, se ele era tão infinitamente belo naquela simplicidade de pele e expectativas, eu não explodia no grito jubiloso que minha alma exigia de mim, e em vez disso perambulava pelos pelos de seu peito mergulhada numa tristeza tenaz? Era — talvez eu ainda não maneje as palavras exatas, apesar de certa prática em lidar com palavras em minhas confusões — a mesma coisa se alguma outra pessoa me carregasse com suas apreensões e eu me rendesse a ela, para servi-la. Só podia formular a sensação num paradoxo: era tudo tão imensamente belo, que eu só queria morrer.

Pedro Pablo arrumou o cabelo sobre a fronte sem mudar de atitude. Pôs aquela mesma mão sobre meu seio esquerdo.

Não quis apertá-lo, nem conceder-lhe uma carícia. Nós dois, na verdade, estávamos mergulhando e nadando debaixo do silêncio. Sua arrogância tinha desmoronado, e a chuva virou granizo sobre o telhado de zinco. O relógio parou de novo, e a tempestade fez com que eu me sentisse pequeníssima.

Até aquele momento, tudo tinha sido assim: eu e o mundo. Eu não ordenava ninguém em ordem hierárquica, nem me deixava impressionar pelos ricos e pelos pedantes.

Mas agora (outra vez essa palavra que me apressa e exige) faço parte de alguma coisa imensurável e imprecisa.

As coisas no mundo se liquefizeram, tornando-se uma substância na qual navego, e eu sou parte delas. De uma certa forma estranha perco em consciência e ganho em lucidez.

E, no entanto, não acontece nada. A não ser esta nostalgia terrível e antecipada que sinto de perder Pedro Pablo, a sinopse de um filme que não vai passar em lugar algum, ouvi Tebi dizer, de que este minuto seja arrasado pelo esquecimento, como toda a história de meus ancestrais. Agora compreendo, sagaz, a razão de ter guardado fetiches de meu avô, como o roupão do lutador de

boxe, a passagem do cargueiro que o levou até Antofagasta, o artigo amarelado escrito por Pavlovic em malícia, e que se chamava "A noite dupla", a cesta onde me pôs quando Pachuco Yaksic embarcou para a Venezuela à procura de petróleo e de ritmo. De repente ele se afastou de mim e sem disfarce algum baixou os olhos até a braguilha. Acatei sua direção, e ergui os olhos até encontrar os dele.

— Dá para ver — afirmei.

— Você quer? — ouvi sua voz baixa, mas rouca, adulta, soberana.

— Não sei.

— Quer? — insistiu.

Ergueu meu queixo em transe, e cravou seu olhar compulsivo em minhas sobrancelhas. Fico extremamente excitada quando me olham de frente. É como se o outro sobrevoasse em cima de você, e visse um país com uma topografia surpreendente.

Eu me desestabilizo com os meninos que fazem isso.

— Às vezes eu penso em você — falei com voz baixa e turva. — E imagino que abro suas calças, e tiro ele, e fico apalpando. E adivinho o cheiro.

— Cheiro de quê?

— De rio turvo. Você vai achar que estou dizendo grosserias...

— Não. É só que...

Pareceu afundar atrás do próprio olhar, e a agitação inchou seus lábios.

— Só que?

— Tenho vergonha de dizer.

— Você me acha muito esquisita?

— Não acho você nada. Nós dois somos anteriores às ideias e às palavras.

— Você sabe o que vai dizer? Consegue dizer o que vai dizer?

— Claro que sim. Nós estamos na selva chuvosa dos sentidos. Feito dois cachorros na praia.

— Como chegamos até aqui, Palácios?

O trem parou numa estação que não estava no mapa. Lembro agora de um poema de William Carlos Williams: "Muita coisa depende de uma carreta quebrada debaixo da chuva." — Isso é totalmente científico. Quando seu avô morreu?

— Antes que fôssemos ver *King Kong*.

O pai de Palácios, empapado, entrou na sala.

— O relógio parou de novo? — disse ele.

— A corda está enferrujada, papai.

— É essa umidade. Faz anos que eu quero sair desta caverna e o salário

não deixa. Eu tinha uma fé enorme em que esse jovem saísse do colégio de maneira brilhante, e entrasse na universidade. Mas você já deve estar sabendo o que ele fez. Jogou o futuro num bueiro. E diante de meus próprios olhos.

A pressa com que avançou do vestibulo até onde estávamos impediu que ele sacudisse o guarda-chuva, que tinha ficado jorrando, e agora havia uma poça aos seus pés.

Estava envolto por um sobretudo cinza com manchas negras, e na garganta usava um pequeno cachecol de alpaca cinza, quase no mesmo tom de alguns fios de cabelos de sua frente e de certas raias de seu bigode.

— Por que isso aqui está tão escuro? — disse entre os dentes enquanto apertava o botão da luz. A chispa da lâmpada de poucas velas tornou ainda mais obscena a modéstia daquelas paredes, cujo papel manchado soltava-se em alguns cantos. — Como vai, senhorita? — perguntou com autoridade e desinteresse, vendo se o bule sobre a mesa ainda estava quente.

— Bem, seu Lorenzo.

— E na escola?

— Muito bem.

— Deve estar faltando pouco para os exames finais.

— Algumas semanas.

Sacudiu a água da lapela do sobretudo e disse, desconexo: — Todas as empresas do Chile estão trabalhando no prejuízo. É por isso que os salários não aumentam nunca

— Tem goteira neste teto.

Eu me abracei. Queria sair daquela casa mesmo que lá fora estivesse caindo granizo e o céu estivesse cuspidando escorpiões e insetos horrendos. Ao não tirar o sobretudo e o cachecol, era como se o seu Lorenzo tivesse nos devolvido à intempérie. Atacou a estufa de parafina com um fósforo, e um cheiro de combustível tóxico invadiu a sala quando a mecha acendeu.

— E você, como vai?

— Bem, papai.

— Se quisessem modernizar este país, deveriam privatizar tudo. Começando pelos trens. Preciso trabalhar até mesmo nos sábados. É irracional. Venho de Rancagua de trem. Não existe um desenho estratégico. Os trens são o fim do mundo. Será que a senhorita já entrou alguma vez num dos vagões que vão para Cartagena?

— Não senhor.

— Perdoe as palavras, mas eles estão cheios de merda.

De moscas e de merda. A melhor coisa que você pode fazer é terminar o colégio e ir embora deste país.

— Pois eu estava mesmo pensando nisso.

Pedro Pablo pegou seu blusão de couro da guarda de uma cadeira, vestiu-o com destreza e correu, veloz, o fecho éclair.

— Nós vamos sair, papai.

— Aonde vão? — Sair, papai.

— Mas, por quê? Aqui estamos bem. As ruas estão intransitáveis.

Os ônibus passam em disparada nas poças e molham as pessoas. Aonde vocês vão?

— Ao Clube de Jazz — respondi.

Seu Lorenzo mordeu um pedaço de pão quente, depois de prendê-lo entre as mãos para aquecê-las.

— Essa música é barulho puro.

— Para quem não entende, seu Lorenzo.

— Na Espanha... Olhe aqui, levem um sanduíche. Um pão quente com ovo mexido. E você, mocinha, diga a esse aí que implore ao diretor...

Saímos e, na rua, ficamos em silêncio debaixo da marquise. Parecia impossível que chovesse ainda mais.

E choveu.

— Desculpe — disse Pedro Pablo.

— O quê?

— Minha casa, meu pai. A morte a prestações.

— Não se preocupe — respondi.

— Vamos caminhar.

Ele me pegou pelo cotovelo e me fez correr até o ônibus que estava parado no sinal fechado. E foi exatamente ali, naquele trecho inóspito e diluviano, naquele chafurdar feroz entre as poças d'água que se infiltravam pelas solas dos meus sapatos, que pela primeira vez na vida subiu aos meus lábios uma palavra que eu só conhecia nos livros: felicidade.

Santiago tem dessas coisas: com mais gente, você está sozinha; mas nunca dá para ficar sozinha com você mesma. Depois da festa, o que resta é o café coado que servem numa xícara pequena demais para derrotar a chuva, e doce demais para que você possa sentir-se adulta. Os restaurantes de comida rápida são inóspitos, os vidros ficam embaçados com a respiração dos bêbados, e vibram cada vez que passa um ônibus, o cano de escapamento moído pelas combustões. A pior coisa de ser tão jovem é que a gente não tem casa própria. É preciso levar a amiga na casa dos próprios pais e sussurrar as fugas e infelicidades debaixo do travesseiro, para que os velhos não se assustem.

Se Jovana soubesse tudo que passava pela minha cabeça, seus cabelos teriam ficado grisalhos de maneira instantânea.

A certeza do triunfo de Allende a mantinha soberba e trabalhadora. Seu espanhol tinha melhorado graças à língua hábil de Sepúlveda, que espetando nos coitados da classe média as arengas aprendidas de Neruda ou de Pablo de Rohka, os recriminava por serem vergonhosos e pusilânimes. Naquele inverno falamos muito de Júlio César. Pois bem. Se Sepúlveda fosse Marco Antônio e Marco Antônio fosse Sepúlveda, haveria um Sepúlveda que faria com que até a cordilheira dos Andes se erguesse em rebeldia contra os latifundiários e as multinacionais, essas imundícies globalizadoras da especulação e do roubo.

Eu tinha visto uma vez um concerto de jazz, quando Louis Armstrong tocou numa lona de circo improvisada na Alameda, e os agentes culturais do imperialismo tinham oferecido na escola um ingresso a todos que tivessem tirado dez em inglês.

Sepúlveda disparou um dos mais furibundos epítetos elucubrados pela sua antipatia contra os Estados Unidos.

Segundo suas palavras, os companheiros negros só eram aceitos pelos rostos pálidos mascadores de chicletes sardentos bluesjineiros e morfinômanos da embaixada norte-americana porque eram usados para branquear sua imagem de racistas fanáticos chibata em punho e de piromaníacos fantasmagóricos nas noites sulinas da Ku Klux Klan.

A cabana do pai Tomás era uma falsificação adocicada da realidade, escrita para que os negros continuassem sendo submissos e não se sublevassem contra os amos escravistas e brutais. E quanto a Louis Armstrong e seu sorriso, estava na cara que tinham enchido à força a boca dele de dentes branquíssimos e de um trejeito feliz: produto de exportação e manipulação para tentar inutilmente

abortar a revolução proletária que, imbatível e imparável, derrotaria os tiranos e levaria o povo nos palácios fulgurantes da liberdade.

Até nos Estados Unidos! Sepúlveda tinha ouvido *La vie en rose* com Louis Armstrong, mas na certa seu inglês não dava para entender *Black and Blue*: *Even the mouse run from my house, what did I do to be so black and blue?* (Que foi que eu fiz para ser tão negro e tão triste?). Sua cuspidinha contra Harriet Beecher Stowe me atingiu ainda mais. Não apenas porque eu tinha lido o livro com emoção, achando que era um ataque à escravidão, mas porque se tratava do único livro que o trombonista Yaksic tinha levado da biblioteca da minha avó Alia Emar quando me trouxe em sua cesta, com textos sublinhados pela sua própria mão, em tinta já diluída pela travessia dos oceanos.

Na opinião de Sepúlveda, Tom devia ter fugido da casa dos Shelby junto com a mulata Eliza e seu filho, em vez de ficar bajulando o patrão, porque "patrão bom não existe". A não ser o Estado, espetei. "O companheiro Estado, Alita." Mas o que ouvi naquela noite nos bronzes de Pachuco Yaksic e sua Sonora era tão parecido ao jazz como um elefante parece uma andorinha. Sua música estava, sim, possuída pela liberdade da forma e pelo fraseado sinuoso da música americana, mas tinha sido infiltrada por tudo que brotou, se mestiçou e se iluminou do sol e da alegria da América Latina, longe dos porões e dos sótãos de Chicago.

Era jazz, mas um jazz sublevado com onças e vulcões, rios amazônicos e cataratas, papagaio e piranhas, pimenta e bananas, lava e abacaxis, meteoritos e salamandras, papoulas e lírios, espumas de ondas gigantescas e naufrágios.

E o pior é que não dava para dançar.

No momento em que conseguíssemos pelo menos enfiar nossas sombras num buraco, teríamos nos livrado do feitiço. Era uma bacanal de música, mas apertados pela fumaça e pela transpiração não tivemos outra saída a não ser permitir que o ritmo se movesse dentro de nós, sem ter fisicamente nem um centímetro por onde expulsá-lo.

Ou seja, aquela música fazia com a gente o que bem entendesse, e Pachuco, depois de cada solo, piscava para mim e alongava o trombone até a minha cabeça, me convidando a saltar nele, e dependurar-me em seu metal de mil relâmpagos como quando cheguei pela primeira vez ao Chile com palavras estrangeiras e a impossibilidade de esquecer quem eu não havia conhecido, nem um alento na noite sobre minhas pálpebras, um beijo fugaz de meu pai, minha mãe me oferecendo o peito.

Quando decidi adotar o nome de vovó, foi porque havia um vazio vertiginoso debaixo dos meus pés, e aquelas duas palavras, como duas pedras sagradas, me davam a ilusão de uma certeza. Jovana jamais entendeu isso. Para

ela, o nome era parte de uma pessoa como os lábios ou os olhos. Nunca aceitou que eu despojasse Magdalena do corpo que tinha.

Todas essas coisas vêm à minha cabeça esta noite. Não sei se penso, porque pensar é juntar coisas daqui e dali, e armar com as flores e as ervas uma figura, um ramalhete, algo que você possa mostrar e ouvir alguém dizer que está bonito.

Mas eu, Alia Emar, tinha certezas não formuladas. Era o rascunho de uma pessoa, e essa mulher precária sabe, nesta noite, que é algo mais do que ela mesma. Sabe pelos poros de sua pele, pelas cavidades de seu nariz, pela umidade de seus olhos, pelo latejar de seu coração derramado na noite, infiltrada na música. Sou "eu". Tenho apenas um espaço minúsculo para dar a volta e olhar Pedro Pablo. Se algum dia na aula de física não quis entender o termo fusão, agora que não havia nenhuma fusão química nem laboratório para derreter metais, a não ser os do saxofone, do trombone e do trompete, aquele bendito vocábulo amarrava tudo.

E então chegou a consagração. Sei bem que nossas vidas são feitas de indiferenças. De retalhos de pequenas coisas com as quais nos contamos contos. Que os anos correm sem sentido, desembestados na penumbra dos tempos, e que é isso que chamamos de nossa vida. Até que uma renda de luz se infiltra e, sem que você saiba como, dentro de sua casa o sol aparece fisicamente. Ao terminar o último coro de Stars fell on Alabama, que eu tinha em casa com Buck Clayton e Frankie Laine, Pachuco Yaksic fez uma coisa que eu só tinha visto em algumas cenas de cinema, e que sempre havia me eletrizado, sonhando que em certa noite de glória em Nova York eu seria mencionada. Como hoje.

Yaksic sacudiu o trombone soltando uma onda de saliva e estendendo a mão para que eu pegasse, disse: — Quero dedicar o próximo tema a uma senhorita aqui presente, e que eu deposei nesta bendita terra há dezesseis anos, como um carteiro do oceano. Ela se chamava Magdalena, como a mãe, e hoje se chama Alia Emar, como a avó. Eu também tinha um nome esquisito. Acho que era Dragomir ou Vladimir. Mas hoje todo mundo me conhece por "Pachuco". Tenho outro nome, mas também sou outro homem. E aqui está o meu cartão de visitas: Balança e sonha, Chile! Vamos sacudir! Para você, Alia Emar... e como é o nome do seu namorado, porra?

— Pedro Pablo — respondeu Palácios, essencial e profundamente rubro.

— E para Pedrinho Paulinho, que desfruta dessa princesa e de todas as suas coisinhas: do mestre Glenn Miller, *Moonlight Serenade*!

Depois desse momento, aonde ir?

Pennsylvania 6500. Ring-ring. Por favor atenda o telefone para este pobre estouvado.

Venham rápido os bombeiros que ajudaram Tenderini a sufocar o desastre no Teatro Municipal. Pois que a poucos metros do templo onde se interpreta Mozart e Beethoven, Debussy e Purcell, Vivaldi e Wagner, desata-se a antimúsica, o desenfreio de dentes e línguas, as salivadas machonas de quem confunde música com uma explosão nupcial orgiástica, pois isso tudo, ao acontecer, torna-se um caso que deveria ser aplicado por via intravenosa no Ministério da Justiça! Quem foi que deu o visto de entrada ao Chile a esse tal de Pachuco Yaksic e sua banda? Desprevenido, aceitei o convite do Club de Jazz de Santiago, escrito em correto inglês e assinado por um nobilíssimo Santa Maria e por um certo cavalheiro Hodkinson, que era familiarmente chamado de Pepe Pipe, fato que me permitiu entrar nos blues espetaculosos de Yaksic, suficientemente bastardos para serem saudados pelo público através de um agradecimento bovino. Especialmente contagiante e repelente era um tema chamado She que Hodkinson cantou com fraseado desarticulado e piedosa afinação. Os confrades do recinto amontoados aos seus pés deixavam os copos em cima do piano e apagavam seus repelentes cigarros tanto nas teclas do instrumento como no paletó do pianista, que, obcecado, não notava o dano que o tabaco provocava (com o devido perdão de Gogol, autor da contraditória diatribe apologética do cigarrinho).

A fumaceira me fez tossir, rasgando os pulmões em massas liquosas que tive de engolir, pois a multidão atulhada ao redor do bruxo Pepe Pipe impedia meu acesso à única janela aberta para dissolver meu cuspe asmático (e minha crítica estética) sobre as pedras da rua Merced.

Uma vez que o senhor Hodkinson concedeu à plebe ensandecida de grã-fininhos drogados um encore de She, o agradável senhor Santa Maria saltou ao palco, cenário no qual, banhado de suor e de especiarias desconhecidas por este repórter, teve a honra de anunciar um intérprete parido na dulce pátria malícia (atributo que outorgo ao território que me pariu, pois é também capaz de permitir que grandes marechais como Tito o governem), que soube filtrar por seus finíssimos poros europeus o sabor e o lume do trópico.

Afastei de meus joelhos a cabeça de um donzel que dormia seu sonho de ópio em cima deles, e me dispus a ouvir algum ar jazzístico à la Gerswhin, onde a boa escola prevalece sobre o melodrama da guerra civil norte-americana, ou

talvez uma variante de motivos autóctones como o Moldava, ou Quadros de uma exposição de Mussorgsky, ou até mesmo "Os barqueiros do Volga", picantice que conheço como Oh, Uff, Lá, na versão de ninguém menos que o próprio Glenn Miller.

Enfim, algo misturado e sutil que coubesse em minha coluna de espetáculos do La Quinta de Santiago, o jornal do qual os senhores esperam objetividade, guia e prosa caninamente fiel à boa gramática, junto a uma valorização comparativa que inclua o espetáculo no contexto de outros que lhe são afins, e o qualifique com tino, mesura e sem paixão.

E no entanto, sinto que a fúria que arde nas pontas dos meus dedos enquanto datilografo este habeas corpus na minha Underwood rompe o estilo plácido de meus artigos sabáticos.

É que quando é o cúmulo, toda paciência termina. O término em questão deu-se no local e foi espermático e torrencial, e até a lua pareceu enrubescer entre dois suspiros do dilúvio.

No segundo andar deste Club de Jazz da rua Merced, que para maior justiça deveria chamar-se Club do Mal, Pachuquito Yaksic fez sua aparição acompanhado por piano, baixo, bateria, trompete e saxofone, além de um percussionista com panderetas, guizos de cascavéis, bongôs, caixas, aparelhos odontológicos, reco-recos, apitos brasileiros, bandolins feitos de couro de ratazanas aquáticas, maracas de bolas douradas, coçadores de costas, velas iniciáticas e hemofílicas, e cipós destripados que pareciam corda de enforcado. Grande respeito professo eu pela música folclórica e iniciática de todos os países. Tanto assim, que me propus não ouvi-la jamais para não profaná-la com os bolores da minha presença. Em minha pátria, suportei e dancei a turumba graças às debilidades mentais típicas da juventude e à minha erudição em ignorância.

Mas quando o tesouro rítmico e antropológico de um país é violado — insisto no verbo — com a negritude americana soez e sexual do jazz, pletórica de cadeiras e de suor, de revanchismo ressentido disfarçado de coros fáusticos de bronzes que mais agitam os pés que as consciências, o resultado não vai além de um engendro monstruoso, que neste caso depositou seus excrementos no centro de Santiago, e não haverá chuva que o lave, pois sua líquida substância só pode ser dissolvida nos esgotos através de hectolitros de enxofre luciferino.

Dói em mim traçar esses comentários sabendo que quem tramou este lixo é um conterrâneo de minha querida Costa de Malícia.

Como mais mal que bem nos fez esta América! Obtivemos a respeitabilidade dos aristocratas vascos, franceses e ingleses, graças ao dinamismo dos nossos comerciantes.

O prestígio de uma próspera família instalada no Chile, do mesmo sobrenome que o trombonista rufianesco, me levou até a pocilga do Club do Mal para satisfazer a curiosidade desta alta sociedade que trafica o sobrenome do músico nas esferas de empresários e bancários, mas raramente na arte.

Melhor teria sido não ter ido. Embora, uma vez presente, eu não pudesse fazer outra coisa além de descarregar minha fúria nesta página completa que pela primeira vez em minha longa carreira de jornalista nas Américas pedi, e cuja longitude só se compara com a pioneira nota que escrevi para La Lengua sobre os emigrantes malícios em Rapallo lá por volta de 1913 ou 1914, ano que não recordo com nitidez porque desde então passaram muitos mortos por baixo das pontes.

O primeiro tema que Pachuquito demoliu com seus sequazes foi uma composição de Hoagy Carmichael, intitulada Starsfell on Alabama. O coitado do Hoagy, que pariu dezenas de clássicos, pesa a maldição de ter composto Stardust, transformado em hino dos travestis e em lugar-comum de todos os Carlos Marias, rapazinhos distintos, cujos sobrenomes não interessam, mas que com certeza os senhores haverão de conhecer, que sonham que algum dia alguém lhes aplique um Stardust.

Jamais o ascético músico norte-americano de chapéu e suspensórios haveria de imaginar que algum dia um malício venezuelano iria perverter até o pâncreas seu tema alvoroçando címbalos, cusbindo saliva áspera no bocal do seu instrumento, e apontando a vara do trombone para as moças do público, algumas delas estudantes da Universidade Santa, como se estivesse fornicando com elas! Declaro enfaticamente, aqui nas páginas de La Quinta, que já no tema inicial Pachuquito moeu Carmichael, através de seu sincretismo oportunista, que visa aos quadris dos dançarinos e à umidade dos sexos em vez da contemplação lírica.

I never thought in my imagination a situation só heavenly: a fairy land where no one could enter, and in the center just you and me. Exatamente o contrário do que você fez, pobre Yaksic! Sua Senhoria abriu as portas à plebe. Coletivizou o sonho íntimo de Hoagy Carmichael. Molhou as coxas das meninas febris naquela cova de fumaça e cuba-libres gritando a cada trinta segundos "balançando, balançando tudo!", como se fosse o apocalipse, o inferno de peladões, a Carlina com seu Bale Azul de travestis! Os metais esfregavam os quadris e as nádegas, o baterista e o resto da seção rítmica estavam literalmente fora de si, com grandes manchas de esperma nas braguilhas e nas coxas de suas calças.

Se jazz é isto, count me out! Especial para La Quinta, por Andrés Gómez Stark.

As águas do Pacífico Sul são frias. Para quem nadou nessas águas, todas as outras praias turísticas parecem inocentes. Entre a terra e o mar deve necessariamente haver um contraste de temperaturas.

Assim começo a perceber o que esta noite de jazz tem a ver com minhas orações no templo do cinema. Dentro da música e diante da tela, eu era mais. Não é que fosse mais eu, porque dificilmente dá para confundir ser espectadora com ser protagonista. Jamais seria boba a ponto de assumir que a aventura que aquela atriz viveu na tela tenha sido minha própria aventura. Eu me identificava com as heroínas, mas só enquanto a sessão durasse. Quando as luzes eram acesas, sentia raiva de que Deus não fosse um roteirista coerente.

Alguém capaz de oferecer a você a vida inteira em duas horas. Em sessões sucessivas de duas horas. Em infinitas sessões sucessivas de duas horas.

Quero dizer que no cinema eu não era mais eu, era mais sei lá o quê. Na saída, a realidade era uma pedra em que você tropeçava. Os olhos bombardeados pelo sol e pela rotina e pela praça tecendo sua amorosa armadilha de vendedores de amendoim, babás decorosas, aventais brancos, namorados tímidos que não se atreviam a pegar nas mãos. O cinema criava em você a ilusão de que a vida podia e deveria ser mais rápida que essa lambança de indiferença na qual você afundava sem que alguém lamentasse.

Enquanto o trompete de Moonlight Serenade ia tocando as estrelas uma a uma, eu entendi que aquela melodia deveria ser o prólogo de uma nova vida, na qual seria preciso juntar os pedaços da minha história para que me dessem algum sentido. Só que desta vez não queria que ninguém vivesse vicariamente por mim; não permitiria que meus silêncios fossem preenchidos com sombras de celuloide. E tampouco tiraria meu corpo daquilo que Pachuco oferecia com despudor e ternura, uma música que unia com cola mágica o ser e os sonhos, os desejos e a pele.

E então a vida expulsava você de Santiago. A chuvinha tenaz, o frio penetrante, o cigarro dependurado nos lábios, Pedro Pablo preciso e definitivo, mas sem rumo. Pode até ser que tivéssemos, somando o de um e o de outro, dinheiro suficiente para um motel, e ficássemos esperando no saguão até que algum casal que ocupava um quarto por duas horas deixasse a marca de suas intimidades nos lençóis e as meninas vestidas de enfermeiras trocariam as fronhas rígidas de esperma por outras, com o frescor do detergente. Mas eu sentia vergonha de me meter num motel, e Palácios talvez tenha percebido, ou

talvez sonhado com outro cenário que combinasse mais com sua maneira de ser. Agarrei-me ao seu capote e mergulhando o nariz no tecido áspero e úmido estimei-o a continuar atravessando a Praça de Armas, o Congresso Nacional, o Palácio de La Moneda, o Clube Chileno-Americano até chegarmos à rua San Martín, onde estava a garagem do Chevrolet. Enfiei a chave no cadeado que fechava a porta metálica, mostrando a decisão e a energia do leão da Metro rugindo soberano para depois espichar-se em sua indiferença. De Vivaldi a Chet Baker, todos tinham escrito uma ouverture para mim. Minha pequena decisão era minha alegria, naquele bairro de gatos molhados e pombas espessas. Não passavam mais ônibus, e ia demorar muito até que aparecesse o leiteiro para deixar suas garrafas nos portais. Santiago era minha de uma forma totalmente nova. Estava ao redor da minha cintura, como uma saia larga, com seu pó e sua precariedade, seu sorriso desdentado e sua frouxidão, sufocada pelos morros e pela cordilheira, mas intimamente minha.

A porta metálica abriu-se com estrondo, e eu não me importei nem um pouco que os vizinhos fossem arrancados de seus sonos pusilânimes. Acendi as lâmpadas de néon, e então surgiu minha joia azul, a seda impecável de sua carroceria, o couro macio de seus assentos, os para-choques cromados, a antena do rádio novo, coroada por uma bandeirinha inglesa, os pneus brilhantes de cera, o automóvel inteiro como se fosse uma fera encolhida à espera de uma carícia, uma espécie de pequeno mar azul onde todos que o viam queriam mergulhar.

Estendi as chaves para Pedro Pablo, que olhava, completamente extasiado, o automóvel.

— Está com medo?

— É um carrão.

— De cinema, não é?

— Uma joinha. Um tigre cromado dentro de uma jaula.

— Você precisa ouvir quando ele anda: parece rugir.

— Estende suas garras retráteis e estica-se veloz como uma sombra na estrada? Aproximou-se do painel e tocou cada botão, cada relógio.

"As testemunhas", como dizia Richard traduzindo o catálogo. Com medo de ter manchado com fiapos de tabaco a madeira do painel, passou a manga do paletó, dando um brilho.

Estendi as chaves e ele ficou olhando para mim, sem pegá-las.

— O que você está querendo?

— Se você girar a chave, dá para ligar o rádio.

— Tenho medo de fazer alguma coisa errada.

— Como assim?

— Que a primeira música que tocar não combine com o automóvel, nem

com a gente, nem com nada do que a gente está vivendo...

— Que a gente está vivendo?

— Claro. Vivendo.

Fui até seus lábios. Pus um dedo sobre eles, e percorri-os, solene. A fonte de suas palavras. Esse garoto era o porta-voz dos meus silêncios? Existiria em mim alguma coisa muda, que não fora expressa, uma mutilação secreta que agora encontrava um órgão em suas palavras? Em seu pequeno punhado de gestos? Aquilo tudo inculcou em mim, de supetão, sua cautela. Não queria definir a gente, ou o que a gente estava vivendo, até que tivéssemos vivido tudo que estávamos vivendo.

E neste exato instante, um tremor abalou as minhas certezas.

Será que ele gostava de mim? Se gostava, por que não tinha me beijado? Não dava para negar que minha cara tinha sido esculpida por genes europeus. Em todas as classes eu era a mais pálida, sempre. Todos os anos eu pegava uma gripe e a febre deixava minha pele de um vermelho gritante, e os médicos me recomendavam os antibióticos mais modernos, enquanto preparavam meu atestado de óbito. E se no fundo ele gostasse mesmo era daquelas morenaças saborosas e telúricas, cujos quadris e nádegas tremelicavam no trópico, à sombra do trombone de Pachuco? Suas palavras.

Palácios era uma fera enjaulada e só conseguia a liberdade através das suas palavras. Não precisavam ser as de Shakespeare ou as de Neruda. Bastava que ele dissesse alguma coisa para que o manto acinzentado da rotina se rompesse, e os meteoritos do sol entrassem por todos os lados.

Apesar de as sílabas, enfim, formarem palavras sem pompa alguma. Só nós estamos vivendo. O final da travessia? — O que é que eu faço das chaves?

— Vou dar duas opções.

— Prefiro sempre ter mais oportunidades abertas.

— Hotel ou automóvel?

Um repentino frescor apagou sua melancolia, às três da manhã. Fez como se estivesse avaliando as duas opções, enquanto dava voltas ao redor do Chevrolet, cauteloso, temendo que o automóvel saltasse para mordê-lo; passou o dedo na língua, secou a saliva na perna da calça, e depois afundou-o no forro do assento traseiro, para ver se era macio de verdade.

Então tirou os sapatos. Então estendeu as meias no capô.

Então tirou o suéter colocando-o na minha cabeça. Então deixou de sorrir. Então olhou-me nos olhos. Então jogou a camisa longe. Então deixou que a cueca e as calças deslizassem até o solo. Então ergueu os pés, para se livrar daquilo tudo. Então fechou os olhos, profundamente concentrado, como se daquela forma pudesse ao mesmo tempo ser protagonista e testemunha de um

sonho que não tinha tomado forma desde nossos jogos infantis da praça Brasil.

Tomamos o caminho do mar talvez porque tudo neste país acaba nesse trajeto.

Passamos pelos subúrbios desmantelados da zona oeste, Os operários esperavam o ônibus com suas marmitas dependuradas nas mãos sem luvas, as mulheres mergulhadas em casacões vermelhos ou verdes encolhiam os ombros diante do frio gelado, um estudante acendera, durante nossa pausa num sinal vermelho, o primeiro cigarro do dia e seus cabelos endureciam de frio entre as gotas do banho recente.

Havia uma névoa discreta, restos de garoa, os rostos distantes, a cordilheira invisível.

Não quis dizer nada, porque tinha certeza de que, se rompesse o silêncio, algo que não estava ainda maduro se soltaria de uma árvore inexistente e se arrebentaria debaixo dos pneus do Chevrolet De Luxo. Pela primeira vez na minha vida o tempo tinha se fundido num só instante. Uma névoa no passado, desfeita por uma réstia de sol. E o futuro podia muito bem esperar, talvez porque já estivesse contido neste presente que se alongava estrada afora. No posto de gasolina esvaziamos minha carteira e seus bolsos. Sobrava o suficiente para um maço de cigarros, o tanque cheio para chegar ao litoral, uma garrafa de leite, o jornal com a crítica demolidora contra o recital de Pachuco Yaksic, e um pacotinho de bolachas Negrita. Fui ao banheiro enquanto enchiam o tanque e vi que não havia nem rastro da minha maquiagem. O batom fluiu nos beijos até dissolver-se em sua língua, e o rimel das pestanas voou com os olhares de diversas intenções, e a noite fria tinha apagado da minha frente os relâmpagos de fumaça do Club de Jazz.

Da porta, observei Pedro sentado no para-choques do automóvel, os olhos fixos no horizonte, onde crescia uma mancha cor de laranja atrás das nuvens cinza. Ele parecia estar suspenso no tempo.

Partimos. Eu me dediquei ao mutismo que perambulava em volta do vivido e não encontrava nenhum vocábulo que fosse melhor do que a prudência do silêncio, íamos a cem por hora e quando ultrapassávamos um caminhão o motorista ficava maravilhado com o espetáculo do meu automóvel. Talvez imaginassem que éramos meninos ricos e que dentro de uma hora estaríamos em Cachagua ou em Zapallar, na casa de parentes de alto coturno e fina estirpe. Em vez de ostras, porém, o que eu mordida lentamente era uma bolacha de chocolate com a expressa intenção de encher a boca com qualquer coisa que não fosse

palavras.

— Você não diz nada — Palácios olhou muito sério para mim. — Tenho medo de falar, garoto. É como se o meu corpo estivesse adiante das palavras. Não quero voltar atrás, entende?

— Pois já eu preciso das palavras para que o corpo comece a caminhar. Elas me acendem. Acho mesmo que se não existissem as palavras, a realidade também não existiria.

— "E fez-se a luz."

— Está falando de quê?

— Da Bíblia. De Deus dizendo "que se faça a luz".

— E não se fez a luz.

— Mas fizeram-se as sombras.

— E já deu para o gasto, não é mesmo?

— Pois é.

— Detesto as citações e os ditados. Na minha aula havia um argentino que sabia o Martin Fierro de cor. Volta e meia, lá vinha ele com uma citaçãozinha, uma frase de efeito, para ser condecorado.

— Por exemplo...

— Por exemplo: "Posso assegurar que o pranto, larguei como se mulher fosse; ai meu Deus, triste fiquei, mais triste do que se quinta-feira santa fosse."

— E você, que passa o tempo inteiro falando de Shakespeare?

— Ah, mas é diferente.

— Diferente nada: também são citações.

— Então, o que detesto é gente que faz citações. Porque é como se quisessem explicar ou dar prestígio a uma coisinha de nada que aconteceu ou está acontecendo com você, e que não tem a menor importância. Então disparam a citação e me matam, porque fazem com que eu sinta que aquilo que estou vivendo já aconteceu antes, mas melhor do que agora. E eu acho que por mais insignificante que minha vida seja, não quero que ninguém a reduza a uma mera citação.

— Seja como for, você está se contradizendo.

— Estou, e daí? Deu risada, afastou a mão da elegante madeira do volante, colocou-a em cima da minha coxa, e levantou a minha saia até tocar o volume dos pelos embaixo do meu ventre.

Finalmente havia amanhecido, e apertei o botão apagando os faróis.

— Está rindo de quê?

— "Estou me contradizendo, e daí?" É uma citação: Walt Whitman.

A curva nos colocou, abruptamente, na frente do mar. E novamente instalou entre nós, ou no meio de nós, ou conosco, aquele silêncio que a natureza

nos impõe quando estamos dispostos a ouvi-la. Sei que fui uma criatura do oceano. Que durante meses o mar foi apagando a proximidade do peito de minha mãe e das faces de meu pai. Muitas vezes, quando menina, sonhei que os dois apareciam atravessando a praça Brasil no tom sépia dos velhos filmes, ela com um vestido azul de bolinhas brancas, e ele com chapéu de abas largas e colete.

Para mim, o mar não era apenas uma presença do fulgor e um festival de espumas, nem o frenesi dos rochedos, nem peixes voadores, nem botes com rumos incertos nem barcos de pescadores em sua dispersão pitoresca. Será que O Canário Tubarão ainda existe em Antofagasta? O oceano era em primeiro lugar, para mim, um berço, o fundo dessa água onde rastejavam monstros colossais e ervas alucinadas, maremotos e procissões, barcos naufragos e areia parecida a pó de diamante. Nesse trajeto dos anos quarenta, nos braços de Pachuco Yaksic, devo ter engolido imensidões de solidão, enquanto ele animava os malícios nos porões da nau com seu jazz fugitivo. As pregas do mar escondiam tanto os cofres de piratas como a minha própria memória, a ilha e o anonimato de meus pais em atos que talvez tenham deixado marcas e que só com uma ruptura total eu poderia recuperar.

Entendi, diante dessa intuição de medusas e magma, de raízes de mangue e algas arrancadas da minha própria mente, que entre este mar e todos os mares do mundo existia o mar do meu abismo. Esse vazio que eu quis cobrir me fazendo chamar de Alia Emar como minha avó perdida nos areais do mito e da vergonha.

— O que está havendo, moça?

— De novo, a mesma coisa.

— E que coisa é essa?

— Que o corpo avança mais depressa que as palavras.

— Pois olha, de verdade verdadeira, eu gostaria que você me contasse tudo.

— Mas é que essa história não acaba nunca. Tem a ver com o fato de eu ser loura e de nariz fino. Uma história sobre o meu nome.

— Vamos!

— É que não tenho palavras, só imagens.

— Pois solte tudo. Quando você expulsa uma imagem, ela abre caminho para as outras.

— E todas elas juntas não fazem o menor sentido.

Pedro afastou a mão de meus pelos e levou-a até o nariz, cheirando alegremente. Derrapou imprudente numa curva sobre o abismo, e devolveu o automóvel à pista, com destreza, e começou a rir, acomodando as nádegas no assento.

— E agora, rindo de quê?

— Do diretor.

As lágrimas saltaram quando ele viu o sanduíche pisoteado no chão.

— Pois não devia rir. Ele expulsou você do colégio.

— Alia Emar: fui expulso para o paraíso.

— O que você quer dizer com isso?

Virou-se para me olhar e passou a mão violentamente pelo nariz.

Ah, essas noites ferozes, essas cadelas no cio! Que venham, pois, os piedosos abutres de afiados bicos e chafurdem cerimoniosos nas tripas do caído! Que os vendavais dos pampas ceguem de areia mortuária os olhos desorbitados da vítima! Esta é a noitíssima do derradeiro e fatal combate. Não há retrocesso possível sobre a flexível lona do ringue, visivelmente ferida pelas manchas agônicas de outros gladiadores que deram antes seu sangue em benefício do culto público antofagastino, adorador do boxe e do cobre.

Dentro de um minuto calar-se-ão os profetas e o oráculo determinará piamente a verdade. Não haverá mais do que um e apenas um vencedor conduzido às décimas esferas da glória e um e apenas um derrotado, que morderá vermes e excremento de gatos no pátio da taverna.

Aqui enfrentam-se dois nobres filhos deste deserto.

Brotaram do esforço, à base de coragem e ambição.

Um possui uma pegada malvada, destruidora, e justamente por tal razão o folclore mineiro não pensou duas vezes 266 antes de dar-lhe o perfeito apelido de Dinamite. Leva, pois, este atleta o mesmo sobrenome do grande poeta Victor Domingo Silva, nascido em Tongoy, e a quem devemos reconhecer, hoje em dia, o título de maior poeta chileno. Refiro-me nada mais nada menos ao lírico autor do vibrante "cidadãos, quem nos chama neste instante, pupilas acesas e frenéticas mãos?".

Dinamite fez um pré-aquecimento sobre a lona com saltos elásticos, e dispara imaginários uppercuts contra a esquiva mandíbula do vento.

Mas eis que uma turbulenta emoção arranca o unânime público de suas poltronas, e suas gargantas espontâneas fazem coro para um nome divino nestes pampas: "Torpedo, Torpedo, Torpedo!" O respeitável público está, sim, fora de si. Embora ainda não tenha ocorrido um único intercâmbio de fintas, nem tenha sido emitido o mais mínimo âmagô, e muito menos tenha sido lançado um solitário jab, e, para dizê-lo de forma franca e rotunda, o pugilista rival ainda nem tenha subido ao altar dos sacrifícios, os fãs reconheceram sobre o corpo tosco de Silva o roupão de Torpedo Sánchez, outrora astro da porrada, que em tributo viril de campeão a campeão veste hoje, com todo o luxo de sua seda, o roupão epopeico do finado púgil originário de Calama.

De Torpedo a Dinamite: Quantos boxeadores naufragaram debaixo desses mísseis! Sim, sim. Torpedo. Sim, totalmente sim ao teu nome eterno, à tua sombra fugaz e secreta, ao teu leve esqueleto que se infiltra nas árduas

jornadas de treino de centenas de boxeadores só por amor à arte, com o único e altruístico propósito de que o noviço fortaleça os punhos e mova os quadris, de que sua vista antecipe o rumo do murro arteiro, e a mandíbula se afaste, flexível, seguindo a música de um balé secreto.

Mas, um momento, senhores! Peço-lhes um instante de fervorosa e recatada atenção. Quem vem de lá, tão gracioso e gentil? Quem é este espigado toureiro que arrasta o roupão cimento afora, numa clara metáfora de modéstia, num silêncio que uiva na noite sideral eu não sou nada, eu não sou ninguém, quem pois será este artífice da humildade, o cristão cavalheiro que é cruzado por um ideal, o espigado Quixote que deverá enfrentar esta noite uma plateia febril e adversa, este monstro de mil cabeças que confunde política e esporte e que sem fidalguia e muito menos flexibilidade entorna suas preferências diretamente sobre o conhecido pegador esculpido em cobre e salitre? Senhoras e senhores e senhoras! Esta é a Radio Caliche, e acaba de dar entrada no recinto, debaixo de monumental saraivada de vaias, o grande, o tremendo, o longo e infinito, o pesquisador de estrelas, o Empire State dos pugilistas, o sacerdote das nuvens, o sentinela das alturas, o insólito e inédito, o veloz e titânico, o efervescente e cristalino, the one and only. o Magro Oliver! Uma cólera de pregadores fanáticos formiga em minhas orelhas. Perdão, respeitáveis rádio-ouvintes de todas as ideologias, religiões e grupos, por este ex-abrupto que me sai da alma. Aceitei abandonar a plácida poltrona das madrugadas do El Heraldito e vir até o microfone ardente desta rádio por causa de minha vocação de informador objetivo, oportuno e veraz.

O que vejo hoje, porém, me tira do sério. Não há respeito pela audácia do Magro Oliver, que se atreve a saltar das cavernas dos amadores até o ringue profissional para enfrentar nada menos que uma máquina trituradora chamada Dinamite Silva. Os muros deste macho são, sim, metal e música dos pampas, mas ao mesmo tempo ele é um homem que se deixou seduzir pelos cantos de abutre do comunismo, atroz ideologia que esmaga, com sua pança gorda, as outrora férteis províncias da Europa Oriental, e que sufoca em suas garras oportunistas seu prestígio, com o único e mesquinho propósito de fazer propaganda, e da pior espécie, desse devorador de padres e criancinhas, o satânico Salvador Allende.

Estarão os amáveis radiouvintes escutando as vaias? Pois saibam, senhores e senhoras, que elas já não são dirigidas ao impopular e anônimo Magro Oliver, que paciente e sereno qual um juiz da Suprema Corte deixa que seus seconds coloquem-lhe o protetor bucal, e sim a mim, ao humilde servidor que lhes informa desapaixonadamente sobre as alternativas desta jornada noturna de estrelas.

Permitam-me por favor aproximar o microfone a esta multidão bélica que facilmente poderá até mesmo me linchar por causa de minhas ideias democráticas e minha objetividade jornalística, se o destino der a ela, nesta noite, as cartas da vitória.

Os amáveis radiouvintes, minhas senhoras e meus senhores, puderam ouvir, em primeira mão e, por assim dizer, em primeira orelha, as expressões soezes. E queiram perdoar em mim o fato de eu não me deixar avassalar e não demonstre medo diante desta turba que me submete ao terror psicológico dos campos de concentração da Sibéria. Desculpem meus vocábulos peçonhentos, as explosões de minh'alma ferida e chilena, isso sim, alma chileníssima, apesar de meus erros de forasteiro e de minha já provecta idade.

Sim, sim, seus filhos da mãe! Estou ao lado de Alessandri, estou contra Allende! Amo esta pátria de fulgores e glórias militares, e não quero ser esmagado pelas botas desumanas dos comunas! Mas atenção, pois o árbitro, trajado de rigoroso negro, chama os rivais ao centro do quadrilátero e a tensão se desloca deste profissional para o ponto no qual se localiza a curiosidade dos senhores e, claro, das senhoras! Faço, e comigo faz o auditório inteiro, a seguinte pergunta: conseguirá o sutil e elevado Oliver, com sua estatura de jogador de basquete, esquivar-se dos projéteis de Silva nos dois primeiros rounds? Se conseguir — repito: se conseguir — as possibilidades do amador quixotesco aumentariam segundo a segundo, e minuto a minuto, a partir do terceiro round.

Silva proclamou a quem quer que quisesse ouvir em boa fé os truques e labirintos de sua estratégia. O extra slim Magro Oliver sabe que sua fortaleza reside tanto em seu físico quanto na carência de condições físicas de seu rival desta noite. E mesmo sem ser o oráculo de Delfos, posso antecipar-lhes como será esta luta, simpaticíssimos radiouvintes. Assim que o gongo anunciar vamos lá, Oliver vai trotar feito fantasma pela lona, visitando em seus cento e oitenta segundos os quatro ângulos do quadrilátero. Silva, um touro febril, doutrinário, obtuso e dogmático, usará a esquerda para acoessar o adversário, tratando de pilhar seu sabonetífero rival para desfechar-lhe um rotundo knock out. O gracioso, mas viril, representante do povo disciplinado e consciente saberá esquivar-se dessas grosserias com torções de seu dorso, que conduzirão os movimentos de Dinamite a se perderem no vazio.

Os juízes não serão cegos diante dos méritos do Magro Oliver, e somarão pontos em benefício de sua habilidade técnica e que farão sulfurar em desespero o engordurado, obeso, primitivo, ordinário, alcoólatra Silva, a ponto de fazer com que ele fique atontado e permita, entre seus golpes de naufrago, que se infiltre a direita hábil, mas precisa, de Oliver, que martelará seus pômulos e seu fígado até que transborde a seu favor a contagem dos profissionais.

Pois eis que finalmente soa o gongo, o público uiva verdadeiros uivos, ávido do massacre que não acontecerá, posso garantir, e a Radio Caliche joga, a partir desse instante, toda sua lenha na fogueira! Pelo título dos meio-médios enfrentam- se Dynamite Silva e Oliver Tomic! A força bruta contra o gênio! O passado contra o porvir! As pausas refrescantes são um oferecimento dos refrigerantes Bilz e Bidú. A Loura e a Morena.

Calçados Bata. É só dizer Bata e começar a andar.

Nona, cara nona: quero espaguetes Imola, gostosos de ponta a ponta! 271 Velas Paraíso. As únicas que continuam a arder semanas depois de seu santo de devoção ter concedido sua graça! Graxa de sapatos Nugett, aos seus pés, Brilhantina Glostora na cabeça.

Venha do vento ou do sol, do vinho ou do paiol: qualquer dor de cabeça Geniol faz com que desapareça! Ferve, bufa e treme a plateia. Os pugilistas ouvem o sermão do árbitro sem prestar a menor atenção, os olhos altivos que se eletrizam mutuamente. Isto aqui está prometendo, e muito, senhoras e senhores! Segundos fora, gongo, e está valendo! No centro do ringue situa-se Dynamite, apumado, finta e raspa o nariz do adversário, finta e manda direto para o vazio, Oliver abaixa os braços, provocando, agora bate as luvas, inicia um avanço buscando o corpo a corpo, muda de ideia e retrocede, Silva espera mecanicamente por ele, o Magro dança à sua volta, não se tocam, não se aproximam, alguma coisa não está andando bem, mas anda, corre e um violento jab de Silva voa e se perde no espaço sideral, Oliver sorri e avança até o outro canto e a história começa a acontecer tal como estava escrito nas estrelas, senhoras e senhores, o touro agressor e espesso, o manto vermelho que se afasta e o desespera, o senhor juiz passa uma reprimenda em Oliver, e eu me pergunto: com que direito, ora essa?, afinal, cada um luta à sua maneira, e passam-se os segundos e também o minuto corre, e o chato do Oliver some feito uma sombra, e o combate escorre feito água entre os dedos do campeão, que começa a transpirar vinho tinto, enquanto seu rival mais parece uma alface fresca, com seus bíceps crocantes, e já lá se passaram dois minutos, e finalmente Dynamite consegue roçar o antebraço de Oliver, que vai e vem, e encurta um metro da distância que os separa soltando uma porrada na testa do contrincante perolada de suor, e confesse que por essa você não esperava, Silva, seu fanfarrão, e muito menos essa direita no fígado que fez você manar saliva, e muitíssimo menos esse uppercut que provoca um faiscar elétrico nos seus cabelos, e é bom saber que essa fúria toda não vai ajudar você em nada, porque Oliver se coloca em seu próprio canto e começa a fazer sinais com as mãos chamando você para perto dele, e você vai, ahá!, você vai, e viu só, campeão?, a pontada doeu, não é mesmo?, o professor bambeou, foi buscar lã e está saindo tosquiado, viu só?, e

então a responsabilidade e o método estão alcançando seu objetivo, o rigor e o tino, o cálculo e a água mineral, a magistral modéstia demolindo a soberba, e não há nenhuma comunistinha bêbado querendo brindar com você, e o público parece que vai virar casaca, ahá!, e parece que a raiva faz você dar voltas e perder o equilíbrio, e agora está patinando no charco de seu próprio suor, e cai na lona de bruços e o público ri, rá, rá, rá, e aí, galinho de briga?, deu pulinho, estendeu o biquinho, e não aconteceu nada, viu só?, seu pobre coitado metido a besta, e... gongo! Contrariando todos os prognósticos, Oliver Tomic está dando uma aula de boxe. Dono de um físico inusitado na 273 categoria, aproveita sua envergadura para picar Silva, sem deixar espaço para a reação, e dono de poderosa tração traseira aperta suas extremidades em fuga quando o rival se aproxima, e lá estão os seus seconds abanando ar nele com El Herald, o jornal do público democrático, o povo que sabe escolher e se prepara para a grande jornada eleitoral no dia em que repetirá nas urnas a mesma vitória que a inteligência e a sobriedade estão alcançando neste ringue, e os contendores já saem para o epicentro do confronto, e Tomic, girando com o alcance do raio de um guarda-sol, aplica uma porrada no meio do nariz do campeão, e o que sai dessas narinas parece chocolate, e isto que está acontecendo é muito mais do que se esperava, nem em sonhos alguém poderá ver uma vitória fácil assim, e dá até para imaginar o doutor Allende vomitando bílis ao ver que seu pupilo está tramando maus presságios, ou seja, sua Dinamite está com a pólvora molhada de derrota, e é bom para aprender a não manipular a opinião pública apadrinhando um dos rivais, doutor, porque esporte é esporte, e a política não deve entrar no seu templo, e lá vai o Dinamite Silva transtornado, arrebatando-se em sangue, minha mãe do céu, que tremenda hemorragia!, para essa luta, senhor juiz, detenha esse massacre, os calções brancos de Silva estão sendo tingidos pelo vermelho dos comunistas, senhoras e senhores, isso aqui está acabando, Oliver está malhando em ferro quente, só falta aplicar a estocada final, basta um soprinho de nada para acabar de tombar essa ruína, vamos lá, Magro, força, meu povo!, vamos lá Alessandri, se anime que lá vem o knock out, o Magro Oliver está almoçando e jantando o campeão, que sova tremenda!, os olhos de Dinamite Silva estão embaçados, Silva busca no ringue e não acha nada, isso aí acaba de um momento a outro, os senhores do júri já fazem sinais ao juiz de ringue pedindo que acabe logo com esse delírio de fluidos, ou será que o senhor juiz ainda está à espera de um milagre?, e agora sim, agora Oliver parte para cima de Silva, e vai cheio de alegria esportiva, intactas as suas forças maratônicas, intacta sua grácil leveza dançarina, e sonda Silva com essas fintas, e vai para o arremate, e lá vai o verdugo definitivo, dá-lhe Chile!, e... não é possível!, senhoras e senhores, não é possível!: lá dos fundos do corpo gorduroso de

Dinamite Silva voou um uppercut que acertou o alvo em cheio, fraturando a mandíbula do Magro Oliver, elevando-o do chão e derramando-o lá do alto, as pernas totalmente bambas, na lona, e claro, claro que agora sim, o juiz de ringue tem pressa para começar a contagem, e um, dois, e três, quatro e cinco e seis, mas o Magro Oliver jaz transversal e horizontal, desvanecido ou defunto, e o roubo do povo consumou-se, a aliança de termocéfalos vermelhoides obteve sua presa, os frangalhos de Oliver jazem no solo, e a multidão fanática pisoteia esses frangalhos para erguer Dinamite Silva, que conserva seu título de campeão e mantém em suspense a democracia chilena, que, a julgar por esse prelúdio... periga seriamente.

De acordo com Pedro Pablo Palácios, Allende precisava prometer aprofundar as contradições na sociedade sem compactuar com os empresários.

Teria que pulverizar a hierarquia militar, levantando o proletariado fardado — os soldados rasos — contra os patrões fascistas: generais, coronéis, capitães, e quem sabe?, sargentos. Fatos, e não palavras: era necessário atacar de imediato as riquezas da burguesia sanguinária, desapropriando seus negócios, seus bancos, suas armas.

Segundo Sepúlveda, estava servida de bandeja uma microscópica possibilidade de que Allende ganhasse do candidato de direita, Jorge Alessandri, mas desde que nosso homem conseguisse tirar da disputa Antônio Zamorano, padre de Catapilco, cidadezinha sonolenta por fora mas dominada pelos latifundiários mais ortodoxos por dentro, os mesmos que manipulavam o padreco malandro, que adorava aquele jogo. Se o padre ficasse na disputa até o final, como candidato de uma pseudoesquerda alternativa, roubaria votos de Allende até provocar um buraco do tamanho da cratera de um vulcão, e por esse buraco todos os socialismos — tanto o revolucionário como o desbotado — iriam à merda.

Na opinião de Jovana, a direita tinha um excelente candidato, já que Alessandri tomava água mineral e não vinho, e além disso era um solteiro histórico e convicto, antecedente que fazia dele o marido ideal e inatingível para qualquer solteirona, divorciada ou casada insatisfeita, e porque as notícias que chegavam da União Soviética indicavam que o glorioso proletariado revolucionário comia merda, e ainda assim, somente aos domingos. Para Jovana, em todo caso, Sepúlveda era um amor e Allende um gênio, porque prometia uma revolução à chilena, e não um papel carbono dos russos.

Os amigos de Palácios estavam dispostos a assaltar um supermercado da rua Irarrázaval, e com o dinheiro recuperado dos cofres da burguesia comprar armas para organizar um exército paralelo, popular e antidogmático, que combinaria o rock de Elvis Presley com as lições de Lênin. Militavam numa certa facção de um movimento que carecia de nome, para que seus dirigentes não se autodenunciassem.

Sua célula chamava-se "QUÊ?", em homenagem ao opúsculo de Lênin, "Que fazer", que traduzido no Chile era chamado de "Que fizemos?".

Pedro Pablo me contava essas intimidades, pois queria saber se eles podiam usar meu automóvel para realizar a tal operação, desde que, claro, eu

estivesse de acordo com suas posições políticas e estivesse disposta a arriscar alguma coisa ("eu não saberia dizer agora quando, nem quanto") pela revolução. Mestre Vulcano tinha sido promovido na alta hierarquia do Partido Socialista, e aproximou-se de Jovana e de Sepúlveda com instruções emanadas diretamente do Comando Central de Inteligência do camarada Malbrán. Dois dias antes da eleição, era preciso publicar uma edição falsa do jornal El Heraldo, o de maior circulação no país, e que seria distribuído já de madrugada em Catapilco, anunciando que o tal padreco Zamorano renunciava a suas aspirações presidenciais enquanto proclamava estar convencido de que Allende era um ateu profundamente cristão, e declarando-se, além disso, estar farto de tanto ver denegrirem a imagem de Salvador Allende ("pensem só, concidadãos, na maravilhosa coincidência desse nome com o Messias"), e que por isso unia-se às fervorosas fileiras do povo, retirava sua candidatura, apesar de as pesquisas assegurarem a ele um triunfo tranquilo, e fazia um chamado a todos os seus partidários para que votassem como um só homem, uma só mulher, como cruzados de Cristo, da democracia e da pobreza, no doutor Salvador Allende.

Seu Lorenzo, linotipista do El Heraldo, conservador de fio a pavio, entusiasta das privatizações e partidário de importar japoneses para aumentar a produção do Chile, disse que roubar peças tipográficas do jornal para uma fraude daquelas mereceria uma denúncia e provavelmente seu linchamento pelas gangues conservadoras comprometidas até mesmo com o crime, desde que Allende perdesse. Não podíamos contar com ele para um propósito tão turvo, tão manipulador, tão perigoso, e finalmente tão contrário às suas próprias ideias políticas, pois admirava Jorge Alessandri como grande estadista e como freio exato e preciso ao comunismo no Chile.

Encarregada, por Jovana, de insistir com seu Lorenzo, fui visitá-lo para explicar que as excêntricas preferências políticas de um homem pobre como ele, humilde linotipista com as pestanas carregadas de pó de chumbo e com as unhas carregadas de tinta lúgubre, traíam a ilusão gloriosa e avassaladora de um povo que iria oxigenar os pulmões com os ares do triunfo.

Invokei nossa amizade desde a infância. Expliquei que o honrado e esporádico furto do set tipográfico do El Heraldo não tinha outra função que levantar os quarenta mil votos loucos do padreco de Catapilco, malandrinho comprado pelo pessoal de Alessandri precisamente com o dinheiro que tinha sido roubado dele, isso mesmo, do senhor, seu Lorenzo.

Juro para o senhor que o doutor Salvador não é o comuna que o senhor pensa que é, e sim um democrata libertário e pluralista que com sua vitória fará do Chile uma notícia mundial, e que com certeza vai aumentar o seu salário para que o senhor possa tapar as goteiras da sala e mandar Pedro Pablo para a

universidade.

Conclusão: voltei para casa com a cara pegando fogo de vergonha pela minha imoralidade, e ao mesmo tempo furiosa por comprovar que seu Lorenzo combina maravilhosamente bem a mediocridade com os princípios.

— Vamos fazer de conta que esta conversa nunca existiu — disse ele, acompanhando-me até a porta e dando um generoso beijo em meu rosto.

Devidamente municiada do livro de Alphonse Daudet e de *As flores do mal*, devo fazer, no dia 3 de setembro, um dia antes da eleição presidencial, exame oral com o diretor Arenas. Na mesma mochila onde levo as lições e os textos em francês carrego também um sanduíche de pão de forma que é a beleza culinária do século. Filé bem fininho, mantido morno graças a um guardanapo de tecido com quadrados brancos e vermelhos, alface crocante acesa pela primavera de Santiago, tomates que pedem para ser mordidos, macios e temperados com um restinho de cheiro-verde e maionese espessa e alourada, coroada por uma rodelinha de abacate.

Não quero que o diretor pense que tento suborná-lo por causa de uma prova medíocre. Ao contrário, me preparei feito bicho com "O albatroz" de Baudelaire, sei recitá-lo praticamente de cor, e no momento de discutir o significado do texto não vacilo em esclarecer que é uma ladainha ferida e sensível por todos aqueles que são belos e diferentes e que também merecem viver num mundo brutal e mutilador.

O professor Arenas é o homem que tem o melhor coração do Chile, pelo menos até não pisarem seu sanduíche e desde que falem com ele na langue de la douce France *chère pays de mon enfance*. Minha versão de "L'Albatroz" deixa o professor Arenas comovido, embora eu só tenha seguido rigorosamente o ensaio preliminar de *As flores do mal*, mas ele acha originalíssimo ou pelo menos finge achar, por motivos que talvez sua razão não compreenda, mas que são compreendidos por seu coraçãozinho, disposto a escrever no quadradinho de seu livro de notas a máxima, que é nada menos que dez, esse número magricela, um poste acompanhado pela rodela que pode ser o sol e pode ser o mundo.

E bem no instante em que ele tira sua voluptuosa caneta tinteiro, aperto o sanduíche no fundo da mochila, e comprovo que continua lá, morno, crocante, animal e foragido nesta perfeita manhã de primavera. Não haverá sombra sequer de suborno. Mantenho a mão na toalhinha que envolve o sanduíche, e espero que o dez não apenas seja escrito, mas também cantado por sua voz enrouquecida.

— Dez, filha. Dez pelo Daudet, dez pelo Baudelaire.

Média dez em francês.

E então Palácios abriu a porta e, ao mesmo tempo, tirei o sanduíche da mochila.

Os olhos de Arenas castigaram à esquerda, e se enterneceram à direita. Depois, se enterneceram à direita e à esquerda.

Levantou-se, apoiando-se nos braços da poltrona de couro verde, e fez gestos indicando a Pedro Pablo que avançasse. Ele avançou, tal como havia ensaiado na noite anterior: contrito, humilde, molhado, degolado, albatroz.

Só que, agora, também havia soltado a alma. Trazia a alma nas mãos estendidas, como bandeira de rendição.

Arenas estendeu os braços e meu amado abrigou-se dentro deles.

— Coisas da vida, rapaz.

— Sinto muito, professor.

— Ora, são anos e anos dando aula. Não podemos sobreviver sem que os alunos mostrem pelo menos uma chispa de entusiasmo. E de disciplina.

— Eu não passo de um cão pulguento, professor. Nothing but a hound dog.

— De Shakespeare a Presley. Está piorando muito, Palácios.

No momento em que soou a campainha, o diretor levantou o sanduíche. Mordeu-o contendo o desejo e fez o pedaço mordido rodopiar pela boca, antes de engolir.

— Volte para a sala de aula, e se alguém perguntar alguma coisa, banque o bobo. Coisa que, aliás, você costuma fazer com enorme naturalidade.

— Pois não, doutor Júlio.

— E tome conta da sua garota. Não vá engravidá-la agora, porque essa mocinha precisa entrar na universidade.

— O senhor é maravilhoso, professor.

— Não me venha com elogios nem cumprimentos. Sei muito bem que todo mundo aqui me chama de Leitão Arenas.

— Carinhosamente, mestre. Carinhosamente. Mordeu o sanduíche outra vez, de maneira feroz, e a maionese e o abacate amassado pintaram seus lábios. Limpou- os com o guardanapo quadriculado, e com um gesto indicou que ficássemos até ver o pedaço perambular de um canto a outro em sua boca, até ser despachado para o fundo.

Dizem que Valparaíso foi construída seguindo os passos de um marinheiro bêbado que perseguia morro acima a mulher amada. É a única cidade do mundo que todos acham harmônica, embora não tenha a menor simetria. As casas foram pintadas esgotando as aquarelas de um colegial rebelde, e os viralatas brigam nas escadarias, enquanto os funiculares descem do cárcere ao porto levando rapazes com bolsas de lona que se dispersam pelos becos e pelas vielas e nunca mais tornam a ser vistos.

Nos deram como pista um cinema. Lá embaixo acharíamos a casa do poeta. O salvo-conduto era o nome do doutor Balnes, ou de Cacho Figueroa. Seria preciso sussurrá-lo a um senhor xis, que tinha a chave. Tudo era mais difícil que na canção El escondite de Hernando, mas tinha sido inventado por Pedro Pablo do telefone do posto de gasolina, e tudo que eu queria era ser dócil às suas vontades. A noite não nos derrubou. Ao contrário: uma espécie de combustão noturna nos mantinha alerta e a cabeça era um imenso radar que captava todas as sugestões do ar, Hoje, o universo nos oferecia um contingente de intenções, sinais da trama que fazia que fossem compatíveis pelicanos e torrões de açúcar, o mendigo cego e o transatlântico no cais, os marinheiros com seus paletós grossos e curtos e com ciganas de saias carnavalescas cobertas por abrigos de pele.

O poeta tinha dito que Valparaíso era um porto louco e desgrenhado, e a esta altura deveria estar feliz comendo na Hungria ou recebendo um prêmio em Capri, enquanto aqui sua casa esperava por ele com a mansidão dos cães. Conforme íamos subindo a bordo do Chevrolet, a pólvora da cidade carregava nossos pulmões, éramos perfeitas bombas de luz que a qualquer momento iriam explodir, incapazes de acumular mais energia. Claro que tínhamos aquela coisa, mas acontece que aquela coisa da cidade estendia-se com ternura rude ao lado daquela coisa que trazíamos, como se Valparaíso tivesse uma capacidade toda especial de entender os amantes.

Fiquei sabendo de alguns detalhes da trajetória para chegar ao dormitório do poeta. Palácios telefonou para o senhor Senoret e o senhor Senoret telefonou para o doutor Balnes e o doutor Balnes para Quema Samudio e Quema Samudio para o caseiro e tudo isso acontecia enquanto as gaivotas revoavam sobre os botes de pescadores, e para onde quer que eu olhasse tudo que via era um batalhão de anjos diligentes ocupados full time em aperfeiçoar a minha felicidade.

Apesar porém da prestigiosa rede de implicados no assalto à casa do vate, o caseiro mostrou, no começo, mais zelo em seu ofício que o próprio São Pedro demonstrava no dele.

As consequências do jazz, os detritos da madrugada, a violência daquela coisa nos pômulos, até mesmo as pupilas turvas de secreções, o exagero do Chevrolet feito um sol azul no inverno da ruela encarapitada no alto da ladeira, e o cigarro que Pedro Pablo segurava à moda Bogart no canto esquerdo dos lábios enquanto justificava a nossa presença no abrigo do poeta, tudo isso, mais que argumentos a nosso favor, parecia veementes acusações.

— É que o doutor Pablo não me disse nada, meu jovem.

— E como é que poderia ter dito, se está na Europa?

— É que quando vem visita, ele me avisa por carta.

— Pois a tal carta deve estar chegando, seu Jaime.

— E é que eu não me chamo Jaime, eu me chamo Jano.

— Jano, assim? Jano? É diminutivo de quê?

— Pois de Alejandro.

— Então, está tudo certo: foi justamente com o Alejandro que o poeta me disse para falar, informando e explicando.

— E explicando o quê?

— Que a gente estava chegando aqui.

— E por que ele mesmo não me explicou isso?

— Ele avisou o doutor Balnes.

— Só que ele também não está aqui.

— Mas dona Quema Samudio falou com o senhor por telefone.

— Ah, claro.

— E o que foi que ela disse?

— Que tinha uns estudantes vindo para cá, para fazer um trabalho sobre a casa do poeta.

— Pois então está tudo certo, seu Jano. Somos nós!

— O quê?

— Os estudantes.

O homem examinou-me dos pés às sobrancelhas, e se deteve em meu vestido, nos lábios inchados de desejo e nos cabelos descabelados pelos ventos e pelos beijos. Depois concentrou sua atenção em Palácios e até eu fui descobrindo com ele a desfaçatez do bandido, o arrojo do bastardo, a ironia das certezas, o tango no olhar e o rock no peito. Então o caseiro olhou para o Chevrolet e cuspiu de lado: — E isso aí é o ônibus escolar? Tem mil coisas que odeio nos chilenos. Quando resolvem ser chatos, são capazes de explodir o pâncreas de qualquer um. Mas quando deixam escapar uma ironia, uma cortada

qualquer, ah, é como se fosse um maçarico derretendo gelo. E é por essa fresta que eles fazem entrar todos os Cavalos de Troia.

— Claro, só — e os olhos de Pedro Pablo lançavam chispas.

— E pagamos com desconto de estudante.

— Tudo bem. Podem subir à vontade, mas cuidado com as pedras.

Pôs a chave no bolso do meu moletom e levou-nos até a escada em espiral.

— Tomara que tirem nota dez, garotos. O pássaro vermelho com as asas estendidas, dentro da fonte de vidro, é uma metáfora da liberdade reprimida. Se vocês escreverem isso, aposto que o professor dá nota alta.

Quando chegamos na atalaia corremos até os janelões e limpamos o vapor que empanava os vidros. Foi como levar uma bofetada de Valparaíso. Nos abraçamos tremendo. Não apenas estávamos na cidade mais bela e colorida do mundo, mas no espaço de um poeta que tinha sabido cantá-la das mais estreitas ruelas às mais altas janelas. Tudo naquele salão era de uma desordenada modéstia e os móveis e brinquedos extravagantes não tinham outra disciplina além da que a gente pode encontrar num armazém de armarinhos da última cidade perdida nos confins do mundo. Em cima do bar, entre quadros de barcos e cachimbos chupados por lobos do mar, havia um cartaz: Don Pablo, est ici.

Recordei, sorrindo, o Couchon Arenas. Se o repertório inteirinho dos céus abriu suas asas para acalantar-nos daquela coisa, o professor de francês devia ser nomeado Grã-Guardião de Anjos e Santo Patrono de Serafins. Assim são os corpos celestes do meu país, pensei, gordos e sentimentais, doces e violentos, sem transições, a flor e o punhal saltam de qualquer lugar, o beijo e a morte pegam as pessoas desprevenidas.

— Alia Emar — disse Pedro Pablo com uma voz repentinamente triste —, você acha que isso vai durar?

— Vai durar até acabar — respondi.

— O que estou dizendo é uma babaquice total, mas sinto tristeza por nós dois.

— Está bem.

— Uma espécie de nostalgia de tudo que existe. É como se eu não estivesse mais aqui.

— Acontece que você está no quarto de um poeta. E nesses lugares, o mundo parece estranho.

Aproximei-me da cama e me estendi. Embora fizesse um frio úmido, tirei a roupa, pus minha saia debaixo de meus cabelos e abri as pernas sentindo que agora o trânsito louco das minhas veias e de meus nervos reuniam-se em meu ventre.

Pedro Pablo seguiu as instruções dadas por aquele ímã.

Veio até o meu lado, deixou suas calças caírem, e cobriu, pudoroso, seu membro teso.

— Você gosta deste lugar?

— Só mesmo um delinquente seria capaz de invadir a casa do poeta para fazer isso.

— Bem, afinal, ele escreveu que não gosta do homem sem mulher nem da mulher sem homem! Disse que era o bom poeta casamenteiro. E eu fico feliz por ver que esse poema não foi um cheque sem fundos.

Estendeu-se nu ao meu lado.

Beijou a minha boca, enredou-me a língua, apalpou meus mamilos, sentiu o latejar de minhas cadeiras, desatou meus suspiros, fez que meus pêmulos saltassem, que minhas pestanas se agitassem, que minha saliva se convulsionasse, que meu coração se acelerasse, fez que minhas nádegas ficassem mornas, que meus lóbulos ficassem mareados, que minhas faces ficassem ensolaradas, que meu umbigo se rebelasse, que meu pudor se espatifasse, e introduziu-se em mim, arranhou meu hímen, e depois meteu até o fundo, e eu morri de amor.

Eu morri de amor.

Teria sido um final ideal para um livro e melhor ainda para uma vida.

Mas agora, depois de anos manipulando palavras e imagens, sei que o ponto e a metáfora finais não são postos pela autora, e sim por esse demiurgo apavorante, que foi batizado por Nicanor Parra com um nome bem chileno: "Pois saiba que Moya fez as estrelas!" Pedro Pablo Palácios foi minha pele e minha casa.

Desordenou meus sentidos e lascou meus sonhos.

Quando jogávamos baralho, me dava um pôquer de ases; quando íamos a uma festa, chegávamos bem na hora em que os Beatles cantavam / want to hold your hand, quando íamos ao cinema, passavam Easy Rider, e a gente chorava até a última lágrima; quando o baseado estava encerrando sua rodada nele, sabia aspirar até o último fiapo sem que a brasa queimasse seus lábios.

Usamos flores nos cabelos, lemos Hesse e Ginsberg, Corso e Ferlinghetti, pusemos de lado O pequeno príncipe e durante anos só cuidamos de Holden Caulfield. Em 1958 perdemos com Allende e por causa dos malditos quarenta mil votos do padeco de Catapilco, que deu o triunfo de presente a Alessandri. E fomos derrotados outra vez em 64, quando a Democracia Cristã aniquilou nosso candidato graças à direita, que deu seus votos a Frei.

Um político de origem malícia proclamou, sem entusiasmo, que "quando se ganha junto com a direita, quem ganha é a direita". Allende, depois daquela sua terceira derrota numa eleição presidencial, disse que em seu epitáfio estará escrito: "Aqui jaz Salvador Allende, futuro presidente do Chile." Tivemos nossa época de simpatia pelo diabo, rodamos like a rolling stone, ficamos à toa na vida, andamos sem lenço nem documento, quisemos que tudo mais fosse para o inferno, e voltamos ao Vale do Elqui para injetar paz e estrelas em nosso sangue, o fim da primavera de Praga e a invasão da Tchecoslováquia revolveram nossa bile, a Revolução Cubana molhou nossa boca em dias de sede, comentamos os prêmios Casa de Las Américas e semeamos o caos de pequenos-burgueses metidos a besta quando, nos partidos comunistas e socialistas, acendemos velas em homenagem aos hippies e sonhamos com Greenwich Village em vez de Moscou ou a guilhotina da Revolução Francesa.

Aprendemos de cor Antonioni, Bergman e Tony Richardson.

Não queríamos funcionários, queríamos profetas, queríamos apenas a vitamina do presente suspenso no tempo, os olhos alucinados de William Blake e

não os empréstimos dos banqueiros; a desordem apocalíptica de O sétimo círculo contra os planos quinquenais, o zen-budismo ou o existencialismo francês para se opor à baboseira hipócrita dos conservadores.

Não houve lógica capaz de nos fazer entender o mundo além da de Ionesco e a de Beckett; os quatro surgidos dos dois mais dois são uma falácia (Deus mais Deus são Quatreu, Nicanor); através de Dylan Thomas fazíamos na praia, exatamente como os cães. Pavese, Ungaretti, Cortázar, Cardenal, atenda ao telefone, Arthur Müller, o bale azul, a Copa de 62 no Chile e o gol de Eladio Rojas do meio do campo (nas eleições de 1964, meu querido Pavlovic: "Vamos repetir o placar de 62: Chile 2, Rússia 1.").

Na Universidade, não aprendíamos nada que valesse a pena. Nossos pais nos previram um horizonte de fome e miséria, um livro de Garcia Márquez era mais concreto que a Rodovia Pan-Americana, publicaram José Agustín no México, e Bob Dylan passou do folk ao rock no Shea Stadium.

Eu retornei às ladeiras de Valparaíso com Salvador Allende, e o doutor Allende havia atendido pessoalmente seus pacientes, que souberam devolver o carinho afogando-o em votos.

Mas, acima de tudo, eu tinha dezessete anos.

A presença de Palácios fez com que cada um de meus poros florescesse. A acne adolescente sumiu da minha pele, e raramente dormia na casa com Jovana e Sepúlveda, pois entre o Chevrolet, os motéis da rua Londres, os cenários naturais e a casa de Palácios, íamos somando pontos do decatlo do sexo.

Não é que fôssemos depravados: é que, para nós, transar era apenas um pretexto para conversar. E se não conversássemos 292 todos os dias, sentíamos falta de ar. O amor nos oxigenou, literalmente.

Pedro Pablo começou a ficar obcecado com a ideia de que o Chile era pequeno demais para ele. Já não bastavam mais a universidade, a cordilheira, o mar, nem mesmo suas aulas na Escola de Teatro. Ia até a biblioteca da Associação Chileno-Americana e pegava as peças de Jack Gelber e de Edward Albee, de Leroy Jones ou de Saroyan: íamos às estreias dos teatros universitários e ele achava que todas não passavam de uma coreografia inofensiva, uma atitude vaidosa dos atores e diretores, tudo tão mascado, tão bem dito, tão pernóstico e copiado, tão correto e sentido, tão sincero e chato.

Achava que o verdadeiro teatro era uma selva, e que no palco as feras tinham de se convulsionar. O instinto e o corpo tinham de se mover mais rápidos que as palavras.

Escreveu duas cartas. Uma para o senhor Senoret, e outra para o senhor Lee Strasberg, do Actor's Studio. A tentação de Nova York provocou o come

back de York New.

Enquanto isso, eu tinha entrado na Faculdade de Pedagogia da Universidade do Chile para estudar, é óbvio, pedagogia em inglês. Alunos e professores se dividiam em quatro grupos: idealistas, revolucionários, pobres e loucos. Os que saíam dali de volta para o mundo, após relaxados anos de matérias adiadas ou suspensas, podiam encontrar emprego — e isso, com sorte — em pocilgas de colégios que pagavam uma miséria.

Era nesse futuro cor-de-rosa que a ultra-esquerda recrutava seus heróis. Assaltavam sucursais bancárias, escreviam 293 panfletos que jogavam nas portas dos quartéis incitando os milicos a degolarem seus capitães, levantavam o dedo na aula de filosofia perguntando em que sentido a teoria do conhecimento de Nicolai Hartmann contribuía para o triunfo da Revolução, e faziam sessões de críticas e autocríticas na sala E 103, onde queimavam incenso para Fidel, Mão e Ho-Chi-Min.

O Chevrolet de Luxo não sofreu nenhuma pane desde que o senhor Pretzlik levou-o para a nossa casa. A cada dois dias, em média, eu o alugava para filmes de publicidade, casamentos, para ir buscar executivos gringos no aeroporto, para funerais de pessoas elegantes. Desde a minha relação com Palácios, o automóvel se transformou, para mim, não apenas numa fonte de renda que me permitia pagar os almoços no Lãs Lanzas e no Los Cisnes, mas também as noites de motel com meu amante, que ensaiava debaixo do cobertor os textos de seus exercícios, nos sufocantes quatinhos da rua Paris ou da rua Londres, até me deixar condecorada de esperma e com seus diálogos improdutivamente grudados na minha memória.

Certa noite, ele me propôs que eu entrasse na Escola de Teatro, abandonando Pedagogia. O repertório de alunos na sua escola não era muito diferente daquele que eu via na minha classe, mas pelo menos tinham ambições e neuroses.

Meus companheiros, enquanto isso, encaixados em cada um dos quatro grupos típicos, careciam de surpresa.

Pedro Pablo era um profeta do movimento. Dizia que a palavra é um nível precário e bastardo do gesto, uma deformação intelectual da verdade inventada por medíocres que querem amarrar os galgos para que não se ponham a correr desordenadamente à procura de outros horizontes. Se no teatro era importante a palavra, então precisávamos produzi-las na tal caldeira de músculos e nervos, para que quando estivesse na boca do ator fosse um projétil que deixasse os espectadores nocauteados.

De acordo com essa teoria, encarnava monólogos de Shakespeare deixando que o corpo se desgarrasse em intensos silêncios, antes de emitir uma

sílaba.

Proclamou James Dean e Marlon Brando como seus mecenas e modelos. Fez fama de malandro, de pedante, de filhinho de papai. Excitou as companheiras de classe, a ponto de elas deixarem seus telefones escritos com batom nos espelhos da sala de maquiagem.

Assisti a vários de seus ensaios nas salas de aula da rua Huérfanos, e embora se tratasse de alguns clássicos costumbristas chilenos, como Cidadezinha de Armando Moock, carburava os textos em silêncios angustiados, afundava os olhos nos joelhos e levantava-os bruscamente imitando a expressão vulnerável de Montgomery Clift em *A um passo da eternidade*. Quando depois de todo esse périplo a frase era expelida por seus lábios inchados de sexualidade, tomava cuidado para que ninguém conseguisse entender chongas: gostava de farfalhar, cuspir, drogar as palavras, para que elas exibissem a potência de sua vida interior.

Minha presença nas estreias fazia com que a temperatura de Pedro Pablo se elevasse, e isso o tornava ainda mais cobiçado por várias de suas companheiras de palco, cuja opção pelo teatro se devia, em primeiro lugar, à própria beleza física. Às vezes, era impossível encontrar nelas algum traço expressivo, alguma veia de vida interior que se afastasse dos lugares-comuns, mas combinavam, cinturas, nádegas e seios tão bem como Marilyn Monroe, e, ao pestanejar, nenhuma delas era menos mortal que os Betty Davis' eyes.

Claro que eu ainda tinha aquela coisa de nós dois, e cada segundo ao lado de Pedro Pablo afinava a cola sutil que nos unia. Éramos uma ilha de inocência e não sabíamos detectar de onde vinham as mordidas da realidade.

Agora, Pedro Pablo cumpria sua vocação de York New, com o travo amargo que sentia por tê-la abandonado durante anos. Queria conciliar os goles de céu azul que tinha absorvido entre as montanhas do Vale do Elqui com os arranha-céus e os habitantes de Manhattan.

Uma xícara de café ou dois copos de vinho o deixavam loquaz e estendia-se sobre a necessária fusão do Chile com o mundo, para que ninguém nos engula, ninguém nos vomite.

Tinha os dedos rápidos de um prestidigitador quando coçava a testa, e os braços giravam feito pás de moinho ao discutir sobre seus filmes favoritos. Em primeiro lugar, qualquer um que Elia Kazan tivesse parido. O último era sempre o melhor.

Pedro Pablo me levou duas vezes para ver Boneca de carne, "o filme mais ferozmente controvertido da época", só para estudar uma questão de criação de atmosfera através das imprecisas sugestões de um ator. Interessava-se especialmente por Eli Wallach fazendo o papel do siciliano Silva Vaccarro na

cena em que ele visita Baby Doll enquanto o marido estava fora de casa, e todo mundo sabia que a menininha ainda era virgem, já que Karl Malden prometeu que só teriam relações quando ela cumprisse vinte anos. Para Palácios a questão era saber como Kazan conseguia, através de seu ator, colocar a bomba e não fazê-la explodir sem cansar o público ao longo de noventa minutos.

As futuras atrizes de seu grupo não tinham tantos problemas com as técnicas expressivas, mas captavam a ruidosa espuma dos filmes melhor do que o meu amado.

Um fim de semestre organizaram uma baby doll party com hectolitros de cuba-libre e baseados de sanfelipena que nunca terminavam de fazer a ronda nos círculos de gente.

Pedro Pablo saltou para a pista com a música do "Álbum Branco" e fez uma cena imitando a dança de William Holden em Picnic.

Se no filme aqueles passos tinham cortado a minha respiração, vê-los em minuciosa repetição profissional efetuada pelo homem que eu amava e a centímetros de uma morenaço estilo Kim Novak que o deglutia com o olhar profetizando uma carnificina iminente nos próximos minutos, provocou em mim uma raiva inédita.

Aquela maldita cólera que se chamava ciúmes. Mil vezes eu havia debochado daquela coisa ridícula. "Ninguém pertence a ninguém, a liberdade não precisa de donos, não existe outra alegria e outra santidade além da proclamada pelos Beatles, let it be!", eram slogans que brotavam das minhas entranhas e às quais eu tinha prestado programática fidelidade. Até aquele minuto. Saí correndo para a rua e me meti dentro do Chevrolet dobrando-me sobre mim mesma, feito novelo, clamando com lágrimas por um berço protetor. Aquela coisa de nós e nós daquela coisa era uma ficção que não tinha lugar num universo atopejado de outros astros e estrelas.

E não apenas os do cinema. O sol brilha para todos, menos para Carmen Luisa Espinoza. A menina chega em minha casa com uma palidez de outro planeta. Maquiou-se em excesso, e os olhos parecem se perder atrás de uma tonelada de pintura nas pestanas. Duas bofetadas de rouge nos pômulos, em vez de animá-la, exibem clinicamente a sua brancura. Veste, além do mais, um sobretudo leve, com tecido parecido ao das capas de chuva. Isso, apesar de estar fazendo calor em Santiago, e de sabermos todos que não haverá chuva até abril.

Olha desconfiada para portas e paredes, e quando asseguro que estamos sozinhas, pega e beija as minhas mãos.

Peço que ela tire a capa. O sol já aqueceu as sombras e um gato preguiçoso nos espia por trás dos vidros. Ela se levanta e abre um a um os botões, com ar cerimonioso, e quando joga o sobretudo completamente para trás revela a causa de seu traje tão pouco oportuno.

Carmen Luisa Espinoza tem o ventre inchado.

Está prenhe de muitas semanas, e o corpo de Betty Simpson aparece derramado em flacidez e os seios arrebatam o sutiã que os aperta. — Você tem de me ajudar—diz ela, apertando o ventre.

— Quem é o pai? — pergunto.

— Um homem casado.

— E o que ele faz?

— É ator.

— E ele reconhece?

— Não estou entendendo...

— Reconhece, admite, que esse inchaço aí foi feito por ele?

Minha amiga senta-se e olha de novo o gato na janela e os dois ficam ali numa lonjura repentina. Depois, tira um lenço do peito, de um jeito que eu nunca mais vi ninguém fazer, desde meus tempos entre os velhos de Antofagasta.

— Seu avô Esteban tinha especial estima por mim. Por causa dos meus cachos, você lembra? Dizia que em vez de Betty Simpson eu devia me chamar Shirley Temple. Você viu O crepúsculo dos deuses?

— Claro que vi.

— Gostou?

— Principalmente do começo, quando Holden está morto na piscina e o locutor diz "Pobre coitado. Sempre quis ter uma casa com piscina, e agora conseguiu".

— É mais ou menos o que está acontecendo comigo, não é?

— Não foi o que eu quis dizer.

Tirou da cavidade entre o olho e o nariz uma bolinha de rímel e limpou os dedos no joelho.

— Você é minha melhor amiga, Alia Emar. Precisa me ajudar.

— De que jeito?

— Dinheiro.

— E de onde é que você foi tirar a ideia de que eu tenho dinheiro? E que negócio é esse de melhor amiga, se não nos vemos há dois anos?

— Fiquei com vergonha de repetir de ano e fazer a quinta série com dezessete anos. Acabei indo parar num curso noturno, que também não deu muito certo.

— E aí você foi se meter com o professor, e deu nisso.

— Como é que você adivinhou?

— Qualquer um que saiba alguma coisa e ensine a você, acaba na sua cama. Começou com Detour.

— Ah, aquilo foi diferente.

— E por que acabou?

— Um dia estávamos tomando o café da manhã numa padaria, depois de termos passado a noite no motel da rua Londres, e de repente ele disse: "O café esfriou, o amor acabou." Disse: C'est fini. A única coisa que eu tenho é o meu corpo, Alia Emar. É o jeito que tenho de ser agradável com as pessoas. Todo mundo está tão sozinho.

Trouxe a chaleira e servi duas xícaras.

— Antes, você tinha o seu corpo e a sua cabeça, Carmen Luisa Espinoza.

— A cabeça, cheia de vento. Sonhos de grandeza. Imagine só, eu queria ser atriz.

— Detour ensinou você a beijar.

— Não se deve fingir na hora do beijo. Eles têm de ser de língua.

— Mas você também usava a língua para contar coisas.

Você era a sua língua e o que sabia falar. Você era uma flor!

— Seu avô dizia a mesma coisa. Mas eu apodreci! Preciso que você me empreste dinheiro.

— Não posso. E muito menos para isso.

— Preciso tirar esse bebê. Não tenho outra saída.

— Você já fez isso antes?

— Uma vez só. Acontece que...

Tornou a olhar o gato, e o gato, como se tivesse sido ligado a ela por um

sinal mágico, sustentou o olhar.

— ... daquela vez o pacote era menor — disse afinal.

Eu me precipitei até a janela e ao abri-la o gato saltou na lixeira do prédio. Não entrou nem uma brisa. No rádio do vizinho, estava tocando Tutti-Frutti, com Little Richard.

— O pouco dinheiro que tenho — falei sem olhar para ela — está reservado para a minha viagem com o Palácios para os Estados Unidos. Vamos nos casar e será a nossa lua de mel.

Uma lua de mel sem retorno.

— E a universidade?

— Que importância isso tem?

— Você conseguiu entrar na Universidade do Chile, não pode perder essa matrícula. Aqui, a universidade é de graça. Nos Estados Unidos, você vai ter de pagar mil dólares por hora de aula.

— Mas isso tudo vai mudar por aqui. Dizem que vão privatizar as universidades, e que elas vão ser tão caras que só estarão abertas para os ricos. E com Alessandri no governo, vai chegar o dia em que esse povo vai explodir.

— Eu teria votado em Allende.

— Perdemos.

— Por causa de quarenta mil votinhos.

— A culpa é do padre de Catapilco. E do seu Lorenzo.

— E quem é esse Lorenzo?

— Um homem de princípios. Sinto muito, Carmen Luisa. Não tenho como ajudar você. Trabalhei pelos meus sonhos, e não estou disposta a renunciar a eles por causa dos seus erros.

Sorveu o resto do chá e ergueu-se da cadeira com um gesto arrogante. Mesmo naquela situação, se acentuasse o corpo com outra coisa que não fosse a súplica de misericórdia, pareceria sexy.

— Você é muito dura, Alia Emar. E unha de fome.

— Você pode achar o que quiser.

— Você nem se preocupa com o que pode acontecer comigo.

— Claro que me preocupo. Mas tenho meu compromisso com Palácios. Trabalhamos horas com o carro para juntar esse dinheiro. É o nosso futuro.

Tornou a vestir a capa e apoiou-se no respaldar da cadeira com uma frieza rufianesca.

— E onde é que você guarda o seu dinheirinho, Magdalena? No banco ou num porquinho de barro?

Carta aberta ao presidente Alessandri.

Querido Primeiro Mandatário: Recebi esta manhã, ao amanhecer, hora de lucidez dos anciãos, seu inestimável telegrama com a notícia de que me oferece a possibilidade de ser prefeito de Antofagasta.

Tamanha honra me produz uma emoção semelhante à de um recém-nascido que abre os olhos ao mundo depois de haver vivido longas décadas nessa terra de ninguém que é o corpo de um imigrante.

Com muita fineza e generosidade celebra o senhor, em sua curta missiva, a prosa de minhas colunas diárias e a dignidade de meu suplemento cultural no qual com democrático gesto destaco Garcia Lorca junto a Ezra Pound, Ivo Andric ou Germán Arciniegas, Neruda ou De Rokha. Nestas colunas comentou-se com elogios inclusive a prosa de um demônio que se diz antipoeta e se faz chamar Nicanor Parra, de quem eu mesmo não celebraria nem as vírgulas. Razão tinha o padre Salvatierra, ao dizer que estávamos diante de uma lata de lixo. Entendo porém que é, em primeiro lugar, sua gratidão pelas minhas colunas políticas o que o move a fazer sua oferta, cuja qual faz com que um rústico dos mares malícios e um tanto desajeitado, como eu, se eleve em sublime trânsito, muito e em tudo semelhante ao empreendido pela Virgem Maria rumo aos céus.

Não saberei quantos votos à sua causa trouxe meu combate contra a ideologia marxista, mas não creio que tenham sido nem muitos, nem poucos. Lutei contra o doutor Allende nos bares de Calama, em contendidas desportivas e em discussões teóricas onde o desafiei a definir como conciliava sua aliança com os comunistas, sabujos dos russos e do marechal Tito, com as jactanciosas odes ao liberalismo burguês.

O Doutor Salvador vê a si mesmo como um patriota continuador da obra dos libertadores. Cada um de seus passos está emoldurado dentro de uma tradição libertária não rupturista. A revolução, de acordo com ele, é feita somando forças e não isolando as energias do proletariado. Toda essa fraseologia engomada e maquiavélica desembocará, cedo ou tarde, num governo de lobo com pele de cordeiro, e vislumbro anos atrozes para o Chile.

O senhor veio com a pontualidade de um homem sóbrio e bem aconselhado para adiar esse momento fatal.

Não traz consigo a força bruta, e sim o prestígio da academia e o equilíbrio de quem pesa na balança da pátria os recursos dos que investem com

os daqueles que apenas trabalham. O senhor equilibra com grande sensibilidade a questão social com o tema da renda per capita. Nada há, portanto, que me impeça de ser o mais fiel e honrado dos seus colaboradores.

E no entanto, no entanto, doutor Jorge, a sombra de uma ave pertinaz e sombria bica meu coração e posterga o sim entusiasta que o senhor merece.

Venho de um pedaço de um país longínquo derramado pelo mapa em umas poucas ilhas desgrenhadas. Minha primeira língua foi o dalmatino, e desde que me lembro por gente estrangeiros ocuparam minha pequena aldeia e nos venderam suas ideias, seus impérios, seus vestidos e suas igrejas. No espaço mínimo lotado de insignificância que ocupam minha vida e minha ilha, sucederam- se não obstante acontecimentos cujos quais não vacilo em classificar de milagrosos. Uns famosos sinos de ferro lavrado se mantêm ainda nas torres da minha Gema natal apesar de que, segundo cálculos físicos de personalidades tão respeitáveis como o espanhol Torrentes, deveriam ter sucumbido há séculos graças ao seu peso indevido, ou ao menos não autorizado pelas leis da gravidade.

Vim ao Chile com espírito nômade, e também ungido de certa prosa patética e enfática com a qual celebrei a rebelião de uns rapagões malícios contra o império austro-húngaro que culminou com uma repressão cujo sangue noite após noite torna a surgir cinquenta anos depois entre as marés desse mar Adriático que foi meu berço. Não sei quanto de minha prosa animou aqueles rapazes heroicos a enfrentar um exército talhado no profissionalismo mais rigoroso e cujo poderio pudemos ver na Segunda Guerra Mundial, que os aliados afortunadamente venceram.

Naquelas jornadas bestiais, sucumbiram à crueldade inimiga uma princesa chamada Alia Emar, o nobre comerciante austríaco Jerônimo Franck, e dispersaram-se pelo mundo compatriotas malícios que deram a outras terras a ternura de seu silêncio e a laboriosidade de suas mãos ou de suas mentes.

Ser prefeito desta joia no deserto que é Antofagasta implica ocupar-se da ordem pública. Mas dadas as tensões no país, e especialmente nesta região rica em mineração e pobre em compaixão, é possível prever conflitos que não se solucionarão sentando-se a uma mesa de diálogo as partes envolvidas. Aqui, sabe-se bem que o exército disparou contra os trabalhadores e entre eles assassinou-se a vários de meus compatriotas movidos pelo mais puro instinto de justiça. Não censuro, doutor Jorge, os que detêm o caos social com leis rigorosas que inibam os direitos cidadãos de quem porta o germe destruidor da sociedade.

Celebro a Lei Maldita de González Videla, que tirou a legalidade do Partido Comunista. A palavra revolução me provoca urticária. Esse vocábulo

não passa de um truque caça-bobos que culmina em morte, injustiça e repressão, onde quer que brote.

Mas algo bem diferente é primeiro meter bala e depois pretender dialogar. Não é por nada, doutor Jorge, mas numa greve recente foi crivado um de meus irmãos malícios que havia chegado ao Chile junto a outros onze, unidos por um passaporte coletivo que lhes foi estendido por uma cônica poeta cujos versos aprecio muito mais que os de dom Beija-Flor Parra.

E fui eu, com minhas precárias influências letradas, quem conseguiu disseminar esse absurdo passaporte unitário em doze documentos individuais, que permitiram aos rapazes cuidar de seus aspectos civis: por exemplo, contrair matrimônio e créditos bancários. A morte desse malício sob os projéteis em Iquique produziu uma viúva, órfãos e dívidas, e semeou em nossos corações, mesmo nos mais militantes contra a causa bolchevique, uma dor que se impõe em nossas vidas toda vez que temos de enfrentar-nos com grandes decisões.

O posto que me é oferecido, senhor presidente, implica governar, mas também reprimir. Sei que o senhor é o senhor e seus subordinados são pessoas independentes, responsáveis pelos seus próprios erros. Mas todas as tropelias que eles vierem porventura a cometer serão postas na sua conta, porque o senhor é, pela graça de Deus, presidente do Chile.

Eis aqui a razão que me leva, instintivamente, a recolher-me diante da sua oferta.

Sei que é um ato irracional e inconsequente com a campanha que realizei, enérgico, para que o senhor obtivesse o apertado triunfo que o colocou ontem no palácio presidencial de La Moneda. Perdoe, excelência, que eu morda de modo arteiro a mão que me dá de comer, e desculpe esse gesto como o desajeito de um velho malício com seus neurônios transitados por muitas guerras e que, além do mais, tem o patético defeito de ser fiel ao que sente.

Qual seja, reacionário, mas republicano.

Às suas totais ordens, ao seu serviço

ROQUE PAVLOVIC

Diretor do El Heraldo

*English for the New World**Lesson 10**At the American Consulate*

A senhorita Rodríguez visita o Cônsul

— Hello, I'm Mr. Johnson. I'm the American Consul in Chile.

— Hélio. My name is senhorita Rodríguez.

— Glad to meet you, senhorita. What can I do for you?

— I want to enter the United States and I would like to apply for a visa.

— Do you want to travel as a tourist or as a student?

— As a student.

— Do you intend to work in the United States?

— Oh, no! An American University offered me a scholarship.

— Congratulations. You must be a very good student to obtain such an invitation.

— Oh, yes. And I've already approved the English proof.

— Yes, indeed. I see, your pronunciation is perfect.

— Thank you, Mr. Consul.

— Could you exhibit some document from the university stating the fact that they are providing you with a grant?

— Of course. Here it is.

— Oh, Columbia University! You're really a lucky dog!

— Is it New York a dangerous city?

— Not any more dangerous than any other big city in the world. Everything seems to be in order. Please pick up your visa the day after tomorrow.

— Thank you, Mr. Johnson.

— Take care, senhorita Rodríguez.

*Inglês para o Novo Mundo Lição número 1**Alia Emar entra no consulado americano.*

— Alô, como vai? Eu sou o cônsul, senhor Patrick Morgan.

— Alô, sou a senhorita Coppeta.

— Posso ajudá-la em alguma coisa, senhorita Coppeta?

— Eu estava querendo um visto para os Estados Unidos.

— Um visto de trabalho, de turismo ou de estudante?

— De turismo.

— A senhorita tem interesse em conhecer o meu país?

— Apenas Nova York.

— Aha! The Big Apple.

— I wanna bite it*, sir!

— That's very funny. Devo informá-la de que todos que querem morder a Maçã Grande acabam com os dentes quebrados.

— I will take my chances*

— Muito bem, senhorita Coppeta. Existem alguns procedimentos necessários para que o visto de entrada nos Estados Unidos possa ser concedido.

— Pois não.

— Quem financia a estada e sua viagem a New York?

— Eu mesma.

— E de onde vêm os seus recursos?

— Sou proprietária de um Chevrolet 56 que alugo para funerais e casamentos.

— Que no fundo são a mesma coisa, não é? Well, that was a joke.

— Funny. Very funny, indeed.

— Quer dizer então que a senhorita é uma trabalhadora independente.

— Uma empresária.

— Digamos, uma empresária. Rockefeller é um empresário, a senhorita Coppeta é uma empresária.

— Guardadas as devidas proporções.

— Compreendo. Calculo que seu carrinho mal e mal dará para as suas contas, senhorita.

— O Chevrolet De Luxo 56 é um carro muito bom, Mr. Morgan.

— O Chevrolet De Luxo 56 era um carro muito bom em 56, senhorita Coppeta. Hoje em dia, por mil dólares os estudantes colegiais do meu país compram um.

— Dá para ver que as grandes conquistas das empresas americanas são bem mais apreciadas por aqui.

— Ah, isso é verdade. O Chile é um país muito sensível.

— Sensível, senhor Cônsul.

— Andei examinando a sua *application* e vi que existem alguns detalhes estranhos.

— Por exemplo?

— A sua identidade. Quem a senhorita é de verdade?

— Alia Emar Coppeta. Neta de emigrantes malícios no Chile, que chegaram no começo do século.

— Não existe nenhum documento no Registro Civil chileno em que a sua existência apareça, senhorita Coppeta.

— Mas eu existo. O que lhe dá mais segurança, senhor Cônsul: um papel ou a minha própria presença, aqui, na sua frente?

— Por mais burocrático que possa parecer, madame, o papel

. Existe um Coppeta na longa lista de estrangeiros residentes no Chile...

— ... estrangeiros como o senhor...

— Good point. Como eu. Este senhor Esteban Coppeta aparece como solteiro. Se a senhorita afirma que este cavalheiro é seu avô, então esta afiliação estaria às margens da lei.

— Da lei burguesa, senhor Morgan.

— Nossa! Uma palavra tão rancorosa numa moça tão jovem!

— O rancor é um sentimento estéril. Não sinto rancor por ninguém.

— Nem mesmo pelos porcos burgueses?

— Nunca usei essa expressão.

— Pode ser. Mas seus amigos usaram.

— Não entendo o que isso tem a ver com o meu visto, senhor Morgan.

— Diretamente, nada. Mas indiretamente, sim. Existem, vamos dizer, várias fossas sépticas que precisamos saltar antes que eu possa dar o seu visto.

— Quais?

— A senhorita se apresenta no consulado dos Estados Unidos da América com identidade falsa. Seu nome não é Alia Emar Coppeta, é Magdalena. Magdalena X. Como Malcolm X. Está entendendo meu raciocínio?

— Estou sim senhor.

— Existe alguma razão, por mais estranha que pareça, que a tenha levado a mudar seu nome original por Alia Emar Coppeta? Será que a senhorita não estaria escondendo alguma coisa?

— Pelo contrário, senhor Morgan. Estou revelando alguma coisa. Alia Emar era a minha avó, e foi violada pelas tropas do Império Austro-Húngaro. Pode até ser que ela ainda perambule pela Costa de Malícia com sua razão extraviada.

— Compreendo. A senhorita quer resgatar o nome da sua avó.

— E também quando vocês lutaram contra os nazistas. Penso em Glenn Miller.

— Em Eisenhower!

— Tio Eisenhower é okay. Vamos lá, me dê logo este visto, senhor cônsul, I want to get the hell out of here!

— Eu faria isso com o maior prazer. Mas a senhorita é a pessoa mais incompatível com um visto, seja de tipo que for, para entrar nos Estados Unidos.

— Por quê?

— As razões são secretas, mas vou dizer uma por uma, numa homenagem a nossa simpatia mútua por Eisenhower e Glenn Miller. Em primeiro lugar, o formulário impresso, mera rotina, exige que a senhorita ponha o nome do pai e da mãe. Está lembrando da sua resposta?

— X.

— Exatamente. Com essa resposta a senhorita me destroçou todo o sentido do questionário. Não conseguiria fazê-la atravessar o Rio Grande nem a fórceps! A senhorita é idêntica ao personagem Topsy de *A cabana do pai Tomás*: "Never was bom, never had father, nor mother, nor nothin'..." Captou?

— Cônsul, minhas únicas notas dez são em francês e em inglês. Todo mundo me considera uma esnobe total. Mas juro que, com esse texto, o senhor me deixou grogue. Meu avô foi lutador de boxe.

— Essa coisa do Topsy é perfeitamente aplicável a você.

— O que não é delito.

— Delito, nos Estados Unidos, é ser membro do Partido Comunista.

— Eu, membro do Partido Comunista? Por favor, Mr, Morgan! Sou a pior das porcas burguesas!

— Mas gosta do Allende!

— Isso está escrito por mim, no meu pedido de visto?

— Senhorita Coppeta, esta conversa foge a todo e qualquer convencionalismo. Para ter essa conversa estou, na verdade, cagando no protocolo, porque sabemos que seu pai morreu lutando contra os nazistas em Costa de Malícia.

— Senhor cônsul, é a primeira notícia concreta que recebo, em toda a minha vida, sobre o que aconteceu com meu pai.

— A senhorita ainda é muito jovem. Pouco a pouco, vai ficar sabendo.

— O senhor sabe como é que meu pai se chamava?

— A CIA sabe. Talvez contem para você, algum dia.

— Pois esta esperança já é suficiente para que eu comece a procurar a agulha no palheiro.

— E eu fico muito satisfeito de ver que a senhorita sai deste escritório com esse ânimo. Agora, quanto ao visto, nem pensar.

— E se eu conseguisse provar que tenho um parente nos Estados Unidos que quer me ver?

— Bem, aí já seria outra história. A senhorita tem alguma evidência disso?

— Um cartão-postal do meu tio-avô, Ray Coppeta. O gênio de *King Kong*.

— Deixe-me ver.

— Vai dar para entender tudo. Está em inglês.

— Dá mesmo. E dá principalmente para entender o que está escrito aqui, neste carimbo dos correios, dizendo return to sender. Ora, o texto inteiro é seu, senhorita Alia Emar, e seu suposto avô nunca abriu a boca.

— Mas com um pouco de boa vontade o senhor bem que poderia informar que ele está me convidando para ir aos Estados Unidos.

— Ora, nem no meio de uma crise de delirium tremens eu arriscaria a minha carreira diplomática. Meu próximo destino vai ser Portugal.

— Salazar.

— Mais tranquilo que o Chile com Allende.

— Será que ele ganha?

— Não abuse da minha confiança, Alia Emar Coppeta.

— Com certeza que não, cônsul.

— E uma última coisinha. Costa de Malícia está, hoje, em poder da Iugoslávia. Vermelhos como o sangue.

— País não alinhado, Mr. Morgan.

— Claro. Igualzinho a Cuba. Adeus, mocinha.

— Adeus.

— Leve a foto do seu pedido de visto. Pode servir para dar de presente ao seu namorado. A senhorita queria me dizer mais alguma coisa?

— Queria. Meus parabéns à senhorita Rodríguez. Diga a ela da minha mais cordial inveja.

Cataratas e carambolas de bilhar. As coisas se precipitam e as pessoas se chocam umas contra outras, e de repente você descobre que o universo não é apenas esse Atlas bonito que cobre o abajur que o vovô Esteban deixou, e sim uma multidão de corpos que dançam no vazio.

As rodas do ônibus jogam lama na sua saia, a batida de um táxi amassa o para-choque traseiro do Chevrolet, Jovana pede a mim licença para se casar com Sepúlveda, existe um projeto para fechar o cine Alcázar e transformá-lo num restaurante chinês, Allende me manda um bilhete dizendo que é para eu me encarregar de organizar um curso de educação para adultos numa favela em La Victoria.

E minha menstruação atrasa.

Vou dirigindo sozinha até Valparaíso.

Almoço no Bote Marinheiro, à beira-mar, e aceito uma taça de vinho gelado com o empadão de caranguejo. O sol do meio-dia não aquece nada o ar frio do oceano, mas prefiro ficar ali, dura que nem pedra, em vez de abandonar o terraço. Esta é uma coisa que devemos resolver, acima de tudo, o mar e eu.

Meus olhos se concentram num rochedo e vejo dois meninos com canivetes, extraindo caranguejos do musgo.

Colocam uma isca numa bolsa de lona e avançam com seus arpões na direção do esconderijo dos caranguejos.

Fecho os olhos e trato de imaginar tudo que existe no fundo dos oceanos. Tento intuir, tocando o ventre, em que momento saltou da matéria o próton de vida e sinto o aroma de algas profundas. Construo um navio naufrago entre as minhas pestanas e concebo um líquido amarelo que sai de um tonel. Quando as águas se retiram, a superfície se agita de brilhos que simulam ser objetos.

Entre onda e onda há um silêncio. É bem ali que minha vida está neste instante. Fora do espetáculo da agitação infinita, refugiada em nossa microscópica existência. O mar deve saber e se cala, e agora espero por algo que não chega, e as ondas amainam, e as horas passam.

Deixarei que as coisas determinem o tempo que for melhor e mais conveniente para elas. Meu segredo se fará primeiro suspeita e depois evidência, e as pessoas à minha volta terão suas próprias opiniões, e eu estarei afinal sozinha para tomar a decisão. Procuro em minha agenda o telefone de Carmen Luisa Espinoza. No começo, não encontro. Estava no S de Betty Simpson.

Quando volto para a capital subo pela avenida Matta, pego Irarrazával,

passo pela ferraria El Sol e estaciono em Pedro de Ona. O pai de Palácios está de plantão na oficina e vou até a cozinha ver se encontro alguma coisa. Tem um pacote inteiro de talharins Carozzi, um concentrado de tomate, meio pacote de manteiga, e pelo menos uma panela de alumínio limpa. Trouxe do porto um quilo de mariscos e uma garrafa de vinho.

Preparei talharins a la vongole. Seu Lorenzo põe queijo ralado no talharim com mariscos. Vou deixar tudo pronto na geladeira, com um bilhetezinho dizendo que na Itália os garçons ficam indignados quando alguém coloca queijo nos frutos do mar. Meu avô me contou isso, e eu não esqueço nunca. A memória da gente funciona como bem entende.

Pode muito bem acumular um montão de lixo e de informações inúteis. Eu não sei, por exemplo, o que faria se neste exato instante começasse a sangrar.

Gosto de ser dona de um segredo. Gosto de ser mais ser.

Pedro Pablo conseguirá descobrir em algum gesto meu? Quando eu esticar para trás os cabelos da minha fronte? Se eu sorrir e ficar olhando para ele um segundo a mais do que o habitual, perceberá que estou grávida? Faço molho com vinho branco e aproveito para tomar vários goles. É tudo tão incerto. E tudo que é incerto é incerto de uma forma tão imprecisa. Tão imprecisamente incerta.

Antes mesmo de que ele entre em casa, sei que Palácios está a ponto de chegar. Atiro o avental numa cadeira, me penteio com os dedos, vou até o living e acendo duas velas.

No toca-discos, soa o tema de Moonglow, de Morris Stoloff.

Tiro. Ponho um dos de seu Lorenzo: "Assim, sucedeu assim, uma coisa sem graça, coisa boba que passa, e me apaixonei" ou algo parecido. Os versos soam coincidindo com o ruído da chave na fechadura. Entra na sala como se o recinto modesto fosse o salão de refeições de um castelo. Ou as cavaliarias do monarca, pois bufa como se ao correr até aqui tivesse engolido todo o ar da cidade e agora quisesse devolvê-lo em pequenos resfolegares.

— Você tem alguma coisa para me contar? — pergunta impaciente.

— Se você pergunta se eu tenho alguma coisa para contar é porque você tem alguma coisa para contar e precisa contar já.

Colocou em cima da mesa o champanhe e inclinou-se para apalpar a temperatura no rosto da garrafa.

— Primeiro o brinde ou a notícia?

— A notícia, pateta.

Fazendo gestos de mágico de circo, tirou um misterioso envelope do bolso da camisa e depois outro, mais grosso, do bolso de trás das calças.

Querido Palácios:

Depois de meses passeando com seus papéis de um lado a outro e não levá-los jamais para a academia, dia desses teve uma festa onde foi lançado o livro de Diana, Toomuch, too soon, onde encontrei Lee e sua filha Susan, que você deve ter visto fazendo o papel da irmã menor da Novack em Picnic. Junto a eles estava o autor William Inge, e por uma dessas coisas do destino eu me lembrei de você, do muito que você tinha gostado do filme de Joshua Logan, do seu monólogo de Marco Antônio, e zás, passo seus antecedentes e sua postulação a Strasberg, dizendo que considero você um bom rapaz além de toda aquela lenga-lenga que a gente diz nessas ocasiões, e de repente Diana me cortou só para acrescentar que você era um ator magnífico, uma espécie de James Dean latino-americano, que sabia de cor os clássicos em inglês, que tinha sido íntimo da Gabriela Mistral, e que já era hora dos ianques, em vez de mandarem meninos para a Coreia, trouxessem vez ou outra artistas de outros países para formá-los aqui. Eu estava com meio metro de boca aberta e minha mandíbula quase despenca quando Lee diz a Diana que ele sempre foi um grande amigo do pai dela, John Barrymore, e que afinal das contas e tendo em vista e considerando que ele queria que ela atuasse em seu próximo filme, iria escrever uma carta a você, com um convite para estudar com ele. Guardou seus documentos imundíssimos no paletó e continuaram todos mergulhando em champanhe. Não tive a menor ilusão, porque todos, a não ser Susan, estavam mais bêbados que marinheiro em puteiro, eu inclusive, e num minuto já tinham pulado para deixar Jane Mansfield peladinha, que, como você pode imaginar, tem material suficiente para muito trabalho. Fomos então dormir e nos esquecemos do assunto.

E eis quando senão me telefona rring-rrring-rrring Susaninha, dizendo que tinha um recado de papai, e era o seguinte, Pedro P. Palácios, quer dizer, você mesmo, seu babação, foi aceito no Actor's Studio, e que ela só precisa do endereço da Escola de Teatro daí, para fazer uma comunicação oficial.

Que mais posso dizer, amigo do Vale do Elqui? Bem-vindo à selva!

Em Manhattan existe mais Marlon Brando que baratas por metro quadrado, e se você não fizer alguma coisa original, como dançar uma dancinha típica, e pelado, acaba passando despercebido. Eu, no seu lugar, ficaria mesmo é no Chile, mais vale ser cabeça de camundongo que rabo de leão, mas você ainda tem poucos anos e muita vontade, e todo o direito do mundo de se arreentar sozinho.

Quando você chegar, será meu convidado num bar irlandês que Dylan Thomas frequentava, e chorarei uma noite inteira em seu ombro, contando dos anos que levo no desemprego mais total.

E pensar que não faz muito tempo me profetizaram que eu seria o tipo

sofisticado de Rodolfo Valentino! O cacete! Hoje em dia, nós, cavalheiros, só servimos para estacionar os automóveis dos ricos nos restaurantes! Em compensação, se você tiver meleca escorrendo do nariz e limpar com as unhas os restos de hot dog nos vãos dos dentes, é capaz de ganhar um Oscar.

*Um abraço do seu amigo
Senoret.*

Pedro Pablo ergueu a carta em seu punho fechado como se fosse a tocha olímpica, e permitiu que as lágrimas banhassem seu rosto. Ao abraçá-lo pus meu ouvido em seu coração e fui atropelada pelo ritmo daquele repicar festivo.

Aquele pêndulo que agora comoveria outras catedrais.

— O segundo envelope — disse ele, se recompondo — é este aqui, e contém uma passagem Santiago-New York one way.

— Você triunfou, York New. — Foram muitos anos, não é mesmo? — Desde o colégio.

— Triunfamos, meu amor.

— Você, sim. Eu, não.

— Você também. Assim que conseguir meu primeiro papel, vou mandar buscar você. Mandarei passagem. Alia Emar Coppeta, one way.

— Alia Emar Coppeta sem volta. Soa bem. Em inglês e em português.

— Agora, é hora de abrir o champanhe.

Abriu não como um cavalheiro, mas como teria feito Brando em O selvagem da motocicleta, agitando a garrafa antes de tirar a rolha. O estampido provocou que o quadro de sua mãe despencasse da parede. Enquanto ele servia, tornei a vestir o avental.

— O jantar está pronto, Palácios. Talharins a la vongole.

— E de onde foi que você tirou os mariscos, mocinha?

Respondi: — Fui comprar em Valparaíso.

Quando telefonei pela primeira vez, disse que era um assunto pessoal. Precisava perguntar uma coisa, mas queria que fosse cara a cara. Simplesmente desligou. Nos dias seguintes procurei pela cidade, e ninguém soube me dizer nada. Ou não sabiam, ou quem sabia preferia esquecer. Além do mais, era difícil fazer aquela pergunta. Fui até o hospital da Universidade do Chile e fingi uma persistente dor de estômago. O médico usava óculos, e em cima da escrivaninha havia um retrato de Marx.

Perguntou cem coisas da universidade e depois me pediu para deitar na maca. Agora, na minha frente o que havia era o calendário com os feriados de setembro. Dia 15, antes das Festas da Pátria, Pedro Pablo Palácios iria se despedir dos amigos interpretando no Teatro Experimental alguns trechos de Fausto.

Na noite do dia 16, *one way one person New York*.

O doutor pediu-me para baixar as calcinhas e começou a apalpar e apertar minha pélvis, o estômago, o fígado. Não doeu, mas eu disse "não com tanta força, doutor". Pediu que eu me vestisse. Há quantos meses não ficava menstruada? Dois. O Serviço de Bem-Estar oferece um plano para estudantes que estão na sua situação. Na Pedagogia, aliás, funciona uma creche. Ou...? Olhei para ele e cruzei os braços.

— Ou..., doutor.

— Não recomendo. No hospital não é permitido, e lá fora, esse comércio está nas mãos de animais. Ou seja, evite. Você pode.

— Posso.

— Pode morrer ou ficar estéril.

Se minha mãe tinha tido alguma doença grave. Se meu pai estava vivo. Sim, doutor.

— Não, doutor. Os dois são bem saudaveizinhos, graças a Deus.

Tornei a telefonar para Carmen Luisa Espinoza. Tinha mudado de bairro. Segunda-feira seria melhor, porque não era dia de ensaio. Ensaio de quê? Estamos montando Carolina, de Isadora Aguirre. Eu sou a protagonista, ou seja, eu desço do trem e na estação tenho uma discussão com meu marido, e aparece o garoto que diz que estuda engenharia, Fernando. Um amor entre dois trens.

Fui na hora do chá. Palácios tinha dormido a sesta em minha casa e, como de costume, ao despertar fez amor comigo antes de ir para o chuveiro. Eu não tomei banho. Queria ficar com seu cheiro até a noite. Até que ele voltasse e

me desse mais palavras, mais beijos, e mais de seu pau.

Jovana havia se rendido ao inevitável. Era um pacto entre damas. Sepúlveda podia entupir os cinzeiros de seu quarto e até celebrar comícios na sala de visitas, mas no quarto 326 do meu avô eu trazia quem bem entendesse. Ou seja, só Pedro Pablo Palácios. Meu amante era muito mais radical que o professor de matemática, mas não queria uma revolução ortodoxa, queria uma revolução total, uma transformação que pulverizasse os partidos e as organizações burocráticas do marxismo.

Sepúlveda, que tinha sido eleito vereador por Recoleta, chamava o sonho de Pedro Pablo de "revolução onanista".

E me chamava de Ofélia porque eu não tocava na realidade e sim em palavras, palavras, palavras.

A casa de Carmen Luisa Espinoza ficava numa ruela lateral à rua Matucana, perto da Quinta Normal, onde aos domingos os evangélicos alucinados saltavam proclamando que algum dia haviam sido vis e indignos mas que Deus havia estendido a mão para eles e desde então tinham parado de beber vinho, já não visitavam bordéis, e tampouco esmurravam bêbados nos bares. O outro repertório do bairro eram os recrutas de folga, que levavam as empregadinhas domésticas para dançar, ou para passear crepúsculo afora num bote a remos, e ancoravam perto de um arbusto frondoso para levantar as suas saias.

Parecia mais robusta e menos pálida que da última vez.

Levou-me até a sala de visitas e de uma poltrona um homem familiar, embora esmaecido no repertório da minha memória, saltou para estender-me a mão.

— Você não está lembrando de mim, Magdalena.

Bastou porém que sussurrasse essas palavras e sorrisse com sua língua aparecendo entre os dentes para que a memória me devolvesse, e sem nenhum esforço, sua identidade: 327 era o bilheteiro do cine Alcázar, o que colecionava nossas calcinhas.

— Meu marido — disse Carmen Luisa. — Dos tempos em que todas nós queríamos ser Betty Simpson.

— Nós nos casamos — sorriu o homem. — Agora, se fecharem o Alcázar, vou ter de procurar outro emprego.

Carmen Luisa fez um sinal indicando que ele se esfumaçasse.

Queríamos ter uma conversa de mulheres. O bilheteiro foi para o interior da casa, com um sorrisinho debochado.

— É um bom homem, Alia Emar. Assumiu o "pacote" e também deu a ele uma irmãinha. Quando tenho ensaio à noite, leva os dois ao cinema, e deixa

que fiquem na casinha do projetor.

— Quer dizer que você não agiu? Teve o filho? — Minha única amiga não me emprestou o dinheiro.

— Não era só dinheiro.

— Não banque a menininha profunda para cima de mim, mocinha. Agora mesmo você está mais derrubada que cavalo morto.

— É que naquele tempo eu não sabia se estava ou não fazendo um favor de verdade, se emprestasse aquele dinheiro.

— Tanto melindre, pelo amor de Deus! Você sabe como eu me defino? — Não sei, Carmen Luisa.

— Como uma amadora. Miss Beijos Sem Língua.

— Mas você está fazendo teatro. Até me contou que vai encenar Carolina...

— Depois dos ensaios, tenho de voltar para casa.

— E os seus filhos?

— Depois que nascem, você aprende a amá-los. E fica desejando, do fundo da alma, que não apodreçam que nem você.

Acendeu um cigarro e lançou a fumaça para o alto, arredondando a boca. Feito uma grande atriz, no melhor estilo.

— Você está de quantos meses?

— Uns dois.

— Palácios?

— O único que tive.

— Esse idiota beijava gostoso. Nos tempos em que eu era Betty Simpson e ele era York New.

Muitos e muitos calendários tinham amarelado e murchado desde aqueles tempos, e no entanto, não consegui evitar um frenesi de fúria. Assoei o nariz para ocultar o rosto.

— Cala a boca, está bem?

— Está bem, amiga. Veja, todos os lugares são péssimos. Alguns cuidam mais da higiene que outros, mas existem alguns onde quem atende são médicos. Se acontece alguma coisa, sabem enfrentar a emergência. Esses lugares são mais caros. E o seu carro?

— Afundaram o para-choque, mas o motor é uma seda.

Dia desses fui até Valparaíso.

— Você quer ver os meus filhinhos?

— Não. Quero o endereço.

— Médico ou parteira?

— Quero um doutor.

Procurou no bolso do avental, e tirou um papelzinho. — Esta é uma questão de confiança. Não dê esse nome a mais ninguém.

— Sei.

Levantei para ir embora. Ela me conteve e vi que seu batom havia manchado o filtro do cigarro.

— Quer dizer que Palácios deu pra trás?

No dia 7 de setembro, minha agenda destaca os seguintes marcos: segunda 14, Fausto, terça 15, aeroporto; quarta 16, clínica.

Estou perplexa com a falta de sensibilidade de Palácios.

Eu sinto que proclamo meu novo estado aos gritos, claramente, e que ele ignora meticulosamente.

Para piorar ainda mais meus males, não existe um humilde parque de Santiago onde a primavera não se imiscua.

Os jardins saltam aos olhos, as folhas reverdecem no rocío, os regadores automáticos giram apressados e laboriosos, os escolares ocupam os bancos trocando guloseimas e beijos.

Um orgulho malício me enerva e me irriga de dignidade.

Não vou ser o lastro que ponha no chão o voo de Pedro Pablo Palácios, evitarei misturar-me com a sua liberdade e suas novas amizades, não roubarei dele nem um só floco da neve do Brooklyn, minha presença não o desconcertará quando comparecer aos testes para escolha de elenco de A verdadeira caçada do sol na Broadway, será desnecessário que telefone para a minha casa pedindo desculpas por ter dormido com uma atriz mulata no Harlem, ninguém protestará pelas horas que dedique debaixo dos lençóis de outras, a ensaiar suas falas de Quem tem medo de Virgínia Woolf? Examino os classificados do El Mercurio. Seção "Automóveis — venda". Modelos Buick, Cadillac e Chevrolet, a bons preços. Uma venda à vista do De Luxo daria, sem dúvida, para a clínica, a one way trip e o aluguel de um apartamento de quarto e sala perto de Coney Island. E se eu disser isso? Ao diabo minha afirmação segura de que amar é em primeiro lugar amar a liberdade do outro! Se estou perfurada de ciúmes! Presentes, futuros e passados! Desmaio só de imaginar um dia sem a sua presença. Além disso bebo leite e compro na farmácia umas pílulas de ferro. Fumo apenas um cigarro por dia. No espelho, diagnostico um pouco de anemia. Saio para a faculdade e volto para casa. Percorro a rua Bulnes, onde está a clínica, e vejo uma paciente sair de um táxi e entrar acompanhada por um amigo. Há uma luz fria às nove da manhã. Eu, porém, entrarei sozinha. Na quarta-feira 16, de acordo com meu calendário.

De Palácios, nenhuma novidade, a não ser as de seu coração tumultuoso. Leva as obras completas de Shakespeare em espanhol e em edição de papel bíblia, junto com a versão original inglesa, de segunda mão. Na bolsa azul com correias de couro ele colocou Lagar, Tala e Desolação, de Mistral, além de

Residência en la Tierra, de Neruda. Insiste com Hijo de ladrón. Separa El cielo cae con las hojas e Angeles y gorriones, de Jorge Teillier. A isso tudo soma os dramas completos de Garcia Lorca e Deja que los perros ladren, de Vodanovic. O resto: dois jeans, uma calça de flanela cinza, um capote de camurça forrado com lã virgem, tênis basquete, três camisetas, duas camisas e uma gravata hippie que ele ganhou da Kim Novak autóctone. Toco essas peças todas como se estivesse revendo retratos de família.

De repente me rebelo. E se eu for correndo até a academia, arrancá-lo do ensaio de Fausto, levá-lo até um canto qualquer, acender um cigarro para ele, assaltá-lo com meu ventre, acariciar sua testa, umedecer seus lábios, secar seu suor, morder sua camisa, pegá-lo pelas nádegas, me apertar contra seu tórax, tirar por um segundo o brio de seus olhos marrons, provocar um relampejar em suas pestanas, e crucificá-lo com a decisão que trago em mim há meses? Por que não fiz isso antes? Aquela coisa nossa não previa um incidente desta magnitude? Por que simplesmente não exponho a ele a minha confusão? Por que não grito que quero estar ao seu lado, cheirando-o dia e noite, carregando-o e amamentando-o feito uma loba, humilhada aos seus pés, transformada numa sombra, a sombra de uma sombra, a sombra de um cão? Minuciosamente maldito amor! Tinha de acontecer comigo! Com uma pária do oceano, sem pais, sem terra, sem memória! Em vez de me fazer eu mesma, conforme cantei em jornadas ferozes na praça Brasil, agora o que eu queria era colar-me à pele de um homem. Teria eu o direito de ser seu parasita? As perguntas e as eventuais respostas me paralisaram.

Todas me levavam à mesma coisa, ao mesmo ponto. Por uma questão de estilo, jamais disporia de outra pessoa para sufocá-la com um problema. Eu me consumo em meu próprio fogo, e basta! Mas espere um momento, parado aí! Pare as máquinas, Alia Emar.

E se o que impede você de falar for o seu próprio egoísmo? E se de repente você virasse a mesa e visse tudo pelo avesso? Se o que você está levando dentro de você também pertence a Pedro Pablo, também é dele, será que você tem o direito de esconder, de afaná-lo, matá-lo? Claro que sim, foi a minha resposta. Porque eu estava ao seu lado quando com lágrimas nos olhos falou one way ticket to New York. Quando prescindiu, sem preâmbulos nem introitos, da minha pessoa. Não usou um único gesto cortês para desviar-me, não me afagou com uma rima lírica, nunca insinuou que este voo na verdade estava destinado a ser um voo a dois, não me acendeu asas nos pés. O que fez foi pôr em mim um ponto e vírgula, um ponto e parágrafo, epílogo e índice.

Congruente: por isso mesmo, quando os malícios me arrojaram numa cestinha ao mar, o endereço do trombonista era a casa de Esteban. Aquele, o que

não tinha saltado do barco, o eterno ruminador de esperanças não formuladas, o esperante, o vigia de horizontes de vácuo.

Achei que podia ser outra e bem diferente, mas já vejo agora que a marca da família é brutal, feita a ferro e fogo sobre a pele: eu também não chegaria a Nova York. Igualzinho à mensagem de socorro que mandei a Ray Coppeta há anos, cada vez que quisesse sair desta jaula alguém estamparia um carimbo em meu rosto: devolver ao remetente.

Um zero total. Recupero meu frescor, empino a espinha, maquio as sobrancelhas, alvoroço minha cabeleira, ergo alto o nariz, deixo o sutiã em casa, esfrego o automóvel com cera da melhor qualidade, ligo o rádio bem na hora em que Germán Casas e The Ramblers, tenho muito muito amor, amor que nunca nunca tinha tido antes, bato no volante seguindo o ritmo, toco a buzina pelo prazer de fazer barulho, estaciono na rua Morandé, na frente do La Moneda, e grito a um funcionário que está na janela do palácio presidencial: Falta pouco para que Allende ocupe essa casa! Sorri, mas faz para mim um rotundo gesto batendo com a palma da mão no topo do outro punho fechado, e desço do automóvel como se fosse no mínimo a rainha dos ares, e bem nesse instante, no exato momento em que avanço rumo ao foyer do Teatro Antônio Varas onde estão as tetas e lábios em riste das colegas atrizes de Palácios, sinto uma tremenda sacudida no ventre, que me paralisa, que me empalidece, que me arrebenta a maquiagem, que me encolhe o coração, que me arranca um grito de dor, de fúria, de alegria, de ciúmes, de incerteza.

Palácios, como de costume, reservou para mim um lugar na primeira fila. Diz que emana boa energia, que sou uma geradora de vibrações que ele transforma numa espécie de ponte elétrica que o funde com o público. E eu me pergunto se ele conseguirá perceber que, nesta noite, as chispas serão duplas.

Uma batidinha veloz nas costas e um beijo no rosto. Na segunda fila está Carmen Luisa Espinoza acompanhada por dois homens. São o marido e o amante em Carolina. Palácios convidou Santiago inteira, de reis a mendigos, para seu espetáculo pré-Actor's Studio. Observo a cenografia: um tamborete, uma mesa, um sofá de couro e, a um lado, uma cama com respaldar de finíssimas filigranas. Coço a cabeça, e lá de trás Carmen Luisa pega minha mão e aperta levemente.

Deixo, e durante um longo tempo ela não larga minha mão.

Dou a volta e pergunto O que foi? Nada, responde ela. Beija o dorso da minha mão, e só então a deixa livre.

O espetáculo dura uma hora e é uma espécie de compacto de Goethe, no qual Fausto é apresentado quase completamente sozinho, com breves participações de Mefistófeles, que faz o papel de relator e de ponte entre uma

cena e outra.

É a última vez em que verei meu amante num palco.

Todos os relógios de Santiago avançam como um batalhão solitário e compacto rumo ao dia seguinte, a terça-feira do meu infortúnio, quando meu corpo se desgarrará novamente.

Às oito da noite o avião mergulhará nas nuvens de Santiago, e minha vida na falta de sentido.

A cena contava com um breve preâmbulo. Fausto tinha se emocionado ao conhecer a menina Margarida, e pede a Mefistófeles que a consiga para ele. Não consegue reprimir sua excitação. A jovem é modesta, virtuosa e, ao mesmo tempo, um tanto arisca. O demônio a concederá a ele, mas antes faz com que entre no quarto da moça para familiarizá-lo com o ambiente onde poderá divertir-se até a saciedade com a expectativa de futuros gozos.

Quando diminuem a luz e a exígua cenografia se enche de tons ocres, Pedro Pablo avança até a poltrona de couro, afunda-se nela e diz seu texto sem tirar os olhos de mim nem por um segundo. Acolha-me, poltrona, que nos gozos e amarguras acolheste aos antepassados em teus braços abertos. Quantas vezes, ai!, terá se elevado um enxame de crianças ao redor deste trono de pais! Talvez aqui minha amada, com suas frescas faces infantis, agradecida pelas prendas natalinas, tenha vindo beijar piedosamente a enrugada mão do avô.

Sinto murmurar ao meu redor, oh menina, teu espírito de ordem e abundância, que todos os dias te ensina de um modo maternal, te faz estender as limpas toalhas sobre a mesa, e até organizar e dispor com arte a areia aos teus pés.

Oh!, mão querida, tão semelhante às dos deuses! Por ti, muda-se a cabana ao reino celestial.

Meu ator tinha se esmerado para bastardear Goethe a la Brando, amassando as palavras com uma mistura de ternura e de perversão que dava ao espetáculo uma certa fagulha chilena. Mas, além disso, à medida que avançava rumo à cama de Margarida, comecei a sentir que por baixo de suas falas havia uma corrente alternativa cujo destino final era eu. Talvez fosse o cúmulo da automanipulação adolescente, mas eu ouvia o texto do bardo alemão quase como se fosse a letra de uma melodia que eu mesma havia proposto a Palácios com o meu silêncio.

Que estremecimento de vivo deleite invade o meu ser! Aqui eu quisera estar horas inteiras! Aqui, oh natureza!, formaste em plácidos sonhos este anjo sem igual. Aqui jazia a menina, inchado o terno seio em calor e vida, e aqui, com uma atividade santa e pura, desenvolveu-se esta imagem divina. E tu, o que te trouxe a este lugar? Quão intimamente comovido sinto-me eu! O que queres, o

que buscas aqui? Por que oprime-se tanto teu coração? Miserável Fausto! Já não te reconheço. É um mágico eflúvio o que aqui me envolve? Um vivo impulso arrastava-me no rumo do gozo, e agora sinto-me derreter num sonho de amor. Seremos nós mero brinquedo de cada sopro do vento? E se ela entrasse neste instante, como expiadas tua própria temeridade! O grande personagem, ah!, que pequeno, cairia aparvalhado aos seus pés.

Arrastando-se até a beira do palco deteve-se na minha frente com tamanha manha que arrematava a fala reduzindo-se a ser um menino e ao mesmo tempo me fulminava, de maneira muito nossa e só nossa, com um olhar ferido, sombreado por um presságio, à beira da injúria e da recriminação.

Atribuí aos fantasmas do meu silêncio as especulações que me sufocavam. A uma arrogância neurótica, a achar-me tão lúcida de sentir que não me enganava ao ler nossa história chilena e contemporânea na boca de um sábio alemão.

Saí depressa da primeira fila, sem aplaudir.

O crítico Hans Ehrmann tinha concordado em vir apesar deste Fausto ser apresentado usando quedas de jogar basquete e recitado por um garotinho que ficaria mais conveniente no papel de Romeu.

Fumou três cigarros em cinco minutos e manteve a boca trancada a não ser para consumir as empadinhas precursoras da Festa da Pátria. Era tradicional que oferecesse as suas chibatadas no esplendor de sua virgindade, ao enfrentar a máquina de escrever, e por motivo algum deixava antever sua opinião, e muito menos sugerir o que iria dizer na revista *Ercilla*. Eu fiquei dando voltas ao redor dele, e sem mencionar nossa relação me atrevi a perguntar se o comediante seria *zerrisen*, verbo alemão compatível com o nosso "apagar a besta" — acabar com o ator — , que ele mesmo inventou para referir-se aos seus elaborados comentários nas sobremesas.

Ninguém que fosse in ignorava que o crítico vienense sabia venerar esta palavra e a praticava de maneira abundante, não com má intenção, mas para melhorar o baixíssimo nível dos espetáculos chilenos. Tinha vontade, sem a menor dúvida, de ser amável comigo, mas encheu a boca de empadinhas e cigarros para não poder falar.

De longe, vi Palácios brindando com vinho tinto. Quando virei a cabeça vi que Carmen Luisa Espinoza falava com um grupo, mas era para mim que ela olhava. Senti que ela estava com pena de mim, e me deu raiva. Basta você mostrar uma vez — uma vez só — a ponta do fio, que alguém vai puxar até desenrolar o novelo inteiro. Naquela noite, todos os relógios do Chile acatavam o mesmo ritmo: seus diligentes ponteiros dos minutos tinham começado a cavar a minha tumba. Pedro Pablo Palácios rumo à glória, e eu rumo a me enterrar em meu próprio silêncio. Ergui meu queixo altivo e aceitei do garçom uma taça de vinho.

Pedro Pablo trouxe suas coisas numa bolsa de lona que dependurou no ombro, e depois perguntou se eu estava com o Chevrolet. Disse que tinha estacionado na frente do La Moneda, para ir preparando terreno para quando chegar a nossa vez. Nos últimos meses, andava mais em politicagens nas favelas do que na universidade. Levava aos clubes da juventude socialista traduções de Bob Dylan e dos Beatles.

Ficava nervosa ao ver que todo mundo dançava sem saber o que as canções diziam: eu discursava para eles chamando-os de coxos, mancos e cegos. Ao privar-se da poesia, voluntariamente renunciavam a oxigenar-se dos lugares-

comuns com que eram bombardeados pelo hit parade.

Pedro Pablo fez sinais indicando que saíssemos dali da maneira mais discreta possível. Não fiz nenhum comentário, embora fosse sua festa e não fizesse nenhum sentido que o primeiro a ir embora fosse o anfitrião. Pôs a bolsa de lona no banco de trás e pediu para dirigir. Dirigiu por todas as ruas do centro, entrou no bairro de Bellavista, tomou o rumo da praça Brasil, estacionou na frente de um motel. Mesmo depois de desligar o motor, não tirou as chaves da ignição. Seu cabelo estava colado de brilhantina, e as sobrancelhas marcadas pela maquiagem pareciam saltar de seu rosto estranhamente pálido.

— É a última noite — disse.

— Eu sei, Palácios.

— E até agora não temos nada nosso. Anos dando voltas por aí, e não existe um colchão que a gente possa chamar de nosso.

— É que prestamos atenção em outras coisas, e os dias passaram depressa.

— Os dias passaram por cima da gente e nos atropelaram, Alia Emar.

— Recriminar-nos, agora, vai servir para quê? Foi bom, e pronto.

Palácios apertou os dedos da mão direita e mordeu os nós dos dedos.

— Você fala de nós com um desprendimento total. Como se estivesse contando um filme. Eu estou indo embora amanhã, Alia Emar!

— A gente devia é dormir onde está a sua mala.

Fez o Chevrolet andar e fomos pela Canning até a Alameda, a Diagonal Paraguai, Vicuña Mackenna e Irarrazával.

Entramos no quarto em silêncio, para não acordar o seu Lorenzo. Nos sentamos na cama, vestidos, e dividimos um Cinzano. Pôs a mão na minha blusa, e foi desabotoando-a com a melancolia de um alfaiate. Abriu o fecho dianteiro do meu sutiã e quando abriu aproximou as mãos, parecia aquecê-las em minhas tetas.

— Havia muito público hoje — disse ele, tirando o blusão.

— Foi um êxito.

— Vi você falando com Hans Ehrmann. Ele disse alguma coisa?

— "Boa noite."

— Só isso? Você ficou um tempão com ele!

— É que entre essas duas palavras fez uma pausa. Você sabe que ele não gosta de falar depressa.

Tirei a saia, a anágua, e me estendi nua na colcha, sem tirar as meias. Se vocês virem algum dia o quadro com uma mulher nua e de meias soquete, pois sou eu. Primeiro, porque gosto, e segundo, porque sinto frio nos tornozelos.

Palácios foi fechar a cortina. Tive a impressão de que ele não queria

olhar para mim.

— Estive com a one and only Betty Simpson.

— Não a vi.

— Veio antes da sessão para me desejar boa sorte. Diz que adora teatro.

— Adora os atores, isso sim. Quando brincávamos na praça, ela dava beijos de língua em você.

Trouxe para mim um copo de vermute e eu o ergui com dignidade, mas já sentia meu coração destroçado. Meu amor não queria me olhar. Nem ao menos me tocava. Não havia uma só noite em que o primeiro orgasmo não viesse pela via expressa, e este ritual de distrações oprimiu a minha garganta.

— Por favor, me perdoe. Mas é que eu me sinto estranho.

— Como assim?

— Uma bobagem. Mas tenho medo de tocar em você.

Eu me cobri com a colcha e apaguei a luz. Ele se estendeu sobre os lençóis e me virou, para poder me abraçar, pelas costas, os seios e o ventre. Pôs os lábios em minha orelha, e percebi que várias vezes quis falar comigo, mas o pigarrear foi sempre seguido de um silêncio.

Ficamos naquela posição muitíssimos minutos. Eu, com os olhos abertos e a morte como única alternativa.

— A que horas sai o seu voo? — sussurrei.

— Às oito.

— Vou pôr o despertador para as cinco e meia.

— Não precisa. Eu sempre acordo quando amanhece.

— Então, boa noite.

— Boa noite.

As pessoas sempre dizem que não conseguem dormir a noite inteira, mas, apesar disso, dormem. Meu sonho foi um só, e reiterado. Um barco zarpava de Antofagasta rumo à Europa, e eu estava simultaneamente nele e na praia me despedindo dele. Como num jogo de cartas, quis fazer com que as duas figuras coincidissem não sei quantas vezes.

Quando acordei, Pedro Pablo estava olhando para o pátio interno da casinha. Que, aliás, não tinha outra decoração além de um vasinho de plantas, um pouco vivaz graças à iminente primavera, e uma gaiola grande, onde um canário batia asas numa banheira feita com uma lata de sardinhas.

Esfregava entre os dedos um cigarro apagado, e parecia enfeitiçado pela maneira com que a claridade dissipava as sombras. Olhei o despertador. Seis da manhã. Dei um pulo.

Palácios captou o ruído e pôs o cigarro na boca. Vestia cuecas e um pulôver preto. Tirei com uma unha as remelas dos olhos e limpei no travesseiro.

- Seis da manhã. Você não acordou.
- Não estava dormindo. Simplesmente não dormi.
- Temos de correr. Você vai perder o voo.

Veio até o meu lado e sentou-se sobre o tapetinho verde, tocando meus joelhos nus. Tive necessidade de pegar sua cabeça e acariciá-la, embora eu mesma precisasse de um carinho feito uma condenada.

— Alia Emar, não falamos do assunto porque não foi necessário. Desde que estamos juntos, nunca manipulamos os silêncios com palavras ou interpretações, porque esses segredos estavam cheios de nós mesmos, e não era necessário pôr mais nada dentro deles.

Procurei meu colete para me cobrir. Em Santiago, faz um frio de leão.

— Pois é.

— E ainda assim, preciso dizer agora uma coisa que rompe o nosso convênio.

— Não precisa não.

— É que existem alguns silêncios que podem ser mortais.

Tinha erguido os olhos bruscos ao dizer isso, e quase que no mesmo ato os havia baixado até o meu ventre. Dissimulei um calafrio e cruzei as mãos nos joelhos.

— Podemos falar disso no carro. Você vai acabar perdendo o voo.

Deixou-se cair no chão, apoiando a nuca nas mãos cruzadas. Vi como o ar entrava em seu peito até inchá-lo ao máximo. Foi exalando o ar em etapas, a partir do abdome, como ensinam na Escola de Teatro para impostar bem a voz.

— É que não vai ter nenhum voo, Alia Emar.

— Como é que é?

— O voo é uma invenção. O monólogo de um bufão de Shakespeare.

— Mas, Palácios, você me leu a carta de Senoret. E me mostrou a passagem.

— São peças de ficção. Eu precisava que o futuro me fizesse uma promessa para poder escapar do presente.

— Agora sim, você está fazendo teatro comigo! Acaba de haver a sua sessão de despedida com o teatro quase lotado! Você é o primeiro chileno admitido no Actor's Studio! A notícia do ano! Qualquer jovem daria o fígado e os dentes para estar no seu lugar.

— Se fosse verdade...

O aroma infiltrou-se pelos vãos da porta. Seu Lorenzo tinha feito café. O pão também começava a queimar na torradeira.

De um pulo, Palácios foi até a cadeira e vestiu as calças.

Peguei o despertador e cravei a hora na frente do seu nariz.

— Ou subimos já, ou você não vai chegar nunca.

— Você está vendo agora como havia alguma coisa insana no meu silêncio?

— Você está com a passagem, Pedro Pablo. Com a carta de Senoret. Com o convite de Lee Strasberg.

— Por essas e por outras, Polônio diz, em Hamlet: "Existe método em sua loucura."

Levantou o queixo desafiante e através do cruzar de várias intenções em seu olhar eu não soube mais em que acreditar.

Para sair da perturbação, comecei a me vestir.

— Você não tem nada para me responder?

— O que você quer que eu diga?

— Algum silêncio que valha a pena destampar?

— Não sei. A única coisa que quero é ligar o motor do carro, que você feche essa maldita mala, e que a gente saia de uma vez para o aeroporto. Ou você quer me matar lentamente?

— Por que eu haveria de querer matar a pessoa que amo?

— Isso aí soa totalmente nojento — falei, freando cada lágrima —, mas é exatamente o que você está fazendo.

— O voo é às oito. O caminho até o aeroporto leva uma hora. Em dez minutos, não chegaríamos nem que o seu Chevrolet voasse.

— Quero ver a passagem.

Mergulhei na sua mala, remexendo tudo.

— Você não vai achar nada aí. A passagem era fake. Um papelzinho dobrado para tornar a comédia real.

— E a sua vida também?

— Não gosto de confessar isso, Alia Emar. É absolutamente asquerosa a vertigem que se produz quando a gente despenca de herói a vilão.

Dei um tempo ao silêncio, para ver se a velha fera recuperava sua condição de aliado, de cão amável e cálido. De vez em quando olhava o relógio, e percebi que a certeza de sua partida inflexível jogava agora a meu favor. Uma venenosa alegria começou a se anunciar na aceleração do meu pulso.

— Não sei por que você fez isso, mas agora não tenho outra saída a não ser acreditar.

— Irremediavelmente.

— E o que você vai fazer?

— Assumir o ridículo, suponho.

Estalou os dedos das mãos. Eu conhecia bem esse gesto de colocar pontos e parágrafos em sua vida. Fui ao banheiro.

Enxaguei a boca com água gelada e fiz vários gargarejos.

Na frente do espelho quis imaginar outra vez, então, como seria a minha vida sem aquele terremoto. Drama norte-americano contemporâneo, com o professor Rojo, nas duas primeiras aulas. Gramática avançada, depois do recreio. Almoço em Las Lanzas. Reunião na Regional Cordilheira do Partido Socialista às seis.

Pedro Pablo Palácios das oito em diante.

Na sala de jantar, pai e filho estavam tomando café numas xicarazinhas amarelas ilustradas com motivos náuticos.

Cumprimentei seu Lorenzo e passei manteiga no pão de forma. Ao morder, notei que estava com uma fome feroz.

— Até que está meio frio para uma quase primavera — comentou o pai.

— E que as manhãs em Santiago são assim. Quando der meio-dia, vai ser preciso tirar o suéter.

— Eu bem que gostaria de aproveitar o bom tempo para fazer alguns consertos este ano. O telhado, por exemplo.

— E o relógio — disse Palácios. — Faz dias que está cravado nas quatro.

Entrei no automóvel, mas em vez de pegar o caminho para a Faculdade de Pedagogia, peguei a avenida Dez de 347 Julho na direção sul, e dobrei para oeste rumo ao bairro Quinta Normal. A campainha não funcionava, e por isso bati com uma cabecinha metálica de leão que havia no centro da porta. O bilheteiro abriu, vestido num pijama de flanela listada.

— Preciso falar com Carmen Luisa — disse.

— Ela não está — respondeu ele.

— Onde ela está?

— Em Valparaíso ou Cartagena, não sei direito.

— Deixa eu entrar, pode ser?

— Juro que ela não está. Tem sessões de Carolina no litoral.

Entre e veja você mesma que não tem ninguém em casa.

— Não precisa.

Ele espiou o automóvel enquanto abotoava a camisa do pijama. Fez um gesto como se o acariciasse imaginariamente, e pôs dois dedos na boca para despedir-se com um beijo.

— Uma verdadeira joinha, não é mesmo?

— Os Chevrolet 56 são ótimos.

Olhou o meu decote, com o qual eu pela primeira vez cumprimentava a primavera.

— Você não quer mesmo entrar, gracinha?

— Com certeza, não.

— E o que você quer que eu diga a Carmen Luisa, quando ela voltar?

— Que vou matá-la na próxima vez em que ela aparecer na minha frente. Diga também que ela é uma enxerida de marca maior.

Depois deixei o dia fluir e fiz de tudo para não entorpecê-lo com minhas emoções. Telefonei para Pedro Pablo só para saber como ele estava. Ele disse que estava bem, mas com uma voz que soava mal. Perguntei se queria me ver, e ele disse que melhor amanhã. Preferia polir sozinho a sua própria depressão. Desliguei e liguei para o armazém da esquina encomendando uma garrafa de champanha seco, recomendando que a deixasse bem gelada antes de trazê-la.

Naquela noite jantei em casa com Jovana e Sepúlveda, e a conversa girou ao redor de uma questão só: a necessidade de comprar ou não uma televisão a prestação. Passavam boas entrevistas políticas, e havia programas como Preto no branco e Triângulo, que eram muito legais. Eu disse a eles que podiam usar minha poupança para dar a entrada.

Fui me deitar examinando o retrato de meu avô e de Alia Emar na ilha de Gema. Nenhum dos dois dirigia a vista para o foco. Pareciam preocupados por alguma coisa que acontecia longe deles, talvez na praia.

No dia seguinte, quando acordei, era tarde demais para ir até a clínica.

Jovana me trouxe o café da manhã na cama. Com o passar dos anos, ela foi se transformando numa senhora chilena.

Hoje.

Todas as palavras e imagens estão contidas neste grito.

Hoje desembocam nas ruas as botas de sete léguas e os papagaios de sete línguas. Hoje bufam os caminhões, os cavalos e as feras do zoológico.

Hoje anda solto um duende que puxa as barras das nossas calças e estampa beijos de boa sorte em nossos traseiros.

Hoje o vento levanta os escombros e faz com que voem para o alto até moê-los no céu.

Hoje as fronteiras se expandem, e os pulmões se incham.

Hoje vieram parar aqui o alemão e o grego, o malício e o andaluz, os refugiados de Winnipeg e os fugitivos brasileiros, os italianos e os ingleses, os navios e os veleiros, os botes e os transatlânticos, as canoas e os lagos, os rios do Chile e as salinas, os mineiros e os astronautas, os bobos e os mestres, as meninas da vida e os padres, os vira-latas e os de pedigree, os comunistas e os radicais, os socialistas e os independentes, os médicos e os advogados, os que não acreditaram nunca e os que nem agora, em que estão vendo e gritando, não acreditam.

Hoje as pás dos moinhos giram, as pipas se elevam nos céus, os aviões escrevem entre as nuvens, hoje Deus chega a todos, este é até que enfim um dia com saída, é o dia poroso por onde tudo respira, é a convergência de todas as histórias e a compensação por todas as jornadas perdidas.

Hoje não foi disparado um único tiro, hoje foram enterrados os profetas dos canhões e da dinamite, hoje dissipou-se a crença de que as pessoas se deixavam enganar por fogos fátuos, hoje as aves trinam em nossos ombros, os operários avançam com seus capacetes lá dos bairros industriais, chegam os camponeses em caminhões vindos lá dos arredores de Santiago, de Lampa e Talagante, de Melipilla e de San Bernardo, da Cisterna e de Penalolén, chegaram os estudantes, os preguiçosos e os diligentes, os aplicados e os enroladores, os universitários e as normalistas, os secundários e os técnicos, os equilibristas e os saltimbancos, os partidos e suas juventudes, a rubra bandeira socialista com a América Latina branca, a foice e o martelo dos comunistas, o lenço verde com a estrela vermelha dos movimentos que unem operários e camponeses, os azuis celestes da esquerda independente, os escarlates dos radicais, o rubro-negro do pessoal do MIR, os vendedores de doces de La Ligua, os padeiros enfarinhados, os bombeiros molhados, os bailarinos exaustos, as atrizes enrouquecidas, as

crianças embandeiradas; e se os vulcões caminhassem, já estariam aqui com sua lava, e se os condores ficassem sabendo desceriam das neves; os relógios deveriam prender esta perfeição: que alguém por favor arranque com os dentes os ponteiros!, é preciso marcar o calendário com esmalte de ouro.

Hoje uma corrente vai tecer o mundo inteiro na Alameda, e seu brilho fará mais escuro aquele que não se acender, Atrás das janelas surgem de perfil rostos temerosos, as caras da desconfiança, o gesto hostil dos divididos, os estraga- prazeres de corações lúgubres, as olheiras de luto, os banqueiros displicentes, os ricos desdenhadores, os corvos bicando sua própria raiva, o fuzil precavido e a bala arteria.

Hoje somos todos os passos que andei pelos caminhos e charcos ao lado do candidato, em trinta cidades e aldeias levei a mínima boa nova clara e lúcida, em cada aldeia provei com cifras na mão, como uma leoa das estatísticas e dos formulários, que o que eu anunciava era possível. Surgi em escolas em dia de aula na frente de meninos magricelas e remelentos, nos colégios de meninas com acne e apaixonadas, no meio de jogos de futebol de joelhos tinhosos e pômulos arranhados. Pelei milho verde contando histórias de aparições e fantasmas ao redor de fogueiras camponesas, usando um capacete com uma lanterna no alto compartilhei a boia dos mineiros em Lota e El Salvador, e como cantou certa noite Pachuco Yaksic, "Alia quase se mata em Chuquicamata", estive mais perto da explosão com que são abertas as jazidas do que a prudência e o regulamento permitiriam.

Por três vezes passei pela loja da esquina de Prat com Esmeralda, em Antofagasta, e nas três discuti política com Pavlovic até que ele me deu de presente uma mordaca, para que eu não continuasse falando bobagem; descí até o Vale do Elqui violentando Palácios para que me acompanhasse, porque não queria comparar suas emoções de antes com as novas, as de agora: temia que um granizo de melancolia perturbasse o seu entusiasmo.

José Palácios Coppeta molhou em tinta seu dedo indicador, e deixou sua impressão digital impressa no livro de visitas ilustres da casa de Gabriela Mistral, e a zeladora disse que se um menino não manchasse aquele livrão de luz, para que la Gabriela tinha escrito todos os seus versos? E do norte fui para Aysén, e num curral de ovelhas e ponchos falei aos malícios bigodudos e talhados em neve sobre a herança libertária e socialista de nossos ancestrais, e invoquei o velho Coppeta, porque se Marx e Lênin não eram os mares vermelhos por onde meu bisavô havia navegado, ele tinha, sim, respirado o Adriático horizontal e homérico, e tudo que há de bisonho havia deixado uma pista de seu sal em meu sangue, e não tinha nada de capital a não ser essas palavras que não se encontram nos dicionários, nem mesmo na universidade, mas nos pequenos

trechos rurais e urbanos onde a organização política me recebia com uma bandeira de seda da Unidade Popular, e talvez um ramo de copihue.

Como todos os proselitistas, prometíamos mundos e fundos, mas eu não meti grandes torpedos em minha boca.

Vasculhei o programa com uma lupa e defini os pontos mais sensíveis. Nosso candidato oferecia às pessoas um insignificante dedal de esperança, algo que estava tão perto sem que eles conseguissem ver, o tesouro da ânfora de nossos contos árabes, o líquido que azeitava a lâmpada de Aladim, o maná caído do céu nos rios mortos: em todas as escolas do Chile seria dado a cada criança meio litro de leite no primeiro recreio. Este copo humilde fazia com que eu fosse soterrada de vivas e beijos, via como se organizavam os votos para o candidato nas comunidades mais hostis, em becos da paisagem onde não havia entrado o alfabeto, mas sim— e muitas vezes — a morte causada pela fome. Citava um livro que um candidato tinha escrito quando havia sido ministro de Saúde de Pedro Aguirre Cerda, que se não fosse pela exatidão das cifras teria sido rejeitado por todo mundo, como uma vulgar radionovela de terror. Com voz de espanto e alarme, minha convicção fazia uma e outra vez com que as estatísticas daquele tempo fossem eficazes: Em cada vinte partos nasce um menino morto. Em cada dez crianças nascidas vivas uma morre antes do primeiro mês de vida. Temos seiscentos mil jovens analfabetos.

Depois dos atos de massa, íamos ao local do partido e fazíamos uma festa com minha mala de discos: twist e rock, valsinhas, rancheiras, milongas argentinas e cumbias colombianas e, claro, o jazz fusion de Pachuco, que fazia tudo, até mesmo as agulhas dos toca-discos ferverem. Às vezes Pedro Pablo Palácios vinha comigo, junto com algum companheiro de seu grupo, e montavam um espetáculo: O ferreiro e o diabo, de Gene, O retablinho de dom Cristóvão, de Garcia Lorca, Arturo e o anjo, de Jaime Silva, onde eu tinha um pequeno papel porque se tratava de meu herói, Arturo Prat.

Meus companheiros socialistas chamavam de coisa cultural aqueles espetáculos que as pessoas viam ao ar livre com os pés perto de um braseiro. Víctor Jara e o conjunto Quilapayún eram a coisa cultural, os Inti Illimani e Ángel Parra, a coisa cultural, Violeta e Chabela Parra, a coisa cultural, o teatro da CUT, a coisa cultural. A coisa cultural era um badalo que penduravam na vaca política para torná-la mais atraente. Patrício Manns era a coisa cultural. "O povo unido jamais será vencido" era a coisa cultural.

Conforme os artistas queimavam quilômetros com suas canções, recitais, peças teatrais, leituras de poemas, murais coletivos, mostravam os dentes aos companheiros do aparelho burocrático que programavam em cada ato, em cada comício, um número de a coisa cultural.

"PICAS PARA A COISA CULTURAL", escreveu certa noite Pedro Pablo Palácios no único muro de Concepción onde ainda não haviam escrito nada.

Mas, hoje, as memórias amargas ganharam uma certa doçura. Os vinhos ácidos de décadas de luta não arruinaram a fé do candidato. Tantas vezes o derrotaram com truques e traições, que por pouco a Unidade Popular deixa de nomeá-lo candidato para aquela campanha.

Quase fazem de Pablo Neruda o candidato único! Teria sido uma vergonha termos semeado a cama de um presidente da República em Valparaíso! Como acredito nos desagrvos, tenho certeza de que agora, sim, vão dar o prêmio Nobel de Literatura a ele. Imaginem só a dobradinha: "Neruda Prêmio Nobel, Allende presidente!" Posso ver a manchete no *The New York Times*. Imagino Andrés Gómez Stark escrevendo esse título com vinho tinto, e Pavlovic, por sua vez, cuspidando-o com bile no *El Herald*o.

O ministro da Justiça tinha nos proibido de desfilar pelas ruas até o palácio de La Moneda para celebrar. Os homens de Alessandri estavam nervosos, e alguns grupos radicais ameaçaram botar pistoleiros nas ruas se o triunfo do nosso líder fosse reconhecido. Em tudo que é tipo de tom, nos pediram prudência. Esta é uma palavra que não constava do meu vocabulário, e que agora começa a polir minha alma como se fosse uma pedra rústica. Não sei se uma virtude, para ficar me gabando, ou um tipo de mácula, que desagradaria ao meu bisavô. Esteban foi prudente em Antofagasta, até que seus pulmões naufragaram, e tivemos de ir a todos os hospitais da capital.

Já Reino Coppeta teve outro destino: foi comido pelos peixes na frente de Manhattan, e o bisavô José Coppeta teve a cabeça decepada por uma cimitarra. Talvez não seja tão ruim assim ser prudente. Talvez acalmar nos faça bem, moderar nossa efusão, medir o brio, encasular a alegria.

Disciplinados, seguimos as instruções do "tio" Salvador, que dos balcões da Federação de Estudantes do Chile vai se dirigir ao povo. Adiante, adiante, operários e estudantes! José Coppeta júnior desfila em cima dos ombros do pai, desde a praça Itália. Uma charanga encabeçada pelo trombone de Pachuco Yaksic, pelo trompete de Manuel Miranda Cuturrufo, pelo violino de Chico Lecaros e por um bumbo socado por um argentino que não tem nada a ver, e que de vez em quando grita "Dá-lhe Allende!" e outras vezes berra um "Dá-lhe Boca!", abre o desfile.

Pedro Pablo Palácios quer saber se é melhor tirar o menino das costas. Pergunta a si mesmo se não estará demasiado exposto no caso de ocorrer alguma loucura, um maluco qualquer que jogue uma pedra, por exemplo. Respondo que não se preocupe. O bebê agita uma bandeira chilena, e sente o mesmo orgulho da

minha infância quando, nas alturas dos ombros de meu avô, eu conseguia ver os navios de cartolina que imitavam o Esmeralda naufragando e Arturo Prat em seu uniforme azul chamando para a abordagem. Cair algum projétil nessa catarata de gente seria, digo a Pedro Pablo, como um raio acertar você bem no nariz. Ele não se convence. Tira o menino dos ombros e grita com força: "Vitória!" Como uma compensação, penso eu.

Está mais maciço e um pouco tosco. Os anos de campanha e a paternidade domaram a mecha rebelde de seus cabelos, e a mordida agressiva de seu olhar foi filtrada por um toque de ternura. Não há nele uma só gota de ressentimento.

Mantém um quarto independente em nossa casa, e ali coloca seus novos ídolos. Al Pacino, Robert de Niro, Warren Beatty, Isabelle Adjani, Peter Falk. Emoldurado num passepartout, sem vidro, a passagem de Lee Strasberg para o Actor's Studio. Quando alguém o visita ele não mostra, mas também não fica aborrecido quando descobrem a passagem e perguntam por que ele não foi. Responde sereno que simplesmente não era o momento.

Os estudantes do Instituto Nacional chegam até a Federação carregando tochas. A fumaça me faz tossir. Minha bandinha toca alguma coisa para que as pessoas se juntem: When the saints go marching in. Formamos uma fila indiana.

Num minuto seremos trezentos. "Dá-lhe Boca, dá-lhe Allende!" Palácios limpa o nariz nas fraldas da camisa, o bisneto de José atrapalha seus movimentos, e de repente o bebê está me olhando daquela altura à qual minha imaginação o eleva, até amais soberba das galáxias. Está subitamente sério. Como se estivesse preso a um pensamento. Uma ausência que não cabe num menino tão pequeno.

— O que houve, meu amor? — grito para ele. — Você tem mãe, tem pai, tem amigos, tem o povo, tem um país.

Ele me olha sem me responder. Faz com que me aproxime e pede que eu conte um conto. Agora não, filhote. Este conto é muito mais divertido, porque é real. Ele não me ouve, quer a história da "Mula do padre".

Pedro Fábio pede que eu acenda um cigarro para ele.

Acendo, mas o menino tosse com a fumaça. Tiro-o dos ombros do pai, e o tomo contra o meu peito. Não consigo acreditar em como tudo converge neste hoje que se expande e floresce. Não é possível atender o que meu pequeno pede nesta hora, neste minuto, neste estrondo! Não sabe que a felicidade está à sua espera. Ainda não consegue entender que durante muitas décadas gestou-se esta glória: que Salvador Allende é o primeiro presidente marxista que triunfa através dos votos e não das armas, que somos uma estrela no planeta, que finalmente a via chilena ao socialismo abrirá outras trilhas pacíficas, que haverá paz, beleza,

verdade, justiça e a coisa cultural.

Mas a única coisa que o pequeno manhoso deseja e quer é a história da mula do padre, e Pedro Pablo Palácios precisa se inclinar e ajoelhar-se na rua no pior estilo de comediante napolitano, e dizer: "Eu não acredito!" Sei do que ele está falando: o conto da mula do padre é o que eu tive de ler de *Les lettres de mon moulin* para o Couchon Arenas no mesmo dia que implorei perdão ao meu amante arrojado às cloacas de Santiago graças ao delito de ter cantado o canto do cisne e afundado o guloso sanduíche de abacate, filé e maionese do diretor no preclaro tapete dos próceres daquele colégio de ratazanas.

— Escute aqui, José Coppeta: A quinze lieues autour de mon moulin, quand on parle d'un homme rancunier, vindicatif, on dit: "Cet homme-là! Méfiez vous... il est comme la mule du Pape, qui garde sept ans son coup de pied." "A quinze léguas ao redor do meu moinho, quando se fala de um homem rancoroso e vingativo, as pessoas dizem: "Cuidado com aquele ali. É como a mula do Papa, que guarda sua patada durante sete anos." Agora os alto-falantes anunciam que Allende está entrando pela Alameda. O povo unido jamais será vencido. As bandeiras se agitam e nos fragmentos da minha mente nada do que vejo e penso se destaca deste conjunto. Minha mente e meu coração parecem as figuras de um caleidoscópio, todas igualmente brilhantes e ao mesmo tempo confusas, não conseguem terminar de formar uma figura quando um leve tremor do pulso já está formando outra.

Pachuco Yaksic é o mais alto e inefável dos partidários do presidente eleito, corre de trombone em riste na direção de onde se apinham flamejantes mais bandeiras, pois isso indica que Allende avança por aquele lado. É claro que sim, lá está ele vindo para o morro de Santa Lúcia. Das ladeiras as pessoas enrouquecem gritando Unidade Popular!, e apesar da distância consigo identificar meu contrerrâneo malício. Feito uma locomotiva, colocou-se diante do automóvel que traz Allende, e ao estender e contrair o trombone parece que está puxando o carro, tudo ao mesmo tempo em que espalha, divertido, a melodia Venceremos ao povaréu, que agora quer impedir o avanço do automóvel e abraçar o seu líder.

E finalmente o novo presidente do Chile chega até a Federação dos Estudantes.

Conheço de perto, nele, esse orgulho e esse sentimentalismo.

Os ásperos óculos quadrados certamente dão a ele essa severidade paternal que todo aquele que manda deve ter, mas por trás deles surge um festival de lágrimas que ninguém percebe, e que agora o primeiro mandatário engole enquanto baixa do veículo com o punho erguido.

Ou seja, hoje é o dia 4 de setembro de 1970, e na Alameda de Santiago,

entre essas centenas de milhares de pessoas que são — que somos — uma só, Jovana estará abraçada a Sepúlveda, e os Silvermann estarão correndo tocando o traseiro das moças, Jeria soprará perto do laguinho da praça Bulnes o rondo de Mozart, Carmen Luisa Espinoza e seus atores de Carolina terão suspenso o ensaio na rua Lastarria, seu Lorenzo, diante de seu televisor RCA Victor, ainda somará os resultados parciais e fará seus próprios cálculos para suggestionar-se até a madrugada de que não é verdade que Allende ganhou, Pavlovic beberá um antiespasmódico e bombeará seu coração de noventa anos para mergulhar o país nos turbos presságios da sua Underwood, o bilheteiro do Alcázar estará dando mamadeira aos menininhos, e lá em Valparaíso, no topo de uma colina alegre pintada de fogos artificiais, o poeta abrirá o vinho de suas navegações e chocará sua taça contra a de Matilde.

Já eu abraço José Coppeta e Pedro Pablo Palácios, Sei que sou deste país embora os funcionários públicos estampem em mim um carimbo de apátrida. Sei que sendo mãe e esposa fiz minhas raízes, que nada de mau pode acontecer quando a jornada é de amor, e que em meu respirar inala e exala minha avó Alia Emar.

E agora vejo com orgulho que Allende desceu do velho Chevrolet De Luxo de 56, e constato que tanto o homem como o automóvel tiveram a resistência necessária para não desmontar no caminho. Em 52, 58, 64 e em 70 meu "tio", o doutor, foi candidato, e devo dizer que nunca deixou a embreagem prender. Jamais soltou o acelerador, não houve um único dia em que o motor afogasse, e embora tenha furado várias vezes os pneus, é impossível alguém lembrar uma hora em que a buzina enrouquecesse; depois de cada derrota recarregou a bateria, limpou suas velas e seu platinado, trocou os filtros que não deixaram a energia má passar, o óleo fluíu novamente no motor, e a combustão foi limpa, forte e serena.

Graças a Deus nós ficamos no Chile.

Está um pouco frio para o menino. Palácios usa seu paletó para cobri-lo, e o chofer do companheiro presidente me passa as chaves do automóvel.

Nós, os donos, entramos: Pedro Pablo Palácios, José Coppeta júnior e eu.

Meu filho me pergunta: Posso, mamãe? E eu respondo: claro que pode. E então ele se lança em cima da buzina. E afunda a buzina, e bate na buzina, e aperta a buzina, e desta forma suas buzinas se misturam aos gritos que saúdam o novo presidente no balcão e assim se elevam até as estrelas clamando vitória. 5 de setembro de 1970. Em Antofagasta a gente nasce com esforço e morre com indiferença. O deserto faz com que as pessoas não se deem muitos ares. Já que muitos querem ir embora daqui, é raro que alguém chegue. Das montanhas até o

mar existe um enorme declive e os caminhões que sobem pelo asfalto rachado pelo sol às vezes fundem o motor na metade do caminho. O calor é forte e só depois da sesta as pessoas saem para cuidar de suas coisas, aproveitando afresca da tarde. Eu me abstenho de correrias, porque sei que uma coisa extra, um mandado a mais, não me levará para mais longe. A maioria dos habitantes, e especialmente os imigrantes malícios, compartilham esse otimismo.

Durante os dias hábeis escrevo minhas colunas políticas no jornal local, e nos domingos componho com entusiasmo o suplemento de cultura.

Justo neste mês de grandes distúrbios políticos, onde o júbilo de alguns vai de mãos dadas com o pânico de outros, e a opinião pública concentra sua atenção em acontecimentos que chamam a atenção do mundo, a jovem Alia Emar Coppeta manda-me o manuscrito de um romance, *A menina do trombone*, que dificilmente será publicado antes de março, quando o presidente eleito talvez assuma, os atentados criminosos se diluam e o Chile recupere seu apelido de país de poetas, como é conhecido pelo mundo. Na verdade, conservador, como são todos aqueles que perderam sua terra e acharam um lugar no mundo que querem proteger, tratei, em minhas colunas, de evitar contagiar-me com o entusiasmo revolucionário, e antes bem assinalado com franqueza, que nunca alcança a injúria, os déficits em formação política de muitos daqueles que acompanham o magnético presidente eleito e que se chamam entre eles de companheiros.

Não me referi, portanto, à *Menina do trombone* em seus entusiasmos políticos, nem ao retrato que a obra faz de uma geração tão distante da minha, nem à sua espontaneidade estilística, nem a certas divergências com a realidade que a juvenil autora não tem por que dominar, mas que uma velha raposa malícia como eu conhece a dedo.

Os críticos haverão de se encarregar desta obra, de acordo com seus gostos, sensibilidades ou interesses. Eu apenas vou me referir ao aspecto mais breve e evidente da obra: o título. *A menina do trombone*.

Em dezembro de 1944, estava eu dividindo um silêncio com o imigrante malício Esteban Coppeta, sentados os dois num banco do armazém da rua de Prat esquina com Esmeralda, quando um clarão fulminante que vinha lá de baixo nos fez saltar ao mesmo tempo, colocar as mãos como viseiras sobre as sobrancelhas e esquadrinhar a infinita luz que parecia um patinete de ouro ou uma antena de diamantes...

FIM

digitalizado e corrigido por J. Martins em março de 2011

